

Uma carta de amor aos livros de Jane Austen

O Clube JANE AUSTEN

Os fãs de Orgulho e Preconceito vão adorar... É maravilhoso.

WOMAN'S WORLD MAGAZINE

Natalie Jenner





FICHA TÉCNICA



TÍTULO: *O Clube Jane Austen*

AUTORIA: *Natalie Jenner*

EDITOR: *Luís Corte Real*

Esta edição © 2021 Edições Chá das Cinco Lda.

Título original The Jane Austen Society © 2020 Natalie Jenner.

Publicado nos EUA por St. Martin's Press, uma chancela St. Martin's Publishing Group

TRADUÇÃO: *Sónia Maia*

REVISÃO: *Sofia Moura*

DESIGN DA CAPA: *Ana Passos Nascimento*

DATA DE EDIÇÃO E-BOOK: *Junho, 2021*

ISBN: *978-989-710-497-8*

CHÁ DAS CINCO É UMA CHANCELA DO GRUPO SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Taguspark - Rua Prof. Dr. Aníbal Cavaco Silva,

Edifício Qualidade - Bloco B3, Piso 0, Porta B

2740-296 Porto Salvo, Portugal

TEL E FAX: *214 583 770*

ACOMPANHE AS NOSSAS NOVIDADES EM

WWW.SDE.PT

[FACEBOOK](#)

[INSTAGRAM](#)

E [TWITTER](#)

Índice

[Ficha Técnica](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Epílogo](#)

[Nota Histórica da Autora](#)

[Agradecimentos](#)

[Biografia](#)

Publicidade
Herdeira Inesperada

DEDICATÓRIA

Ao meu marido

EPÍGRAFE

*Quem herdará a Inglaterra?
Os negociantes que a gerem?
Ou as pessoas que a compreendem?*

— E. M. FORSTER

CAPÍTULO 1

Chawton, Hampshire
Junho de 1932

Deitou-se no muro baixo de pedra, com os joelhos puxados para cima, e alongou as costas contra as pedras. O canto dos pássaros rompia o ar matinal em pequenos pios que lhe martelavam o crânio. Ali, quieto, com o rosto virado de frente para o céu, sentia a morte à sua volta no pequeno cemitério da igreja. Ele próprio devia parecer-se com uma efígie, pousada no cimo do muro, como que gravada em silêncio permanente, em frente de uma sepultura silenciosa. Nunca saíra daquela pequena aldeia para ver as grandes catedrais do seu país, mas sabia, pelos livros, que os antigos governantes esculpidos se apresentavam tal e qual assim, sobre os seus túmulos elevados, para que homens de mais baixa condição, tal como ele, os contemplassem reverentemente séculos mais tarde.

Era a estação da ceifa, e ele deixara a sua carroça na estrada, no preciso local onde esta chegava ao portão para gado e aos campos agrícolas, no final da velha Gosport Road. Grandes feixes de feno tinham já sido empilhados em grande quantidade na parte de trás da carroça, esperando ser transportados para as quintas de cavalos e de laticínios que salpicavam os arredores da aldeia, estendendo-se, em fila, de Alton até East Tisted. Ali deitado, sentia as costas da camisa molhadas de suor, embora o sol estivesse fraco e

ainda a nascer; às nove da manhã, ele já tinha trabalhado duramente várias horas no campo.

A grande quantidade de tentilhões, piscos e petinhas acalmou-se de súbito como que obedecendo a uma ordem, e ele fechou os olhos. O seu cão estivera de guarda até àquele momento, olhando por cima do muro de pedra coberto de musgo para as ovelhas que pontilhavam os campos mais abaixo, logo a seguir à vedação escondida que marcava o perímetro da propriedade. Mas, quando o sono tornou a respiração difícil do agricultor profunda e ritmada, o cão seguiu-lhe a deixa e deitou-se abaixo do seu dono, na terra fresca do cemitério.

— Peço desculpa.

Ele acordou sobressaltado ao ouvir aquela voz ressoar acima de si. Uma voz de mulher. Com sotaque americano.

Sentando-se, tirou as pernas de cima do muro de pedra para ficar de pé diante dela. Olhou-lhe rapidamente o rosto, deitou uma olhadela à sua silhueta e depois, com a mesma rapidez, desviou o olhar.

Ela parecia ser bastante jovem, com pouco mais de vinte anos. Trazia um chapéu de palha de aba larga com uma fita azul-índigo amarrada em volta, que condizia com o azul-escuro do seu vestido justo. Parecia alta, quase da altura dele, até ele reparar que ela tinha os saltos mais altos que alguma vez vira. Numa mão, segurava um pequeno panfleto e na outra uma pochete preta — e, à volta do pescoço, ostentava uma pequena cruz num fio de prata curto.

— Lamento incomodá-lo, mas é a primeira pessoa que vejo esta manhã. E, sabe, estou perdida.

Como residente de toda a vida em Chawton, com uma população de 377 pessoas, o homem não ficou surpreendido. Era sempre um dos primeiros aldeões a levantar-se e a sair de manhã, logo a seguir ao leiteiro, ao

Dr. Gray nas suas rondas mais urgentes e ao carteiro que ia buscar a correspondência ao posto local.

— Sabe — repetiu ela, começando a adaptar-se à reserva natural do seu interlocutor —, vim de Londres passar cá o dia; apanhei o comboio de Winchester para aqui para ver a casa da escritora Jane Austen. Mas não consigo encontrá-la e, como vi esta igrejinha de paróquia da estrada, decidi vir dar uma vista de olhos. Para ver se encontrava algum vestígio dela.

O homem olhou para a igreja por cima do ombro direito, a mesma igreja que frequentara toda a sua vida, feita de sílex e grés vermelho locais e protegida por faias e ulmeiros. Fora reconstruída há algumas gerações — nada de importante relacionado com Jane Austen ou com a sua família mais próxima fora deixado no seu interior.

Virou-se e olhou por cima do ombro esquerdo, para a pequena porta nas traseiras do cemitério, através da qual se conseguiam vislumbrar enormes vedações de teixo cortadas na forma de cones circulares. Mesmo quando era pequeno, nunca lhe tinham parecido mais do que enormes saleiros e pimenteiros. As vedações bordejavam o terraço ajardinado a sul de uma imponente casa isabelina situada num declive, com um telhado de duas águas, tijolos vermelhos e um alpendre Tudor de três andares coberto de trepadeiras.

— A casa maior é ali atrás — disse ele, abruptamente —, logo a seguir à igreja. Chama-se Casa Grande. É onde vive a família Knight. As sepulturas da mãe e da irmã da Menina Austen estão aqui mesmo... vê-as, menina, junto à parede da igreja?

O rosto dela iluminou-se de gratidão, tanto pelas informações como pela gradual disponibilização dele para participar na conversa.

— Oh, meu Deus, não fazia ideia...

Então, os olhos começaram a encher-se-lhe de lágrimas. Era o ser humano mais fascinante que ele já vira, como um modelo num anúncio de jornal a cabeleireiros ou a sabonetes. Quando as lágrimas começaram a correr, a cor dos seus olhos fixou-se em algo que ele nunca tinha visto, um tom de azul quase violeta, e as lágrimas acumularam-se em filas de pestanas negras como tinta, ainda mais negras do que o seu cabelo.

Desviando o olhar, ele tentou contorná-la cuidadosamente, com o cão, *Rider*, agora a mordiscar-lhe as botas enlameadas. Afastou-se até estar de pé junto a duas grandes lápides de pedra que se erguiam do chão, muito direitas. Ela seguiu-o, com os saltos dos seus sapatos pretos a colarem-se um pouco à terra do cemitério, e ele viu-a formar, silenciosamente, com a boca as palavras gravadas nas duas pedras tumulares.

Recuando, ele procurou o boné no bolso. Puxando para trás a madeixa de cabelo louro claro que tendia a cair-lhe sobre a testa enquanto trabalhava, enfiou-a por baixo da aba do boné, que puxou para a frente, por cima dos olhos. Agora, queria afastar-se dela e das estranhas emoções despertadas nela pelas sepulturas sem adornos de simples mulheres mortas no último século.

Foi esperar com o *Rider* junto ao portão principal de entrada no cemitério. Passados vários minutos, ela apareceu, finalmente, dobrando a esquina da igreja, parando, desta vez, para ler as inscrições em cada lápide por que passava, como se esperasse descobrir ainda mais almas em repouso dignas de nota. De vez em quando, cambaleava um pouco, quando o seu salto batia na extremidade de uma pedra, e fazia uma ligeira careta por ser tão desastrada. Mas os seus olhos nunca se

desprenderam das sepulturas.

Parou perto dele, junto ao portão do cemitério, e olhou para trás com um suspiro satisfeito. Agora, sorria e estava mais composta — tão composta que, finalmente, condizia com a aura de dinheiro emanada tanto da sua postura como das suas maneiras.

— Peço desculpa, não estava preparada. Sabe, vim de tão longe para ver o chalé onde ela escrevia os livros... a mesinha, a porta que rangia — acrescentou, sem obter uma reação visível. — Não consegui descobrir muito sobre nada disto em Londres... muito obrigada por me dizer.

Ele abriu-lhe o portão do cemitério e começaram a caminhar juntos de volta à estrada principal.

— Posso levá-la a casa dela, se quiser. Quase não chega a uns 1,6 quilómetros rua acima. Já fiz a minha ceifa matinal na quinta, antes que fique demasiado calor, por isso tenho tempo.

Ela sorriu, um grande e branco sorriso vitorioso, o tipo de sorriso que ele só conseguia imaginar numa americana.

— Isso é muito simpático da sua parte, obrigada. Sabe, eu pensava que as pessoas vinham muito aqui, assim, como eu... não vêm?

Ele encolheu os ombros enquanto caminhava devagar para acompanhar o passo dela ao longo do caminho de gravilha de 800 metros que conduzia à estrada, vindo da Casa Grande.

— Vêm bastantes vezes, acho eu. Mas, na verdade, não há muito para ver. Agora, o chalé está transformado em apartamentos para trabalhadores; tem inquilinos em todos os quartos.

Virou-se para ver o rosto dela fechar-se de desapontamento. Como que para a animar, antes de sequer perceber porquê, perguntou-lhe pelos livros.

— Nem sei se consigo responder a isso — replicou ela, enquanto ele apontava o caminho de volta à estrada rural, do lado oposto àquele em que estava a sua carroça, com a carga temporariamente esquecida. — Só sinto, quando a leio, quando volto a lê-la, o que faço mais do que com qualquer outro autor, que é como se ela estivesse dentro da minha cabeça. Como música. O meu pai leu-me os livros pela primeira vez quando eu era muito jovem (morreu quando eu tinha doze anos) e também ouço a sua voz, quando a leio. Nada o fazia rir abertamente, nada, como esses livros o faziam.

Ele ouviu-a divagar, e depois abanou a cabeça, como que incrédulo.

— Então, não a leu? — perguntou a mulher, também com um brilho de incredulidade nos olhos, ao encontrarem os dele.

— Não posso dizer que me interesse muito. Fico-me pelo Haggard, e outros do género. Histórias de aventuras, sabe? Talvez me vá julgar por isso.

— Nunca julgaria ninguém por aquilo que lê — ela apercebeu-se da expressão irónica no rosto dele e acrescentou, com mais um sorriso rasgado: — Embora me pareça que acabei de o fazer.

— Seja como for, nunca percebi como um punhado de livros acerca de raparigas à procura de marido podem estar ao nível dos maiores escritores. Como Tolstói, por exemplo.

Ela olhou-o com um interesse renovado.

— Já leu Tolstói?

— Dantes, lia. Eu estava destinado a estudar, durante a guerra, mas ambos os meus irmãos foram chamados a combater. Eu fiquei aqui, para ajudar.

— Então, trabalham todos juntos na quinta?

Ele desviou o olhar.

— Não, menina. Estão os dois mortos. Foi a guerra.

Ele gostava de falar assim, como um corte limpo, aguçado, profundo e irrevogável. Como que a tentar esvaziar qualquer tentativa de continuar a conversa. Mas tinha a sensação de que, com ela, aquela abordagem só poderia levar a mais perguntas, por isso apressou-se a continuar:

— A propósito, vê aquelas duas estradas, o ponto onde se encontram? Veio de Winchester, da esquerda, não foi? Bem, continue por aqui, para a direita, que é agora a estrada principal para Londres, e chegará à propriedade Chawton. O chalé é aí, mesmo em frente.

— Oh, é mesmo muito amável da sua parte. Obrigada. Mas tem de ler os livros. Tem mesmo. Quero dizer, vive aqui... como pode não os ler?

Ele não estava habituado àquele tipo de persuasão emocional — só queria voltar para a sua carroça de feno e sair dali.

— Prometa-me, por favor, senhor...?

— Adam. Chamo-me Adam.

— Mary Anne — respondeu ela, estendendo a mão para se despedir. — Comece com *Orgulho e Preconceito*, claro. E, depois, *Emma*... é a minha preferida. Tão ousada e, no entanto, tão maravilhosamente alheada. Por favor?

Ele encolheu novamente os ombros, inclinou o boné num cumprimento e começou a descer a estrada. Atreveu-se a olhar para trás uma única vez, quando passou o lago onde as duas estradas se encontravam. Viu-a ainda ali parada, alta e esguia no seu azul-noite, olhando para o chalé em tijolo vermelho, para a sua janela entaipada e para a porta de entrada branca, que abria sobre a estrada.

Quando Adam Berwick acabou o resto do seu dia de trabalho, deixou a carroça, agora vazia, de novo junto ao portão para gado e caminhou com dificuldade pela estrada principal até chegar ao pequeno chalé com terraço que era a sua casa há vários anos.

A sua família já fora muito maior, constituída pelo pai, a mãe e três filhos, dos quais ele era, de longe, o mais novo. Tinham uma pequena quinta, orgulhosamente mantida por quatro gerações da família do seu pai. Este legado exigira que todos os homens Berwick comesçassem a fazer trabalho braçal desde muito novos. E ele adorara-o: a repetição, o ciclo invariável das estações, o ir-se deitar sem tempo para conversas.

Mas Adam era também um aluno atento e diligente, tendo aprendido sozinho a ler mal fizera cinco anos nos livros que o pai deixava pela casa, e depois lendo tudo o que apanhava. Visitava com a mãe a cidade de Alton, maior do que a sua aldeia, sempre que podia. O seu momento preferido, ainda mais do que a ida à loja de doces e a compra ocasional de um único doce para si, era a oportunidade de ver os livros infantis na biblioteca e de encontrar algo novo para requisitar. Porque — e continuava a não perceber como pessoas como os seus irmãos não o percebiam — dentro das páginas de cada livro encontrava-se todo um outro mundo.

Ele desaparecia para dentro desse mundo sempre que precisava — sempre que sentia o mundo exterior, e as outras pessoas, a pressioná-lo — uma pressão gerada pelo contacto social e por expetativas que, para os outros, faziam certamente parte da rotina, mas que o afetavam muito mais intensa e inexplicavelmente. Mas também conseguia experienciar as coisas do ponto de vista das outras pessoas e aprender lições juntamente com elas, e —

o que, para ele, era mais importante — descobrir a chave para levar uma vida feliz. Sentia que, fora da sua rude família de agricultores, as pessoas existiam num plano muito diferente, com as suas emoções e os seus desejos telegrafados em linhas intermináveis, vibrando em ouvidos até então desconhecidos, criando pequenas fricções e faíscas. A sua própria vida tinha muito pouca fricção, e ainda menos faíscas.

Ganhar a bolsa de estudos para a faculdade fora o único momento excitante da sua vida como jovem, e foi-lhe retirado de imediato quando os seus irmãos foram para a guerra. Ele era, ao mesmo tempo, demasiado novo para combater e, segundo a sua mãe, também demasiado crescido para o que ela chamava estudos inúteis. A guerra mudara tudo, e não só para a sua família — embora toda a gente na aldeia reconhecesse que os Berwick tinham sofrido mais do que a maioria, com ambos os filhos mais velhos mortos em combate no mar Egeu em 1918 e o pai menos de um ano depois com a gripe espanhola. Agora, havia uma solicitude para com a mãe e para com ele, um profundo cuidado da comunidade que, nalguns momentos, fora a única coisa que os impedira de mergulhar no mais negro desespero.

Mas, embora fossem impedidos de cair no abismo, continuavam sempre a vacilar à sua beira. Nem ele nem a mãe, apesar dos seus diferentes feitios, pareciam ter energia para mais do que a submissão à vida — a ideia de que poderiam ter de lutar para mudar as coisas ultrapassava-os. Por isso, poucos anos depois da guerra, entre as dívidas, o desgosto e os constantes lamentos da mãe, tinham revendido a quinta à família Knight, com um desconto significativo. Ao longo das gerações, muitos Berwick tinham trabalhado na propriedade dos Knight

como pessoal da casa ou criados, incluindo a mãe e a avó dele, e agora também Adam iria trabalhar para eles apanhando o feno todos os verões, lavrando os campos e plantando algumas colheitas rotativas de trigo, lúpulo e cevada.

Por fim, a família Knight, como tantas outras na aldeia, começou a ter problemas financeiros. Adam sentia que estavam todas ligadas, numa relação de interdependência, e que a venda da quinta aos Knight, assim como o seu emprego, faziam parte de um esforço comunitário mais vasto para o sustento e a sobrevivência.

Ele sobrevivia oscilando à beira do precipício — pelo menos, agia como se assim fosse. Mas, no seu íntimo, no lugar que só os livros podiam tocar, permaneciam um profundo desconhecimento e a mais forte e cortante dor. Adam sabia que parte do seu cérebro se fechara a toda a dor, num esforço bizarro para se proteger, e a sua mãe era pior ainda, pois parecia estar apenas à espera de morrer, ao mesmo tempo que o avisava constantemente de como as coisas seriam más sem ela. Entretanto, fazia apenas o necessário ao seu papel de mãe — preparava-lhe as torradas e o chá de manhã, e depois, tal como agora, mantinha-lhe o jantar quente ao final do dia.

Sentavam-se juntos, sozinhos, à mesa da cozinha, como estavam a fazer agora, e ele contava-lhe o seu trabalho, e ela contava-lhe quem encontrara na aldeia, ou em Alton, se fosse o seu dia de compras a meio da semana. Falavam de tudo e mais alguma coisa, exceto do passado.

Mas, naquele dia, ele não lhe contou da jovem americana. Não sabia bem o que queria dizer. Para já, a mãe estava sempre a pressioná-lo para arranjar uma esposa, e aquela forasteira estava tão para além dele em beleza que era quase de outro mundo. A sua mãe era também uma das

habitantes da aldeia para quem a ligação a Jane Austen era mais uma irritação do que qualquer outra coisa. Ela guardava as suas queixas mais amargas para os turistas e mirones que, com bastante frequência, desciam até à pequena aldeia pedindo informações, exigindo ver alguma coisa, esperando que a vida ali fosse tal e qual como nos livros. Como se as pequenas vidas dos aldeões fossem, de alguma forma, irreais, e aquilo que era real — a única coisa real — e que importava, e que alguma vez importaria, tivesse acontecido há mais de cem anos.

Ele estava a ficar bastante preocupado com o Sr. Darcy.

Parecia a Adam que, quando um homem acha os olhos de uma mulher bonitos, e tenta escutar as conversas dela, e fica excessivamente afetado pela má opinião que ela tem dele, esse homem está a caminho de qualquer coisa inexplorada, quer o admita perante si próprio ou não. Adam não sabia muito de mulheres (embora a mãe estivesse sempre a dizer-lhe que não havia muito que saber), mas interrogava-se se, na história da vida, assim como na literatura, um homem alguma vez sucumbira a uma paixão tão óbvia e rápida como o Sr. Darcy, e se abstinera de fazer alguma coisa a esse respeito, exceto afastá-la inadvertida e eficazmente.

Apreciava mais do que nunca o seu chalé com duas assoalhadas no andar de baixo, duas no andar de cima e terraço, que estava situado ao lado de um caminho que ia dar à estrada principal de Winchester e que lhe proporcionava um quarto só para si e espaço para ler. No seu quarto escassamente mobilado, de teto com empena, estava a simples cama de solteiro — metade de um conjunto de duas — onde ele dormia desde a infância. Em cantos opostos do quarto, havia um único armário de

carvalho e uma cómoda antiga. E tinha a sua prateleira de livros que, um dia, tinham pertencido ao pai — romances de aventuras, o tesouro dos rapazes, e os grandes nomes como Conan Doyle, Alexandre Dumas e H. G. Wells. Mas agora, ao lado da cama, estava um livro da biblioteca bastante grosso de capa dura e plastificada, a qual mostrava duas mulheres de touca segredando uma à outra, enquanto, na retaguarda, se via um homem numa postura imperiosa, ao lado de um vaso de jardim.

Tinha-o requisitado discretamente na biblioteca apenas dois dias antes.

Estava a lê-lo depressa.

Mas, por muito que o divertisse, o livro também o confundia. Para começar, espantava-o o caráter do pai; não lhe parecia que ficasse bem ao Sr. Bennet passar todo o seu tempo livre barricado no seu escritório ou a escarnecer de toda a gente. A Sr.^a Bennet era muito mais fácil de compreender, mas havia alguma coisa na família Bennet que lhe parecia deslocado, de uma forma que não se lembrava de alguma vez ter encontrado em literatura. Pelo menos, não no seio de uma grande família. Já lera livros acerca de órfãos, e de traição entre amigos, e de pais presos por dívidas — mas os maiores enredos dependiam sempre de um ato de vingança, ou de cobiça, ou de um testamento desaparecido.

Para todos os efeitos, os Bennet simplesmente não gostavam uns dos outros. Ele não esperava isso de uma escritora feminina comprometida com finais felizes. Contudo, infelizmente, aquilo parecia-lhe mais real do que qualquer coisa que já tivesse lido.

Ao acabar o capítulo em que Darcy mostra a sua propriedade à mulher que, anteriormente, tinha tão energicamente declinado o seu pedido de casamento, Adam

começou, finalmente, a adormecer. Lembrou-se da recente visitante à sua aldeia, da pequena cruz pendente de um fio, do sorriso branco e vitorioso: sinais da fé e esperança que tão tristemente faltavam na sua vida. Não conseguia conceber a vontade de viajar para tão longe por causa de algo tão bizarro — no entanto, a visitante irradiara também uma felicidade incontida, verdadeira felicidade, do tipo que ele sempre procurara nos livros.

Ler Jane Austen estava a fazê-lo identificar-se com Darcy e com o poder estrondoso da atração física que choca com a opinião racional da pessoa. Estava a ajudá-lo a compreender como até uma pessoa sem grandes meios ou iniciativa pode exigir ser tratada. Como podemos comportar-nos tolamente sem que ninguém à nossa volta nos chame, necessariamente, a atenção para isso.

Com certeza nunca mais veria a mulher americana. Mas talvez ler Jane Austen pudesse ajudá-lo a absorver mesmo que uma pequena parte da sua disposição alegre.

Talvez ler Austen lhe desse a chave.

CAPÍTULO 2

Chawton, Hampshire
Outubro de 1943

O Dr. Gray estava sentado, sozinho, à secretária do seu escritório, uma pequena divisão logo a seguir à sala principal, maior, que lhe servia de consultório. Olhava tristemente para a película de radiografia que tinha perante si. Ambas as pernas de Charles Stone tinham sido tão violentamente esmagadas que o bom médico não conseguia imaginá-las a recuperar, com o tempo, as suas funções em qualquer grau.

Segurou na radiografia contra a luz dourada de outubro que entrava em feixes pela janela lateral e franziu os olhos, fixando-a outra vez, embora soubesse que não havia nada mais a ver — nada que tornasse tudo aquilo nem um pouco mais fácil de transmitir.

Tendo crescido em Chawton, o Dr. Gray mudara-se para Londres durante a Grande Guerra para tirar o curso de medicina e fazer o estágio, tendo voltado à aldeia em 1930 para substituir o velho Dr. Simpson no consultório. Nos últimos treze anos, tinha feito vir ao mundo tantos doentes como os que vira partir. Conhecia a história de cada família e o seu destino — aquelas em que a loucura saltara uma geração, ou em que a asma não o fizera. Sabia a que doentes se podia dizer a verdade nua e crua — e quais ficavam melhor sem a saber. Charlie Stone ficaria melhor sem saber, pelo menos por agora. Assim, manter-se-ia

afastado dos extremos do desespero, até que a passagem do tempo e a pobreza crescente se sobrepussem ao seu orgulho.

O Dr. Gray colocou os dedos sobre as têmporas e pressionou-as com força. À sua frente, sobre o mata-borrão, estava uma série de frascos de medicamentos. Olhou distraidamente para um deles, e depois ergueu-se resolutamente, apoiando-se nos braços da sua cadeira de madeira giratória. A tarde ia a meio, e era, normalmente, àquela hora que a sua enfermeira e governanta lhe trazia o seu chá. Mas precisava de apanhar ar, de aclarar a mente e de uma pausa em todas as preocupações que se acumulavam perante ele todos os dias. Era o clínico geral da aldeia de Chawton, mas também o seu confidente, a sua figura paternal e o seu fantasma residente — alguém que sabia mais do futuro e do passado do que qualquer outra pessoa.

Saiu da sua casa coberta de rosas com telhado de colmo pela porta de entrada verde que estava sempre aberta para os doentes e que dava diretamente para a rua. Como todas as antigas casas de trabalhadores rurais, aquela estava tão perto da estrada principal que praticamente se precipitava sobre ela. A sua enfermeira, Harriet Peckham, tentava manter as cortinas de renda da janela saliente na frente da casa o mais fechadas possível durante as consultas, mas os pequenos olhos atentos da cidade já tinham demonstrado ser ainda mais pequenos, dada a sua determinação em espreitar através do padrão de ilhoses e da pequena fresta onde as cortinas se encontravam.

Começou a caminhar pela estrada abaixo e viu o táxi de Alton encostar no cruzamento onde a Winchester Road se desdobrava em duas, e onde o velho lago tinha, recentemente, sido dragado. De vez em quando, ainda se

avistavam três patos a vaguear pelas ruas, em busca do seu paraíso perdido. Mas, naquele momento, o Dr. Gray estava a observar três mulheres de meia-idade que saíam do táxi por entre uma profusão de chapéus e de malas de mão, indo aterrar precisamente na frente do antigo chalé de Jane Austen.

Apesar da guerra que, naquele momento, atravessava o Atlântico, havia mulheres de uma certa idade que ainda consideravam avisado viajar até Chawton para ver onde vivera Austen. O Dr. Gray sempre se maravilhara com o espírito feminino que as fazia vir prestar homenagem à grande escritora. Algo nelas fora libertado pela guerra; um medo essencial que o mundo tentara incutir-lhes tinha colapsado perante um inimigo ainda maior. Perguntou-se se o futuro, como o previa o cinema, pertenceria àquelas mulheres. Mulheres tagarelas, que viajavam em grupo, cheias de vigor e de espírito de missão, indo atrás daquilo que queriam, fosse grande ou pequeno. Tal como Bette Davis em *Jezebel* ou Greer Garson no seu filme preferido, *Random Harvest*.

O Dr. Gray permitia-se uma noite por semana para se dedicar a uma paixão que partilhara com a sua falecida esposa: uma viagem de autocarro à cidade vizinha de Alton para ver o último filme estreado. Passava o resto do seu tempo livre tentando distrair-se para não pensar em Jennie. Mas nesses momentos, quando as luzes da sala de cinema esmoreciam e os casais se encostavam ainda mais entre si, ele permitia-se imaginar a sua amada esposa e as noites que costumavam passar juntos no cinema. Ela queria sempre ver filmes «piegas», aquelas histórias centradas em mulheres que tinham como protagonistas atrizes como Katharine Hepburn e Barbara Stanwyck, e ele, por vezes, dava um pouco de luta, tentando debilmente convencê-la a

ver um *western* ou um filme de *gangsters* — mas acabava sempre por gostar tanto das escolhas dela como ela própria. Às vezes, prescindiam até do autocarro no final da sessão e caminhavam meia hora até casa sob o luar, discutindo o filme que tinham acabado de ver. Ele mal podia esperar para ouvir o que ela tinha a dizer.

Sempre a amara, especialmente, pela sua mente — e era suficientemente inteligente para saber que ela era muito mais inteligente do que ele. Fora uma das poucas mulheres da sua faculdade e passara tanto tempo na biblioteca como no laboratório. A sua aguçada mente matemática poderia ter sido um bem valioso no esforço de guerra, mas essa era uma das muitas coisas sobre ela que ele nunca saberia. Ela morrera há quatro anos de uma simples queda pelas escadas que levavam ao quarto deles, tendo batido com a cabeça da pior forma possível, na parte saliente do último degrau que ele sempre tencionara arranjar. A hemorragia interna fora rápida e aguda, e ele fora totalmente incapaz de a salvar.

Um médico que não consegue salvar a própria esposa ganha uma fama bastante negativa, a juntar ao desgosto e aos remorsos. Nunca ninguém seria tão duro para com ele como ele próprio, mas o seu orgulho profissional fazia-o, muitas vezes, perguntar-se se os outros aldeões não o culpariam também.

Ao passar pelo trio de mulheres que conversavam entusiasticamente em frente do pequeno portão branco que levava ao chalé de Austen, cumprimentou-as inclinando o chapéu. Não se contava entre os aldeões que as consideravam um incómodo a evitar. Cada pessoa que fazia daquela aldeia um local de peregrinação mantinha vivos o legado e a aura de Austen e, sendo ele próprio um admirador dela de longa data, gostava de ver os aldeões no

papel de guardas involuntários de algo muito maior do que poderiam supor.

Estava a virar para a velha Gosport Road que levava à Casa Grande e à vizinha propriedade Knight quando viu um colega membro do conselho diretivo da escola a aproximar-se dele, vindo dessa direção.

Inclinaram os chapéus um ao outro, e depois o outro homem disse precipitadamente:

— Ainda bem que te encontro, Benjamin. Estou com outro problema na escola.

O Dr. Gray suspirou.

— A nova professora?

O outro homem assentiu com a cabeça.

— Sim, a jovem Menina Lewis, como deduziste. Tem os rapazes numa dieta permanente de autoras femininas desde o século XVIII. Não consigo chamá-la à razão — fez uma pausa. — Pensei que ela te desse ouvidos.

— Porquê?

— Bem, para já, porque és o mais próximo dela em idade.

— Não por muito.

— E, além disso, pareces compreender bem, hum, os métodos de ensino dela.

Os olhos do Dr. Gray estreitaram-se impercetivelmente.

— Já sou médico aqui há muitos anos e gostaria de pensar que compreendo bastante bem toda a gente nesta aldeia. Isso não significa necessariamente que tenha alguma influência sobre as pessoas.

— Mas tenta, hum? Bom rapaz.

O Dr. Gray não achava que pudesse persuadir Adeline Lewis fosse do que fosse. Sabia que os seus colegas do conselho diretivo da escola — todos homens, e todos na casa dos cinquenta e para além disso — tinham algum medo da jovem mulher que estava no primeiro período do

seu primeiro emprego como professora. Adeline tinha muita confiança nos seus planos de ensino e resistia fortemente a quem quer que a quisesse manobrar. Também fisicamente, era da altura da maioria dos homens — o que não era difícil, já que o Dr. Gray era o único que se aproximava de 1,80 metros. Mas talvez o mais enervante de tudo fosse que Adeline Lewis era atraente, de uma forma que se insinuava em todos eles, até se esquecerem do que pretendiam dizer. Olhava os vários membros do conselho diretivo nos olhos, sempre pronta a dizer o que pensava, sempre pronta para a luta, e eles, inevitavelmente, cediam-lhe. O Dr. Gray abanava a cabeça de reprovação sempre que um deles abria as reuniões mensais do conselho diretivo com mais uma história de capitulação.

— Bem — respondeu, hesitante, olhando em volta como se esperasse ver alguém ferido estendido na rua que requeresse os seus serviços médicos imediatos —, julgo que posso passar por lá agora.

— É assim mesmo — o outro homem sorriu. — Tens a certeza de que não te estamos a tirar tempo de que precisas?

O Dr. Gray abanou a cabeça.

— Não, ia só dar um passeio para aclarar as ideias.

O outro homem inclinou novamente o chapéu e continuou o seu caminho, gritando alegremente para trás de si:

— Duvido que ter de pôr a Menina Lewis na ordem te ajude nessa tarefa...

O Dr. Gray hesitou, virou-se para olhar para o colega, e depois seguiu em frente até chegar à velha escola de estilo vitoriano que ficava em frente ao campo de críquete da aldeia, do outro lado da estrada. Supôs que as aulas deviam estar a acabar naquele momento, às 15h30. De facto, quando entrou na sala dos alunos mais velhos, agora

deserta, encontrou Adeline Lewis de pé junto ao quadro, de giz na mão, escrevendo e fazendo gestos para uma rapariga sentada na secretária do professor como se fosse aí o seu lugar. O Dr. Gray reparou num livro de Virginia Woolf nas mãos da aluna.

A frase *O Casamento como Contrato Social para Evitar a Pobreza* estava a ser escrita em letras brancas e brilhantes de um lado ao outro do quadro.

O Dr. Gray suspirou outra vez, e Adeline devia tê-lo ouvido, porque se virou.

— Foi enviado para me repreender — disse ela, com um sorriso; mas era um sorriso de entendedor, e não de derrotado, e ele sentiu o maxilar cerrar-se-lhe automaticamente.

— Não para repreender; para compreender. Um programa constante de escritoras femininas, Adeline, com franqueza... para uma sala cheia de rapazes adolescentes?

Adeline baixou os olhos para a rapariga sentada à secretária, que fechara o seu livro de Virginia Woolf e observava agora os dois adultos com um interesse indisfarçado.

— Não são só rapazes... Dr. Gray, já conhece a menina Stone.

O Dr. Gray inclinou a cabeça.

— Como estás, Evie? Como está o teu pai?

O pai de Evie era aquele com cuja radiografia o Dr. Gray se preocupava. Charlie Stone tinha sido gravemente ferido num acidente de trator há alguns meses, e o Dr. Gray sabia a catástrofe que isso fora para a família, tanto financeira como emocionalmente. Sabia também que o pai da rapariga nunca mais voltaria a fazer trabalho físico, embora ainda não tivesse tido coragem de o comunicar ao seu doente em termos precisos. O que mais preocupava o Dr. Gray era

imaginar como aquela grande família com cinco filhos abaixo dos quinze anos conseguiria subsistir sem o rendimento do seu único provedor. Tinha ouvido conversas entre os adultos da quinta no sentido de tirar a filha mais velha, Evie, da escola para ir trabalhar como criada, e esse era apenas um dos muitos segredos que tinha de guardar.

— Ele tem lido muito — disse Evie. — A Menina Lewis deu-lhe uma lista de livros para o animar, e ele está a requisitá-los da biblioteca, um por um.

O Dr. Gray ergueu uma sobrancelha na direção da Menina Lewis, como se tivesse tropeçado em provas úteis ao seu ponto de vista.

— Um dia destes, gostava de ver essa lista, se fosse possível.

— Dificilmente — replicou Adeline, com uma ligeira frieza na voz. — Tenho autoridade suficiente aqui para fazer as minhas escolhas.

Evie continuou a observar os dois adultos, sentindo uma estranha mudança na atitude entre eles, como se se tivessem esquecido de que ela estava ali sentada. O Dr. Gray era, geralmente, tão cavalheiro com as mulheres — juntamente com o seu cabelo grisalho, olhos castanhos intensos e ombros largos, era a sua postura, tanto quanto a sua vocação, que faziam dele um objeto de interesse e, segundo suspeitava a jovem Evie, de desejo entre as mulheres da aldeia. Mas, com Adeline, ele parecia sempre, como agora, tanto enervado como na defensiva. Ao mesmo tempo, Adeline não mostrava nenhuma da deferência que essas mesmas mulheres geralmente lhe demonstravam, o que Evie suspeitava que irritasse ainda mais o Dr. Gray.

— Bem, então vamos perguntar à Menina Evie, está bem? — dizia Adeline, e Evie saiu do seu devaneio e viu os dois adultos virados para ela.

Mas ela não tinha qualquer interesse em meter-se naquilo, pois estava totalmente do lado da Menina Lewis no que tocava aos seus métodos de ensino. Em vez disso, Evie pegou na sua mochila, que estava numa carteira ali perto, e, com um rápido aceno de cabeça e um adeus, escapuliu-se pelo velho soalho de carvalho da sala de aulas.

— Ah, ter catorze anos novamente e nenhuma compostura — disse o Dr. Gray com uma gargalhada, quando Evie já estava suficientemente longe.

— Oh, a Evie Stone tem compostura que chegue. Só não quer envolver-se com pessoas como o senhor.

Adeline deu a volta até à frente da secretária e encostou-se a ela, de braços cruzados, com o pedaço de giz ainda nos dedos. Envergava uma saia direita castanha até aos joelhos e uma blusa creme com alguns botões abertos no pescoço, o que acentuava a sua tez morena, e os mesmos sapatos de atacadores de salto grosso que o Dr. Gray via, ultimamente, em todas as jovens mulheres trabalhadoras.

— Olhe, estamos a fazer análise crítica e temática do texto, Dr. Gray; porquê, vai dizer-me que, se estiverem todos à procura de tesouros ou a lutar com piratas, isso será mais relevante? A compreensão dos costumes sociais através das lentes da literatura é tão importante para os jovens rapazes como para as raparigas. Ou acha que não tem importância nenhuma?

O Dr. Gray tirou o chapéu, e ela olhou-o em silêncio, de cabeça inclinada para um lado, enquanto ele despenteava o cabelo e se sentava numa das minúsculas carteiras em frente dela.

— O que é? — perguntou ele, ao vê-la olhá-lo.

— Parece tão pequeno, aí sentado. Costuma parecer tão alto.

— Parece-me que não sou muito mais alto do que a

menina.

— Não... mas *parece* ser.

— Não pode, ao menos, acrescentar algum Trollope, um bom velho *Doutor Thorne*, ou algo parecido?

— O senhor e o seu Trollope — cruzou as pernas ao nível dos tornozelos, como se tivesse todo o tempo do mundo para discutir com ele, sem parar de o observar com curiosidade. — Ouça, ambos sabemos que gosta tanto de Austen como eu. Eu falo das Guerras Napoleónicas, da abolição, e de tudo isso.

— Estou certo de que fala — sorriu ele. — Estou certo de que cobre todos os temas. É mais do que exaustiva no seu planeamento das aulas. Mas os outros membros do conselho diretivo...

— E o senhor...

— Não, eu só concordo até certo ponto; mas, acima de tudo, porque não quero que perca o emprego. Quando a contratámos para esta vaga, fiquei contente por poder ficar perto de casa e ajudar a sua mãe. Fiquei contente por ver um habitante de Chawton, por assim dizer, ter um papel na moldagem das nossas mentes mais jovens.

— Dr. Gray, porque é tão formal? Diga-me apenas o que quer que eu faça. Sabe que o faço sempre. Mais cedo ou mais tarde — acrescentou, com um sorriso brincalhão.

Ele olhava-a enquanto ela falava, tentando lidar com a consciência cada vez maior de que ela estava, de alguma forma, a troçar dele. Ou, pelo menos, a desafiá-lo. Sentia-se muitas vezes assim quando estava com Adeline — o que era muito enervante.

— Olá, Addy! — retumbou a voz de um jovem no corredor das salas de aula.

O Dr. Gray virou-se no assento e viu Samuel Grover, outro dos jovens da aldeia, aproximando-se alegremente deles,

totalmente fardado.

— Olá, Dr. Gray, como está? — O jovem juntou-se a Adeline na secretária, pôs-lhe o braço à volta da cintura e deu-lhe um beijo demorado na face.

Como médico da aldeia, o Dr. Benjamin Gray já tratava tanto de Samuel como de Adeline há muitos anos, tendo-os visto crescer juntos, ambos de cabelos e olhos castanhos e de riso rápido, como espelhos um do outro. Desde então, eram o orgulho dos pais, Samuel seguindo as pisadas do pai nos estudos para solicitador e Adeline recebendo o seu diploma de professora. Mas o Dr. Gray não fazia ideia de que já eram, oficialmente, um casal.

Levantou-se bastante abruptamente, pegando no chapéu.

— Bem, vou andando. Menina Lewis, Samuel... quero dizer, oficial Grover.

O Dr. Gray regressou à porta principal da escola e Adeline correu atrás dele.

— Peço desculpa, espere, tenho a certeza de que ainda não tinha acabado — chamou ela, agarrando-lhe a parte de trás da manga do casaco para o fazer abrandar o passo.

Ele baixou os olhos para a mão dela na manga dele e reparou, pela primeira vez, no anel de noivado, uma pequena e solitária pedra de granada.

— Eu não sabia — disse ele, rapidamente. — Devia ter-vos dado os parabéns. Por favor, dê os meus cumprimentos ao Samuel.

— Dr. Gray, está tudo bem? Vou mesmo pensar naquilo que disse; talvez me tenha excedido um pouco nos últimos tempos. Embriagada de poder, como se diz — fez-lhe um largo e feliz sorriso, e ele viu, pela primeira vez, como ela estava, também, feliz.

— Quando é a data? — torceu o chapéu que ainda tinha nas mãos.

— Não temos pressa.

— Afinal, ainda são os dois tão jovens.

— Não suficientemente jovens para impedir que o Samuel seja mandado combater pelo rei e pela pátria. Mas, sim, ainda bastante jovens, como está sempre a recordar-me. Não faz mal... será um objetivo de vida — disse ela, com um sorriso.

— Tenho a certeza de que será, para os dois. Bem, é melhor ir andando — pôs o chapéu e começou a descer novamente a rua que levava à cidade.

Tal como previsto, a conversa com Adeline Lewis não contribuíra em nada para lhe aclarar as ideias.

CAPÍTULO 3

Londres, Inglaterra
Setembro de 1945

A sala principal do piso térreo da Sotheby's estava à cunha, e as cadeiras com braços de bambu e assentos de tapeçaria intrincada tinham sido, naquela ocasião, reforçadas com outras trazidas das outras salas do mesmo piso. Ainda assim, muitas pessoas viram-se obrigadas a ficar de pé, encostadas às paredes forradas de espelhos, que refletiam a grande quantidade de pessoas presentes, multiplicando-as muitas vezes. Isto só contribuiu para o ambiente de excitação que alastrou pela sala quando o diretor da leiloeira subiu ao pódio.

— Hoje, temos perante nós o recheio de Godmersham Park, a residência ancestral da família Knight, localizada no coração de Kent. Membros da família e visitantes famosos ao longo dos anos incluem várias gerações da casa real de Saxe-Coburgo, assim como a autora Jane Austen, cujo irmão mais velho herdou a propriedade em 1794.

As pessoas mais próximas da entrada murmuraram levemente quando uma mulher impressionante na casa dos trinta anos entrou pelas portas espelhadas e deitou um olhar discreto à sala. Conseguiu encontrar um lugar perto da primeira fila quando vários cavalheiros, reconhecendo-a, lhe ofereceram precipitadamente as suas cadeiras.

O diretor-adjunto de vendas imobiliárias da Sotheby's, Yardley Sinclair, observava da coxia, perto do pódio. Por

dentro, congratulava-se por ter orquestrado a chegada tardia da mulher, para que todos os presentes a notassem e o entusiasmo daquele dia aumentasse ainda mais. Ela já fora àquela leiloeira várias vezes ao longo dos anos para inspecionar várias recordações de Austen, tendo até adquirido, recentemente, uma rara primeira edição de *Emma* por um preço recorde. Yardley certificara-se de que ela estava entre os primeiros a saber da venda da propriedade Godmersham. Sabia que os estúdios de Hollywood preencheriam a agenda dela com meses de antecedência, e queria que ela tivesse oportunidade de se deslocar ali a tempo.

Viu-a inclinar-se para a frente e estabelecer contacto visual com um homem do outro lado da coxia. Houve uma troca muda de sinais entre eles, e o coração de Yardley começou a bater mais depressa ao ver as expressões sérias do casal. O cavalheiro, em especial, parecia firmemente determinado a ganhar algum lance de monta naquele dia.

O próprio Yardley estava dividido acerca da venda. Godmersham era uma daquelas casas históricas que pareciam ter sobrevivido à Primeira Guerra Mundial e, depois, perdido a imponência com os combates da Segunda. A Sotheby's tinha o recheio relacionado com Austen debaixo de olho há várias décadas, enquanto a reputação da autora aumentava ano após ano, especialmente no estrangeiro. Americanos abastados faziam subir agressivamente os preços de várias edições e cartas, e Yardley previa que, um dia, alguns itens ficariam fora do alcance do colecionador médio. Toda a sua equipa esperava que aquele dia fosse o prenúncio dessa nova era. Por agora, os itens que incluíam fragmentos da caligrafia de Austen tinham ainda preços razoáveis, e o próprio Yardley tencionava manter na sua posse uma primeira

edição de uma coletânea de obras de 1833, adquirida pessoalmente a um antiquário em Charing Cross, quando Yardley ainda estava na faculdade.

— O lote número dez — entoou o diretor da Sotheby's — é este requintado colar com uma cruz. Em topázio. Adquirido por Charles Austen, irmão de Jane Austen, com dinheiro recebido como recompensa por ter capturado um navio inimigo quando estava na Marinha Real. Acompanhado de uma cruz semelhante mas não idêntica, também em topázio. Ambas em correntes de ouro maciço e descritas numa série de cartas entre as famílias Austen e Knight como pertencendo a Jane Austen e à sua irmã, Cassandra. O catálogo que têm em mãos inclui cópias certificadas dessas cartas.

Yardley sabia que a famosa estrela cinematográfica agora sentada na terceira fila estava especialmente interessada em três itens do catálogo: um anel de ouro simples com uma pedra de turquesa que pertencera, comprovadamente, a Austen, os dois colares de topázio e uma pequena escrivaninha portátil de mogno que fora sendo herdada pela família Austen ao longo dos anos. Embora a Sotheby's não pudesse confirmar que a própria Jane Austen usara a escrivaninha em casa ou em viagem, tratava-se de uma de apenas duas escrivaninhas que se sabia terem pertencido à sua família imediata. A outra estava perdida algures em mãos privadas.

— Lote número dez — repetiu o diretor. — A licitação começa nas cem libras, com uma estimativa pré-venda de mil. Cem libras... ouço cem?

A atriz acenou ligeiramente com a cabeça.

— Temos cem libras. Ouço cento e cinquenta? Cento e cinquenta libras?

Mais um aceno, desta vez vindo de algumas filas mais

atrás. A atriz olhou por cima do ombro esquerdo, e depois deitou um olhar rápido ao cavalheiro do outro lado da coxia.

A licitação prosseguiu assim durante vários minutos. Quando um dos lances passou de mil libras para mil e quinhentas, o diretor da leiloeira olhou para um dos seus colegas que estavam de pé, ao longo da parede espelhada, à direita do pódio. Os dois homens trocaram acenos de cabeça.

— Duas mil libras — anunciou, secamente, o diretor. — Ouço duas mil?

Yardley começara a observar o cavalheiro que comunicava em silêncio com a atriz. Também ele era belo como uma estrela de cinema e tinha bem mais de 1,82 metros; a sua cabeça sem chapéu sobressaía acima das pertencentes às pessoas sentadas à sua volta. Vestia um fato cinzento-escuro feito por medida, e sapatos castanho-escuros. Não estava a consultar nada — nem o seu relógio de pulso *Cartier*, nem o catálogo, nem os rostos de qualquer outra pessoa presente, exceto o dela. Não mostrava apreensão nem ansiedade de qualquer tipo. À medida que a licitação acelerava, estando o preço agora muito para além das estimativas iniciais, a maior parte das pessoas começava a inclinar-se para a frente nas suas cadeiras, sussurrando com excitação a quem estava ao seu lado. Mas o homem continuava a erguer o indicador direito, uma e outra vez, calma e quase casualmente, como se aquele procedimento o entediasse.

— Cinco mil libras! — exclamava o diretor, enquanto a audiência começava a murmurar ainda mais alto, em sinal de aprovação. Todos os rostos na sala estavam agora virados para observar a famosa atriz de Hollywood e o homem sentado do outro lado da coxia.

— Dou-lhe uma... dou-lhe duas... vendido! Duas cruzes de topázio pertencentes a Jane Austen e à irmã; vendidas por cinco mil libras ao cavalheiro da terceira fila.

A atriz levantou-se de um salto e correu para o homem, e ele sorriu, sem se levantar, enquanto ela o abraçava. Ele levantou o olhar para ela, para aquele rosto magnífico, e ficou claro para Yardley que tudo o que o homem fazia — tudo o que licitava naquele dia — era ao serviço daquele rosto. Toda a gente podia vê-lo num ecrã — mas, naquele momento, pertencia-lhe, tanto quanto as duas cruzes de topázio.

O anel foi vendido como lote número 14, desta vez por um recorde de sete mil libras, e, mais uma vez, à atriz e ao seu parceiro. A escrivanhinha foi vendida quase pelo dobro, tendo a sua falta de comprovação oficial apenas contido um pouco o preço, e um colecionador americano de origem desconhecida ultrapassou o Museu Britânico. Yardley estremecera com aquela venda — acreditava que todos aqueles objetos deviam permanecer em Inglaterra ou, pelo menos, ser mantidos juntos, na medida do possível.

No final do leilão, com valores recorde conseguidos, Yardley e o diretor da Sotheby's convidaram a atriz e o seu parceiro de compras a comemorar com a equipa, com champanhe. Enquanto erguiam as *flutes* de cristal num brinde ao sucesso do dia, Yardley perguntou à atriz quais eram os seus planos para as joias.

— Os meus planos? — repetiu ela. — Não sei... acho que vou usá-las.

A ideia de algo tão inestimável — e culturalmente tão significativo — ser atirado para uma cómoda ou, pior ainda, perdido no banco de trás de um táxi, iniciou uma enxaqueca em Yardley.

— Mas o valor delas... — começou ele a dizer.

— Cabe à Menina Harrison decidir o valor delas — interveio o cavalheiro. — Foi por isso que lhas comprei.

Yardley notou, pela primeira vez, algo aquém de regozijo puro no rosto da atriz quando o cavalheiro disse aquelas palavras. Yardley perguntou-se qual seria o grau da intimidade entre ambos — se aquela compra faria parte de uma transação mais vasta de algum tipo. Ouvira os rumores habituais acerca de atrizes de teatro ou cinema, mas gostaria de dar àquela o benefício da dúvida.

— Na verdade, eu estava a ser um pouco frívola — disse ela, em tom de desculpas. — Isto parece ocorrer-me cada vez mais ultimamente. Acho que a excitação deste dia deve estar a afetar-me. Claro que me certificarei de que estas peças tão valiosas recebem os cuidados que merecem.

Olhou para Yardley como que para o aplacar, e ele reparou, mais uma vez, nos seus modos maravilhosamente adaptáveis. Tão americana, pensou ele: podia dar um passo em falso e depois, com a mesma rapidez — e com todo o charme possível — corrigir tudo, aparentemente sem qualquer esforço.

— Gostou da venda? — perguntava-lhe ela agora.

Yardley bebericou o champanhe pensativamente antes de pousar a *flute*.

— Fiquei contente com o êxito, sim; ando há anos a tentar conseguir a propriedade Godmersham. Como sabe, é muito raro conseguir-se uma coleção apreciável de artefactos de Austen. Tudo o que resta agora é a propriedade Knight, em Hampshire... mas parece que o atual Sr. Knight é intratável, e a sua única herdeira, uma Menina Frances Knight, tinha logo de ser uma solteirona agorafóbica.

— Agorafóbica? — perguntou o companheiro da mulher, levantando, finalmente, os olhos dos papéis que tinha à sua

frente.

Yardley, reparando que a mulher deitara um olhar curioso ao homem, continuou:

— Sim, tem a fobia dos espaços abertos; não sai de casa.

— Isso é uma pena — disse a mulher. — E também muito gótico.

Yardley sorriu. Percebeu que, tal como ele, também ela vivia com um pé no passado.

— Só espero que ela goste o suficiente de Austen — acrescentou ele. — Ambos sabemos como eu gostaria que o máximo de bens dela possível ficasse em Inglaterra.

Ela fez um sorriso irreprimível e olhou para o companheiro antes de falar mais.

— Bem, Yardley, então tenho ótimas notícias para si... ficarão mesmo. Pelo menos, as minhas. Vou mudar-me para Inglaterra.

— Bem — exclamou Yardley —, isso é uma boa notícia. Não fazia ideia. Ah, agora tudo faz sentido. Onde irá viver?

— Nós — ela olhou novamente para o cavalheiro ao falar — vamos viver em Hampshire. Logo aí! O que acha disso?

— Acho perfeito, dadas as circunstâncias — Yardley baixou os olhos para o dedo anelar nu da mão esquerda dela. — Então, o anel...? — perguntou, com um sorriso.

— Sim, o anel — ela retribuiu o sorriso e, nesse sorriso, havia uma súplica a que ele não podia resistir.

A papelada para as transações estava a ser ultimada, com a transferência dos fundos americanos que ainda se encontravam no banco de Nova Iorque. Yardley olhou para o diretor da Sotheby's e, com alguns acenos de cabeça discretos, concordaram em ir buscar o conteúdo da caixa número 14. Quando o diretor saiu da sala, Yardley constatou, com admiração, quanto do seu trabalho — a parte mais importante do seu trabalho — parecia ser

realizado sem a pronúncia de quaisquer palavras. Como se fosse, ele próprio, um ator, estava constantemente em sintonia com as necessidades e as exigências alheias, adaptando-se a elas o mais possível, e o quanto era necessário para adquirir ou manter para si mesmo algum poder essencial.

O diretor voltou à sala minutos depois e sussurrou a Yardley que, na sequência de algumas perguntas do banco de Manhattan, os advogados do comprador tinham autorizado o levantamento alternativo de uma conta europeia no nome dele. Isto aceleraria bastante o processo, e tinham já o levantamento da conta de Zurique confirmado por telegrama. Yardley acenou com a cabeça em sinal de aprovação, e depois aproximou-se e apresentou a pequena caixa numerada ao cavalheiro.

— Creio que isto lhe pertence — Yardley estendeu a caixa marcada ao homem, cujo nome sabiam agora ser Jack Leonard, um homem de negócios bem-sucedido e produtor novato de Hollywood.

A mulher levantou-se rapidamente, e o salto alto do seu sapato — o salto mais alto que Yardley alguma vez vira — prendeu-se ligeiramente na extremidade do antigo tapete indiano que cobria o chão.

— Oh, meu Deus — exclamou ela, com os dedos esticados para a pequena caixa enquanto se endireitava, com a mão a tremer perceptivelmente.

Jack levantou-se e aceitou a caixa da mão de Yardley, após o que, de forma brincalhona, a segurou muito alto, fora do alcance dela. Apenas porque Yardley sabia que a mulher era tão admiradora de Austen como ele próprio é que viu na atitude do homem algo mais do que uma brincadeira. Algo entre a provocação e uma pequena crueldade.

— As coisas boas chegam a quem espera por elas — disse Jack à mulher, quando, finalmente, ela desistiu e baixou os braços, fingindo-se derrotada.

Mas Yardley não tinha a certeza se confiava plenamente no magnata de Hollywood com aspeto de ídolo de matiné. E, quando os americanos se despediram e foram acompanhados pela segurança até ao crepúsculo do início de setembro, ele ficou a perguntar-se qual de entre eles seria o verdadeiro ator.

Mimi Harrison conhecera Jack Leonard seis meses antes, junto à piscina no jardim das traseiras do produtor do seu último filme. *Home & Glory* era a história de uma viúva cujos dois filhos combatem em diferentes batalhas na guerra, mantidos estrategicamente separados pela marinha inglesa para minimizar o potencial de perdas infelizes para a família. Mas os rapazes querem, desesperadamente, lutar juntos, e isto leva a consequências inevitáveis e trágicas para todos. Mimi ouvira uma história da vida real semelhante a esta há alguns anos, numa viagem a Inglaterra, e aceitara o papel mesmo sem ler o guião.

Era um filme «piegas» — para mulheres —, do tipo dos que haviam feito de Mimi Harrison uma estrela de Hollywood. Ela quisera ser uma grande atriz de teatro e, depois de se formar com uma licenciatura em história e drama na Smith, começara na Broadway, em meados dos anos 30, em vários papéis secundários fortes, mudando relutantemente o seu nome nesse percurso e abandonando o mais sombrio Mary Anne. Mas as suas feições morenas e exóticas foram notadas, uma noite, pelo diretor de *casting* de um estúdio sentado na primeira fila, e ela fez um rápido teste de imagem sem maquilhagem em Nova Iorque, após o que foi mandada para oeste por comboio, para Los Angeles.

Aí, fez novo teste de imagem, desta vez totalmente maquilhada, seguido de um aclaramento facial para lhe reduzir as sardas e de uma pequena cirurgia que teria mortificado a sua mãe.

— Uma única operação é um recorde por estes lados, querida — observara a assistente de guarda-roupa quando Mimi lhe mostrara a cicatriz. Mimi era escrava da verdade e achava que, se o seu corpo já não era cem por cento Harrison, o mínimo que podia fazer era não esconder esse facto.

O primeiro dia de Mimi no estúdio fora movimentado. O ator principal numa série bem-sucedida de comédias do tempo da Depressão tinha-se atirado a ela de imediato e, depois de vários dias de persistência, ela cedera e concordara em jantar no Chasen's. Mas concordara apenas com isso — um facto que ele tivera dificuldade em aceitar ao final da noite. Ela teria ficado ainda mais enervada com tudo isto se não tivesse já uma lista de êxitos no palco por trás de si. Tendo chegado a Hollywood um pouco mais velha do que a maioria, acreditava que nada daquilo teria acontecido se ela não tivesse algum valor. E, se abrisse mão de algum desse valor por medo, estaria numa estrada descendente. O seu pai, um notável juiz no Tribunal de Recursos de Terceiro Círculo, ensinara-lhe isto, juntamente com o gosto por montar a cavalo, pela arte renascentista e por Jane Austen.

Os seus primeiros meses ficaram marcados por muitas tentativas masculinas de a seduzir por uma noite — e, por vezes, até por menos tempo, se tivessem uma festa fora de horas à qual quisessem ir — e pela sua resistência a todas elas logo no início, sem se demover um centímetro. Sabia que só tinha de manter uma pessoa satisfeita, o chefe do estúdio, Monte Cartwright — e cultivara cuidadosa e

sabiamente sentimentos paternais nele desde o início, até ele estar orgulhoso de si mesmo por ser tão íntegro, pelo menos no que dizia respeito a Mimi Harrison.

Em termos de carreira, a última década em Hollywood fora notavelmente bem-sucedida. O seu contrato previa o direito a um filme fora do estúdio por ano, e ela tinha, além disso, uma média de quatro filmes dentro do estúdio, o que a mantinha demasiado ocupada para ter grande vida social ou romântica. Com um rendimento de quarenta mil dólares por filme, era considerada uma das atrizes mais bem pagas do mundo.

Seria apenas uma questão de tempo até ela conhecer Jack Leonard, que ganhava ainda mais dinheiro.

Ele observara a ascensão dela nas bilheteiras a partir de um estúdio nascente rival, com um grau de paciência pelo qual não era, geralmente, conhecido. O seu próprio sucesso fora menos linear e muito mais questionável. Com gerações de dinheiro de família vindo da indústria do vestuário por trás de si, ele apostara na Depressão, adquirindo todos os *stocks* que parecessem condenados ao abandono e depois comprando todos os concorrentes que restassem. Quando apareceram as equipas antimonopólio de Roosevelt, Jack começou a transferir-se para o estrangeiro, cultivando alianças com produtores de aço e de armas na Europa, e tornando-se financeira e diplomaticamente indispensável a estes à medida que vários países começavam a construir fábricas de munições para corresponder ao aumento de procura militar. Ele tinha um estranho jeito para saber exatamente qual era o rumo que as coisas iriam tomar, e para isolar as fraquezas mais importantes dos seus opositores, que eram muitos. Para Jack Leonard, a vida era uma batalha constante.

Ele não tinha um pinga de introspeção e, em vez disso,

usava toda a sua energia para avaliar as pessoas que o rodeavam. Compreender-se a si próprio não era importante porque não havia nada para compreender. Ele sabia-o, e sabia que mais ninguém alguma vez acreditaria nisso. Afinal, ele andava, falava e agia como uma pessoa normal, mas vencia, uma e outra vez, de uma forma que poucos outros conseguiam fazer regularmente. Se as outras pessoas tivessem a capacidade de imaginar o quanto ele estava concentrado em vencê-las, talvez tivessem uma hipótese. Mas, mesmo nesse caso, não conseguiriam viver com as condicionantes do sucesso. Assim, Jack Leonard continuava a vencer, e a destruir os outros, e a fazer dinheiro, e convencia-se (porque, quando não se tem alma, é fácil convencemo-nos seja do que for) de que o seu sucesso se devia à sua superioridade, que decorria de ter compreendido tudo isto.

Quanto mais dinheiro fazia, mais precisava de fazer — era uma compulsão que não lhe causava quaisquer escrúpulos. Se não estivesse a avançar, não estaria a ganhar — e, se não estivesse a ganhar dinheiro no processo, estaria a perder ainda mais. Logo, quando alguns parceiros de negócios de Nova Iorque decidiram investir num novo estúdio no oeste, ele subiu a bordo — que melhor maneira haveria de conhecer belas jovens mulheres com pouca despesa e pouco esforço? Além disso, não havia melhor altura para entrar no negócio do cinema, quando havia tantos produtores, atores e realizadores de renome ausentes para combater os nazis.

Agora, na primavera de 1945, com a América totalmente empenhada na guerra, os seus contratos de aço e armas a valerem milhões e o seu estúdio a produzir um filme por semana, Jack Leonard estava de pé, imponente, junto a Mimi Harrison, deitada numa espreguiçadeira envergando

o seu fato de banho roxo.

Mimi abriu um olho contra o sol, agora parcialmente obscurecido pela figura de Jack, e disse simplesmente:

— Está a tapar o meu sol.

— O *seu* sol? — perguntou ele, com uma sobrancelha erguida.

Ela sentou-se, espreitando-o por cima dos óculos escuros, e depois voltou a pousá-los no nariz ainda levemente sardento.

— Bem, o nosso hóspede emprestou-mo hoje.

— Empréstimos. Eu posso arranjar-lhos. Jack — estendeu-lhe a mão. — Jack Leonard.

O rosto dela não revelou qualquer indício de reconhecimento, e ele sentiu a nuca começar a retesar-se-lhe de irritação.

— Mimi Harrison — respondeu ela, apertando-lhe a mão. Ele reparou que ela tinha um aperto de mão forte e confiante para uma mulher. Reparou também que as mãos dela não ostentavam qualquer joia e estavam levemente calejadas.

Ela baixou os olhos para a mão, que ainda descansava na dele, e acrescentou:

— Ando a cavalo.

— E é atriz.

— Quando não estou a andar a cavalo.

— Ou a ler — ele pegou, distraidamente, no livro que estava pousado na espreguiçadeira livre ao lado dela e virou-o para ver a capa.

— *A Abadia de Northanger* — leu em voz alta, e depois deitou-lhe um olhar inquisidor.

De certa forma, era um teste — pelo menos em L.A. Era tão raro que eles, os homens dos estúdios, conhecessem livros — eram homens de números. Os atores — esses,

gostavam de andar ao ar livre, sempre em movimento, sempre demasiado entediados para se terem concentrado na escola. Ela já perdera a conta ao número de passeios em aviões de dois lugares, mota e barco à vela em que fora levada ao longo dos anos; aos campos de golfe, às caminhadas em desfiladeiros, às cabanas de pesca só com um quarto.

— Jane Austen — disse ela, com um encolher de ombros indiferente. — Não a conhece?

Ele voltou a pousar o livro e sentou-se na ponta da espreguiçadeira, de frente para ela.

— Para um papel?

— Quem me dera. Não, só para descontrair.

— A descontração é sobrevalorizada.

Ele era o homem mais confiante que ela já conhecera. Tinha consciência de que ele devia saber quem ela era, embora, genuinamente, não fizesse ideia de quem ele fosse.

— Então, a que dá valor? — perguntou ela, estendendo a mão para um copo de chá gelado que tirou do tabuleiro que um dos membros do pessoal da casa lhe estendia.

— A vencer.

— A qualquer custo?

— Nada custa mais, ou tem mais valor, do que vencer. Veja a guerra.

Ela suspirou, e a súbita expressão de tédio que se lhe espelhou no rosto fez a irritação começar a descer pela coluna vertebral de Jack, voltando-lhe depois às têmporas.

— Porque é que vocês, homens, têm de falar da guerra a propósito de tudo?

— Porque não? Estamos todos nisto juntos.

— Oh, desculpe, vai alistar-se em breve?

Agora, era uma enxaqueca plenamente desenvolvida. Jack voltou a pôr-se de pé.

— Olhe, eu não vou a lado nenhum. Não é o meu estilo. E também não me parece que seja o seu. Acho... bem, seja como for, foi um prazer conhecê-la — fez uma pausa, e um brilho de desejo surgiu nos seus olhos cor de avelã. — Sempre quis conhecê-la.

Foi o primeiro sinal de algo próximo da vulnerabilidade que ela lhe viu. Percebeu que ele estava habituadíssimo a conseguir tudo o que queria. Percebeu que ele a queria. A distância entre a sua exibição confiante e o seu interesse por ela era algo que só ela podia colmatar. Como diria Elizabeth Bennet, era muito gratificante.

Olhou para ele, com a sua camisa branca impecavelmente engomada e calças caqui bege, que eram exatamente do mesmo tom do seu cabelo cortado curto e castanho-alarado, e viu o brilho do relógio de pulso *Cartier* em volta do seu pulso esquerdo bronzeado, e a sombra levemente mais pálida na base do seu dedo anelar. Haveria muito mais a descobrir acerca dele, disso tinha a certeza.

CAPÍTULO 4

Chawton, Hampshire
Agosto de 1945

O Dr. Gray acabara as suas rondas do dia e decidiu dar um passeio para aclarar as ideias. Dirigiu-se à rua principal de Winchester, para além do chalé de Austen, e depois caminhou vigorosamente ao longo da Gosport Road até chegar ao longo caminho de gravilha que levava à propriedade dos Knight e à adjacente igreja paroquial de St. Nicholas.

Um pouco mais à frente, viu a carroça de feno de Berwick, agora esvaziada dos seus fardos de palha e com o trabalho do dia terminado, estacionada junto ao portão para gado. Mas, nessa tarde, não queria estender as pernas com uma caminhada longa através dos campos estivais até Upper e Lower Farringdon.

Em vez disso, subiu o caminho até à igreja. Passava pouco das 15, e sabia que o Reverendo Powell estaria fora, nas suas rondas diárias, visitando vários aldeões doentes, antes ou depois de ele próprio o fazer. Os empregos dos dois eram, provavelmente, muito mais parecidos do que qualquer um deles gostaria de admitir. Mas, enquanto se pedia ao reverendo que alterasse a realidade através da religião, ao Dr. Gray pedia-se que receitasse esperança perante a realidade. Dois lados da mesma moeda do destino. O lado em que a moeda fosse cair — o canto das escadas, a radiografia, que ergueria a sua terrível cabeça

— era a escuridão que lhe cabia, de alguma forma, gerir e dispersar, ainda que, tantas vezes, ele próprio quisesse render-se a ela.

Sempre adorara a pequena igreja de pedra de St. Nicholas, afastada da estrada na sua pequena encosta murada. Para ele, a igreja era do tamanho ideal: suficientemente pequena para transmitir sempre uma sensação de intimidade, mas suficientemente grande para parecer sempre cheia. Embora ele nunca tivesse bem a certeza de quantos visitantes se apercebiam disso, aquele era o lugar onde a ligação à família Austen era mais pronunciada. A igreja situava-se na propriedade de Chawton Park, que Edward, o irmão mais velho de Jane, herdara do casal abastado e sem filhos que o adotara, para evitar morrerem sem um herdeiro. A propriedade incluía também o pequeno chalé do caseiro, localizada no cruzamento entre as estradas Gosport e Winchester, e onde Jane Austen encontrara, finalmente, uma casa para escrever depois de anos de dependência de vários outros parentes do sexo masculino. Ali, naquela igreja, quase um século e meio depois, os Knight ainda imperavam. O brasão heráldico da família Knight marcava os vitrais, o altar estava colocado sobre a cripta da família e os bancos eram feitos de carvalho retirado da propriedade Knight.

Quando o Dr. Gray entrou, tirou o chapéu e, depois de se benzer, levantou os olhos e viu Adeline Grover sozinha no banco da frente, com os cabelos castanhos, longos e lisos, a aflorarem-lhe as faces cheias e rosadas enquanto ela mantinha a cabeça baixa, em oração. Vestia um vestido simples, de padrão floral, que fora alargado na cintura, com uma gola branca muito feminina e punhos nas mangas curtas.

O seu marido, Samuel Grover, acabara por falecer em

março último, num ataque à bomba ao largo da costa da Croácia e, sem o saber, deixara-a grávida de apenas um mês. O bebé era agora tudo o que ela tinha, e o corpo do marido jazia sob uma simples cruz branca e lisa na ilha rochosa de Vis. O Dr. Gray ficara surpreso pela compostura revelada pela jovem mulher durante aquela provação. Devido à sua agressividade, ele suporia que Adeline se tornasse bastante amarga e fechada se a vida lhe fosse desfavorável. Mas, em vez disso, ela irradiava uma positividade estranha, quase uma determinação desesperada em acreditar que, de alguma forma, tudo correria bem. Ele teria atribuído essa reação à sua juventude, mas aprendera, com doentes como Adam Berwick, que, quando a tragédia bate à porta, a juventude pode torná-la ainda mais difícil de suportar.

Do outro lado da coxia, vira-a na igreja todos os domingos nos últimos seis meses, com as mãos sobre a barriga crescente, ouvindo serenamente as palavras do Reverendo Powell. Talvez estar à espera de uma criança tivesse esse efeito — ele próprio nunca o saberia. Mas perguntou-se se a gravidez estaria a impedi-la de experienciar plenamente a sua dor. Ele era a última pessoa no mundo que poderia julgar alguém por isso; por vezes, interrogava-se para que servia, realmente, a dor.

Adeline levantou os olhos ao ouvir os seus passos pesados no velho chão de pedra, mas não se voltou. Ele olhou-a em silêncio enquanto ela se benzia, e depois se levantava para percorrer a coxia central em direção a ele.

Ele lembrava-se do dia do casamento dela e de Samuel, em fevereiro último, durante a última licença do jovem oficial. Adeline estava radiosa — mas a verdade era que ela estava sempre de olhos brilhantes e entusiasmada com tudo. Contudo, por muito maravilhosa e bem-disposta que

Adeline fosse, acabara por ser uma professora demasiado interessante e progressiva para aquela aldeia inativa do Hampshire. Despedira-se a meio do segundo período, logo a seguir ao casamento, e dedicara-se a preparar a casa para Samuel, quando ele voltasse da guerra de vez. Mesmo agora, no calor do final de verão, a entrar no último trimestre da gravidez, o Dr. Gray passava, de vez em quando, pela pequena casa dos Grover e encontrava Adeline ajoelhada na terra do jardim, colhendo curgetes, feijões-manteiga e beterrabas para deles fazer *pickles*, conservando-os assim para o inverno que se aproximava.

Ele sorriu ao vê-la aproximar-se, esperando que ela não passasse por ele sem parar para conversar.

— Adeline, como se sente?

— Melhor do que na semana passada. O que é invulgar, segundo percebo, porque todas as velhotas me dizem que só vou piorar.

— O melhor é não lhes dar ouvidos — aconselhou o Dr. Gray, com uma gargalhada. — Elas têm o seu discurso, e não vão mudá-lo. Pelo menos, pode contar-se com elas para isso.

Ela fez menção de continuar o seu caminho, e ele começou a acompanhá-la.

— Estou a estorvá-lo? — perguntou ela.

— De maneira nenhuma; estava preocupado por poder estar a estorvá-la a si.

Ela abanou a cabeça rapidamente.

— Não, já tinha acabado. Disse tudo o que tinha a dizer. E mais ainda.

— Estou certo de que Ele a ouviu. A menina é difícil de ignorar.

— Dr. Gray! — exclamou ela, fingindo-se ofendida.

Ele era uma das poucas pessoas em Chawton que não

recuava ao encontrar-se com ela, como se, de repente, se retraíssem ao lembrarem-se da sua perda — o que, claro, só a fazia sentir-se pior ainda, o oposto do que seria, certamente, a intenção dos outros aldeões. Ela também adorava o sentido de humor seco do Dr. Gray, e a forma como ele agia com o seu ar de censura, embora ela suspeitasse de que, no seu íntimo, ele fosse uma pessoa muito mais suave. Nas últimas vezes em que Samuel estivera de licença, iam muitas vezes a Alton ver um filme — sempre escolhido por ela — e, muitas vezes, ela ficava surpreendida por vislumbrar o Dr. Gray a ver um filme «piegas» de Mimi Harrison, sozinho na última fila, meio escondido pelos rolos de fumo de cigarro e rodeado de casais, naquilo que eram filmes altamente românticos, calculados para fazer a audiência chorar.

Talvez as idas ao cinema fossem, para ele, uma espécie de estranha catarse. Não havia dúvida de que ela ficava maravilhada pela forma como ele aguentava tudo aquilo, os diagnósticos terríveis e aleatórios que transportava consigo, sabendo que partilhá-los só iria piorar ainda mais a dor de alguém — sabendo que meia dúzia de palavras suas poderiam destruir uma vida. Mesmo quando, enquanto colegas, discutiam os seus métodos de ensino na escola, ela sempre considerara o Dr. Gray uma das almas mais gentis da aldeia, de sorriso rápido, reconfortante e atencioso. Desde a morte trágica da sua mulher, ela perguntava-se se ele encontrara mais alguém em quem confiar. Sabia que a enfermeira dele, Harriet Peckham, tinha interesse nele, devido a todos os mexericos que ela gostava de espalhar na cidade acerca das idas e vindas dele.

Saíram juntos para a luz do sol. Duas turistas estavam por ali, olhando na direção do caminho de gravilha e para lá da igreja, no seu recanto abrigado por árvores, para a

grande casa isabelina situada mais atrás, em terreno mais elevado.

— Voltaram — disse Adeline. — Não demorou muito. Acho que só uma guerra mundial poderia mantê-los afastados.

— Alguma vez se detém para pensar na sorte que temos, por vivermos aqui todos os dias, como Jane Austen fazia? Eu penso nisso. Às vezes, penso que essa foi uma das razões por que voltei.

Adeline virou-se para o olhar com interesse.

— Na verdade, sim, penso. Sempre pensei. Isso tornou este lugar mágico para mim, quando eu era nova. Que alguém pudesse retirar aquelas histórias *disto*: deste caminho, desta estrada, desta pequena igreja. Aqueles magníficos campos iluminados pelo sol, aquele portão para gado, tudo isto. Tão inglês. Vêm vê-lo porque existe. Pelo menos aqui, existe. Pelo menos aqui, é real.

Ele acenou com a cabeça em concordância.

— Devo dizer-lhe que estou a ler outra vez *Emma*. Sempre que o faço, encontro uma nova pista, algo que me escapou antes. É como se ela ainda estivesse a escrever aquelas histórias, ainda estivesse a dar-lhes vida.

Adeline adorava sempre discutir livros com o Dr. Gray. Quando fora, essencialmente, despedida da escola local da aldeia — embora tivesse apresentado a sua demissão antes que a aldeia pudesse impor-lha, usando astuciosamente o casamento como desculpa —, houvera uma preocupação crescente com os seus debates nas aulas. Alguns temas e autores continuavam a ser considerados inapropriados; por outro lado, Adeline achava que não cabia à aldeia decidir quais eram os clássicos que deviam ser ensinados. Presumivelmente, essa tarefa já fora desempenhada, por pessoas muito mais letradas e sábias do que qualquer deles. De todas as pessoas da aldeia, só com o Dr. Gray

conseguia falar com liberdade total acerca dos livros que adorava.

— Da Emma não sei, Dr. Gray. Quero dizer, eu própria sou pela alegria, como o senhor tantas vezes comenta, mas, por vezes, tenho dificuldade em distinguir onde acaba o egoísmo e começa a diversão.

— A Emma não é egoísta em si mesma. É *interessada* em si própria, de uma forma que a maioria das pessoas não se pode dar ao luxo de ser.

Adeline não estava muito certa disso. Nunca queria a quantidade de atenção que Emma absorvia de bom grado. Embora Adeline fosse, agora, objeto de uma preocupação ansiosa por parte dos aldeões, nunca conseguia suportá-la por muito tempo sem desejar desviar aquele feixe intenso de atenção para outro lado. Perguntou-se o que diria do carácter de Emma o facto de ela estar sempre tão satisfeita por ser o centro das atenções.

As duas turistas ainda estavam ao fundo do caminho, e o Dr. Gray não parecia estar com disposição para se encontrar com elas. Olhou para a Casa Grande, depois para Adeline, notando, pela primeira vez, as ténues sombras de fadiga por baixo dos olhos dela.

— Vamos parar, entrar nas cozinhas das traseiras, e arranjar-lhe um chá?

Adeline assentiu rapidamente com a cabeça.

— Sim, façamos isso.

Os Knight eram, há muito, conhecidos em toda aquela zona pela sua generosa hospitalidade. As cozinhas das traseiras estavam sempre abertas para quem o sabia, e até os turistas ocasionais que tivessem a ousadia de subir até à porta da frente e bater nunca eram mandados embora. Entrava-se para a cozinha das traseiras por um belo pátio aberto, rodeado por quatro muros altos de tijolo vermelho,

hera verde e vitrais com mais brasões heráldicos dos Knight. Aí, podiam sentar-se com o seu chá e um pãozinho doce ainda quente do forno e, por mais algum tempo, captar a paz e a tranquilidade das imediações da igreja.

Josephine, a cozinheira, era uma mulher idosa, artrítica e curvada que estava com aquela família desde que alguém se conseguia lembrar. Sempre ansiosa por ter visitas, mandou o Dr. Gray e Adeline entrar na cozinha assim que as suas botas tocaram na soleira da porta. Em breve estavam novamente lá fora, num banco do pátio, bem servidos, equilibrando pratos de pãozinhos quentes sobre os joelhos e rodeando com as mãos canecas quentes de chá preto com leite.

— Então, que pequenos segredos está a descobrir na *Emma*, desta vez? — perguntou Adeline, curiosa por ouvir a resposta dele e perguntando-se se, por uma vez, poderia estar um passo à frente dele.

— Ah, sim, foi um pequeno conjunto de palavras que encontrei no meio de uma reflexão do Sr. Knightley sobre a falta de disciplina da Emma. Lembra-se, no *Orgulho e Preconceito*, quando o Darcy está extasiado a ouvir a Elizabeth tocar piano, e ela troça da falta de à-vontade dele com desconhecidos, dizendo que ele devia praticar mais... ao dizer que ela própria devia praticar mais o piano para melhorar?

Adeline adorava essa cena.

— Sim, claro! E ele responde galantemente (porque está a cortejá-la, mas ela não faz ideia de que ele está a cortejá-la, aliás nem ele) que ela tem empregado o seu tempo muito melhor do que a praticar, porque «ninguém a quem fosse concedido o privilégio de a ouvir poderia atribuir-lhe qualquer falha». Quando era mais nova, eu costumava ficar confusa com essa frase: estaria ele a dizer que ela era tão

boa quanto a sua pouca prática poderia permitir? «Falha», no sentido de alguma coisa que falta, como numa equação, ou num *puzzle*? Mas acabei por perceber que ele quer dizer que ela é inteligente por não praticar muito porque qualquer pessoa que a ouvisse ficaria maravilhada, e por isso ela está a gerir bem o seu tempo. Nessa altura, o Darcy já está completamente apaixonado.

— Bem, eu sei que *Orgulho e Preconceito* é o seu preferido — o Dr. Gray sorriu indulgentemente —, mas voltemos à Emma. Então, ontem à noite, li esta cena, em que o Sr. Knightley está a pensar o oposto de Darcy: está a pensar que a Emma nunca atinge o seu potencial, nem pensa sequer alguma vez na melhor forma de passar o seu tempo. E ele menciona uma lista que, uma vez, ela fez de bons livros para ler, lembra-se?

— Sim, e ela nunca acaba nenhum! Tem o poder de concentração de um rapaz de oito anos, e eu sei do que falo, porque costumava ensiná-los. Está sempre distraída por algo novo. Esse é um dos motivos pelos quais discordo de si acerca do seu estatuto de heroína: ela só quer divertir-se, nunca melhorar.

O Dr. Gray abanou a cabeça.

— Mas ela chega lá na mesma. Afinal, só tem vinte e um anos quando o livro começa.

— Não é uma idade assim tão precoce. Eu tenho pouco mais e veja só pelo que já passei.

— É verdade, Adeline — respondeu ele, pensativo, e depois fez uma pausa tão longa que ela acabou por incitá-lo.

— Seja como for, a pista é... o pequeno segredo...?

— Bem, no meio da sua reflexão, o Sr. Knightley menciona a lista de livros manuscrita de Emma, e depois, quase como uma derivação desse pensamento, acrescenta,

muito sucintamente, que, um dia, guardou uma cópia da lista dela durante algum tempo. E isso despertou-me a atenção. Porque isto acontece muito antes de até o leitor mais astuto poder perceber que Knightley está apaixonado por Emma. Talvez Austen pensasse que os seus leitores eram ainda menos inteligentes do que receio. Pelo menos, eu nunca tinha reparado nisso, em todas as vezes que...

— Oh, tenho a certeza de que pensava! — Adeline estava a rir com deleite, felicíssima por desaparecer naquela conversa acerca de pessoas irreais com defeitos bem reais. — Eu também nunca tinha reparado nessa passagem. Meu Deus, não... espere... é como a Harriet e a sua pequena coleção de «tesouros mais preciosos» do Sr. Elton... a ligadura que ele lhe deu, o lápis que ela roubou, todas essas coisas que, no fim, acabam queimadas! O Sr. Knightley agiu como a Harriet, guardando algo tão trivial para as outras pessoas e, subconscientemente, importante para ele; e, no entanto, Jane Austen esforça-se tanto no livro por colocar o Sr. Knightley acima de todas as outras pessoas e a Harriet tão abaixo delas, pelo menos intelectualmente.

O Dr. Gray pousou a caneca sobre o seu prato, agora vazio.

— Aí está. Vê? Eu ainda nem sequer tinha estabelecido essa relação. Imagine, dar ao Sr. Knightley uma característica em comum com a Harriet.

— Somos todos idiotas apaixonados, como eles dizem.

— A minha Jennie teria adorado isto.

— O meu pobre Samuel não teria paciência — respondeu Adeline, com um sorriso melancólico. — Ele nunca entendeu o meu amor pelos livros. Havia algo na voz dela que o deixava indiferente. Ele precisava que as personagens fossem simples, que o enredo fosse como o

motor de um comboio a alta velocidade. Tem sorte por ter podido partilhar isto com a sua mulher.

— Nós partilhávamos muitas coisas.

— Eu e o Samuel partilhámos a nossa infância. Não tivemos oportunidade de partilhar muito mais do que isso.

— Crescer com alguém tem bastante significado.

— E, contudo, é contra isso que o Knightley e a Emma lutam durante todo o livro. Que engraçado.

Ali sentados, juntos, no banco, sem mais ninguém em quem confiar, o Dr. Gray e Adeline sentiam uma estranha ligação através daqueles livros.

Durante a Grande Guerra, os soldados traumatizados tinham sido incitados a ler, em especial, Jane Austen — Kipling lidara com a perda do seu filho, que era soldado, lendo os livros dela em voz alta à família todas as noites — e Winston Churchill usara-os recentemente para ultrapassar a Segunda Guerra Mundial. Adeline e o Dr. Gray sempre tinham adorado a escrita de Jane Austen e podiam conversar durante horas acerca das suas personagens, mas, agora, os livros dela também lhes aliviavam o sofrimento.

Parte do conforto que retiravam da releitura era a satisfação de saberem que tudo ficaria encerrado — de sentirem, de cada vez, uma ansiedade inexplicável por saber se as personagens principais encontrariam o amor e a felicidade, enquanto, durante todo o tempo sabiam, num outro nível paralelo interior, que tudo acabaria em bem. De estarem, ao mesmo tempo, um passo à frente das personagens e um passo atrás de Austen, em cada leitura.

Mas parte disso era o heroísmo da própria Austen, escrevendo apesar da doença e do desespero, e enfrentando a sua própria morte precoce. Se ela conseguira fazê-lo, pensavam o Dr. Gray e Adeline,

certamente, nem que fosse como homenagem, eles também o conseguiriam.

CAPÍTULO 5

Chawton, Hampshire
Nesse mesmo instante

Frances Knight via-os aos dois sentados no banco lá em baixo, no pátio, tomando chá ao ar livre e apanhando o ar do final do verão. Tinha um pequeno banco de janela na galeria do segundo andar onde podia sentar-se por baixo dos painéis de vitrais isabelinos, estando cada janela decorada com um brasão diferente relativo a cada dono sucessivo da propriedade, assim como com as suas datas de aquisição da posse. Usara mais aquela janela para se sentar enquanto rapariga a crescer na Casa Grande, e agora fazia-o de novo, quando sair lhe parecia cada vez mais difícil.

Reconheceu Adeline Grover da igreja e, em tempos, tivera relações algo amigáveis com Beatrix Lewis, a mãe da jovem. Por outro lado, o Dr. Gray era a pessoa mais visível de toda a comunidade — ajudara a nascer dúzias de bebés na aldeia e cuidara de ainda mais moribundos, tendo, além disso, tratado de uma multiplicidade de ferimentos e doenças. Nos últimos meses, prestara cuidados ao seu pai, embora ela soubesse que o Dr. Gray não era esperado na Casa Grande nesse dia.

Perguntou-se de que falariam eles e rodou a manivela de chumbo da janela próxima de si, abrindo-a num esforço para ouvir.

Não era nada do que esperara.

— Outro pequeno momento secreto que acabei de descobrir... a cena em que o Sr. Knightley faz uma visita, e o velho Sr. Woodhouse hesita em deixá-lo para ir fazer o passeio que tinha planeado, e tanto o Sr. Knightley como Emma se apressam a encorajá-lo a ir passear sozinho... ora, deixe-me ver se a encontro...

Frances observou-os lá de cima enquanto o Dr. Gray tirava um pequeno volume do bolso do casaco, e Adeline soltava um ligeiro arquejo de troça.

— Agora anda com a Emma por aí, Dr. Gray, mesmo junto ao coração?

Ele sorriu e folheou o livro até encontrar a passagem que procurava:

— «O Sr. Knightley veio fazer uma visita e sentou-se por algum tempo com o Sr. Woodhouse e Emma, até que o Sr. Woodhouse, que já tinha decidido ir passear, foi persuadido pela filha a não adiar o passeio, e induzido pelos rogos dos dois, embora contra os escrúpulos despertados pela sua boa educação, a deixar a companhia do Sr. Knightley para esse efeito.»

Adeline franziu o nariz.

— Acho que pode estar a dar demasiada importância a esse trecho.

— Hum, bem, sim e não, talvez. Não há dúvida de que esta parte da cena (que se prolonga por várias linhas, com o Sr. Woodhouse sempre a levantar objeções, e o Sr. Knightley a não ceder nem um milímetro) reduz comicamente os dois homens às suas naturezas teimosas, um deles muito preocupado em seu próprio prejuízo e o outro demasiado abrupto e decidido em seu detrimento. Mas, se pensarmos nisso, este seria o *máximo* que Austen estaria disposta a revelar neste momento acerca das correntes escondidas de atração entre a Emma e o

Knightley, que estão demasiado ofuscadas pela história e pela situação para serem notadas. Isto ajuda-nos a, num primeiro momento, confundir a antipatia de Knightley por Frank Churchill com a atitude de um membro da família mais velho e superprotetor (como ela faz do pai dele o que quer, *alguém* no livro tem de desempenhar essa tarefa), em vez de a interpretarmos como o ciúme violento que começa a consumi-lo.

— O Sr. Knightley é outro que não faz ideia do que se passa... será que nenhum destes homens sabe que está apaixonado? Porque acha que tantas personagens dela pecam por falta de autoanálise? — perguntou Adeline. — Será essa a essência da nossa loucura, do nosso destino como seres humanos: não percebermos porque fazemos as coisas, ou quem amamos? Será por isso que tantas coisas correm mal... e, se não for, será apenas azar?

— Parece-me que, quando as personagens dela se conhecem e compreendem verdadeiramente a si próprias desde o início, têm menos sucesso junto dos leitores. Lembro-me, por exemplo, da Fanny Price.

Adeline sabia o quanto o Dr. Gray antipatizava com Fanny Price.

— Acho que, a determinado nível, o leitor não gosta dessa pureza de intenção e ação — continuou ele. — É como se dissessem: «Vá lá, confundam-se, faça, o que as outras pessoas fariam. Apaixonem-se pelos Henry Crawfords.» Nós gostamos de Jane Austen porque as suas personagens, por muito cintilantes que sejam, não são melhores nem piores do que nós. São eminente e completamente humanas. Eu, por exemplo, acho muito consolador que ela nos compreenda tão bem.

Frances fechou lentamente a janela, depois encostou-se à parte lateral do escaninho e fechou os olhos. Há muito

tempo que não conversava com uma amiga sobre algo com significado. Quanto mais permanecia em casa, menos pessoas a vinham visitar. Ela compreendia a lógica disso — se bem que a amizade não deveria ser lógica.

Agora, ela, o pai — o patriarca doente na sua suíte do segundo andar — e Josephine eram os únicos a residir na Casa Grande, juntamente com as duas jovens criadas da casa, Charlotte Dewar e Evie Stone, que tratavam da roupa e das limpezas. Como empregado diurno, havia Tom, o rapaz dos estábulos, que também tomava conta do jardim murado, tratando das suas adoradas rosas, maçãs e abóboras, e Adam Berwick, esse homem triste e silencioso, que lhe lavrava os campos.

Mas ela era a última na linhagem da família Knight, agora que o pai estava a morrer. Precisamente aquilo contra o que os seus antepassados tanto tinham lutado, ao adotarem Edward Knight, acontecera, afinal, e na sua geração. Sentia tanta dor por causa disso, uma dor muito desproporcionada em relação à simples e triste circunstância de nunca ter tido a sorte de casar e ter um filho. O facto de se sentir obrigada, pelo peso da história familiar, a lamentar mais do que isso — os tijolos isabelinos que se desmoronavam à sua volta, a quebra numa cadeia que incluía a maior escritora do mundo — era algo em que uma boa amiga teria tentado persuadi-la a não pensar.

Também se censurava por ter falhado na própria amizade. Em tempos, fora um dos membros mais proeminentes da comunidade, partilhando o privilégio da sua bela propriedade, abrindo-a para festas de outono, feiras de primavera e descidas de tobogã no inverno, na encosta das traseiras. E sempre tivera uma compaixão e preocupação naturais para com as outras pessoas. A energia que retirava de aprender com os outros, ouvir as

suas histórias e pensar em formas de os ajudar era uma verdadeira dádiva. Tinha muita pena de, por qualquer razão incompreensível, já não ter energia precisamente para as coisas que sempre a haviam sustido. Se havia uma receita para o declínio, seria seguramente essa.

Não queria ter pena de si própria — e tinha plena consciência das grandes perdas a que muitas outras pessoas da aldeia tinham sobrevivido. Por exemplo, a família Berwick, que perdera o pai e dois filhos em tão pouco tempo — os dois rapazes haviam até perecido na mesma batalha. E o pobre Dr. Gray, cuja bela esposa não podia ter filhos, e um dia dera um pequeno passo em falso e morrera — e agora o Dr. Gray tinha de passar os seus dias a ouvir as histórias de infortúnio das outras pessoas, com o mesmo interesse e cuidado com que sempre o fizera. Não se imaginava, de maneira nenhuma, a fazer isso.

Sabia também que, se a vida era, na verdade, um processo de perda, ela simplesmente obtivera, logo no início, muito mais a perder: um património de família precioso e os tremendos confortos proporcionados pela riqueza. Talvez a culpa de ter perdido tudo isso não fosse totalmente sua, mas, infelizmente, não restava mais ninguém para culpar, e ela sentia tanto o peso e a gravidade disso como qualquer outra pessoa sentiria.

Pequenas gotas de chuva começavam a bater contra os vidros da janela, e ela tocou a campainha perto de si, no luxuoso assento de veludo vermelho. Passados poucos minutos, Josephine apareceu no cimo das escadas que levavam à galeria do segundo andar.

— Josephine, obrigada; não gosto de ter de usar tanto esta campainha.

Josephine assentiu com a cabeça.

— Eu sei, minha senhora. Nunca foi pessoa de desdenhar

uma ida às cozinhas.

— O solicitador já chegou, para o Pai?

— Sim, senhora, pontualmente à hora combinada. É bastante expedito, o Sr. Forrester.

— Julgo que devem estar a discutir a propriedade, para a visita ser tão longa — Frances franziu os olhos e espreitou novamente pela janela, vendo o Dr. Gray começar a proteger Adeline das gotas esparsas com o casaco que tirara. — Josephine, acho que o Tom e o Adam devem estar a acabar o trabalho no celeiro: há pouco, estavam a tratar de uma ovelha que teve um cordeiro. Porque não sugeres que o Tom dê boleia à Adeline para casa no carro, para ela não apanhar chuva, no estado em que está?

Josephine voltou a descer a velha escada de carvalho e saiu para o pátio com um guarda-chuva e o convite inesperado da Sr.^a Knight.

Adeline e o Dr. Gray olharam um para o outro rapidamente quando Josephine fez o convite em nome da sua empregadora, e depois o Dr. Gray começou a pôr-se de pé, enquanto Adeline ainda segurava num dos lados do seu casaco com a mão direita, como proteção contra a chuva. Com a mão esquerda, puxou-lhe a manga, num gesto tão íntimo e suplicante que ele se deteve para a olhar novamente.

— Eu estou bem, a sério... a chuva não me afeta. Mas adoraria ver o novo cordeiro no celeiro, se fosse possível. Podemos esperar aqui que a chuva abrande.

O Dr. Gray hesitou um pouco, e depois fez um aceno de cabeça a Josephine.

— Por favor, agradeça à Sr.^a Knight a sua amabilidade, como sempre. Mas faremos como a jovem sugere.

Agora, Adeline pusera-se também de pé, um pouco mais lentamente, dado o seu estado. Josephine passou-lhe o

guarda-chuva, murmurando:

— Esse casaco não serve de muito.

Adeline murmurou um agradecimento e devolveu o casaco ao Dr. Gray, tudo sob o olhar protetor da velha mulher.

— O que foi aquilo? — perguntou Adeline ao Dr. Gray enquanto se apressavam juntos debaixo do guarda-chuva, ao longo do caminho de tijolos vermelhos que levava do pátio ao bloco medieval de estábulos. — Tê-la-emos ofendido?

— Não me parece que a Josephine Barrow seja sensível a ofensas.

— Talvez seja de toda aquela tagarelice numa casa tão grande e vazia, duas velhas mulheres sozinhas com aquele homem irritável e rancoroso. Quando eu era pequena, até me sentia um pouco intimidada pela Menina Knight... embora não de uma forma negativa. É que, quando eu estava a crescer, ela parecia sempre tão calma e elegante, tão imperturbável. Agora, quase nunca é vista.

— Há muito que admiro a Frances. Desejei que ela não acabasse assim, sozinha. Talvez isso desgaste uma pessoa.

— Porque acha que ela nunca casou?

— Os pais dela eram muito exigentes, sabe, e por isso as opções dela eram, já de si, bastante limitadas. O que é bastante irónico, já que os seus antepassados mais remotos eram pequenos proprietários, nem sequer grandes agricultores. E Deus sabe que já é difícil encontrar a pessoa certa sem restrições ou limites de qualquer tipo.

— Ela alguma vez esteve perto de o fazer? E o senhor... são da mesma idade, não são? Cresceram juntos?

— Na verdade, temos exatamente a mesma idade: nascemos mesmo antes da viragem do século, em 1898. Toda a vida fomos colegas de escola.

— Tempo suficiente para um romance florescer — sugeriu Adeline.

— Mas, mesmo assim, eu não era suficientemente bom para os Knight — respondeu ele, descontraidamente. — Um mero médico de província, e tudo isso.

— Que disparate — censurou Adeline, com um sorriso provocador. — Aposto que, em solteiro, era um excelente partido.

O Dr. Gray nunca gostava que as pessoas o pressionassem acerca da sua vida amorosa anterior à sua falecida esposa, e mudou rapidamente de assunto.

— Bem, seja como for, mesmo nessa altura a Frances Knight era muito reservada. Sei que vários colegas da nossa turma andavam atrás dela, mas nunca conseguiram nada. Penso que ela acabou por desistir de encontrar a pessoa certa, estando limitada a esta pequena aldeia.

— Não lhe parece estranho que eu tenha encontrado a minha pessoa certa precisamente nesta cidade, onde cresci? Mas aposto que acontece mais vezes do que se pensa.

O Dr. Gray assentiu com a cabeça um pouco distraidamente, concentrando-se em baixar o guarda-chuva para o sacudir.

Estavam, agora, em frente da porta aberta do estábulo, e espreitaram lá para dentro. Na baia central, sob uma única lanterna oscilante, Tom Edgewaite e Adam Berwick estavam a tratar da mãe ovelha e do seu cordeiro recém-nascido. Os dois homens deram um salto, largando o que estavam a fazer, quando o Dr. Gray e a Sr.^a Grover entraram inesperadamente.

Adam tirou o boné, embora fosse apenas dois anos mais novo do que o Dr. Gray, mas mal olhou para Adeline para dizer olá. Conhecera a família Lewis toda a vida e, no

entanto, nunca falara realmente com a sua única filha. Adam via-a como uma das pessoas jovens e alegres da aldeia, muito enérgica e simpática com toda a gente, mas os modos diretos dela traziam sempre ao de cima a sua timidez. Mesmo no ambiente descontraído do celeiro, só conseguiu dirigir-lhe um rápido aceno de cabeça.

Tom era muito mais extrovertido e um pouco maroto, e não pôde deixar de comentar como a Sr.^a Grover estava com bom aspeto, dado o seu estado.

O Dr. Gray deitou-lhe um olhar seco.

— Deixemos as avaliações médicas para mim, Tom, está bem?

Adeline demorou-se sentada no feno, junto da mãe ovelha e do cordeiro bebé que mamava a seu lado. De súbito, os olhos encheram-se-lhe de lágrimas. Há momentos, ela e o Dr. Gray riam juntos, à chuva, e agora ali estava uma vida, uma nova vida, sem um pai presente, enquanto o seu próprio marido morrera, o seu próprio bebé estava prestes a chegar, e a realidade esmagadora de tudo aquilo abateu-se sobre ela de um só golpe. Estendeu a mão para acariciar o cordeiro, com a intenção de se distrair, mas Adam avançou rapidamente.

— Peço desculpa, menina, mas estas ovelhas são muito protetoras. Não querem que ninguém toque ainda no bebé. Nisso, não são como as pessoas.

Com um esforço visível, Adeline começou a levantar-se novamente.

— Talvez não sejam assim tão diferentes das pessoas — sugeriu, e depois sorriu amavelmente quando o Dr. Gray avançou mais depressa do que os outros dois homens para a ajudar a pôr-se de pé. — Obrigada por nos deixar vê-lo. A sua mãe está bem, Sr. Berwick?

Ele assentiu com a cabeça.

— E como está a jovem Evie Stone? Também está bem?

Ele assentiu novamente com a cabeça.

— Ela era a minha melhor aluna, sabe, antes de ter de abandonar a escola e de vir trabalhar para esta Casa. Espero que estejam a tomar bem conta dela.

— O Tom está a encarregar-se disso, minha senhora, como sempre.

Adeline olhou para Adam com curiosidade. Talvez aquele agricultor calado fosse mais interessante do que ela alguma vez pensara.

— Bem — sorriu para os três homens —, a chuva parece ter abrandado. É melhor irmos andando.

Os outros dois homens viram o Dr. Gray conduzir Adeline para fora do estábulo e atravessar com ela os campos que levavam à estrada principal.

— Ele sabe bem fazer as coisas, não é? — observou Tom.

Adam franziu o sobrolho ao ver as duas figuras sob o guarda-chuva regressarem à cidade.

— É um bom homem, o Dr. Gray.

— Não estou a dizer que não seja — riu-se Tom. — Mas mete-nos aos dois, que somos solteiros, num chinelo.

Adam troçou:

— Só dizes disparates, Tom Edgewaite.

— Só estou a comentar — insistiu Tom, virando-se de novo para o cordeiro que mamava. — Sei o que vejo... vejo-o durante todo o dia.

Adam saiu do estábulo sem uma palavra e foi também para casa. Estava quase na hora do seu jantar, e depois disso leria um pouco. Não queria ficar ali sujeito aos mexericos e às insinuações constantes de Tom — em vez disso, preferia ler Jane Austen.

Adam não tinha acabado por adorar Emma Woodhouse

como, um dia, a jovem mulher americana lhe prometera.

Em vez disso, adorava Elizabeth Bennet — adorava-a de uma forma que não pensara possível relativamente a uma personagem de ficção. Adorava a forma como ela dizia sempre o que pensava, mas com muita humanidade e humor. Desejava ser como ela — desejava ter sempre a observação perfeita e mordaz na ponta da língua, a capacidade de atrair as pessoas e a força necessária para ser assertivo com a mãe. Via Elizabeth como o dispositivo de segurança de toda a família Bennet, aquela cuja ousadia e inteligência emocional salvava a família do precipício. Mas ela nunca se gabava de ser uma salvadora — apenas amava tão completamente, e com tanta sensatez, que salvar os outros era o resultado inevitável.

Adam sentia que mal se conseguia salvar a si mesmo, quanto mais aos outros. Porém, nos seus dias mais solitários, sentia, por vezes, que estava a ser salvo por Jane Austen. Mal podia imaginar o que os aldeões diriam dele se suspeitassem disso. Ainda assim, desejava muitas vezes que houvesse alguém com quem pudesse discutir Jane Austen e os seus livros. A única pessoa que conhecera até então vivia do outro lado do mundo.

Claro que tinha reconhecido a jovem de azul na primeira vez em que vira o seu rosto no cinema. Desde então, tornara-se um admirador devoto de Mimi Harrison e vira todos os seus filmes, incluindo *Home & Glory* três vezes. Pensava nela em Hollywood, lendo e relendo os livros. Admirava-o ter alguma coisa em comum com uma estrela de cinema. Sabia que isso dizia mais de Jane Austen do que dele, mas, mesmo assim, também o fazia sentir um pouco menos peculiar, um pouco menos defeituoso.

Na sua caminhada dos estábulos para casa, Adam parou para descansar no cruzamento onde a Winchester Road se

dividia em duas. Se virasse acentuadamente à esquerda em vez de seguir em frente, chegaria à velha quinta onde nascera, que agora era a casa da numerosa família Stone. Se fosse ainda para além disso, acabaria na cidade de Winchester, a uns bons 25 quilómetros de distância.

Adam nunca fora tão longe, mas sabia que, nos seus últimos dias, Jane Austen se mudara para quartos arrendados aí localizados, na esperança vã de encontrar uma cura para a doença misteriosa que, em breve, a levaria, aos quarenta e um anos de idade. Um mês depois, Cassandra veria das janelas do andar de cima o caixão de Jane ser transportado de carruagem para a famosa Catedral de Winchester. As palavras registadas da sua amada irmã — «desapareceu da minha vista... tinha-a perdido para sempre» — nunca deixavam de levar as lágrimas aos olhos de Adam. Os seus próprios dois irmãos estavam sepultados a milhares de quilómetros, para além do mar Egeu, e nada restava deles senão túmulos anónimos que, certamente, ele nunca veria.

A perda pouco natural de vidas jovens não só nos atinge com mais violência, como também parece insistir em invadir os nossos dias, como se a recordação da pessoa perdida cedo demais tivesse uma fonte oculta e persistente de energia. Cassandra passara as suas últimas décadas em Chawton, ouvindo esta força e protegendo o legado da irmã, enquanto Adam temia ter desonrado o legado dos irmãos ao não fazer mais da sua vida. Todavia, apesar do seu humor deprimido, estava sempre em busca de algo, de alguma forma de trazer significado à sua vida. Apenas não sabia como começar.

Dirigindo-se agora para casa, tendo a chuva parado e estando o sol novamente descoberto, Adam abriu o portão baixo de madeira junto ao velho chalé dos caseiros e

aproximou-se do banco no canto mais afastado do jardim. Sentava-se muitas vezes ali a descansar ao fim do dia, preparando-se para as perguntas infundáveis da mãe, que começariam assim que ele entrasse em casa. Ela mantinha-se bem informada acerca do estado do moribundo Sr. Knight, e da deterioração social da Menina Frances Knight, uma das melhores almas entre eles e um alvo fácil para alguém tão agressivo como a sua mãe.

Sentado no banco, Adam podia apenas imaginar Jane Austen passeando nos jardins, ou descansando naquele mesmo lugar, pois havia poucos sinais físicos da famosa anterior residente da casa. Em vez disso, observou a nova ninhada de gatinhos malhados que dormiam no jardim sob o sol de fim de tarde, ouviu o som do carrinho de mão do ferro-velho que se aproximava e viu o Dr. Gray e Adeline, que só agora passavam pelo muro de tijolo exterior. Deviam ter tomado um caminho mais longo para casa, atravessando os campos.

Adam levantou-se e aproximou-se do portão. Virando-se para a esquerda, viu a pilha de lixo em frente da casa, à espera da ronda do ferro-velho. Sobressaindo do montículo, viam-se três pernas sob o assento liso e quadrado de uma cadeira antiga. Como carpinteiro autodidata, Adam reconheceu a forma em coluna das pernas da cadeira e as linhas direitas do assento como características do período da Regência. O seu pulso acelerou-se ao pensar que talvez aquela cadeira tivesse, um dia, sido usada pela família Austen, talvez até pela própria Jane.

Chegou junto da pilha de lixo ao mesmo tempo do que o ferro-velho.

— A fazer a sua inspeção habitual, Sr. Berwick?

Adam assentiu com a cabeça e puxou a cadeira, descobrindo que lhe faltava a maior parte das costas em

mogno preto. Naquele estado, a cadeira era inútil, e ele duvidava que pudesse levá-la para casa sem causar alarme pelo seu próprio estado alterado. Ao largar a cadeira, viu outra coisa, uma espécie de pequeno brinquedo de madeira, que não reconheceu imediatamente. Conhecido na aldeia pelos seus trabalhos manuais, pelos presentes de pequenos chocalhos e pequenos conjuntos em madeira para o jogo de atirar anéis em que trabalhava quando não estava a tratar dos campos ou a ler, Adam perguntou-se que idade poderia ter aquele objeto esquecido. Talvez tivesse algum significado, uma ligação de qualquer espécie à família Austen — talvez não significasse nada. Mas mais ninguém na aldeia parecia interessar-se em saber mais acerca disso.

— Pode ficar com isso, uma coisa tão pequena não me serve para nada.

Adam proferiu um pequeno murmúrio de agradecimento e, enfiando o objeto no bolso da frente do casaco, continuou o seu caminho. Estava convencido de que os outros aldeões o viam como um homem subjugado e traumatizado, sem grande utilidade, que não criava qualquer legado próprio. Mas, em alturas como aquela, perguntava-se se seria ele o único que prestava atenção à diminuição dos dias, ao lixo deixado à beira da estrada e ao passado negligenciado e esquecido.

CAPÍTULO 6

Los Angeles, Califórnia
Agosto de 1945

No início, Jack Leonard achava aquela obsessão com Jane Austen intrigante.

As prateleiras da sala de estar de Mimi Harrison no pequeno bangaló empoleirado no desfiladeiro estavam cheias de velhos livros encadernados em couro (o intitulado *Emma* parecia particularmente usado) e de coletâneas de escritores dos quais ele nunca ouvira sequer falar: Burney, Richardson e um poeta chamado Cowper. Reconheceu o nome de Walter Scott, mas só porque o filme *Ivanhoe* rendera, recentemente, muito dinheiro a outro estúdio.

O denominador mais comum a todos aqueles escritores parecia ser a sua ligação a Austen, acerca de quem ele tivera a inteligência de fazer algumas perguntas aos seus conhecimentos depois do primeiro encontro na piscina e de ter visto um exemplar já muito gasto de *A Abadia de Northanger* nas mãos bronzeadas de Mimi. Ela acabara por referir que o pai lhe lia aqueles livros quando ela era pequena, e que fizera uma viagem a uma pequena cidade em Inglaterra para seguir as passadas de Austen (nesse momento, ele perguntara-se se ela seria, ao mesmo tempo, linda e louca), e falara-lhe do sonho de, um dia, entrar numa adaptação cinematográfica de *Sensibilidade e Bom Senso*.

Ele ouvira tudo aquilo com uma paciência desusada nele,

pensando, durante todo o tempo, se Jane Austen seria, de alguma forma, a chave para levar Mimi Harrison para a cama. Mas, entre jantares fora, refeições com *cocktails* e percursos sobre passadeiras vermelhas, Jack Leonard começava a sentir aquela enxaqueca a reaparecer, enquanto levava Mimi até à porta de casa, noite após noite. A verdade é que ela já não era assim tão jovem, como as suas mais recentes receitas de bilheteira começavam, finalmente, a demonstrar, por isso todos aqueles jogos faziam agora menos sentido para ele, e — pior ainda — seriam menos fisicamente compensadores. Além disso, ele percebia que ela também estava interessada nele.

O facto de Mimi poder estar a lutar contra uma forte atração física por ele, por respeito à sua habitual sensatez, nunca lhe passaria pela cabeça.

Uma coisa que ele aprendera em Hollywood fora que não havia melhor forma de dormir com uma atriz principal do que fazê-la chegar a essa categoria. Não prestara grande atenção à última adaptação, com Laurence Olivier e Greer Garson, de *Orgulho e Preconceito*, mas, agora que esse filme saía de exibição, virou-se para o interesse de Mimi em *Sensibilidade e Bom Senso*. Gostava da ideia de três jovens irmãs abaixo dos vinte anos (na sua cabeça, já estava a atribuir esses papéis) e tinha uma admiração genuína pela disposição de Willoughby para seduzir jovens mulheres fora do casamento. Pensou que havia ali uma história secundária a que se podia aludir para desafiar o Código. Quanto mais aprendia com Mimi acerca de Austen, mais impressionado ficava pelo quanto ela escrevia, essencialmente, acerca de maus comportamentos. Tanto quanto Jack se apercebia, não havia muitos verdadeiros heróis nos seus livros. Toda a gente cometia erros, e se apaixonava por patifes, e dava o benefício da dúvida às

pessoas erradas. Ele adorava isso.

Claro que não estava a lê-lo — mas tinha um dos argumentistas, um famoso romancista debochado que vivia no bangaló 17, no lote de trás, a trabalhar numa adaptação. Até agora, Jack gostava do que via.

Mimi, por outro lado, não estava assim tão entusiasmada.

— A cena no guião, em que o Willoughby aparece, porque ouviu dizer que a Marianne estava a morrer... nunca me convenceu. De todas as obras de Jane Austen, essa é a única cena que sempre me pareceu vazia. O Willoughby não se importa com ninguém, senão consigo mesmo. Se foi visitar a Marianne, fê-lo apenas por culpa. Mas ele também não se importa com a culpa. Por que raio haveria ele de cavalgar toda a noite para chegar ali e pedir a Elinor que visse as coisas do seu ponto de vista? Por que raio havia ele de se importar?

Estavam sentados em dois cadeirões de braços, de frente um para o outro, no espaçoso escritório de Jack, que ficava no bangaló número cinco, no perímetro do lote principal do estúdio. Do lado de fora da janela de sacada da sala havia enormes arbustos de hortênsias cor-de-rosa e uma vedação de estacas brancas que levava à fachada da Rua Principal presente em todos os musicais «*Let's put on a show*» que o estúdio estava, atualmente, a emitir. Enquanto Mimi continuava a dissertar sobre Willoughby, Jack tinha a impressão de que ela estava a projetar essa personagem nele, e aborrecia-o enormemente que ela o subestimasse daquela forma. Não se importava de ser um patife, mas era o herói da sua própria vida e, no final, ficava sempre com a rapariga.

A cena, tal como ela a descrevia, também o aborrecia, mas por motivos diferentes. Do que percebia da conversa de Mimi e do guião, Willoughby agira como um fracassado,

mas, no final, recebera tudo o que queria. Engravidara uma rapariga menor, seduzira uma das heroínas, levando-a a visitar uma casa vazia sem acompanhante, e casara com uma herdeira.

Se Jack Leonard pudesse chegar sequer a metade desse caminho com Mimi Harrison, seria um homem feliz.

— O objetivo da cena não é mostrar que a Marianne não estava enganada ao pensar que o Willoughby a amava, mas apenas em pensar que ele faria alguma coisa por esse amor? O que se pretende não é redimi-la? — Jack estava a papaguear as palavras do argumentista, que lhe explicara exatamente aquilo numa reunião recente, depois de um dos coprodutores ter expressado a mesma preocupação de Mimi.

Mimi abanou a cabeça.

— O leitor já sabe isso tudo. Acho mesmo que, aqui, Austen teve um deslize... acho que, na verdade, ela se deixou levar pelo Willoughby. E acho que também gostava de Henry Crawford — Jack olhou-a inexpressivamente. — Henry Crawford, de *O Parque de Mansfield*, lembra-te? Seja como for, acho que uma parte dela *queria* que lhes perdoássemos, ou, pelo menos, que tivéssemos pena deles. Parece-me que era nestes casos que a sua sinceridade religiosa, por vezes, interferia; Deus é testemunha de que a Fanny Price é o exemplo típico *disso*. Mas, se o Willoughby estiver genuinamente em busca de expiação para os seus pecados...

— Em busca de quê?

Mimi devolveu-lhe o olhar, igualmente inexpressivo. Ele dissera-lhe que frequentara uma faculdade de gestão da Ivy League, mas este era um daqueles momentos em que ela se perguntava se isso seria verdade.

— *Expição*. Em busca de reparação; de perdão.

Jack bebeu o uísque que tinha nas mãos.

— Sim, sim, eu sei. Então — disse, num tom descontraído —, tenho estado a pensar. Angela Cummings. Para a Marianne. O Monte diz-me que vocês as duas fazem uma boa equipa.

Mimi não ficou surpresa por ouvir o nome da sua última coprotagonista, que estava a conquistar Hollywood após uma breve carreira de modelo no Leste. Mas era difícil guardar rancor a Angela fosse pelo que fosse. Para começar, era uma colega muito solidária, e defendera Mimi muitas vezes contra Terry Tremont, o realizador do *western* que tinham acabado de filmar no deserto do Nevada, ao calor escaldante do verão. Mimi ficara secretamente impressionada com a forma como aquela rapariga ia atrás do que queria, e quanto maior fosse a sua ambição, melhor. Mimi era também uma das poucas pessoas em Hollywood que sabia que Angela tentava conciliar um caso tórrido com Terry e uma nova relação com o seu coprotagonista casado num filme que estrearia em breve. Em comparação com a rapariga de vinte anos e os seus amantes, a relação de Mimi com o igualmente mal-afamado Jack Leonard parecia positivamente casta.

— Bem, não há dúvida de que ela é suficientemente jovem — respondeu Mimi, por fim. — E eu gosto dela... é fácil trabalhar com ela. Não leva nada disto demasiado a sério.

Jack observava-a com um olhar de alívio surpreendido.

— Ouve. Tenho um encontro às cinco com o Harold no Beverly Hills para discutir a Eleanor e a sua «dieta de líquidos». Porque não nos encontramos para jantar depois disso e continuamos esta conversa?

— Porque há tantos encontros em hotéis a toda a hora? O Monte quer encontrar-se comigo no Chateau Marmont hoje

à noite para discutir a extenuante *tournée* promocional de *I'll Never Sing Again*.

— Tem cuidado com ele. Não consegue manter a pila dentro das calças. Abana-o por aí como se fosse o raio de uma bandeira.

— Jack, francamente, olha a linguagem.

— Oh, acredita em mim, querida, a linguagem será o menor dos teus problemas com esse tipo.

— Eu sei tomar conta de mim.

— Eu sei que sabes — respondeu Jack, embora desejasse que isso não fosse verdade. Desejava que houvesse uma racha na fachada, uma fenda na armadura, por onde ele pudesse, finalmente, entrar. Era esse o problema das raparigas bem-educadas em faculdades, como ela: pareciam estar sempre à espera de alguma coisa, a pôr um tipo à prova, a certificar-se de que, no fim, haveria alguma coisa que valesse a pena; de outra forma, não cederiam um milímetro.

Jack podia não ser bom em literatura, mas era suficientemente astuto para saber que o que tinha para oferecer a Mimi (o dinheiro, o poder — mas, essencialmente, o dinheiro) não era algo que ela não pudesse obter sozinha. Não estava habituado a sentir-se tão redundante — essa era uma das razões por que agarrara com ambas as mãos a oportunidade de fazer um filme baseado num livro de Jane Austen. Agora, sentia-se completamente posto de parte. Mimi ainda nem sequer o deixara beijá-la, pelo menos não lhe permitira um beijo pleno, como devia ser. Os poderes de contenção dela revelavam-se inesperadamente formidáveis.

— Ouve, Mimi, vamos fazer este filme. Juntos. Seremos uma ótima equipa, sabes? Tu não toleras as minhas parvoíces, e fazes com que me mantenha honesto. E farás

parte de uma história da tua amada Jane Austen.

Foi sentar-se no braço do cadeirão dela com o seu copo de uísque na mão, e ouviu-a emitir um som muito suave, quase um suspiro. Quase, pensou, arrebitando as orelhas, o som da resignação.

Mimi estava a tornar-se resignada, mas não a ele: a si mesma. Tinha uma fraqueza por homens bonitos, fossem eles agricultores, atores ou professores da universidade. Jack Leonard era definitivamente bonito — belo como uma estrela de cinema —, e havia um constante frémito de energia decorrente do olhar apelativo dele a encontrar o seu, a cada momento. Ela não estava habituada a isso, mesmo em Hollywood. Jack tinha também uma extravagância exagerada que fazia tudo aquilo em que tocava ganhar vida. Pela primeira e única vez, ela identificou-se com Mary Crawford em *O Parque de Mansfield*, queixando-se da única qualidade de Edmund Bertram: «Ele fica-me na cabeça, mais do que seria bom para mim.»

Mimi Harrison estava também a resignar-se ao facto de que queria Jack Leonard: queria ser beijada por ele, abraçada por ele e que ele lhe dissesse coisas que sabia que uma mulher só ouviria dele na cama. Havia poder nisso, claro, mas não era só o facto de se sentir encorajada. Jack tinha uma aura de rapazinho que ela não conseguia identificar com exatidão. O grau em que um certo olhar dela podia magoá-lo — o grau em que se julgava capaz de o levar a abrir o coração — parecia estar por trás do desmoronamento da sua resistência. Talvez tudo isso fizesse parte da rotina dele com as mulheres, mas, se o fazia, ele era o melhor ator com o qual já trabalhara.

— Jack, a sério, não tens de me comprar... não tens de me comprar um filme.

Ele sorriu, com um sorriso muito lento e traquina.

— Oh, eu não te quero comprar, Mimi. Quero-te de graça. Quero que te dês a mim, inteira, até ao último centímetro, porque também não aguentas nem mais um segundo.

Mergulhou o dedo no copo de uísque e começou a passar-lho pela clavícula, logo abaixo do seu longo pescoço, e depois avançou ainda mais com a mão. Inclinando-se mais, roçou o seio direito dela com a sua manga comprida (ela notara que ele nunca usava camisas de mangas curtas, exceto no *court* de ténis, por muito calor que fizesse), e ela sentiu a pele a ficar quente e ruborizada sob o toque dele. Com a outra mão, ele ergueu-lhe o queixo na sua direção, e os seus lábios encontraram-se, e tudo, até àquele momento, fez, final e estranhamente, algum sentido. Era como se a atração física dela por ele fosse tão profunda que ultrapassara a sua mente, e agora a mente estava, finalmente, a alcançar o corpo.

Mimi já não conseguia julgar Marianne por preferir Willoughby ao mais velho e mais sisudo Coronel Brandon, tendo, por isso, acabado por quase morrer de febre; só esperava e rezava para, no final de tudo aquilo, não acabar também destroçada, soluçante e reclusa.

— Mimi, como está encantadora. Deixe-me ir buscar-lhe champanhe.

Monte Cartwright era um homem mais velho e corpulento com cinquenta e muitos anos. Sendo chefe do estúdio que fizera de Mimi uma estrela, tinha um jeito sobrenatural para avaliar o valor mediático de um jovem ator logo no primeiro teste de imagem, prendendo-o então a um contrato de longo termo tão oneroso que o ator passaria, pelo menos, a década seguinte a maldizer o dia em que o conhecera.

Ainda faltavam três anos para o contrato de dez anos de Mimi acabar, e sempre que ela via Monte riscava mentalmente mais um quadrado no calendário da sua servidão. Os projetos exteriores ao estúdio que lhe era permitido fazer, tal como a nascente adaptação de *Sensibilidade e Bom Senso* com Jack, tinham sido difíceis e morosos de conseguir, através de negociações contratuais em que fora auxiliada pelo seu irmão, que era advogado de negócios no seu Estado natal, Filadélfia. Aos trinta e cinco anos, Mimi tinha perspicácia suficiente para compreender que a sua única vantagem negocial com o estúdio vinha das suas receitas de bilheteira, por isso continuava a aceitar o máximo de projetos promissores que podia. Algumas das suas colegas atrizes também em fase de envelhecimento estavam já a criar famílias ou a fazer «intervalos» de outro tipo, que depressa se tornavam permanentes numa indústria em que a perceção e a energia eram tudo. Mas Mimi continuava a trabalhar em construir capital de carreira, antes que as finas rugas à volta dos seus olhos se aprofundassem e os primeiros cabelos brancos aparecessem.

Monte estava, agora, sentado no sofá condizente com o dela, frente a frente no seu quarto de hotel, olhando para o cabelo sobre as sobrancelhas dela, aquela famosa juba negra como asas de corvo, perguntando-se quando surgiria esse primeiro cabelo branco. Mimi estava, finalmente, a começar a parecer um pouco diferente do que no início — ele conhecia bem os sinais, pois estava constantemente alerta para eles, como que a rodear a sua presa em busca de indícios de feridas ou fadiga.

— Parece um pouco cansada, Mimi, embora esteja tão encantadora como sempre. O Terry está a esgotá-la com as filmagens do *western*? Aquelas cenas de manhã cedo no

Nevada para os seus malditos nasceres do sol... agora passa, o quê, duas horas na cadeira de maquilhagem?

Mimi remexeu-se no assento, perdendo a conta ao número de referências à sua idade que ele conseguia inserir numa única frase.

— Está tudo bem, já acabámos. A Angela vai ser uma revelação.

Ele olhou-a, surpreendido, incapaz de compreender o que a levava a chamar-lhe a atenção para a sua coprotagonista, muito mais nova.

— Sim, aquela miúda é um verdadeiro achado. Que idade tem, vinte anos? Vinte e um, no máximo? Não parece, mas... fuma como um camionista, e também pragueja como um. Que raio, às vezes até *soa* como um... temos estado a trabalhar nisso. Uma coisa é ter uma voz rouca, outra é parecer ameaçadora.

A um certo nível, Mimi gostava sempre dos seus raros encontros com Monte, pois o gosto deste em ouvir-se a si próprio e a sua necessidade de pôr os outros no seu lugar mantinham-no tão ocupado que, normalmente, ela podia simplesmente recostar-se e pensar noutra coisa. Ultimamente, essa outra coisa era Jack Leonard, para sua completa surpresa e consternação. Ele estava mesmo a entrar-lhe na cabeça — e, pior ainda, temia que ele o soubesse. Se não o soubesse já, aquele beijo algumas horas antes ter-lhe-ia, provavelmente, tirado todas as dúvidas.

Entretanto, Monte estava a falar de uma determinada atriz «tolinha», do seu recente casamento à pressa e de um conflito de leis com a República Dominicana a propósito do igualmente recente divórcio (Mimi tinha de reconhecer que Monte conhecia a lei, pelo menos o suficiente para a contornar). Ela ouvia-o distraidamente, bebericando o segundo copo de *Piper-Heidsieck* que ele lhe servira,

quando Monte acabou o seu uísque, se levantou e se foi sentar, sem ser convidado, ao lado dela.

Dando-lhe umas palmadinhas no joelho, perguntou-lhe, muito sollicitamente:

— Ele já lhe contou?

— Quem já me contou o quê, Monte?

— O Terry. Já lhe contou acerca da Angela?

— Se já me contou o quê acerca da Angela, Monte?

— Do nome dela nos cartazes.

— O que tem o nome dela nos cartazes?

Monte sorriu-lhe.

— Bem, acho que podíamos jogar este joguinho todo o dia. Acerca de o nome da Angela ir aparecer ao lado do seu, acima do título.

Mimi obrigou-se a respirar.

— Mas isso é um escândalo. É só o segundo filme dela.

— Sim, mas estão as duas a competir pelo Cooper e ele faz o papel principal, por isso faz sentido, pelo menos do ponto de vista ótico... ou, pelo menos, é o que o Terry pensa. Olhe, Mimi, não me importo de lhe dizer alguma coisa... mas tenho de saber o valor que dá a isto.

— Monte, o que lhe parece? Ambos sabemos que eu sou uma das maiores fontes de rendimento aqui há anos, e não admito que seja dada a uma novata a mesma importância do que a mim no cartaz. É apenas uma questão de justiça; tenho a certeza de que o tempo da Angela virá, ela é muito talentosa, mas o tempo dela não pode chegar à custa do meu. Isso é ridículo.

Monte suspirou.

— Eu sei. É duro. Mas tenho as mãos atadas. O Terry tinha os direitos de aprovação dos créditos expressos no contrato para este filme, dado o fiasco Crawford-Gable-Davis há alguns anos — aproximou-se mais dela, no sofá. —

Olhe, Mimi, ambos sabemos que esta fase da sua carreira acabaria por chegar. Intervirei, se assim o quiser, mas seria um idiota se não obtivesse nada em troca.

A mão dele estava agora pousada na coxa dela, e estava tão próximo que ela sentia a mistura do cheiro de nicotina com o de uísque no hálito dele.

— Monte — disse ela, com um olhar severo, afastando-lhe a mão com a dela.

— Mimi, não há mais ninguém na indústria que possa tocar-lhe nos próximos dois anos. Ainda temos de ensinar a Betty Winters a cantar, e a Janice Starling a representar. Ainda está no topo, e sabe-o. E eu posso ajudá-la a manter-se lá. Sabe o quanto eu acredito em si. É o rosto do estúdio.

— Se eu sou o rosto do estúdio, então devo aparecer em primeiro lugar no cartaz.

— Mimi, olhe, quem sou eu para falar de beleza... graças a Deus não me pagam para isso. Mas estamos a receber comentários aos testes de imagem nas cenas de exterior no Nevada, e não se calam com a Angela.

— E?

Ele suspirou outra vez.

— E eles acham-na com um aspeto envelhecido. Olhe, é um local de filmagem difícil e as cenas em estúdio serão, agora, sempre melhores para si. A seguir, vai filmar a *Scheherazade*, não é?

Mimi pousou a sua *flute* de champanhe na pequena mesa ao lado do sofá.

— Monte, não vou ceder na minha posição no cartaz, nem pensar. Trabalhei demasiado para isso. Pessoalmente, gostaria de nunca ter de pensar em questões de cartazes, mas isso é muito importante neste ramo, e não sou estúpida ao ponto de renunciar a uma coisa quando não tenho de o fazer.

— Mas o problema é precisamente esse — ele fez a mão subir-lhe novamente pela coxa —, pode ter de o fazer e, no entanto, não tem de o fazer. Estou sempre do seu lado, como sabe.

— Monte...

— Olhe, Mimi, só quero ajudá-la, como sempre fiz.

Ela levantou-se e ele também o fez, agarrando-a e empurrando-a contra o braço do sofá.

— Monte Cartwright, tire já as suas malditas mãos de cima de mim.

Ele tinha mais 45 quilos do que ela e era uns bons 30 centímetros mais alto, tirando os saltos dela.

— Mimi, vá lá, pare com isso — começou a tentar beijá-la e, ao princípio, ela ficou em choque, quando o tamanho e a força dele a esmagaram. Mais tarde, lembrar-se-ia sempre do cheiro dele, a uísque, fumo de charuto, à água-de-colónia demasiado forte, cheia de especiarias e pachuli, e a suor. Tentou, com todas as forças, empurrá-lo, mas ele já estava a esfregar-se com força contra ela, e a ideia de que ele pudesse ejacular a qualquer momento acabou por ajudá-la a recuperar a voz.

— Monte, largue-me, raios... Monte... Monte, juro que vou gritar!

Agora, ele estava a ofegar tanto que, finalmente, ela conseguiu libertar-se, e ele caiu para trás e tratou de atingir o clímax no sofá, enquanto ela o olhava, tremendo de horror e de nojo.

— Vou processá-lo até à medula, seu animal.

— Não, não vai — respondeu ele, com uma calma arrepiante, tirando um lenço de linho imaculado do bolso da frente do casaco para limpar as mãos. — Está em declínio, Mimi, e sabe-o. Diga uma palavra e eu ponho o seu nome por baixo do da Angela. Diga uma palavra e veja

se alguém se importa.

Deixou-o ali, estendido no sofá, limpando-se como um animal, claramente sem se importar nem um pouco com a sua degradação, enquanto — temia ela — se deleitava com a dela.

Poucas horas depois, quando Jack chegou ao bangaló para levar Mimi a jantar, encontrou-a sentada, toda enroscada num cadeirão de braços, com o roupão bem enrolado à sua volta e o cabelo negro e longo pendendo, solto e molhado, em volta do pescoço.

— Esfreguei-me e esfreguei-me no chuveiro até esfolar a pele, tentando livrar-me do cheiro dele — disse a Jack, depois de lhe contar o que acontecera.

Jack não disse nada — uma miríade de emoções e pensamentos contraditórios perpassavam-lhe a mente, sendo a raiva a mais pronunciada — e, em vez disso, saiu de rompante do bangaló, reaparecendo uma hora depois com um corte acima de um olho e a mão direita inchada e pisada.

Mimi limpou o corte com desinfetante e pôs-lhe gelo na mão; depois, ajoelhou-se no tapete em frente de Jack, que estava ali sentado com um ego satisfeito, um coração inquieto e uma dor de cabeça lancinante.

— Gostava que não o tivesses feito — acabou por dizer Mimi, depois de olharem um para o outro durante vários segundos. — Eu disse-te que lidei com o assunto o melhor que pude. Ele não vai ficar impune.

— O melhor que pudeste é demasiado bom para alguém como ele — quase grunhiu Jack.

— Então, deixaste-o ferido e sovado... e agora? Provavelmente, ele vai vingar-se em mim. E acusar-te de agressão. E eu vou acabar desempregada, vais ver, e *tu* vais

acabar na cadeia.

Jack puxou-a para o seu colo no movimento mais terno que algum dia fizera.

— Então, o acordo é este, OK? Tu não vais acusá-lo de violação, ele sabe disso; e ele não vai acusar-me de agressão. Ele sabe que eu também sei disso. E tu estás livre do teu contrato, se quiseres. Ele disse que te dispensava.

— Porque estou velha.

— Tu não estás velha.

— Não sou *jovem*. Ou, pelo menos, não tão jovem como a Angela Cummings ou a Janice Starling.

— Ele que se lixe, Mimi. Está-se mesmo a ver o que deves fazer. Dispensa um agente, faz o teu preço e trabalha quando quiseres. Eu posso tomar conta de ti no resto do tempo.

— Eu posso tomar conta de mim. Deus sabe que tenho dinheiro suficiente.

— Isso é coisa que não existe — corrigiu-a ele, pegando-lhe em ambas as mãos.

Mimi olhou-o, surpreendida.

— O que estás a dizer, Jack?

— Vamos casar-nos. E tu podes reformar-te.

— Eu não quero reformar-me.

— Bem, então, reformas-te só em parte. Como aquela, como se chama? Faz um filme de prestígio de vez em quando, compra a casa de verão em Inglaterra de que estás sempre a falar e lê Jane Austen durante o resto do tempo. Tanto me faz.

— Não confio no Monte, Jack. Se não me mantiver ocupada, ele é precisamente o tipo de pessoa que começará a espalhar mentiras. Quando der por mim, terei o nome enlameado nesta cidade.

— Ele que se lixe, Mimi. Olha o que conseguiste até

agora, na tua carreira. Ele não pode alterar isso.

— E quanto a bebés? — perguntou ela subitamente, quase sustendo a respiração.

— O que *têm* os bebés?

— Não sei, Jack. Tu *come-los*? O que *achas* que eu quero dizer?

Ele sorriu.

— Bem, se já estás a pensar em ter bebés comigo...

Da janela aberta do bangaló vinha o aroma dos jacintos e das rosas de que o seu jardineiro cuidava tão bem, assim como os gritos à distância dos coiotes que andavam pelo desfiladeiro e, pela claraboia acima das suas cabeças, viam-se todas as estrelas da noite de agosto.

— Dói-me a cabeça — suspirou ela. — Não devia tomar decisões agora.

— Então, não tomes. Vai pensando nisso — ele sorriu. — Mas não demores muito. Afinal, tempo é dinheiro.

CAPÍTULO 7

Chawton, Hampshire
Setembro de 1945

Frances Knight estava sentada na biblioteca do piso principal da Casa Grande, olhando para as estantes que iam do chão ao teto, feitas de carvalho e nogueira tirados das árvores da propriedade. Dois mil livros, informara-a recentemente Evie, a criada de casa. Dois mil livros com datas tão antigas como o século XVIII, muitos deles encadernados em couro especialmente para aquela família, com o brasão da família Knight gravado na capa. A família Austen teria lido aqueles livros: Jane e o irmão Edward, e a filha dele, Fanny Knight Knatchbull, a adorada sobrinha de Jane, assim como Cassandra e muitos outros tios, tias e primos, demasiados para enumerar.

Dois mil livros. E, agora, todos para ela.

O que era ainda mais irónico era que ela apenas lera alguns deles. Especialmente os das irmãs Brontë, os de George Eliot e de Gissing, de Thomas Hardy e de Trollope. Uma e outra vez.

Começara a fazê-lo na casa dos trinta, depois da morte da mãe por pneumonia e do irmão mais velho num acidente de tiro, havia apenas dois anos. Não sendo nada próxima do único parente que lhe restava, o seu distante e crítico pai, Frances retirara-se para aqueles mundos familiares da literatura. Algo nos seus livros preferidos lhe dava um conforto tremendo, e até uma estranha sensação de

controle, embora ela não conseguisse perceber bem porquê. Só sabia que não queria investir o seu tempo a tentar compreender um novo mundo, de quem gostar e em quem confiar dentro dele, e como suportar as escolhas do autor para a tragédia e o final — ou a falta dele.

Quando era mais jovem, antes da Grande Guerra, lera muito e profusamente, abdicando das atividades ao ar livre tão adoradas pelo seu turbulento e rebelde irmão — andar a cavalo, caçar, as atividades temerárias que os jovens rapazes parecem sempre inventar — e optando, em vez disso, por permanecer dentro de casa, sentada numa das suas janelas preferidas, com uma pilha de livros ao lado. Ler, compreendia agora, fora o seu próprio tipo de rebeldia. Sendo uma atividade mais privada, era o álibi perfeito para uma jovem mulher numa casa exigente como aquela. Permitia-lhe manter uma distância saudável, tanto dos pais como das suas expectativas decrescentes e do seu desapontamento crescente em relação a ela. Podia, simplesmente, nunca os tratar como devia, e todos eles o sabiam.

Ela fora também a única verdadeira leitora da família, tendo a sua mãe sido extremamente social e o seu pai preocupado com o rendimento cada vez mais reduzido da propriedade. A história por trás de todos aqueles livros de família antigos, e o legado de Jane Austen do qual os Knight detinham uma parte, interessavam-lhes pouco. Mesmo agora, o seu pai lamentava a presença de mirões ocasionais ao portão, especialmente dos americanos, que procuravam algum vestígio da sua querida autora.

Ouviu alguém parar na soleira da porta aberta, seguido pelo restolhar suave de papéis, e virou-se, vendo Andrew Forrester, o solicitador do pai, ali parado.

— Menina Knight — disse ele, com uma inclinação de

cabeça abrupta. Era um homem muito alto, direito como um fuso, exatamente da mesma idade do que ela, quarenta e sete anos, com um rosto comprido, maçãs do rosto proeminentes à romana e um risco ao lado vincado e arrapazado no cabelo castanho-escuro.

Frances retribuiu-lhe o cumprimento com um leve aceno de cabeça. Ela tinha sempre uma expressão tão melancólica e distante nos olhos cinzento-claros, uma expressão que ele não gostava de ver, e ele hesitou antes de se atrever a entrar na sala.

— Espero não estar a incomodá-la — olhou em volta, com algum desconforto.

— De maneira nenhuma. Como achou o meu pai?

Andrew aproximou-se mais alguns passos, e depois parou para dobrar o conjunto de papéis que segurava e meteu-os, discretamente, na sua pasta de couro castanho.

— Receio que na mesma. O Dr. Gray já cá veio esta semana?

Frances assentiu com a cabeça.

— Sim, ele vem todas as terças e quintas-feiras de manhã. Cedo, quando o Pai ainda está bastante lúcido.

— E pouco intimidante — respondeu Andrew, calando-se apressadamente logo a seguir. — Oh, peço imensa desculpa, Frances... quero dizer, Menina Knight. Foi muito indelicado da minha parte.

— Não faz mal, a sério. E, de qualquer forma, é verdade — ela virou-se para o tabuleiro de chá, ainda quente, que tinha à sua frente. — Quer uma chávena de chá antes de voltar para Alton? Os pãezinhos doces acabaram de sair do forno da Josephine há uma hora.

Andrew hesitou brevemente, e depois foi até ao cadeirão de orelhas em frente dela. Sentando-se, estendeu a mão para a chávena que ela lhe oferecia, reparando que ela se

lembrara de lhe acrescentar umas gotas de limão, como ele gostava.

— Deve ter muitos assuntos a falar com o Pai. Sei que os nossos investimentos estão, na melhor das hipóteses, espalhados.

Andrew deu um longo gole no seu chá antes de responder.

— Até que ponto a envolveu o seu pai nessas questões?

Ela abanou a cabeça.

— Nem um pouco. Parece que eu não tenho cabeça para os negócios.

Andrew olhou para o teto, como se a lembrar-se de qualquer coisa.

— Isso surpreende-me. Afinal, nos nossos tempos de escola, superava-me, tanto a mim como ao Benjamin Gray, em matemática.

Ela encolheu os ombros.

— Dantes, eu conseguia fazer muitas coisas. Agora, já não tanto. E o senhor... como vão os negócios?

Andrew ouvia as palavras dela com cuidado, e ela notou, pela primeira vez, as rugas de expressão reveladoras de ansiedade que ele tinha entre os olhos.

— Os negócios vão bem, muito bem. Vão sempre. Embora eu preferisse não me ocupar de assuntos imobiliários.

— Deve ser difícil para si. E para o Benjamin também, suponho eu. Tratar dos momentos mais duros das vidas das pessoas com quem cresceram.

— Bem, por algum motivo nenhum de nós saiu de cá, acho eu. Nada é perfeito... e não há dúvida de que poder estar em Alton tem tido as suas recompensas.

Ela achou aquela afirmação interessante, dado que Andrew, apesar de tudo, nunca casara nem tivera filhos. Perguntou-se o que mais poderia haver de tão gratificante

em estar tão perto de casa; ela sentia, muitas vezes, que aquilo não lhe chegava.

— E ajudar as pessoas, especialmente as pessoas que conhecemos, é um privilégio, acho eu — acrescentou ele.

— Dizem que é a chave para a felicidade.

Agora era a vez de ele ficar admirado com as palavras dela, sabendo quão raramente ela saía da Casa Grande, e quão pouco ela agora interagira com o mundo exterior.

— Acho que essa frase fala por si mesma — acrescentou ela rapidamente, captando a expressão no rosto dele.

Ele bebeu mais um longo gole de chá, e depois colocou a chávena no tabuleiro entre eles e aclarou a garganta.

— Acerca da propriedade... eu sei que o seu pai não lhe deu grandes pormenores... e sei que estes devem ser tempos extremamente difíceis. Mas, infelizmente, as decisões terão sempre de ser tomadas, tanto nos bons como nos maus momentos. A contabilidade da propriedade não está nas melhores condições, e eu tenho tentado, tanto quanto me é possível, revê-la o mais que posso com o seu pai. Mas acho que deviam falar um com o outro. Quero dizer, em geral, é sempre bom fazê-lo. Já será suficientemente difícil sem ter, hum, de lidar com tudo isto quando chegar o momento inevitável.

Agora, ela estava a olhar para baixo, como se tivesse um livro invisível no colo.

— Mesmo nos tempos mais felizes, eu e o meu pai não fomos feitos para conversar um com o outro.

— Sim. Eu sei.

Era a primeira alusão que ele fazia ao passado dos dois em comum, e ela levantou rapidamente os olhos para o seu rosto preocupado, como que para verificar as suas palavras.

— E, seja como for, não fará diferença. O meu pai faz o

que quer.

— Sim, eu também sei disso.

Ela suspirou.

— Só quero que todos cheguemos ao fim do ano inteiros, agora que esta guerra horrível finalmente terminou.

De imediato, perguntou-se o que lhe dera para dizer algo tão emocional como aquilo. Deu um último gole no seu chá, e depois pousou a chávena com um ligeiro tilintar da porcelana contra o tabuleiro de prata.

Andrew sentiu que aquela era a sua deixa para sair e levantou-se.

— Bem, é melhor voltar para o escritório.

— A propósito, veio a pé?

— Sim, é o meu passeio preferido. Sempre foi.

Com aquelas palavras, ele fez um aceno de cabeça, despedindo-se, e saiu.

Frances ficou sentada, muito quieta. Normalmente, ficava em salas vazias para refletir sobre conversas difíceis como aquela. Um dos motivos para isso era que a sua mente trabalhava, agora, mais devagar, provavelmente mais devido à falta de solicitações do que a qualquer outra coisa. A verdade era que toda a gente que, na sua família, chegara a uma idade avançada permanecera excecionalmente arguta. Era por isso que, por muito que os livros de contas pudessem parecer caóticos, ela sabia que o pai ainda tinha tudo sob total controlo. Por isso, estava um pouco curiosa acerca do que levara Andrew a levantar aquele assunto com ela.

Mas, antes que pudesse pensar mais nas palavras dele, Josephine apareceu na ombreira da outra porta, a que levava da biblioteca à galeria traseira e ao complexo intrincado de cozinhas e caves para além delas.

— Menina Frances, uma chamada telefónica para si. Um

Sr. Yardley Sinclair, da Sotheby's.

Frances fez uma expressão contrariada.

— Não conheço ninguém com esse nome.

— Devo dizer-lhe que está indisposta, minha senhora?

Frances levantou-se.

— Não, não faz mal, atendo no átrio. Obrigada, Josephine.

Dirigiu-se ao corredor, precisamente quando Evie Stone ia a passar, de espanador na mão, a caminho da biblioteca. Frances sorriu ao notar a diligência da jovem rapariga quando se tratava de limpar o pó aos milhares de livros. Deus era testemunha de que muitos daqueles volumes tinham estado, negligenciados, naquelas prateleiras por demasiado tempo.

Frances pegou no telefone pousado sobre uma pequena mesa ao fundo do corredor, por baixo da enorme escada suspensa jacobina que levava aos quartos do andar de cima.

— Frances Knight — disse ela, num tom hesitante, que soou mais como uma pergunta do que como uma afirmação.

Ouviu um homem aclarar a garganta do lado de lá, como se tivesse estado bastante tempo à espera para falar com ela.

— Menina Knight, como está? O meu nome é Yardley Sinclair. Trabalho na Sotheby's, a leiloeira, aqui em Londres.

— Sim — Frances esperou.

— Sim, estou a ver, obrigado... obrigado por me atender. Estou a telefonar porque supervisionei a venda da propriedade Godmersham, há algumas semanas.

Aquela propriedade já pertencera aos Knight, mas fora vendida há décadas para pagar dívidas significativas da família, fiscais e outras.

— Oh, sim, ouvi dizer — ela e o pai tinham sabido da

venda da propriedade e de todo o seu recheio por Andrew Forrester, que obtivera uma cópia do catálogo da Sotheby's através de um colega da City, para eles analisarem.

— Lamento imenso, espero que não se importe que eu telefone assim... gostaria muito mais de a visitar em pessoa. Sabe, sou o maior admirador da sua famosa antepassada. O maior.

— Como é possível medir isso? — perguntou Frances, e ouviu uma pausa de pânico, seguida de uma estranha tentativa de riso.

— Oh, estou a ver, que engraçado... sim... aposto que está sempre a ouvir isto.

— Sim — respondeu ela outra vez, e esperou.

— Sim, bem, sabe, com a venda de Godmersham, vimos alguns dos bens da Menina Austen irem para a América, para diferentes compradores, e um deles pediu-me que a contactasse.

— Sr. Sinclair, não é? Olhe, tenho imensa pena, mas não é boa altura. O meu pai, James Knight, não está bem de saúde.

— Oh, percebo. Lamento imenso.

— Obrigada. Tenho a certeza de que compreende.

— Oh, sim, claro, é que este comprador em especial... bem, ele é muito persistente... está apaixonado, sabe, e é muito abastado... e parece que o céu é o limite no que toca à sua noiva. E ela também é bastante obcecada por Jane Austen.

— Isso está tudo muito bem, mas não me diz respeito. Não neste momento.

Houve uma longa pausa.

— Oh, estou a ver. Sim. Bem, dar-lhe-ei essa mensagem.

— Por favor, faça isso.

Frances desligou e olhou à sua volta no corredor vazio

que levava a salas igualmente vazias. Agora, era ela a governanta, e a porteira, daquela propriedade que um dia fora grandiosa e da sua ligação a uma das maiores escritoras do mundo. Teria de aprender a ocupar o lugar do pai e a proteger, tanto quanto possível, o que restava do legado da sua família.

Por isso, esperava que o Sr. Sinclair não voltasse a telefonar. Ela sempre se considerara muito permeável à persuasão.

Evie Stone estava sentada, sozinha, num banquinho num canto ao fundo da biblioteca. Já passava bastante da meia-noite.

Sem o conhecimento de Frances nem dos outros empregados, Evie fazia mais do que limpar diligentemente o pó aos volumes da biblioteca da família Knight; durante o último ano e meio, também fizera uma espécie de catálogo secreto, sob o pretexto de estar a desempenhar as suas tarefas diárias.

Estava muito mais interessada em Jane Austen do que deixara transparecer quando fora contratada como criada para aquela casa. Lera os seis romances de Austen aos catorze anos, depois dedicara uma parte significativa da sua adolescência a relê-la, e, depois disso, caíra inevitavelmente no mesmo buraco do que muitos antes dela, querendo saber mais, compreender mais, descobrir o exato método criativo de Jane Austen.

Se Evie tivesse mais alguém além de si mesma a quem culpar por aquela fixação, seria aquela magnífica professora que a aldeia lhe tinha fornecido, no ano anterior à saída prematura de Evie da escola. Adeline Lewis chegara à sala de aula com uma atitude de urgência e com sentido de humor. Parecia saber intuitivamente durante

quanto tempo conseguiria manter a atenção do estudante mais desatento, e trabalhar daí para trás. De repente, estavam a ser lidas passagens aos alunos tiradas de várias obras, escritas em vários séculos, de *The Rime of the Ancient Mariner* e *Evelina* a *Orlando* e *All Quiet on the Western Front*. A Menina Lewis dava-se sempre ao trabalho de explicar o comportamento e as motivações das várias personagens, estabelecendo uma ligação entre um rico proprietário de terras na Inglaterra georgiana, ou um general do exército numa das peças de Shakespeare, e figuras da vida real atual, sendo que a guerra fornecia ótimos exemplos de pessoas nascidas e criadas para a grandeza.

As crianças tinham ouvido, extasiadas, enquanto a guerra prosseguia fora da sua pequena escola de aldeia, e os documentários durante as matinés de sábado à tarde mostravam as bombas a cair em Londres e na Europa e os telegramas começavam a chegar com cada vez mais frequência à porta das suas famílias. Parecia que, semana sim, semana não, aparecia na aula mais um aluno atingido pela dor, de rosto branco e manchado pelas lágrimas enquanto seguia as lições. Os adultos da aldeia pareciam decididos a transmitir às crianças que poderia haver um longo caminho a percorrer, e que deixarem-se abater a meio do caminho não ajudaria ninguém. Fora uma lição de estoicismo e de persistência que Evie nunca esqueceria.

Era agora quase uma da manhã, e o trabalho de Evie, nessa noite, decorrera sem entraves, até que deparou com uma das primeiras edições de *Orgulho e Preconceito* nas prateleiras da biblioteca. Abrindo devagar o livro encadernado em couro, ficou encantada ao ver uma dedicatória da própria Jane Austen a um dos vários filhos do seu irmão, Edward Knight. Evie ficou ali sentada,

passando os dedos sobre a caligrafia de Austen, o item mais sagrado que alguma vez tocara. Aquele era, de longe, o livro preferido de Evie de entre todos de Austen, de entre todos os que já lera na sua jovem vida. Também por isso tinha a agradecer a Adeline Lewis.

Desde o início, a Menina Lewis reparara naquilo a que chamara a «precocidade intelectual» de Evie, e o primeiro livro que lhe pusera nas mãos fora a sua própria cópia já muito gasta de *Orgulho e Preconceito*. Como Adeline suspeitara, Evie captara rapidamente o humor subtil e irónico do texto. A jovem apreciara especialmente momentos como aquele em que o Sr. Bennet perguntava à Sr.^a Bennet — depois do monólogo desta sobre qual das suas cinco filhas casaria com o novo e rico vizinho, o Sr. Bingley — se ela pensava que Bingley teria o «desígnio» de se mudar para ali. A Sr.^a Bennet escarneceu rudemente: «Desígnio? Que disparate, como pode falar assim! Mas é muito provável que ele *possa* apaixonar-se por uma delas...» Para deleite de Evie, tudo na obtusidade e na fixação mental desesperada da Sr.^a Bingley podia ser total e eficientemente resumido nessa linha lapidar.

Mas, assim que a Menina Lewis começara a ensinar na escola, tinha-se também iniciado uma miríade de visitas de diferentes e acanhados membros masculinos do conselho diretivo. Evie observara com fascínio como a Menina Lewis se mantinha firme com todos eles, reforçando o valor dos seus planos de ensino e praticamente desafiando os homens a fazerem alguma coisa acerca disso. Um por um, os homens saíam da sala de aulas visivelmente perturbados pelos seus diálogos com ela — até o Dr. Gray parecera incapaz de lidar com Adeline Lewis, apesar dos seus modos habituais à cabeceira dos doentes, calmos mas insistentes. Quando os alunos souberam do noivado da Menina Lewis

com o seu namorado de infância, suspeitaram que ela não continuaria a ser professora deles por muito tempo. A própria Evie saíra da escola de vez na primavera de 1944 — e, um ano depois, soube que a Menina Lewis se demitira do ensino, após o que perdera o marido na guerra, deixando-a grávida, desempregada e sozinha.

Entretanto, Evie, confiante na boa conta em que tinha o infalível gosto literário da Menina Lewis, assim como os seus próprios dotes ainda não testados, passara o último ano e meio a desbastar a lista de clássicos que Adeline lhe dera no seu último dia de escola, uma lista muito diferente da que dera ao pai de Evie para ler durante a sua longa convalescença daquele terrível acidente com o trator. Mesmo sem saber bem onde mais estudos a levariam, Evie continuava a ler, na esperança de que, um dia, uma grande oportunidade se lhe apresentasse. Estava convencida de que, entretanto, só tinha de trabalhar muito e de estar pronta quando ela chegasse.

Então, um dia, Evie leu um artigo sobre Virginia Woolf numa cópia do *The Times Literary Supplement*, que fora deixada ao lado da lareira para a atear, onde se citava Woolf, dizendo esta que Jane Austen era, de todos os grandes escritores, a mais difícil de apanhar no ato da grandeza. Para Evie, trabalhar para a família Knight, embora esta já estivesse em declínio, levava-a um passo mais próximo dessa grandeza. A Menina Lewis dissera-lhe o mesmo, um dia, na aldeia, quando soube onde a rapariga iria trabalhar. Evie continuava a consolar-se da saída prematura da escola pensando na sua proximidade única ao mesmo ambiente que influenciara alguns dos maiores romances jamais escritos.

Foi então que a ideia de tentar aproximar-se ainda mais do legado de Austen ocorreu à mente de Evie.

Como aprendera na escola, com a Menina Lewis, o pai de Austen tinha uma biblioteca de centenas de livros no seu presbitério, na aldeia de Steventon, e a jovem Jane fora encorajada a ler tudo o que encontrasse nessas prateleiras. A Menina Lewis também acreditava que não havia «maus» livros em termos de conteúdo: o seu mantra, tanto para as aulas, como para os membros do conselho diretivo, era que, se alguma coisa acontecera na vida real, valia sempre a pena passá-la a escrito. Na verdade, era uma obrigação fazê-lo. A Menina Lewis estava convencida de que o facto de ter sido permitido à jovem Jane ter-se deliciado com material direccionado para «adultos» influenciara o seu dom para a ironia numa idade ideal, dando-lhe anos de escrita juvenil para o aperfeiçoar.

Evie sabia que a biblioteca da família Knight, na sua condição atual, devia também conter livros emprestados a Austen e, quanto mais tempo passava ostensivamente a limpar-lhes o pó e, dissimuladamente, a examinar os volumes da biblioteca, a analisar os seus ex-líbris, notas marginais e grau de uso, mais se convenciu de que uma espécie de catálogo poderia ajudar a compor um perfil dos gostos literários de Jane na última e crítica década da sua vida.

Por isso, Evie guardava, secretamente, um pequeno caderno escondido numa das prateleiras, no qual escrevia tudo o que considerasse digno de nota à medida que passava em revista os milhares de volumes, um por um. Fazia-o há quase um ano e meio, na maior parte das vezes à noite, já tarde, quando toda a gente já se fora deitar, tendo-lhe sido destinado um pequeno quarto de dormir no sótão do terceiro andar. Era generoso da parte da Menina Knight ter-lho concedido, pois poupava a Evie uma longa caminhada até casa no final do dia. Mas ainda não tinha

confiado a ninguém, nem mesmo à Menina Knight, aquilo que andava a fazer, ali sentada no seu banquinho, noite após noite. Embora fosse jovem e tivesse poucos estudos, Evie estava convencida de que aquela biblioteca continha revelações valiosas sobre Jane Austen — e, possivelmente, alguns livros de valor incomensurável —, e era suficientemente esperta para ter a sensatez de guardar aquela busca para si própria, pelo menos por enquanto. Nesse mesmo dia, ouvira a Menina Knight ao telefone com alguém da Sotheby's, e ouvira o suficiente para confirmar que, agora que a guerra acabara, o interesse nos bens, cartas e manuscritos de Jane Austen começava a crescer significativamente.

Até agora, Evie catalogara 1500 dos mais de 2000 livros que havia nas prateleiras, numa média de um punhado de volumes por noite. Desde o princípio, calculara que levaria cerca de dois anos a analisar todos os livros com o pormenor que desejava. Sabia que todo aquele esforço acabaria por ser inútil, a menos que verificasse todas as páginas de todos os livros. O risco de lhe escapar um pequeno conjunto de iniciais, uma anotação feita à mão — ou, Deus a livrasse, um comentário feito pela própria Jane Austen —, era, simplesmente, demasiado grande.

O trabalho mais difícil e demorado era copiar o título e toda a informação da página de dados técnicos, assim como quaisquer anotações de margem mais extensas, para o seu caderninho. Havia noites em que vários livros podiam ser resumidos num resultado. Ela concedia-se noites de folga, aos fins de semana, em especial porque costumava ir a casa ajudar a mãe na quinta e visitar o pai. Conhecia-se o suficiente para saber que — tal como com a lista de livros da Menina Adeline —, de outra forma, continuaria compulsivamente a bom ritmo, dia após dia, sem qualquer

intervalo noturno na tarefa que se autoimpusera.

Agora, naquela noite de setembro tranquila e iluminada pelo luar, apenas com a ajuda de um candeeiro de querosene colocado num nível baixo, Evie virava as páginas de um volume — um de um conjunto de dez — de um texto antigo sobre a língua alemã. Cada volume tinha várias centenas de páginas, tornando toda a coleção um trabalho de milhares de páginas para folhear. As probabilidades de encontrar quaisquer anotações à margem num trabalho sobre a língua alemã e as suas origens pareciam-lhe, até a ela, com todo o seu espírito investigador, praticamente inexistentes.

Em momentos daqueles, Evie sentia sempre a tentação de abreviar a busca e passar à frente. Mas a sua capacidade de prosseguir e ouvir a outra voz que lhe ressoava na cabeça — a que lhe dizia que ela era especial, independentemente do que o mundo exterior lhe transmitia — era uma das coisas que ela sabia que a tornavam única. Por isso, ela ouvia sempre aquela vozinha interior insistente, por muito apática ou cansada que estivesse, e, naquele momento, a vozinha dizia-lhe que não desistisse.

Eram já quase duas da manhã. A hora a que Evie costumava terminar. Através de tentativas e do hábito, estava a aprender a viver com quatro horas de sono por noite. Acreditava que conseguiria manter esta rotina durante, pelo menos, mais alguns meses. Além disso, a falta de sono não a demovia — os seus dias naquela casa eram ocupados mas mundanos, tão privados de desafios intelectuais, que deu por si a viver para aquelas noites tranquilas só suas.

Enquanto virava as páginas do volume grande e denso que tinha nas mãos — as páginas eram tão grossas que, por vezes, era preciso algum esforço para as destacar umas das

outras —, sentiu um pequeno volume na secção seguinte. Folheou avidamente até lá chegar e, quando virou a última página, caiu uma pequena carta.

A caligrafia era-lhe familiar de anteriores anotações, dedicatórias e notas à margem que encontrara. Não havia selo no envelope exterior dobrado, o que fazia supor que a carta nunca teria sido enviada.

Mal conseguiu acreditar nos seus olhos ao lê-la, primeiro demasiado depressa, como que convencida de que o papel pudesse desaparecer tão misteriosamente como aparecera —, e depois mais três vezes, cada uma mais lentamente do que a anterior. Era precisamente daquilo que andara à procura, se pudesse ter adivinhado o que poderia isso ser.

De imediato, começou a copiar toda a carta para o seu caderninho, tão fielmente quanto pudesse, certificando-se de que as suas linhas começavam e acabavam exatamente com as mesmas palavras do que as da carta, e inserindo todos os erros gramaticais ou ortográficos e todos os hífenes que tão bem conhecia.

Já tivera momentos naquela biblioteca, a meio da noite, em que se aproximara um pouco da euforia que agora sentia enquanto escrevia, mas nada mais se comparara àquilo. Finalmente, compreendeu porque tinha passado ali sentada tantas noites inúteis, no seu banquinho, sozinha. Era por aquilo que nunca desistira. E era por aquilo que a Menina Adeline tivera sempre razão.

Com aquela descoberta, ela trouxera o mundo para o mais próximo que alguma vez estivera da grandeza.

Tal como a Menina Woolf um dia o dissera, apanhara Jane Austen em flagrante.

CAPÍTULO 8

Chawton, Hampshire
Outubro de 1945

Harriet Peckham bateu à porta entreaberta do escritório do Dr. Gray numa sexta-feira ao fim da tarde, e ele levantou os olhos e viu-lhe uma nova expressão no rosto. Ultimamente, tinha-se habituado a catalogar as várias expressões da Menina Peckham, o que não lhe parecia um bom presságio para a longevidade da relação de trabalho entre os dois. Ele preferiria uma enfermeira que ostentasse sempre um rosto agradável e maneiras eficientes — sem qualquer dos indícios e insinuações que Harriet gostava de deixar no ar, como se quisesse ver se pegavam.

— Desculpe interromper, Dr. Gray, mas a Sr.^a Lewis está ao telefone. — Harriet inclinou-se um pouco para a frente e acrescentou, quase em segredo: — A mãe de Adeline Grover.

— Eu sei quem é, Menina Peckham — apressou-se a responder o Dr. Gray. — Atendo aqui.

— Muito bem, Doutor — Harriet deu meia-volta à entrada da porta e desapareceu.

O Dr. Gray pegou no telefone e esperou pelo clique denunciador de que a chamada fora desligada no corredor antes de dizer uma única palavra.

— Sr.^a Lewis, o que se passa? É a Adeline?

— Sim, Doutor, lamentamos incomodá-lo tão perto da

hora do jantar.

— Não é incómodo nenhum. Ela iniciou o trabalho de parto? — o médico olhou para o calendário na parede. — Embora me pareça um pouco cedo para isso... faltava-lhe, o quê, mais um mês?

— Não sabemos bem, Dr. Gray... ela, simplesmente, não está bem. E está muito preocupada, mais do que alguma vez a vi.

— Bem, isso já é alguma coisa — levantou-se e começou a meter coisas que estavam sobre a secretária na sua mala de médico. — Fez bem em telefonar. Vou sair agora; diga à Adeline que estarei aí daqui a cinco minutos — isso dar-lhe-ia precisamente o tempo necessário para chegar ao outro lado da aldeia.

Caminhou o mais depressa possível pela rua principal, com a sua mala de médico preta na mão. Quando chegou à pequena casa de telhado de colmo afastada da estrada, abrandou o passo, pois a sua respiração estava a ficar pesada e não queria preocupar a Sr.^a Lewis mais do que o essencial. Já conseguia vê-la, de pé, na soleira da porta aberta da casa, esperando por ele.

— Chegou aqui num instante. A Adeline vai ficar muito agradecida — disse ela, e ele seguiu-a pela escada estreita sem tirar o casaco.

Adeline pareceu muito pouco agradecida quando ele entrou no quarto dela.

— Mãe, francamente, eu disse-lhe, tenho a certeza de que não é nada de sério.

O Dr. Gray aproximou-se e sentou-se ao lado dela, na beira da cama, ignorando as suas palavras e pegando-lhe no pulso para lhe sentir a pulsação. Já com o estetoscópio à volta do pescoço, ouviu-lhe o coração e os pulmões, e depois tocou-lhe na testa com as costas da mão.

— Bem, passei? — perguntou Adeline, com uma sombra do seu habitual sorriso provocador.

— Diga-me o que sente.

Ela olhou para a mãe, que estava à porta.

— Mãe, podes, por favor, ir fazer ao Dr. Gray um bom *gin* tónico? Quando ambas o dispensarmos, ele vai precisar de um.

A mãe dirigiu-se, relutantemente, ao piso de baixo, deixando a porta aberta.

— Lamento que tenha tido todo este incómodo — Adeline puxou-se para cima, contra as almofadas que ele estava a endireitar-lhe. — São apenas algumas cólicas.

— Onde?

— Na parte de baixo da barriga.

— Também tem dores na parte de baixo das costas?

— Nem por isso... só um bocadinho, que vai e vem.

— Há sangramento?

Ela abanou a cabeça.

— Não, hoje não. Houve umas manchas ontem à noite, mas isso parece ter passado. É bom sinal, não é? — perguntou-lhe, ansiosamente.

Agora, ele estava a ouvir-lhe a barriga com o estetoscópio.

— Os batimentos cardíacos são bastante fortes, mas, mesmo assim, gostava de a manter sob vigilância.

— Oh, quanto a isso não se preocupe... a mãe tem-me bem controlada.

— Bem, afinal é o seu primeiro neto — ele guardou o estetoscópio na mala e começava a levantar-se, quando Adeline estendeu a mão para o deter.

— Não se importa de ficar um pouco aqui? Quero dizer, já passa da sua hora de serviço, graças a mim.

— Tenho de ir andando. E precisa de descansar.

— Bem, certifique-se de que lhe dão a tal bebida antes de sair.

Ela parecia-lhe muito cansada, sentada na cama contra as almofadas brancas, envergando a sua camisa de noite branca de renda e com o rosto tão pálido que ele hesitou em partir.

— Adeline, promete que faz a sua mãe telefonar-me se houver alguma alteração, seja o que for? Por muito insignificante que possa parecer.

— Parece preocupado.

Ele pegou na mala de médico.

— Não, não estou preocupado. Mas sei como pode ser estoica, e não quero que alguma coisa me escape.

— Estoica? Eu? Mas eu era tão agitadora com o conselho diretivo, lembra-se? Não conseguia ficar calada, se bem me lembro.

Ele sorriu.

— Não é, nem mesmo remotamente, estoica com os outros, sim, é verdade.

— Bem, então prometo, mas o senhor tem de prometer não vir a correr para cá de cada vez que a minha mãe telefonar. Parecia bastante alterado quando entrou por aquela porta.

Ele começou a descer as escadas, testando parte do velho corrimão ao fazê-lo, e depois, quando chegou perto da Sr.^a Lewis, que o esperava ao fundo das escadas com o seu gim-tónico na mão, olhou para trás.

— Certifique-se de que ela usa aquele corrimão, especialmente neste último mês. O seu equilíbrio estará alterado. A barriga dela já está muito grande.

A Sr.^a Lewis passou-lhe a bebida e levou-o para a sala de estar principal.

— Espero que não lhe tenha dito isso; a Adeline pode ser

surpreendentemente vaidosa.

— Oh, eu sei disso — disse ele, entre golinhos. — Temos saudades dela lá na escola, sabe?

A Sr.^a Lewis sentou-se num sofá ali perto.

— A Adeline faz exatamente aquilo que quer.

— Eu também sei disso. Mas foi um disparate o conselho diretivo tê-la atacado com tanta veemência — recostou-se no sofá em frente do dela. — Acha que, um dia, ela voltará a dar aulas? Se assim não for, será um desperdício do seu talento.

— Não faço ideia. Agora, só pensa no bebé, como é natural.

— Claro que é — ele sentia-se estranhamente desconfortável sob o olhar da Sr.^a Lewis, como se estivesse a levar uma descompostura por algo que ainda não fizera. Olhando em volta da sala em busca de algo que o distraísse, viu uma fotografia emoldurada do casamento de Adeline e Samuel, no inverno anterior. — Ela fala muito no Samuel?

— Porque pergunta? — respondeu a Sr.^a Lewis, secamente.

— Por nenhuma razão em especial. Eu só, bem, sei como é. Embora não possa imaginar como seja quando se está à espera de bebé.

— Não, Dr. Gray, não pode. E teve sorte, ambos tivemos, por termos tido tanto tempo com os nossos falecidos esposos, o que, ao menos, nos deixou várias recordações — ele remexeu-se desconfortavelmente no assento enquanto ela falava. — Embora, infelizmente, não me pareça que ter sido brevemente casada conceda algum tipo de proteção contra a perda. O que mais importa é o vazio que a pessoa deixa atrás de si. A Adeline e o Sam conheciam-se desde bebés; ela era o mundo dele. Ele dizia que casaria com ela

desde que aprendeu a falar. E depois tiveram, o quê? Uma semana juntos antes de ele ter de voltar para aquela maldita guerra. Uma semana de casamento. E, agora, um bebé para criar sozinha.

— Ela pode casar outra vez.

— O senhor vai fazê-lo?

Ele sorriu e engoliu o resto da bebida de uma vez só.

— Não, estou a ficar velho. Já ninguém me quer.

— Oh, ora essa, Dr. Gray — disse a Sr.^a Lewis, maliciosamente. — Está a subestimar-se. Para já, há a Menina Peckham.

Ele levantou-se. Já percebia onde fora Adeline buscar a sua ousadia e a sua língua afiada.

— Prometa-me que me telefona, Sr.^a Lewis, seja a que hora for, se houver alterações. Qualquer alteração. Especialmente mais sangramento. Está bem?

* * *

Estava no seu sono mais profundo — um segundo gim-tónico em casa tinha tido esse efeito e, pensando que tinha toda a noite para dormir, colapsara cedo na cama. Por isso, quando o telefone tocou, à meia-noite, levou alguns segundos a acordar e a compreender o que se passava.

Quando entrou no quarto atrás da mãe aflita, viu os lençóis cobertos de sangue, um balde e toalhas espalhadas pelo chão e, no centro de tudo, Adeline, com a camisa de noite de renda branca rasgada e manchada, contorcendo-se e gritando de dor e agarrando-se aos postes da cabeceira da cama com as mãos cor de cinza.

O Dr. Gray apalpou-lhe a barriga, com a cautela mas o detalhe possíveis, vendo Adeline retrair-se a cada pequena pressão das suas mãos. Puxou do estetoscópio e ouviu

cautelosamente o seu coração e o do bebê, e depois virou-se de novo para a Sr.^a Lewis, que tremia atrás dele.

— O ritmo cardíaco do bebê é irregular... e as dores dela... e o sangramento... tudo está a acontecer demasiado depressa. Telefone para o hospital e certifique-se de que a ambulância que chamei vem a caminho.

Aturdida com o tom dele, a Sr.^a Lewis correu para fora do quarto, em pânico.

Assim que ela saiu, Adeline agarrou fortemente o braço do Dr. Gray.

— O bebê está bem?

— Temos de a levar já para o hospital. Ainda não está em trabalho de parto, mas está a sangrar profusamente, e o bebê está a sentir esse *stress*.

Ela agarrou-lhe o braço ainda com mais força.

— Vou perder o bebê? Diga-me a verdade, por favor, Dr. Gray, imploro-lhe.

— Vamos operá-la e fazer-lhe uma cesariana; o bebê está demasiado agitado para esperarmos por um parto natural. Mas não tenho razões para acreditar que, dessa forma, o nascimento não corra bem. No entanto, o tempo é essencial, por isso, agora, vou levá-la lá para baixo, está bem?

O Dr. Gray embrulhou Adeline no seu roupão e transportou-a pela estrada estreita com tanto cuidado e rapidez quanto ousou. Quando chegaram ao andar de baixo, a ambulância estava a encostar no final do caminho do jardim. O condutor da ambulância e o auxiliar saltaram do veículo e correram ao encontro deles com uma maca.

Enquanto a ambulância se precipitava pela noite na direção de Alton, o Dr. Gray ficou ao lado dela, segurando-lhe uma toalha molhada contra a testa com uma mão e pegando-lhe na mão gelada com a outra. Não podia fazer

mais nada por ela.

O Dr. Howard Westlake, cirurgião e colega há muito tempo do Dr. Gray, estava cético e pediu que fossem rapidamente trazidas mais amostras de sangue do novo banco sanguíneo do hospital de Winchester, a 28 quilómetros, para o caso de ser necessária uma transfusão. Tanto ele como o Dr. Gray tinham aprendido por experiência própria, ao longo dos anos, a utilidade da planificação sempre que os aldeões tinham problemas graves, dada a distância do hospital urbano de Hampshire, mais bem preparado. O Dr. Gray pediu uma rápida palavra ao colega enquanto Adeline era preparada para a cirurgia.

— Acho que é rutura da placenta — disse o Dr. Gray, num quase murmúrio. — Todos os sinais estão lá. O sangramento, a sensibilidade uterina, o ritmo cardíaco do feto.

O Dr. Westlake observava-o atentamente.

— Pensaste em tentar fazer o parto logo ali?

O Dr. Gray abanou a cabeça.

— O feto está em demasiado sofrimento. E, além disso, estão ambos em perigo, como sabes. Tinham de estar aqui no hospital, por precaução.

Fez uma pausa para olhar pela longa e estreita janela para a sala de operações e teve um vislumbre do longo cabelo castanho de Adeline espalhado por trás da sua cabeça, agora obscurecido pela máscara de anestesia.

— Howard, concordas comigo que ela deve ser o doente prioritário, não é verdade? Toda a literatura diz que...

— Benjamin, já falámos o suficiente deste assunto; já sabes a minha posição. Sabes que, quanto a isso, não tens de te preocupar.

O Dr. Gray assentiu com a cabeça, mas parecia tão abatido que o cirurgião ficou sem a certeza de que ele

tivesse assimilado as suas palavras.

— Vai para casa e descansa um pouco, está bem, Ben? Vai ser uma noite longa e, aconteça o que acontecer, a Sr.^a Grover vai precisar de ti amanhã. Chamamos-te quando tivermos acabado.

Mas o Dr. Gray ficou toda a noite no hospital, incapaz de dormir. Sabia que podia adormecer rapidamente, quando queria. Mas, naquele momento, queria manter-se como uma sentinela à porta do inferno e impedir que Adeline lá caísse. Ela era tão jovem, tinha tantos anos à sua frente. Aquilo não tinha de ser o fim para ela, o que quer que acontecesse — ele faria o seu melhor para garantir isso. E, com esse pensamento, algo inarticulado e ávido se mexeu dentro dele, a própria essência da vida.

CAPÍTULO 9

Chawton, Hampshire
Novembro de 1945

Passara já mais de um mês desde que Adeline perdera a filha, e o Dr. Gray fora, mais uma vez, chamado à sua cabeceira.

Ele sabia que o grau de perda sofrida por ela era incalculável. Media-se tanto pela realidade como pela extinção de todas as esperanças e sonhos maternais que a tinham suportado nas primeiras ondas de dor pela morte de Samuel. Ao agarrar-se à ideia do bebé para sobreviver a essa dor, ela investira tudo o que lhe restava, e agora não tinha nada. De todos os seus anos de prática, o Dr. Gray retirara apenas uma certeza: a de que a alguns de nós é dado demasiado para aguentar, e que esse fardo ainda é piorado pela natureza oculta da sua carga, uma carga que nem passa pela cabeça dos outros.

Nesse mesmo dia, ela agarrara-lhe no braço, puxando-lhe com força a manga do casaco de fato que ele usava sempre, como que para não cair num precipício invisível.

— Só quero que a dor acabe. Tem de me ajudar.

— Eu sei, Adeline, eu sei. Mas, de alguma forma, a dor vai diminuir com o tempo, prometo-lhe.

— Não me minta... o senhor, mais do que qualquer outra pessoa, sabe que isso não vai acontecer — virou-lhe a cara e deixou cair o braço com força, quase com hostilidade. — Como pode diminuir, quando eu perdi tudo... todas as

pessoas... que alguma vez amei? O que diria isso de mim, se eu conseguisse seguir em frente?

Ele baixou os olhos para a nuca dela.

— Ninguém irá nunca julgá-la por tentar ser feliz outra vez.

— Não me interessa o que pensam os outros — disse ela, em tom áspero. — Dei tudo o que tinha ao Samuel e depois ao nosso bebé, até ao meu último resquício. Fi-lo sabendo o quanto podia ser magoada; arrisquei e perdi — deu uma gargalhada estranha e amarga.

— Fala como se, de alguma forma, pudesse ter evitado viver.

Ela virou-se para o encarar.

— E não posso? O senhor não o faz? Mas age, sem dúvida, como se o fizesse.

Ele mudou um pouco o peso do corpo sob o olhar dela.

— Não estamos a falar de mim, Adeline.

— Talvez devêssemos estar.

— Adeline, tem todo o direito de estar zangada e enervada. Mas não me parece que seja apropriado dirigir esses sentimentos a mim, como seu médico e, espero, seu amigo... não lhe parece?

Ela virou-lhe a cara outra vez.

— Apropriado. Muito bem. Peço desculpa. Dê-me só alguma coisa, por favor, qualquer coisa, para me ajudar a dormir. Por favor, só durante algum tempo. Só desta vez.

Ele procurou na sua mala preta e tirou de lá o frasquinho que enchera no consultório, sabendo que ela lho pediria de novo e que não conseguiria recusar-lho. Rezou para que ela não lhe pedisse mais nada.

Colocou o frasco na mesa de cabeceira sem uma palavra, e depois saiu do quarto de dormir mantido na penumbra, de forma igualmente silenciosa.

Emergindo no crepúsculo roxo do início do inverno, o Dr. Gray caminhou 800 metros até casa, esmagado tanto pela perda de Adeline, como pela sua própria futilidade perante essa perda. Ele tivera tanto medo e ansiedade naquela noite terrível no hospital e, passadas semanas, continuava a sentir uma impotência difusa no que se referia a Adeline.

E o pior era que tinha acabado de deixar a Adeline um medicamento que — tal como ele — não a ajudava em nada. Tudo o que a morfina fazia era ajudá-la a *não* viver — para evitar o que teria de enfrentar — para emudecer as vozes dentro dela. Isso era tudo o que ele podia fazer por ela naquele momento: mantê-la viva deixando-a matar a sua própria essência. Não podia fazer a dor parar, nem dar-lhe um motivo para viver — não podia curar o trauma que lhe povoava a mente. Ao pensar em tudo isto, tinha dificuldade em perceber qual era a recompensa de um bom médico por ter de defrontar um fracasso tão mortífero. Já nos melhores dias tinha dificuldade em percebê-lo; naquela noite, nem conseguia tentar.

A sua enfermeira já se fora embora — como de costume, entrou numa casa silenciosa e solitária. Atirando o casaco e a mala para o velho banco de diácono no vestíbulo da frente, entrou lentamente na sala de exames e voltou ao escritório, fechando a porta atrás de si.

O resto do frasco ainda estava em cima da mesa. Não o guardara mais cedo, como deveria; só se certificara de que deixava apenas o suficiente para uma dose. Depois, deixara a porta do escritório destrancada, como que na esperança de que alguém roubasse o frasco na sua ausência.

Sentou-se à secretária, fitando o líquido claro que se movia lentamente. Fazia sempre um esforço tão grande que se lembrava sempre de mil razões para não o fazer. E depois lembrava-se sempre, sempre, de uma ou duas boas

razões para o fazer. Ouvia as vozes na sua cabeça, ainda não silenciadas — as da sua falecida esposa, dos colegas médicos como o Dr. Westlake e do Reverendo Powell, a quem se confessara. Mas aquilo de que nunca ninguém nos avisa quando a dor é demasiado grande — quando a dor é tão grande que se prefere morrer a enfrentá-la durante mais um dia — é de que a dor se torna maior, e mais real, do que qualquer outra coisa. É como aquele círculo de tristeza que não se espera que diminua, mesmo com o tempo, mas também não deveria aumentar — é como se continuasse a expandir-se com a dor, alimentando-se dela, infetando tudo o resto à nossa volta. Uma escuridão calculista e inextinguível que cobre tudo, mesmo as poucas coisas que nos havia sido prometido que permaneceriam fora da tristeza, por todas aquelas pessoas bem-intencionadas que, simplesmente, nunca tinham passado por uma tristeza tão profunda como a nossa.

Sentimo-nos tão encurralados, tão sem saída, que deixamos de nos preocupar com a melhor forma de nos conduzirmos. Com a forma apropriada de vivermos, com a forma mais inteligente de o fazermos. Porque, se o simples facto de estarmos vivos se torna o único objetivo final, o que importa o que fazemos para o alcançarmos?

O frasco estava à sua frente, prometendo algo que ninguém — nem mais nada — podia dar-lhe. Ele desafiou o seu Deus a julgá-lo — já passara a fase de se importar com o que aconteceria se fosse apanhado. Se, um dia, fosse apanhado, pelo menos isso significaria que sobrevivera mais tempo do que julgara possível.

Estendeu a mão para o frasco e, tal como a pobre Adeline, sozinha no seu quarto, com as cortinas fechadas impedindo a entrada da luz do dia, deu o primeiro gole e deixou que a salvação — embora temporária, embora

ilusória — também o invadisse.

Adam Berwick chegou cedo a casa, vindo do trabalho, agora que a estação das colheitas terminara e os dias estavam cada vez mais curtos. A meio da tarde, já sentia a noite esperando impacientemente para descer sobre o súbito silêncio dos pássaros e as longas sombras do sol. Tendo quase terminado de arar o necessário para aquele ano e estando as tarefas do estábulo limitadas a alimentar o gado, ansiava pela pausa sazonal que se aproximava.

Antes de mais, essa pausa dar-lhe-ia bastante tempo para ler. Adam precisava disso porque, agora, passava todos os invernos a reler a coletânea de obras de Jane Austen; por vezes, lia até o *Orgulho e Preconceito* duas vezes.

Estava sentado à mesa da cozinha com uma chávena de café forte e o seu exemplar bastante gasto de *Orgulho e Preconceito* à sua frente, apreciando a primeira cena de proposta infrutífera de casamento do Sr. Darcy e atónito, como sempre ficava, com a insensibilidade do homem. Adam era bastante sensível — talvez demasiado. Lendo como o Sr. Darcy se metia, inconscientemente, num buraco cada vez maior — «Seria de esperar que eu me deleitasse com a inferioridade das suas relações? Que me congratulasse com a esperança de ligações cujo estatuto na vida é tão marcadamente inferior ao meu?» —, Adam tinha sempre vontade de praticamente gritar em voz alta a Fitzwilliam Darcy que se calasse e se poupasse a uma humilhação maior ainda causada por si próprio.

Adam adorava ser transportado para aquele mundo, onde as pessoas eram honestas umas com as outras, mas também se preocupavam sinceramente umas com as outras, fosse qual fosse a sua posição social. Onde as Meninas Bates deste mundo teriam sempre uma família

com quem jantar, e os Harvilles acolheriam o desolado Capitão Benwick após a perda da sua noiva, e até os arrogantes e insensíveis Bertrams dariam um teto a Fanny Price. E as cartas que as pessoas enviavam — missivas longas e regulares destinadas a manter as pessoas o mais perto possível do coração e dos pensamentos, por muito inultrapassável que fosse a distância entre elas no momento. Ele tentava imaginar a solicitude necessária para isso, o profundo e inabalável cuidado, e o que poderia fazer — com o mínimo risco social possível — para experienciar uma parte disso na sua própria vida boicotada.

— Hoje, as filas estavam terríveis outra vez: uma laranja por cliente e, mesmo assim, só as amargas. Depois, encontrei a Harriet Peckham no posto dos correios; a propósito, como de costume, não há cartas para nós, e ela contou-me que a Adeline Grover não está muito bem — anunciou a mãe dele, quase triunfantemente, ao entrar na cozinha, passando por ele e atirando o livro de senhas de racionamento, o saquinho de rede com artigos de mercearia e um jornal enrolado para cima do balcão. Foi pôr a chaleira ao lume, ainda sem ter olhado para Adam. — Tal como eu temia, claro.

Adam teve a clarividência de fechar o livro.

— Disse-me que a pobre rapariga não consegue sair da cama. Que o Dr. Gray está extremamente inquieto, porque parece que não tratou bem daquele parto; agora vai vê-la tantas vezes que dir-se-ia que ela é a sua única doente.

— Talvez, neste momento, seja a mais importante.

A mãe virou as costas ao fogão para o fitar severamente.

— Ora aí está uma rapariga bem jovem. Porque nunca tiveste olhos para ela?

Adam empurrou o livro para um pouco mais longe dele.

— Adam, meu rapaz, é preciso dar atenção a estas coisas.

Tens de arranjar alguém para tratar de ti. Eu não vou estar aqui para sempre, sabes?

Ele sabia — ela lembrava-lho regularmente. Ele detestava quando ela falava assim. Para ele, aquilo era o oposto de se preocupar. Não o ajudava a encontrar a chave para aqueles mundos mais felizes sobre os quais lia nos livros; só o fazia sentir-se encurralado, desesperado e ainda mais sozinho.

— A Adeline Grover nunca se vai interessar por uma pessoa como eu, mãe. E agora não é, certamente, a melhor altura para falar disso.

— Como queiras. Mas fica sabendo que a aldeia está sempre a especular acerca de ti, queiras tu falar disso ou não — disse a mãe com um encolher de ombros, antes de ir preparar pão com manteiga sobre o balcão. Sentando-se à frente dele com o seu chá, deitou uma olhadela ao livro que ele tinha na frente.

— Não leste isso há pouco tempo?

— Foi no inverno passado.

— Lês demais. E lês livros *dela* demais. Devias sair, ir mais vezes a Alton.

— Eu vou a Alton.

— Vais ao *cinema*. Ficas sentado, sozinho, na sala de cinema, a ver uma tolice romântica qualquer. Ou a lê-la — acrescentou, com um aceno de cabeça insolente na direção do livro. — Tens sempre o nariz num livro, tal e qual como o teu pai.

Ele deu mais um gole no café e depois levantou-se.

— Onde vais? — perguntou ela, desenrolando o jornal da tarde que trouxera consigo.

— Acabei de me lembrar de que prometi à Sr. Lewis ajudá-la a cobrir o jardim antes que haja uma geada forte. O sol vai pôr-se daqui a cerca de uma hora.

— Lindo menino — a mãe sorriu-lhe com aprovação e

pegou no jornal.

Adeline Grover estava sentada no assento da janela que improvisara para si própria na parte da frente da sala de estar. Pegara em metade de uma velha porta de vaivém que encontrara no barracão do jardim e dispusera-a sobre o parapeito profundo da janela e o cimo do radiador adjacente, que ficava ao mesmo nível. Cobrira tudo com uma colcha grossa de retalhos e várias almofadas, e ia para ali muitas vezes, sentando-se com um monte de livros, mas, sobretudo, olhando pela janela, vendo o resto dos aldeões continuar as suas vidas.

Estava em sarilhos e sabia-o. Tinha plena consciência de que não se permitira sentir em pleno a perda de Sam, tendo, muitas vezes, feito um esforço para não pensar nele, como se ele estivesse, simplesmente, ausente algures, ainda a combater na guerra. Perder Sam já fora suficientemente difícil e complicado, e depois viera a perda da bebé. Não estava a conseguir lidar com nenhuma dessas perdas, de forma a conseguir seguir em frente. Tinha-se surpreendido com aquela falha — era muito orgulhosa e inteligente, e nunca lhe ocorrera que lidaria tão mal com algo tão significativo, tão inevitável. Mas, pelo menos, tinha inteligência suficiente para conseguir enganar toda a gente, fazendo-os pensar que estava bem. Isso tornara-se quase um jogo para ela. E, enquanto jogava ao jogo de parecer estar bem, sentia-se tão totalmente desligada — até liberta — do seu antigo eu, da pessoa que fora antes de tudo correr mal, que ficava maravilhada com aquela capacidade de ser tão objetiva e separada dos seus próprios sentimentos. Como se fosse essa a sua verdadeira realização.

Como resultado, começava a obter alguma visão do que

era a mente masculina. Só podia imaginar em que resultaria uma vida de fuga emocional e hiperatividade. Pensou no otimismo impenetrável de Sam, mesmo quando confrontado com uma realidade adversa — na sua certeza de que se casariam, no seu perdão de todos os seus deslizes, na sua superfície feliz e brilhante. Ela amara isso nele, e a forma como ele a ajudara a manter-se tão ancorada na vida quotidiana: como cada dia era um novo dia, e o dia anterior não importava, e não valia sequer a pena preocupar-se com o futuro.

Imaginava-o no seu bombardeiro, com os manómetros a matraquear à sua frente, o mar e as rochas lá em baixo, e tanto a intensidade como a indiferença com que ele teria enfrentado esse momento aterrorizante. Teria dado tudo por tudo, embora o seu esforço não importasse — era apenas um ponto no manómetro de outro, uma travessia do abismo numa corda bamba, toda uma vida humana equilibrada na extremidade de um ponteiro.

Agora, também ela estava na extremidade do ponteiro. Só havia duas formas de aquilo terminar. Se se mantivesse assim e caísse no abismo, talvez um dia conseguisse sair de lá — ou talvez não. Por isso, tinha de arranjar maneira de parar o que estava a fazer, de medicar a sua dor inevitável e de se aproveitar do pobre Dr. Gray. Porque não havia dúvida de que estava a aproveitar-se dele — da sua culpa, da sua paixão, do confuso pequeno fraquinho que ele parecia ter por ela, e de todas as coisas que faziam dele um homem especialmente cuidadoso, para além do seu dever como médico.

Olhou pela janela para o sol que se punha, e para Adam Berwick no jardim com a sua mãe, cortando as plantas mortas e cobrindo as perenes mais delicadas, em preparação para as geadas de inverno. Quando os dois a

viram no assento da janela, a mãe deve ter dito alguma coisa a Adam, porque ele pousou a pá, pegou num cesto que tinha a seu lado e dirigiram-se os dois para casa.

— Adeline, querida, olha o que o Sr. Berwick te trouxe.

Adeline olhou para baixo do seu poiso e espreitou para dentro do cesto, descobrindo lá um gatinho adormecido.

Começou a chorar.

A Sr.^a Lewis estava habituada a todas aquelas emoções, mas o pobre homem só conseguiu ficar ali de pé, imóvel, sem a menor ideia do que fazer ou dizer, agarrando o cesto com os nós dos dedos brancos de tanto apertar.

A Sr.^a Lewis estendeu a mão e tocou-lhe suavemente no antebraço.

— Não lhe ligue, é muito simpático da sua parte. Ela só está ainda bastante em baixo. Olhe, vou fazer chá para nós, está bem?

Quando a Sr.^a Lewis saiu da sala de estar, Adam pousou o cesto junto à pilha de livros, no assento da janela, e reparou em *Persuasão*, que estava mesmo em cima.

Adeline limpava os olhos com a ponta do roupão.

— Peço desculpa, Sr. Berwick.

— Chame-me Adam — disse ele simplesmente, e depois meteu as mãos, com cuidado, no cesto e colocou-lhe o gatinho nos braços. — É filho da velha gata malhada do chalé do caseiro. Já tem uns meses.

Ela fez umas festas no pelo castanho e arruivado do pequeno animal.

— Foi muito amável. Peço mesmo muita desculpa — ela interagira tão raramente com Adam Berwick no passado, sendo ele um homem tão tímido e calado, que agora se sentia terrivelmente por o ter assustado com aquela demonstração de sentimentos.

Ele tossiu um pouco e olhou em volta, procurando onde

se sentar. Ela estava sentada à janela, parecendo ir ficar ali horas, com os seus livros e o seu pequeno bule de chá num pequeno tabuleiro de verga. De súbito, ocorreu-lhe uma imagem mental de há anos — de quando estivera deitado sobre um muro de pedra, rodeado de morte, no pequeno cemitério da igreja, sentindo-se, ele próprio, uma efígie.

— Oh, peço desculpa, por favor, sente-se. Traga aquela cadeira para aqui, a de baloiço. É a minha preferida. Mantém-me em movimento — fez um sorriso abatido.

Ele trouxe a cadeira de junto à lareira e colocou-a junto dela.

— Está a ler *Persuasão*.

— Conhece-o?

Ele assentiu com a cabeça.

— Um livro difícil.

— Difícil de ler?

— Difícil de sentir.

— Oh, meu Deus, sim, não sei em que estava a pensar quando o escolhi... embora fique sempre contente no fim. Então, também gosta de Jane Austen?

Ele assentiu novamente com a cabeça enquanto, ao mesmo tempo, olhava para todo o lado exceto diretamente para ela.

— Claro que, nesse caso, tenho de perguntar qual dos livros é o seu preferido.

Ele baixou os olhos para o colo e fez-lhe um pequeno sorriso envergonhado.

— Todos eles. Mas Elizabeth Bennet é a minha personagem preferida.

— Oh, também a minha. Não há outra como ela em toda a literatura. O Dr. Gray não para de falar da sua Emma, mas eu prefiro, de longe, a Lizzie à Emma.

Agora, Adam fitava-a diretamente, observando a forma

como ela falava das personagens como se fossem pessoas reais. Sempre lhe haviam parecido tão vivas — mas nunca lhe ocorrera que mais alguém pudesse sentir o mesmo.

— Fala com o Dr. Gray acerca dos livros? — perguntou, inclinando-se para a frente para dar uma palmadinha no gatinho.

— Sim, ele é um grande admirador dos livros dela, deixe-me que lho diga. Mas faz sentido: ele próprio é uma mistura tão estranha de... como descrevia Austen o Sr. Bennet? Uma «mistura tão estranha de respostas prontas, humor sarcástico, reserva e caprichos»?

— O Dr. Gray é um bom homem — respondeu Adam, simplesmente.

— Sim, é. O que é notável, dada a clareza com que vê tudo e toda a gente.

— Como a própria Austen.

— Sim — Adeline endireitou-se ainda mais no seu assento, concordando. — Exatamente. A humanidade, o amor pelas pessoas, misturado com a capacidade de as ver como elas realmente são. Amá-las o suficiente para isso. Amá-las *apesar* disso.

Adam assentiu com a cabeça. Nunca amara ninguém o suficiente para isso. Não tivera essa oportunidade. Não se dera essa oportunidade. Como Adeline agora, estivera sentado no assento de uma janela, vendo os outros passar, sem sair para o mundo. E sem receber nada em troca.

Nessa noite, ele regressou ao seu exemplar de *Orgulho e Preconceito*. Lembrou-se da sua conversa com Adeline, e de como ambos adoravam Elizabeth Bennet, e perguntou-se quanto da própria Jane Austen haveria, afinal, naquela personagem. Muitas vezes, olhava o pequeno desenho da mulher com faces de bebé, caracóis castanhos bem

vincados e nariz forte que aparecia na primeira folha de alguns livros e desejava saber mais. Gostaria que as cartas à irmã tivessem sido preservadas — gostaria que o único retrato que Cassandra Austen desenhara ao ar livre revelasse mais do que fitas de touca desapertadas e um olhar inquisidor.

Intrigava-o que, tendo crescido na mesma aldeia em que Austen vivera — onde ela escrevera os três últimos livros inteiros —, visse tão pouco dela à sua volta. Sim, havia a Casa Grande, que ainda pertencia aos Knight, e as sepulturas da mãe e da irmã, e o velho chalé do caseiro no coração da aldeia. Mas, para além de uma pequena placa de homenagem colocada no chalé em 1917, no centenário da morte de Austen — do tipo das que o país costumava atribuir a centenas de ingleses distintos —, não havia mais vestígios da sua vida.

Poucos dias depois, aquando do seu *check-up* anual, Adam arranjou coragem para expressar esta perplexidade ao Dr. Gray, agora que sabia não ser o único homem em Chawton tão interessado na grande escritora. Harriet Peckham conduziu-o bruscamente ao escritório, e depois deixou-se ficar na sala de exames da frente, arrumando-a, enquanto os dois homens conversavam.

O Dr. Gray pousou o historial médico de Adam e olhou-o com curiosidade.

— Tenho de admitir, Adam, que não esperava isto vindo de si. Quero dizer, prestar homenagem ao legado da Menina Austen sempre me pareceu mais um...

— Trabalho de mulheres?

— Não, não exatamente... mais de historiador. Ou de qualquer tipo de educador.

Adam abanou a cabeça.

— Já passaram mais de cem anos, e mais ninguém

colmatou esta lacuna.

— Mas em que está a pensar, então? Numa espécie de museu?

— Sim, uma espécie. Estava a pensar que, se o chalé pudesse ser reabilitado, como residência singular, e conseguíssemos recuperar algumas das coisas dela, poderíamos juntar tudo no mesmo sítio e as pessoas teriam realmente qualquer coisa para ver, e para tocar, quando cá viessem. Olhe — Adam remexeu no bolso do sobretudo que ainda tinha vestido e tirou de lá um objeto de madeira de forma estranha. — É um brinquedo de uma criança pequena; georgiano, acho eu, fiz uma consulta na biblioteca... e estava num monte de lixo que encontrei em frente da casa. Estiveram a limpar um pouco o jardim, nos últimos dias. E se? E se este brinquedo pertencesse à família de Jane? E agora não tem casa, e está ali deitado fora, como lixo, na rua.

Era o maior discurso que o Dr. Gray já ouvira àquele homem e, em resposta, assentiu pensativamente com a cabeça.

— Então, uma espécie de casa, em homenagem a Austen. Parece-me bem. Sabe, eu sempre senti que esta aldeia tinha uma aura do mundo antigo, como se tivéssemos recuado no tempo.

— Então, talvez não seja preciso muito.

— Bem, para já, é preciso uma casa. O chalé, tal como está, não será suficiente, tem razão nisso; teria de haver renovações, e autorizações camarárias para tudo isso, e a propriedade dos Russell, ao cimo da estrada, acabou de ser vendida por mil libras. Acho que, com o tamanho deste lote e os custos de reparação, teríamos de despende, pelo menos, alguns milhares de libras, senão mais.

Adam refletiu rapidamente.

— O chalé ainda pertence aos Knight?

O Dr. Gray assentiu com a cabeça.

— Tanto quanto sei. Em tempos de mais abundância, eles poderiam vendê-lo abaixo do valor do mercado, mas agora não tenho assim tanta certeza. Adam, perdoe-me, porque estou mesmo bastante impressionado com a sua iniciativa, mas terá realmente tempo para pensar nestas coisas quando chegar a primavera?

Mal proferira estas palavras, o Dr. Gray percebeu que tempo era a única coisa que tantas pessoas naquela aldeiazinha sonolenta pareciam ter. Jane Austen usara o seu tempo ali para tratar da casa, fazer visitas e compor obras de génio. O facto de a população de Chawton pouco ter variado desde então fez o Dr. Gray ver subitamente cada um dos aldeões quase como um puro substituto dos que ali haviam vivido no passado. Se eles não estivessem à altura da tarefa de preservar o legado de Austen, quem o poderia alguma vez estar?

Adam remexeu-se na desconfortável cadeira de madeira em frente do Dr. Gray, que estava por trás da secretária.

— Se tenho tempo para a ler e reler, também tenho tempo para isto.

Era a afirmação mais assertiva que o Dr. Gray alguma vez lhe ouvira.

— OK, Adam, deixe-me pensar sobre isto... e talvez possamos abordar a Frances Knight juntos, na casa dela. É melhor começar por ela... o velho Sr. Knight não faz mais nada senão queixar-se da quantidade de turistas que Austen atrai — de súbito, parou de falar, tendo ouvido um barulho do lado de fora do escritório, e foi fechar a porta lenta e discretamente, antes de regressar à secretária. — Entretanto, vamos ambos pensar noutras pessoas que possam estar interessadas em ajudar o nosso pequeno

projeto. Talvez a sua mãe?

Adam abanou a cabeça.

— A mãe, não. Também não gosta dos turistas e de tudo o que Austen traz para aqui.

O Dr. Gray olhou Adam com curiosidade. Tendo sido colega de escola dos três rapazes Berwick, sempre tivera uma preocupação particular com o agricultor e o seu óbvio estado mental deprimido. Décadas antes, como parte do seu estágio, o Dr. Gray trabalhara no Hospital de Alton, quando o Sr. Berwick morrera tragicamente de gripe espanhola. E o Dr. Gray tinha plena consciência da personalidade dominante da mãe dos rapazes, que parecia ter-se tornado ainda mais difícil e autocompassiva com o passar dos anos. Ele presumira que Adam tivesse conhecido Austen através de uma mulher — e a única mulher de que alguém tinha conhecimento no tocante àquele agricultor solteiro era a velha viúva Berwick. Talvez uma professora, então, há anos, quando Adam andava a estudar para ser colocado e ganhara a bolsa de estudo. Uma professora do mesmo género que Adeline Grover fora.

E, ao pensar nisso, a cabeça do Dr. Gray ergueu-se num ápice.

— Acho que conheço mais alguém que pode ajudar.

CAPÍTULO 10

Alton, Hampshire
15 de novembro de 1945

Andrew Forrester estava sentado, sozinho, no seu escritório, com a porta firmemente fechada. À sua frente, no mata-borrão em cima da secretária, estava o testamento de James Edward Knight.

Andrew sentia o estômago às voltas. Frances Knight, a mulher que amara e perdera há décadas devido àquele mesmo homem e à sua intromissão, estava prestes a perder tudo o que tinha.

Nessa mesma manhã, James Edward Knight convocara Andrew Forrester à sua cabeceira, estando confinado a um quarto de onde nunca mais sairia. Em todos os anos em que Andrew dera consultoria jurídica ao Sr. Knight, o nome de Frances raramente fora mencionado. Todos se sentiam melhor sem fazer referência ao passado.

Mas, nesta ocasião, o Sr. Knight finalmente falou na filha:

— A Frances não tem cabeça para os negócios.

Andrew pareceu ouvir pacientemente, mas duvidou de que isso fosse verdade. Frances podia ser um pouco tímida e complacente, mas sabia bem o valor da propriedade e do seu recheio. Ele também sabia que ela fizera o melhor que pudera ao tomar decisões domésticas para restringir as despesas o mais possível, muitas vezes em seu próprio detrimento, para acorrer aos custos de gestão da propriedade.

— Senhor, a sua filha toma muito bem conta tanto de si como desta propriedade — contrapôs Andrew, suspeitando que a conversa estava prestes a tomar um rumo bastante penoso.

James Knight abanou a cabeça.

— Quem sabe com o que se preocupa aquela rapariga. Eu não sei, de certeza. Não há dúvida de que nunca se incomodou a casar nem a ter filhos para dar continuidade ao nome da família, o que era seu único dever, como mulher.

Andrew sentiu uma velha e familiar raiva crescer dentro dele, e praticamente teve de morder o lábio, dado o que sabia do envolvimento de James Knight nas poucas oportunidades que Frances tivera de amar. Andrew não sabia se alguma vez conhecera um hipócrita tão grande como aquele homem que agora morria em frente dele.

James Knight sentou-se na cama e Andrew foi-lhe ajustar as almofadas a que se encostava, e depois voltou a sentar-se na cadeira deixada junto à cabeceira para os raros visitantes.

— Passe-me papel — ordenou o idoso — e vá chamar a enfermeira do Dr. Gray. Ela já deve estar lá em baixo, para me dar banho. Oh, e essa escrivanhinha aí no canto; também vou precisar dela.

Andrew hesitou, mas fez o que lhe era pedido, e depois cerrou os dentes e desceu um andar, indo encontrar Harriet Peckham de pé, na entrada principal, inspecionando o registo de visitantes na pequena mesa de apoio.

Nunca gostara de Harriet, que suspeitava ser uma metedixa. Mas era difícil atrair enfermeiras bem treinadas para Chawton, uma cidade com cem casas e quase sem comércio digno de nota. Pelo menos, Harriet, que crescera

ali, era uma cara familiar para os aldeões e podia contar-se com ela para aparecer em qualquer caso de emergência.

Quando Andrew e a enfermeira entraram juntos no quarto, James Knight ergueu uma das folhas de papel que Andrew lhe tinha dado.

— Preciso que vocês os dois sejam testemunhas da minha assinatura neste documento. Não quero perguntas acerca dele, nem discussões acerca do meu estado mental. Estou plenamente satisfeito com o seu conteúdo, e não quero nem mais uma palavra sobre o assunto, ouviram?

Então, voltou a colocar o documento na escrivaninha de mogno e assinou-o com um floreado. Andrew abeirou-se lentamente da cabeceira da cama e acrescentou a sua assinatura, e depois fez sinal a Harriet para se aproximar e fazer o mesmo.

— Isto está feito, então. Como deve ser. Talvez esta propriedade, incluindo o chalé, tenha agora uma oportunidade. A última coisa que quero depois de partir é um monte de turistas americanos pendurados na vedação, tentando espreitar cá para dentro, e não confio naquela minha filha para evitar que isso aconteça — James Knight deitou uma olhadela rápida à Menina Peckham, depois a Andrew, no qual descortinou uma raiva crescente a refletir-se no seu rosto de advogado batido. — Vai pegar nisto e fechá-lo à chave, e está o assunto arrumado, percebe? E, como meu advogado, tem, obviamente, a obrigação de manter o seu conteúdo estritamente confidencial.

Andrew suspirou. Sabia quando estava derrotado. Já passara por aquilo antes.

De volta à privacidade do seu escritório, Andrew lia agora o novo testamento que tinha perante si.

Dentro do seu cofre fechado estava outro testamento,

que tinha sido assinado há quase meio século, em 1896, pouco depois da aprovação das novas leis sobre o imposto sucessório. Esse primeiro documento deixava toda a propriedade ao filho mais velho sobrevivente a James Knight. Na altura da assinatura, este seria o irmão de Frances, Cecil, que nascera nesse mesmo ano e acabara por morrer na casa dos trinta, num acidente de caça. A propriedade passaria, então, para a filha seguinte, que seria Frances, nascida dois anos depois do irmão, em 1898. Isto era semelhante ao padrão de herança que vigorava na família Knight há gerações. Para manter a propriedade na família Knight, esta fora, muitas vezes, herdada por mulheres, lateralmente, ao longo dos séculos, em vez de passar para um parente masculino distante.

Esse testamento de 1896 era o único de que os vários parentes Knight poderiam ter tido conhecimento ao longo dos anos. Agora, tudo ia ser invertido por aquele homem amargo e desaprovador.

Portanto, aquela era a recompensa da filha, uma herança de exatamente nada. A sua recompensa por todos aqueles anos de solidão, de prestação de cuidados, pelo pecado aparentemente imperdoável de não ter fornecido um herdeiro.

Andrew levantou-se. Temia, um dia, ter de dar aquela notícia a Frances. Mas também já tinham passado por aquilo.

Estavam bastante habituados, os dois, a partilhar desilusões esmagadoras.

CAPÍTULO 11

Chawton, Hampshire
14 de dezembro de 1945

O Dr. Gray não visitava Adeline Grover há várias semanas. Não achava que fosse apropriado; agora, cabia a ela própria tratar-se, tal como devia ser. Também não queria voltar a pôr-se numa posição desconfortável ou que lhe fosse pedido para fazer algo que não devesse fazer. Quanto mais tempo passasse sem a ver, maior seria a probabilidade de ela ultrapassar alguma da sua raiva (que tantas vezes, nos últimos tempos, parecia, perturbadoramente, ser dirigida a ele) e de começar, pelo menos, a resignar-se.

Estava sentado à sua secretária numa manhã escura e invernosa de sexta-feira quando a enfermeira entrou com um pequeno envelope. Ele abriu o cartão de boas-festas em frente dela, leu-o rapidamente e levantou-se. Enfiando o cartão no bolso esquerdo da frente do seu casaco de fato, tentou, ao mesmo tempo, retirar um pequeno embrulho da gaveta da secretária tão despreocupadamente quanto possível, sob o olhar perscrutador de Harriet.

— Vou fazer as minhas rondas um pouco mais cedo esta manhã, Menina Peckham.

Ela olhou-o com curiosidade. Ele nunca gostara dela, embora ela fosse uma enfermeira bastante cuidadosa e diligente. Mas, em momentos como aquele, ele conseguia ver os pequenos olhos da cidade sobre ele. Suspeitava de que ela era uma grande fonte dos mexericos que

proliferavam nas suas costas.

Por isso, não lhe disse onde ia e esperou que ela não tivesse reconhecido a caligrafia no envelope — não imaginava como.

Pegou no casaco e no chapéu que estavam no bengaleiro do corredor e saiu antes que Harriet Peckham pudesse dizer — ou dar a entender — qualquer outra palavra.

Quando ele saiu, uns pequenos salpicos de neve cobriam os telhados e os campos em volta, conferindo à paisagem apenas o branco essencial para dar, finalmente, uma ideia de Natal — o primeiro desde que a guerra acabara. O Dr. Gray sabia que, para muitos na aldeia, com a constante perda de vidas e o racionamento crescente, as recentes férias tinham sido muito mais sóbrias do que seria bom para a alma. Pelo menos, ainda tinham a Missa do Galo na pequena igreja da paróquia de St. Nicholas, que estaria lindamente decorada com ramos de abeto e hera das terras da propriedade, e esperava que, a seguir, Frances Knight convidasse, mais uma vez, toda a gente para a Casa Grande para comer castanhas assadas e beber vinho quente. Essa era uma tradição da aldeia de Chawton há gerações. Por um momento, perguntou-se se seria também assim que Jane Austen celebrava o Natal com a família Knight, e apercebeu-se de que o surpreendente plano de Adam Berwick devia estar a contagiá-lo.

Abriu o pequeno portão de madeira para o jardim dos Grover e, reparando que a dobradiça de cima estava solta, tomou nota mental de a mandar arranjar. Enquanto percorria o caminho gelado, viu as estacas vazias dos tomateiros e dos delfínios e as proteções de salgueiro para as ervilhas-de-cheiro, tudo com um aspeto um pouco desolado e esquecido. Bateu uma ou duas vezes na porta pintada de vermelho e esperou, enquanto uma luz se

acendeu no átrio central contra a manhã sombria de dezembro e a porta se abriu.

— Dr. Gray — observou Beatrix Lewis, e depois ficou ali, de pé, como que esperando que ele dissesse alguma coisa. Já estava com Adeline no seu pequeno chalé há meses, dado o estado de abatimento da filha e a falta de um homem em casa para a ajudar.

— Sr.^a Lewis, olá, vim fazer uma visita à Adeline. Ela está... acordada? — alguma coisa no olhar duro da mulher estava a deixá-lo desconfortável.

— Sim, mas não sabia que ela o tinha chamado.

Inconscientemente, ele bateu o cartão de boas-festas agora comprimido contra o seu peito do lado esquerdo, dentro do bolso do casaco.

— Não exatamente, mas ela escreveu-me e, com as férias tão perto, achei melhor vir ver rapidamente como ela estava, se não houver problema.

Dado que já uma vez ele carregara o corpo quase sem vida da sua filha por aquela mesma porta para uma ambulância que chegava, ela estava a agir com bastante frieza para com ele.

— Sim, bem, a sua enfermeira acabou de nos telefonar a informar que o senhor talvez passasse aqui hoje, por isso não é uma surpresa completa.

— Olhe, se não for boa altura, eu posso...

Ouviu os passos de Adeline a descer as escadas — aquelas escadas instáveis e estreitas — e um estranho sentimento disparou dentro dele, um baque de ansiedade inexplicável como nunca conhecera.

— Dr. Gray, olá. Mãe, vou conversar com o Dr. Gray na sala de estar.

Ele seguiu a magra figura dela até à sala que ficava à direita, e depois esperou, para se sentar, que ela fechasse a

porta dupla.

— Por favor, sente-se — ela indicou-lhe o canapé maior, em frente da janela de sacada, por trás do qual ele notou um banco improvisado na janela sobre um velho radiador. Havia várias almofadas de tapeçaria empilhadas em frente do profundo peitoril da janela, juntamente com uma impressionante pilha de livros e um gatinho enrolado e adormecido. Ele deu-lhe uma palmadinha terna, e depois voltou a olhar para Adeline, inquisitivamente.

— Foi um presente. Do Adam Berwick.

Ele parou de fazer festas ao gato e olhou à sua volta.

— Vejo que se instalou aqui — observou, enquanto batia nalgumas almofadas e começava a virar alguns dos livros.

— À procura de pistas? — ela sorriu, tristemente. — É o meu poleiro. De onde vejo o mundo passar.

— Adeline — começou ele a admoestá-la, tentando, depois, suavizar o tom de voz —, por favor, não fale assim... por favor, não seja tão dura consigo mesma. Esta é uma época terrível... eu sei.

— Eu sei que sabe — ela olhou-o, não friamente como a mãe, mas com resignação. Finalmente, fez-lhe novo gesto para se sentar, sentando-se, ela própria, com formalismo, numa cadeira de baloiço de madeira trabalhada em frente à lareira, de onde o via enviesadamente.

— Obrigado pelo cartão — disse ele, passados alguns minutos de silêncio.

— Veio cá só para me dizer isso?

— Adeline — suspirou ele —, por favor, não vamos por aí.

— É mais fácil assim — suspirou também Adeline.

— Como? Sendo incorreta para toda a gente? Para com a sua mãe? Para comigo?

— Só não tenho a energia que costumava ter.

— Na verdade, costumava ter bastante energia... quase

demasiada — disse ele, tentando fazer um sorriso iluminar aquele rosto pálido e fechado.

Ela não conseguiu deixar de lhe retribuir o sorriso. Por vezes, esquecia-se do quanto ele sabia sobre ela; esquecia-se de por quanto tempo ele conhecera o seu eu verdadeiro, a pessoa que agora só se lembrava de ter sido.

— Bem, não tem de quê. Pelo cartão, quero dizer.

— Ah, já me esquecia — meteu a mão no bolso do casaco, que atirara por cima das costas do canapé. — Trouxe-lhe uma coisa. Estamos na época natalícia, e isso tudo.

Tirou do bolso o pequeno embrulho retangular e levantou-se para lho estender. Ela franziu ligeira e quase constrangidamente o sobrolho, enquanto dizia:

— Eu não lhe comprei nada.

— O seu postal foi suficiente — ele voltou a sentar-se no canapé. — E, seja como for, como se costuma dizer, o que conta é a intenção.

— Ultimamente, parece que só consigo pensar em mim própria. Em como chegar ao fim deste dia, desta hora. Em como me distrair. Em como esquecer.

— Já pensou em voltar a ensinar? Desculpe, talvez eu não devesse perguntar... sei que ainda passou pouco tempo.

Ela abanou a cabeça, continuando a segurar o embrulho fechado.

— Não, não pensei nisso, nem um pouco — ergueu o embrulho até ao ouvido direito e abanou-o suavemente. — Dickens? Leve demais... Eliot? Não, fino demais... Hum... o que poderá ser...?

Aproximou-se e sentou-se ao lado dele no pequeno canapé. Ele apercebeu-se de que não se sentavam assim desde aquela vez, no verão anterior, em que tinham tomado chá juntos no pátio da Casa Grande. Tanto acontecera desde então, num ano em que ela já tivera de suportar mais

do que deveria. Estava desejoso, pelos dois, que 1945 chegasse ao fim; havia sempre uma nova esperança num novo ano.

Ela desembrolhou o presente devagar — gostava de o ver tentar ser paciente enquanto ela o provocava — e percebeu que era a mesma edição do *Orgulho e Preconceito* de Austen do que a de *Emma* que ele lhe lera quando estavam sentados, juntos, no pátio.

— O meu preferido — sorriu. — Obrigada.

Ele retribuiu o sorriso.

— Não foi difícil de adivinhar. Deve ter outras edições; mas esta pode levar para onde quiser. Olhe, Adeline, tem de começar a sair novamente. Tem de começar a caminhar, a fazer longos passeios, a deixar entrar o ar puro e fresco nos pulmões e na cabeça, tem de sair. Eu sinto-me sempre muito melhor quando ando nas minhas rondas. Faz-me sempre muito bem conversar com e ajudar os outros. Não é uma receita milagrosa, mas é um começo. Ler é maravilhoso, mas mantém-nos dentro das nossas cabeças. É por isso que não consigo ler alguns autores quando estou desanimado.

— Mas pode-se sempre ler Austen.

— E é exatamente isso o que Austen nos dá. Um mundo que faz de tal maneira parte do nosso, sendo, no entanto, tão separado dele, que entrar lá é uma espécie de tónico. Mesmo com tantas personagens com defeitos, e até tontas, no fim tudo faz sentido. Pode ser o maior sentido que alguma vez consigamos retirar deste mundo confuso em que vivemos. É por isso que ela permanece, como Shakespeare. Está tudo lá, a vida toda, tudo o que conta, e continua a contar, até hoje, até si.

Viu Adeline manter a cabeça levemente baixa enquanto falava, sem olhar para ele, observando apenas o pequeno

livro que tinha nas mãos.

— Mas é espantoso como ela nos engana com a aparência das coisas — acabou por responder Adeline, levantando os olhos para ele. — Quando pensamos na Anne Elliot, por exemplo, e na decisão totalmente desastrosa que ela toma aos quê... dezoito, dezanove anos?, de não se casar com o Wentworth, isso tem de se dever, em parte, ao facto de a mãe dela ter morrido há poucos anos. Eu não me consigo imaginar a sentir-me diferente do que me sinto agora daqui a um ou dois anos.

Desta vez, o Dr. Gray nem sequer tentou persuadi-la do contrário, deixando-a falar e esperando que isso a ajudasse a sair de si própria, ainda que apenas por um instante.

— Austen deve ter decidido que ela teria quinze anos na altura desse acontecimento por algum motivo — continuou Adeline. — No livro, são bem explicitadas as idades de todos à data da morte da mãe desde o princípio, quando sabemos que Austen não dava grande importância a esses pormenores; mas essa é a forma de ela nos dar uma pista de que a Anne ainda está em pleno luto quando conhece Wentworth, e muito vulnerável, não só a ele, como também às pressões e aos laços familiares; ainda está muito impressionável. Por isso, a tristeza está lá, profundamente enraizada nos livros, mesmo quando não parece estar.

— Todos nós acabamos por viver com a tristeza, todos sem exceção. Austen sabia isso. Também acho que sabia que estava a morrer quando escreveu partes desse livro, que nada podia ajudá-la, e por isso tentou não preocupar a família quando já não havia nada a fazer.

— É uma mulher melhor do que eu. Eu tenho assustado a aldeia inteira.

Era a primeira brincadeira que ouvia a Adeline em meses e, novamente, sentiu a essência da vida a despontar. Só

uma brecha — mas estava lá.

— Ouça, Adeline, quando estiver pronta, tenho um pequeno projeto para si. Mais uma coisa que acho que poderá ajudá-la. Ironicamente, tem a ver com Jane Austen. Foi uma sugestão de Adam Berwick, logo dele. Podemos convencê-la a sair para ouvir um pouco mais?

— A sair, não, mas podemos encontrar-nos aqui.

A Adeline de antigamente não o deixaria espicaçar-lhe o interesse assim, sem exigir saber mais. Mas, fosse como fosse, era um começo.

— Muito bem. Nós compreendemos — fez uma pausa. — Toda a gente está muito preocupada consigo, tem razão acerca disso. Mas eu conheço-a. Sei daquilo de que é feita.

Era a declaração mais honesta e pessoal que ela já o ouvira fazer, e tinha a certeza de que ainda tinha a boca aberta quando ele se virou e saiu da sala.

Do assento da janela da frente, viu-o sair pelo caminho do jardim. Deixou o gatinho enroscar-se-lhe no colo, e depois esperou até o Dr. Gray já não estar à vista para virar a atenção para o seu pequeno presente, abrindo-o na primeira página.

— Muito bem, então do que é que queriam falar-me?

Adam pigarreou e pareceu prestes a fugir.

— Adam... começou Adeline, sentindo-se mais à vontade com ele desde que ele lhe trouxera o gatinho.

O agricultor remexeu-se um pouco no assento junto à lareira, na sala da frente dos Grover.

— Temos andado a pensar, eu e o Dr. Gray, em tentar fazer um local de homenagem a Jane Austen. Em Chawton. Talvez no velho chalé do caseiro.

Adeline olhou para o Dr. Gray, que estava sentado no pequeno canapé em frente da janela de sacada.

— Vocês os dois prepararam isto? Dois homens?

— Sim, receio que sim — o Dr. Gray sorriu-lhe quase acanhadamente. — Seria um grande projeto: teríamos de nos constituir como uma organização sem fins lucrativos, ou algum tipo de fundo, depois arranjar dinheiro para adquirir a propriedade e quaisquer artefactos que pudéssemos encontrar, incluindo muito do que anda pela velha propriedade dos Knight, segundo suspeito.

— Já falaram com a Menina Frances acerca disto?

Os dois homens abanaram as cabeças.

— Tanto quanto sei, os Knight ainda são donos do chalé — disse Adeline, com a sua falta de rodeios habitual. — Por isso, terão de começar por aí... e, com o velho Sr. Knight tão doente, poderá não ser a melhor altura para puxar este assunto.

— Bem, o que acha? — perguntou o Dr. Gray, gentilmente. — Estaria interessada em ajudar?

Ela estreitou os olhos na direção dele.

— Então, eu também sou um projeto?

— Não, nem por sombras... quero dizer, eu... nós... não lhe perguntaríamos se não achássemos que, em circunstâncias normais, queria ajudar.

— Se eu ainda estivesse normal, quer o senhor dizer.

O Dr. Gray suspirou e sentiu, então, os olhos de ambos sobre ele, o que o fez corar invulgarmente.

— Não, mais uma vez, nem por sombras... só não queríamos que se sentisse obrigada a ajudar se não estivesse com vontade de o fazer, não é, Adam? Só queríamos convidá-la a juntar-se a nós. Se quiser.

Adeline parou de se balouçar na cadeira junto a Adam, que estava no sofá, perto da lareira.

— OK, muito bem, contem comigo... não há dúvida de que não tenho nada de melhor para fazer. Portanto, somos nós

os três para começar, e esperemos, claro, que a Menina Knight se nos junte, se assim o quiser. Também precisaremos de um solicitador. O Samuel andava a estagiar com um em Alton quando foi chamado...

— O Andrew Forrester.

Ela levantou o olhar para o Dr. Gray, surpreendida, como sempre, pela sua memória infalível.

— Então, conhece-o?

— Andámos juntos na escola.

— São da mesma idade? — perguntou ela, novamente surpreendida. — A sério? Ele parece tão... velho. Ou, pelo menos, antiquado. E muito picuinhas com os detalhes, segundo ouvi dizer. Talvez não se queira envolver com algo tão amador como isto.

— Porque não lhe hei de perguntar, pelo menos, quais os primeiros passos a dar? — perguntou o Dr. Gray aos dois.

Adam concordou, e depois ele e o Dr. Gray ficaram ambos à espera que Adeline, com o seu ar natural de autoridade, retomasse a palavra. Ela olhou-lhes para os rostos expetantes e perguntou:

— Então e como nos chamaremos? O Clube para...

— A Preservação de...? — sugeriu o Dr. Gray.

— Que tal simplesmente o Clube Jane Austen? — interveio Adam de imediato, e ambos se viraram para o olharem, surpresos.

— Perfeito — concordou Adeline, com um sorriso rasgado iluminando-lhe a face pela primeira vez em semanas. — Absolutamente perfeito.

CAPÍTULO 12

Chawton, Hampshire
17 de dezembro de 1945

Algumas manhãs depois, o Dr. Gray encontrou Andrew Forrester quando estava a sair da cabeceira do Sr. Knight. Ansioso por falar a Andrew do recém-formado clube, o Dr. Gray perguntou-lhe se poderiam dar um passeio ao ar livre para conversarem em privado.

Saíram pela porta do lado sul da Casa Grande e caminharam ao longo do terraço com o muro baixo de tijolos, rodeado por altas e cónicas sebes de teixo. Depois, continuaram por um caminho de gravilha adjacente, de um dos lados, a uma floresta cerrada, até chegarem a um terraço mais elevado, um local com um muro baixo encimado por alvenaria em quadrados, balaústres elegantes e uma vista sobre toda a propriedade.

— OK, parece-me que, agora, estamos longe de quaisquer ouvidos indiscretos — anunciou Andrew, um pouco confuso. Olhou para baixo, para a bela casa isabelina e para o declive relvado coberto de neve à frente deles, recordando as horas que haviam passado a escorregar por ali abaixo em rapazes. — Disseste que tinhas uma proposta a fazer-me.

Quando o Dr. Gray começou a descrever o «pequeno projeto», como gostava de lhe chamar, Andrew, ao princípio, não sabia se queria ouvir mais. Afinal, lera alguns dos livros de Austen ao longo dos anos e gostara bastante

deles, mas a ideia de dedicar horas, todos os meses, a preservar a história física da autora na pequena aldeia agrícola de Chawton parecia, pela minúcia que requeria, um pouco exigente demais para o seu moderado nível de interesse.

Mas, enquanto o seu velho amigo falava, Andrew percebeu que o próprio objetivo do clube seria, em breve, impossível. Ele era o único de todos eles que sabia precisamente o que estava em jogo, especialmente do lado de Frances. Se o Sr. Knight conseguisse o que queria, toda a propriedade poderia, um dia, acabar nas mãos de algum familiar masculino distante e desconhecido e, então, quem sabia o que poderia acontecer-lhe? Pior ainda, o novo testamento incluía uma cláusula particularmente punitiva, que não dava a Frances mais do que uma pequena quantia anual e o direito de residir no chalé do caseiro, apenas enquanto a propriedade pertencesse aos Knight. Assim que algum familiar masculino vendesse o chalé, Frances ficaria, essencialmente, sem teto, no que parecia ser uma tentativa encapotada de evitar que o chalé se tornasse numa espécie de parque temático de Austen. Era como se o Sr. Knight já fizesse uma ideia dos planos do clube.

Mas, se do clube conseguisse, de alguma forma, a propriedade do chalé, disse Andrew para si mesmo, fosse agora, das mãos do Sr. Knight, ou no futuro, seriam o grupo ideal para garantir que Frances teria sempre onde viver — o chalé já estava suficientemente subdividido para preservar quartos suficientes para ela, no andar de cima.

— Receio que, de momento, sejamos apenas três membros — continuou o Dr. Gray. — Eu, a Adeline Grover e o Adam Berwick. Precisaremos de mais do que isso para formar um quórum suficiente para votações. Oportunamente, claro, esperamos convidar a própria

Menina Frances.

— A Menina Frances também? — perguntou Andrew, com surpresa. — A sério?

Benjamin Gray observou cuidadosamente o outro homem enquanto se aproximavam do jardim murado das traseiras, o seu local favorito de toda a propriedade. Andrew parecia ter um interesse profundo e não resolvido em Frances Knight, o que confundia o Dr. Gray. Os seus dois amigos de infância praticamente geriam a propriedade Knight juntos, mantendo-se os dois solteiros e descomprometidos, e ele sabia que Andrew estivera apaixonado por Frances quando eram jovens. O Dr. Gray não podia imaginar que o amigo ainda gostasse dela e não tivesse feito nada quanto a isso, por muito exigente que fosse o seu carácter.

— Seja como for, temo que o conflito de interesses me impedisse de participar na maior parte das decisões, como solicitador da propriedade — dizia Andrew, continuando a aperceber-se da complexidade da sua situação. Nunca poderia dizer a qualquer deles o que sabia acerca do conteúdo do testamento. Perguntava-se se, fazendo, simplesmente, parte do grupo, mesmo que como uma mosca na parede, poderia, pelo menos, observar as suas decisões como grupo e guiá-los subtilmente numa direcção que ajudasse a proteger os interesses de Frances, sem com isso violar a confidencialidade que devia ao Sr. Knight como seu solicitador. Na sua extensa carreira, Andrew nunca se permitira sequer considerar uma área moralmente tão cinzenta, e aquilo estava a fazê-lo sentir-se bastante pouco à vontade.

— Talvez, quando for altura de votar — respondeu o Dr. Gray. — Mas as tuas competências gerais, já para não falar do teu conhecimento ímpar da própria Chawton e da sua história, seriam inestimáveis para os outros membros.

Andrew sentou-se num banco talhado num toro de carvalho, mesmo à entrada do jardim murado, e Benjamin juntou-se a ele.

— Já pensaram numa estrutura legal para levar a cabo os objetivos caritativos deste clube? Para se protegerem de riscos, angariarem dinheiro, minimizarem os impostos e coisas desse tipo?

O Dr. Gray ficou contente por ver que as rodas dentadas já giravam no cérebro jurídico de Andrew.

— Estávamos a pensar num fundo sem fins lucrativos separado para administrar a propriedade em si mesma e quaisquer bens que possamos adquirir.

— Muito bem, muito bem. De quem partiu a ideia, afinal?

— Do Adam Berwick, acredite ou não. Parece que tem andado a ler e a reler Jane Austen todos os invernos, há já muitos anos.

— Nem em mil anos eu teria adivinhado isso — o advogado abanou a cabeça, numa incredulidade divertida.

— Diz-se que alguns livros podem mesmo ajudar os doentes com traumas e, seja lá pelo que for, um dos autores recomendados é Jane Austen. A verdade é que me ajudou.

— Então, isto também é um remédio para a pobre Adeline Grover?

— Sim, julgo que sim.

Andrew olhou pensativamente para a Casa Grande e para os terrenos que se estendiam à sua frente.

— Ainda me sinto desconfortável com a minha posição como solicitador oficial de Knight. O meu dever é proteger os interesses dos meus clientes, os interesses financeiros, jurídicos e outros. É inevitável que surjam coisas, que haja conversas, em que eu tenha de me abster ou de me ausentar de todo.

— Andy, claro que sim; eu também fiz um juramento

profissional, como sabes. Olha, é uma organização sem fins lucrativos; por muitos esforços que façamos, com certeza nenhum de nós vai fazer dinheiro com isto. Gostaria de pensar que podemos gerir quaisquer conflitos que surjam sem grandes problemas.

— OK — acabou Andrew por concordar, com um suspiro.

— Eu também vou ajudar. Mas acho que nos devemos encontrar em breve, antes que as festas nos venham ocupar o tempo.

— Andrew, a sério, algum de nós quatro está assim tão ocupado agora?

Os dois homens ficaram sentados no banco a contemplar o cenário de tantas diversões da sua juventude partilhada. Talvez, apenas talvez, estavam ambos a pensar em silêncio, o clube pudesse ajudá-los a recuperar ainda que fosse uma pequena parte disso.

CAPÍTULO 13

*Chawton, Hampshire
22 de dezembro de 1945
A Primeira Reunião do Clube Jane Austen*

Na qual é constituído o Fundo Memorial Jane Austen, com os objetivos caritativos do avanço da educação e, em particular, do estudo da Literatura Inglesa, especialmente das obras de Jane Austen.

O primeiro ponto dos trabalhos era constituir um fundo como forma legal de levar a cabo quaisquer negócios em nome do clube, e nomear três administradores do fundo, incluindo o presidente, o tesoureiro e o secretário.

Adeline Grover concordou em ser secretária da reunião que teria lugar, novamente, na sua sala de estar principal, dada a sua rapidez a tomar notas, e, no final da reunião, foi permanentemente nomeada para esse papel. O Dr. Gray aceitou ser o primeiro presidente do fundo por um prazo de dois anos, dada a sua anterior experiência no conselho diretivo da escola local. Andrew concordou em ser o primeiro tesoureiro, tendo em conta a sua formação de solicitador e conhecimento de fundos monetários e das diferentes práticas bancárias. Tudo isto trouxe um alívio palpável a Adam Berwick, tendo-se considerado que a sua situação financeira requeria que se dedicasse totalmente ao seu emprego normal.

O documento de constituição do fundo, antecipadamente

elaborado por Andrew Forrester, previa fundos angariados tanto através de subscrições como de doações, e os três administradores rapidamente avançaram trinta libras para a criação de uma conta da qual quaisquer despesas correntes pudessem ser retiradas no futuro.

Cada um dos três administradores do fundo também se comprometeu a cumprir vários deveres, principalmente os de levar a cabo os objetivos caritativos do fundo e evitar quaisquer conflitos ou impressões nesse sentido. Com o papel de Andrew Forrester como executor da propriedade Knight, a situação parecia poder facilmente dar azo a conflitos, e ele concordou em abster-se de qualquer votação acerca do uso de fundos para a compra da propriedade.

— Ainda está tudo um pouco duvidoso... não escreva isto, Adeline... mas, afinal, é uma organização sem fins lucrativos, e nenhum de nós está a fazer isto para ter lucro, por isso estou confortável com a cláusula de abstenção tal como está. Só teremos de nos manter muito atentos a esses assuntos daqui para a frente.

— Quais são as regras para votar, com um grupo tão pequeno? — perguntou o Dr. Gray.

— Historicamente, cumprem-se as regras dos procedimentos parlamentares, que requerem uma maioria de todo o conselho de administração, incluindo quaisquer abstenções. Por isso, neste momento, se eu me abster de uma votação, tu e a Adeline terão de estar de acordo para que alguma coisa seja aprovada.

— Ha! — riu-se Adeline francamente, fazendo os três homens virarem-se para ela.

— Pois, bem — respondeu Andrew, rapidamente —, isto, só por si, é uma razão para convidarmos pelo menos mais dois membros para se juntarem a nós. Cinco administradores do fundo, no total, devem chegar.

— E o dinheiro? — perguntou Adam. — Para comprar o chalé?

— De acordo com as últimas vendas locais — respondeu Andrew —, devemos contar com vários milhares de libras para comprarmos o chalé, seja como for. Eu sugiro que tentemos angariar fundos suficientes através de subscrições públicas o mais depressa possível. Depois, poderemos ir ter com a Menina Frances com uma proposta de negócio pura e esperar que ela consiga convencer o pai a concordar a tempo.

O Dr. Gray apercebeu-se destas duas últimas palavras e deitou um olhar curioso a Andrew.

— Achas que nos devemos despachar, então? Antes que ele morra?

Andrew folheou os papéis que tinha à sua frente, no colo.

— Segundo percebi do que disse aqui o Adam, existem interesses exteriores na propriedade Knight. Tal como sucedeu com a recente venda do recheio da propriedade Godmersham, que também pertenceu, um dia, ao irmão de Austen. Trouxe comigo o catálogo; é do domínio público, por isso não me parece impróprio partilhá-lo convosco.

Os outros três membros do clube passaram o catálogo de mão em mão.

— Um preço mínimo de cinco mil libras por uma escrivaninha? — exclamou o Dr. Gray.

— Parece que foi vendida por quase três vezes essa quantia. Adam, diz-lhes o que mais sabes.

— Consta que alguém da Sotheby's está sempre a telefonar à Menina Frances.

Adeline levantou os olhos para ele, surpreendida.

— Como sabe isso?

— A Evie. A Evie contou-me.

— A Evie Stone? — perguntou o Dr. Gray. — Qual é a

intenção dessa miúda?

— Seja ela qual for — replicou Adeline —, aposto que é mais do que limpar as lareiras. Ela era demasiado nova para ter abandonado a escola quando teve de o fazer. É muitíssimo esperta... mais do que qualquer um de nós.

— Estou certo de que isso é um exagero — sorriu o Dr. Gray.

— Fale por si — respondeu Adeline, com toda a seriedade.

— Muito bem, voltemos à minha sugestão — interveio Andrew. — Sugiro que, logo no início do ano, publiquemos um pequeno anúncio no *The Times* e nos jornais locais de Hampshire, notificando o público da constituição de um fundo que aceita dinheiro para apoiar as iniciativas do clube.

— Deveremos mencionar que pretendemos tentar adquirir o chalé? — perguntou Adam.

— Acho que será melhor — respondeu o Dr. Gray. — Temos de dar ao público um objetivo tangível. Algo mais impressionante do que adquirir escrivatinhas e cruces de topázio.

— Mais uma vez, fale por si — disse-lhe Adeline, mordazmente. — Eu não me importava de pôr as mãos na joalheria de Austen.

O Dr. Gray sentiu-se estranhamente gratificado — a antiga Adeline, de língua afiada e direta, começava a regressar, lenta mas firmemente.

CAPÍTULO 14

Chawton, Hampshire *Semana do Natal de 1945*

— **A**chas que vamos ter a velhota na igreja nesta Véspera de Natal? — perguntou Tom. Ele e Evie Stone estavam a apanhar hera e azevinho no bosque para cobrir o átrio da entrada principal e a sala da Casa Grande, como preparativos para a receção anual dada à aldeia a seguir à Missa do Galo em St. Nicholas.

— É sempre uma incógnita — respondeu Evie. Tinha apenas dezasseis anos em comparação com os vinte de Tom e, enquanto vasculhava a neve em busca dos enfeites, as suas faces ostentavam aquele rubor róseo puro que só se vê nos jovens e imaculados. — Já leste aquele livro, o que te trouxe da biblioteca?

Apesar da sua persistente e extensa leitura, o livro preferido de Evie continuava a ser *Orgulho e Preconceito*. Quase como uma espécie de teste, impusera-o ao seu limitado círculo social na Casa Grande — Josephine, a cozinheira, Charlotte, a outra criada de casa, e Tom, o encarregado do estábulo e jardineiro — com o mesmo entusiasmo que colocava em todas as coisas. Se não gostassem, ou se — pior ainda — não acabassem o livro, desvalorizava o facto com o mesmo vigor.

— Hum, não, não exatamente — Tom tossiu. Tinha intenção de começar o livro, especialmente porque estava numa corrida contra o tempo e contra mais dois jovens da

aldeia para fazer a corte a Evie Stone. Mas nem mesmo esse potencial prêmio podia fazê-lo ultrapassar a sua natural agitação e falta de disciplina.

— Bem, devias, Tom, devias mesmo. É tão bom. É tão engraçado — Evie endireitou-se com as mãos cheias de verdura e sorriu-lhe. — Não consigo levar mais, e tu?

Ele olhou através da pequena mata de tílias, para os campos virados a oeste, separados do bosque e da casa por uma pequena vedação — a qual, enganosamente, se enterrava numa vala de forma a não limitar a vista, não deixando, no entanto, de manter as ovelhas fora dos jardins.

— O Sol está a pôr-se muito depressa, deve estar quase na hora do chá. Bem, ouve, posso ficar um pouco mais de tempo com esse livro?

— A Menina Knight diz que está encantada por nós estarmos a ler, por isso tenho a certeza de que não dará por falta dele, por enquanto.

Evie desceu pela mata de tílias de volta à casa, deixando Tom segui-la aos tropeções. Suspeitava de que ele nem se tinha dado ao trabalho de pegar no livro, e perguntava-se se aquilo refletiria um limite no interesse dele por ela ou apenas uma incapacidade de estar sentado e quieto. Fosse como fosse, não estava lá muito impressionada — e achava que Jane Austen também não o teria ficado.

Evie entrou na Casa Grande e pousou o seu monte de verduras numa mesa de apoio logo à entrada, à esquerda da enorme porta da frente em madeira. Tom fez o mesmo, e depois atravessou o átrio central na direção da cozinha para ir pedir chá a Josephine. Evie optou pelo caminho mais longo, que fazia desvios pela sala de estar a que a família chamava a Sala Grande, a qual abria para a biblioteca do piso principal, passando depois por uma

pequena galeria até chegar à outra divisão preferida de Evie, a sala de jantar.

No centro dessa sala, estava a imensamente longa mesa de mogno à qual Jane, Cassandra e o irmão de ambas, os onze filhos deste e uma mistura sempre diferente de outros convidados teriam jantado. Fazendo parte de uma extensão de três andares que se destacava da face oeste da casa, a sala de jantar continha dois enormes assentos de janela com cortinas de um brocado espesso que se podiam fechar ao longo de um elevado varão de latão para se ter privacidade total. Quem estivesse sentado na janela a sul poderia ver, sem ser visto, a aproximação, pelo longo caminho de acesso, de qualquer dos raros visitantes da casa.

Ali, como Evie suspeitava, estava sentada a Menina Knight.

— Peço desculpa, menina — começou ela, e a Menina Knight virou-se para a olhar.

Evie estava preocupada com a sua empregadora. A Menina Knight espalhava uma sombra difusa à sua volta, com uma falta de vida no seu rosto e postura que faziam parecer que tinha um pé neste mundo e o outro noutro lado. Era uma mulher essencialmente sozinha e cada vez tinha menos amigos, à medida que começava a passar todo o seu tempo dentro de casa. Embora ainda jovem, Evie já compreendia que a verdadeira amizade não podia ser obtida sem trabalho árduo e vigilância. Tendo abandonado a escola e a fácil camaradagem dos colegas, Evie percebia como trabalhar numa casa grande e vazia com pouco pessoal a afastava de uma vida social mais normal. A sua única forma de divertimento exterior era ir a Alton com amigas, ao cinema — o resto do seu tempo livre era ocupado lendo e catalogando os livros pela noite dentro.

— Eu e o Tom gostávamos de saber, menina, se irá à missa nesta Véspera de Natal. Muitos dos aldeões mo têm perguntado ao ver-me.

Frances abanou a cabeça. Já não tinha vontade de ver muitas pessoas, e agora metade da aldeia estava prestes a desaguar na sua casa.

— Não, mas tu, a Charlotte e o Tom devem ir. A Josephine vai ficar a preparar as coisas e a fazer-me companhia. E, claro, eu devo passar algum tempo a visitar o meu pai.

Evie avançou mais para dentro da divisão. Sobre a lareira estava um belo retrato, quase em tamanho natural, de Edward Austen Knight, o irmão de Jane, pouco depois da grande viagem que fizera pela Europa em jovem. Ele herdara várias propriedades bastante conhecidas dos Knight, e dois outros irmãos de Jane haviam sido comandantes navais bem-sucedidos, velejando até locais tão distantes como as Caraíbas e o mar da China. Evie pensou nas mulheres Austen circunscritas, em vez disso, aos quatro cantos de Inglaterra, aventurando-se, talvez, até ao Distrito Peak a norte e a Southampton a sul, mas, essencialmente, ficando em aldeias como Chawton. Evie perguntou-se se também ela ficaria ali presa para sempre. Perguntou-se qual poderia ser o seu bilhete para fora dali.

— Menina Knight, espero que saiba como todos esperam ansiosamente este evento. É uma grande amabilidade sua e do seu pai acolherem toda a gente, assim, na vossa casa.

— Obrigada, Evie. Afinal, é uma tradição de família... e as tradições de família são importantes. Os teus pais poderão vir?

— O meu pai ainda anda mal com as bengalas, mas o Adam Berwick vai buscá-lo a casa na carroça dele e levá-lo até à igreja para o deixar lá.

— Oh, Evie, que bom para ti. Dois anos é muito tempo

para se estar confinado a uma cama.

Assim que aquelas palavras lhe saíram da boca, Frances apercebeu-se de que tinha estado, à sua maneira, a fazer, voluntariamente, mais ou menos a mesma coisa. Nesse momento, alguma coisa se lhe revelou, a sensação de que estivera a desprezar a pouca boa sorte que lhe fora reservada, e era suficientemente religiosa — e supersticiosa — para não ficar indiferente.

— Evie — Frances levantou-se do assento da janela —, acho que, afinal, este ano vou à missa. Gostaria de acrescentar as minhas orações às do teu pai. Ele é um homem muito forte. Mas tenho a certeza de que sabes isso.

Em momentos raros como aquele, quando a Menina Knight parecia ter vontade de conversar, Evie ficava cheia de vontade de dizer alguma coisa acerca da sua catalogação noturna. Gostava realmente da Menina Knight e queria que ela estivesse menos deprimida e maldisposta, e parte da esperança que Evie tinha no seu projeto secreto era descobrir tesouros indisputáveis suficientes para ajudar a manter o legado da família Knight vivo e florescente. Mas o seu instinto dizia-lhe que quanto mais tempo conseguisse prosseguir sem os obstáculos criados pelas preocupações ou prioridades de qualquer outra pessoa, maior seria a probabilidade de tropeçar nalguma coisa importante. A ideia de poder fazer as suas próprias perguntas e decidir onde procurar as respostas era, para ela, inebriante.

Evie era uma académica nata; só ainda não o sabia.

Por isso, em vez de falar, a rapariga assentiu com a cabeça e dirigiu-se à cozinha para beber o seu chá, e Frances levantou os olhos para o quadro a óleo demasiado grande do seu antepassado sobre a lareira. Aceitou, pela primeira vez, que estava a fazer, à sua própria e pequena maneira, o melhor que podia. Não tinha a certeza se Jane e

Cassandra Austen teriam esperado algo mais do que isso.

CAPÍTULO 15

Chawton, Hampshire *Véspera de Natal de 1945*

Os aldeões jorraram para dentro da igreja da paróquia, repletos do entusiasmo da temporada. Os pais deixaram os filhos pequenos correr por entre as lápides ao pôr do Sol, e todos os homens e mulheres envergavam os seus melhores chapéus e casacos como proteção contra o ar gelado.

Os Stones desceram da carroça dos Berwick, tendo os quatro miúdos caminhado ao lado desta durante toda a viagem desde os campos agrícolas no perímetro da cidade. Adam ajudou a mãe e a Sr.^a Stone a descer da carroça e depois foi auxiliar o Sr. Stone, que não conseguia dobrar as pernas devido aos ferimentos, mas, finalmente, conseguia arrastá-las um pouco com uma bengala em cada mão.

O Dr. Gray já estava no interior da igreja, olhando em volta, perguntando-se se, nesse ano, a Menina Knight ali apareceria. A sua enfermeira, Harriet, estava na mesma fila do que ele, juntamente com a irmã mais velha e solteira, mas ele evitava demasiada interação social. Ainda estava ofendido por causa do telefonema completamente inapropriado e insinuador que Harriet fizera para o chalé dos Grover antes da sua recente visita.

As famílias Berwick e Stone entraram lentamente juntas para tomarem os seus lugares nas últimas filas, e depois houve bastante agitação quando a própria Menina Knight

entrou, acompanhada por Evie Stone e pelo rapaz dos estábulos, Tom. Como seu médico e amigo de longa data, o Dr. Gray sabia o esforço que aquilo devia ser para Frances, e fez-lhe um sorriso encorajador enquanto ela percorria a nave da igreja para ir ocupar o seu lugar tradicional na fila da frente, à direita do altar.

Todos se acalmaram de novo e o Reverendo Powell aproximou-se, vindo das traseiras da chancelaria, para iniciar a missa. Quando pediu a todos que se levantassem para o hino de abertura, a porta da igreja abriu-se para dar passagem a Adeline Grover e à mãe, e ainda a uma rajada final de vento invernosos. Entraram o mais silenciosamente possível, e depois percorreram a nave central até, também elas, chegarem aos seus lugares habituais.

O Dr. Gray não olhou para as duas mulheres quando elas entraram na fila diretamente oposta à sua, do outro lado da nave. Sentia os olhos de Harriet e da irmã sobre si, mas, naquele momento, a sua mente estava concentrada em formular a carta de despedimento que entregaria a Miss Peckham no Ano Novo, por muito difícil que fosse encontrar uma enfermeira disposta a vir a Chawton todos os dias. Ser objeto de mexericos e de especulação engendrados pelo seu próprio pessoal já era suficientemente absurdo — sê-lo quando não se passava absolutamente nada de impróprio era totalmente inaceitável.

A Missa do Galo era sempre curta, pois o Reverendo Powell gostava tanto de celebrar a temporada como qualquer outra pessoa. Depois de ser entoado o último cântico da noite, «O Come, All Ye Faithful», os aldeões esperaram que a Menina Knight saísse do banco da fila da frente e abandonasse a igreja para, depois, todos a seguirem ordeiramente.

Lá fora, as lápides estavam salpicadas com neve e, ao passar por elas, o Dr. Gray pensou na sepultura mais recente, colocada no canto mais afastado do cemitério, logo abaixo do muro de pedra com vista para os campos com uma leve inclinação. Perguntou-se se aquela seria a primeira vez que a jovem mãe enlutada ali fora. A seguir à morte da sua esposa, ele tinha demorado vários meses a conseguir fazê-lo. Em vez disso, continuara a acordar todas as manhãs e a estender o braço em busca dela na cama, e a gritar para o andar de cima quando a chaleira estava a ferver, e pensara até — nos seus momentos de maior desespero — ter tido um rápido vislumbre do roupão dela pelo canto do olho, como se ela tivesse acabado de sair do quarto e fosse regressar a qualquer momento.

O Dr. Gray deixou-se ultrapassar pelos outros aldeões, até ser o último a permanecer no cemitério. Esperou pelo som do portão a fechar-se e depois caminhou até ao lugar da mais recente e pequena lápide, iluminada pela luz prateada do luar. A poucos metros de distância, estava uma pedra tumular maior, deitada no chão frio e duro de inverno.

Jennie Clarissa Thomson Gray

Nascida em 23 de maio de 1900 — Falecida em 15 de agosto de 1939

Amada esposa do Dr. Benjamin Michael Gray
Que descanse em paz

O Dr. Gray olhou para a pedra gravada e rezou. Não rezava muitas vezes — não estava convencido de que isso tivesse grande efeito, para além de pacificar uma raiva perfeitamente razoável contra o mundo — mas, nessa noite,

queria que Deus o ouvisse. Porque precisava de ajuda. Precisava de descobrir como viver com a dor, sem se magoar a si próprio ou a outrem. Estava a violar o seu juramento, e isso parecia-lhe um dos maiores pecados possíveis, porque tinha conhecimento do que estava a fazer, e com o conhecimento devia vir a bondade. Pensou no Sr. Stone que tinha, literalmente, de se arrastar pela vida, e em Frances Knight, com medo de sair de casa, e em Adam Berwick com o seu triste estado interior, e compreendeu que todos eles estavam, de alguma forma, feridos. Afetados pelas duas piores guerras que o mundo alguma vez vira, eram, ironicamente, os sobreviventes, mas o objetivo da sua sobrevivência estava para além da sua compreensão.

Pensou em Adam e no seu interesse em, de alguma forma, preservar o legado de Jane Austen na aldeia. Na lista de livros que Adeline Grover dera ao Sr. Stone e a Evie — numa chávena de chá e um pãozinho doce num pátio — e na festa que estava, agora, a começar na Casa Grande sem ele. De certa forma, estas eram pequenas coisas, muito mais pequenas do que uma guerra, mas pareciam-lhe mais importantes para a sobrevivência do que ele se apercebera antes.

Inclinou-se, pressionando os dedos da mão direita contra os lábios, e passou a mão pelas letras sobre a sepultura da esposa. Tinham passado quase sete anos e, durante todo esse tempo, ele pensara estar a dar-lhe alguma coisa ao ceder ao desgosto. Mas Jennie fora a pessoa mais viva que ele já conhecera, com a mente mais rápida e um coração completamente aberto e sem reservas. Ela não vivera um único dia — nem sequer um minuto — no estado em que ele estava agora. Não teria visto qualquer utilidade nisso. Para ser totalmente honesto consigo próprio, ele estava a traí-los a ambos.

Endireitou-se e encaminhou-se para o pequeno portão das traseiras, o que pendia, torto, das dobradiças, e lembrou-se da dobradiça partida no portão do jardim dos Grover, que também precisava de ser arranjado.

O aparador da Casa Grande estava cheio de bandejas de prata dispostas em camadas, em pilhas altas, com ameixas com açúcar, bolas de rum e pastéis quentes recheados. Josephine trouxera garrafas de clarete e champanhe da antiga garrafeira de tijolo e, na grande lareira de pedra, um grande panelão de ferro negro borbulhava com vinho quente temperado com paus de canela, cravo-da-índia e noz-moscada. Os antigos copos de cristal e *flutes* de champanhe da família estavam alinhados em filas ao longo de um segundo aparador, coberto por guardanapos brancos espessos, sob o qual estavam sentados os dois filhos mais pequenos dos Stone a brincar no soalho de pinho e carvalho.

Adam estava de pé, timidamente encostado à parede mais afastada da sala, perto da porta que dava para a biblioteca adjacente, como se estivesse prestes a fugir para lá a qualquer momento. Sentiu-se aliviado quando o Dr. Gray entrou, por fim, na sala, muito depois de a missa ter terminado.

O Dr. Gray aceitou um copo de champanhe de Charlotte, a criada de casa, e foi-se juntar a Adam, encostando-se firmemente à parede cujo alto e escuro lambril de madeira chegava quase ao teto.

— Bem, Adam, não há dúvida de que temos aqui muito barulho e uma multidão. Um preço alto a pagar, mesmo pelos deliciosos pastéis recheados da Josephine. Como está? — perguntou o Dr. Gray.

— Estou bem — respondeu Adam, no tom mais amigável

que conseguiu convocar.

Os dois homens ficaram a observar os muitos aldeões na sala a deambular alegremente por ali, conversando rapidamente e de passagem uns com os outros, mas, acima de tudo, servindo-se generosamente da rara visão de laranjas empilhadas numa bandeja e dos tesouros alcoólicos da garrafeira da família Knight. Frances Knight estava sentada num sofá de chita no meio de toda aquela atividade festiva, com as faces habitualmente macilentas agora coradas do calor da lareira ali perto.

— Julgo que não seja o momento adequado para falar à Menina Knight do chalé do caseiro e dos nossos planos — disse Adam.

— Temo bem que não. Acho que esta noite já lhe requer toda a sua energia.

Adam inclinou a cabeça na direção da porta aberta à sua direita.

— Já viu a quantidade de livros que há ali?

O Dr. Gray abanou a cabeça.

— Não, recentemente, não. Acho que existem várias bibliotecas na casa; ouvi dizer que esta é particularmente grande — viu o interesse desperto no rosto do agricultor. — Quer ir dar uma olhadela rápida, então, Adam? Acho que a Menina Knight não se importaria... ela é o mais generosa possível com a sua casa.

Adam assentiu com a cabeça ansiosamente, e os dois homens afastaram-se lentamente da Sala Grande e entraram na biblioteca, na porta ao lado.

Aí, no canto mais afastado da divisão, encontraram a jovem Evie Stone. Estava empoleirada num banco de madeira junto a uma lareira, muito mais pequena do que a lareira medieval na sala ao lado, e rodeada de azulejos vitorianos. Parecia imensamente infantil, ali sentada, com

as suas feições de fada, cabelo curto e mãos pequenas a agarrar qualquer coisa que tinha no colo.

— Oh — disse ela, surpreendida, fazendo deslizar uma espécie de caderno novamente para a prateleira mais próxima, quando se levantou.

— Por favor, Evie, não nos deixes distrair-te — o Dr. Gray sorriu. — Mas porque não estás com toda a gente na sala ao lado?

Evie alisou os vincos no seu vestido liso de malha azul-marinha, formados por ter estado tanto tempo sentada no banco.

— Bem, por um lado, os meus irmãos ou estão a fazer apostas, ou a beber, ou a roubar sabe-se lá o quê, por isso prefiro estar aqui, longe disso tudo.

— E por outro lado? — perguntou o Dr. Gray, com uma gargalhada. A antipatia de Evie para com os quatro irmãos mais novos, de idades entre os cinco e os treze anos, era bem conhecida entre os aldeões.

— Bem, estar aqui é glorioso, não é? Quero dizer, acho que contei dois mil livros, só nesta sala — tirou um de uma prateleira ali perto, para lho mostrar. — Estão a ver isto? Esta encadernação especial? É a encadernação da família Knight; os tipógrafos encadernavam os livros especialmente para eles, veem, com o brasão da família impresso na capa de couro. Como se tivessem sido eles mesmos a fazer o livro.

O Dr. Gray tirou o livro da mão de Evie e abriu-o. Era uma primeira edição de *Childe Harold's Pilgrimage*, de Lord Byron, publicada em Londres, em 1812.

— Evie, já examinaste muitos destes livros?

Ela assentiu com a cabeça.

— A Menina Knight sabe?

— Oh, com certeza... ela está sempre a incentivar toda a

gente cá em casa a usar a biblioteca.

— Ela também passa aqui muito tempo? — perguntou o Dr. Gray, enquanto tanto ele como Adam começavam, em silêncio, a passar as mãos pelo cimo dos livros em várias prateleiras diferentes.

— Não me parece. Pelo menos, nunca a vejo muito aqui. Ela lê, tem os seus preferidos... mas acho que prefere reler muito.

Adam riu-se, um som que surpreendeu os outros dois pela sua raridade.

— Oh, desculpem, é que eu sou tão culpado disso como qualquer outra pessoa.

Evie olhou para o agricultor.

— Ah, é? E o que relê?

Adam virou-se novamente para a longa prateleira.

— Oh, sabe como é.

O Dr. Gray sorriu a Evie, e depois virou-se para as costas de Adam.

— Adam, não é nada de que deva envergonhar-se.

Os olhos de Evie arregalaram-se.

— Austen — acabou Adam por declarar.

Evie fitou o agricultor.

— Mas Jane Austen é a minha preferida. Estou sempre a relê-la — aproximou-se de Adam e tirou dois livros iguais da prateleira em frente dele.

— Olhe, Sr. Berwick, não é espantoso? Mais uma primeira edição — colocou-lhe os dois volumes nas mãos.

Ele virou-os de lado.

— Dois volumes de *Emma*. Que estranho.

O Dr. Gray encontrou uma cadeira confortável no canto em frente deles e sentou-se, sentindo que iam ficar os três ali por algum tempo.

— Estranho porquê? — perguntou a Adam.

— Bem, *Emma* tem três volumes.

Evie continuava a olhá-lo, incrédula.

— Como sabe *o senhor* isso?

Adam abriu o livro.

— Todos os livros dela os têm, pelo menos é o que julgo. Oh — disse, subitamente, e estendeu o livro a Evie. — Olhe. Diz aqui que foi publicado em Filadélfia. Em 1816.

Evie assentiu com a cabeça.

— Eu sei. Como é que um livro, impresso na América, chegou aqui? O que acha?

O Dr. Gray cruzou as pernas, observando os dois, muito divertido. Nunca vira Adam tão animado — e nunca vira Evie Stone tão admirada que mal conseguia falar.

— Talvez — interrompeu o Dr. Gray — um parente, ou alguém, tenha mandado uma cópia para aqui, ou à própria Austen. Evie, disseste que, só nesta sala, havia dois mil livros. Já analisaste as outras?

— Só a que fica mesmo por cima de nós, no segundo andar. Eu limpo os dois andares de baixo, e a Charlotte o de cima.

— Quanto tempo pode levar a limpar isto? — perguntou Adam, com toda a seriedade.

Evie riu-se. Nunca passara muito tempo na companhia de Adam Berwick, que sempre lhe parecera reservado e solitário. Nunca lhe teria ocorrido que teriam alguma coisa em comum, como Jane Austen.

— Evie — interveio novamente o Dr. Gray. Olhou para Adam, de olhos levantados, e fez-lhe um aceno interrogativo.

Adam retribuiu o aceno, concordando em silêncio.

— Evie, eu e o Adam temos andado a trabalhar numa coisa, há já algum tempo. Foi uma ideia do Adam, um pequeno projeto.

— Oh, eu *adoro* projetos — disse ela, animadamente.

O Dr. Gray e Adam sorriram perante a sua energia plena de juventude.

— Queremos fazer uma espécie de memorial a Jane Austen, aqui, em Chawton.

Evie recostou-se no banco.

— Como uma estátua, ou uma espécie de placa?

— Não, mais do que isso — o Dr. Gray olhou para Adam.

— Deixo as explicações para si. Afinal, a ideia foi sua.

Adam recolocou os dois volumes de *Emma* na prateleira e deu alguns passos hesitantes na direção de Evie.

— E se pudéssemos comprar o chalé, o pequeno chalé do caseiro, e restaurá-lo? Dar-lhe o aspeto que tinha nos tempos de Jane Austen, com alguma mobília, quadros e coisas dessas? Então, os turistas teriam realmente alguma coisa para ver quando cá viessem.

Evie olhou de um homem para o outro.

— Mas de onde viria o dinheiro? E de onde viriam todas essas coisas?

— Tudo isso são boas perguntas, minha querida — respondeu o Dr. Gray. — Decidimos formar um clube que ajudasse a angariar fundos através de doações, e depois compraríamos a casa e objetos originais para lá pormos. Quero dizer, todos ouvimos, ao longo dos anos, histórias acerca das cartas dela e até de alguma mobília da família que apareceram em várias casas de Chawton. Parece que a velha Sr.^a Austen foi doando, ao longo do tempo, várias coisas aos criados e às respetivas famílias. Quem sabe o que poderemos encontrar se nos pusermos à procura?

— Quem são os membros? O senhor e o Adam?

— Por agora, além do Andrew Forrester, o solicitador de Alton, e da Menina Lewis... quero dizer, Grover. — O Dr. Gray hesitou e olhou para Adam antes de acrescentar: — E

tu, se estiveres interessada.

— Eu? — perguntou ela, abismada, arregalando de novo os olhos.

— Bem, para ser sincero, chegará um momento em que teremos de abordar tudo isto com a Menina Knight. Poderá ajudar termos-te do nosso lado. Quero dizer, é óbvio que conheces esta biblioteca de trás para a frente.

— Isso é porque sou compulsiva — disse ela, totalmente a sério, e a cabeça do Dr. Gray levantou-se num ápice ao ouvir uma tal autocrítica numa pessoa tão jovem. — Como o meu pai. Eu e ele líamos as listas de leitura da Menina Lewis linha por linha.

— Mas é mais do que isso, não é? — perguntou o Dr. Gray.

Ela olhou-o com curiosidade.

— Dr. Gray, porque está *o senhor* a fazer isto? Quero dizer, quando eu andava na escola, o senhor estava sempre a censurar a Menina Lewis por ensinar tanta Jane Austen.

— Sim, Dr. Gray, porque o faz? — disse uma voz vinda da porta, e os três olharam para lá e viram a própria Adeline ali de pé, vestida dos pés à cabeça de preto, em luto, o que só lhe realçava o rosto pálido e cansado.

O Dr. Gray indicou-lhe a cadeira dele, mas ela abanou a cabeça e foi até às prateleiras mais próximas de Adam. Tirou de lá um volume espesso que ele acabara de arrumar quando ela entrara. Olhou com atenção para a capa, depois abriu o livro e virou-se novamente para os três.

— Ainda não tinha visto isto... a encadernação da família Knight. Há muitos destes aqui?

O Dr. Gray acenou com a cabeça na direção de Evie.

— Pergunte à Menina Stone, sua antiga aluna. Ela parece ter herdado a sua meticulosidade quando se trata de livros.

— Têm consciência de que esta é uma segunda edição de

Belinda? — perguntou Adeline aos ocupantes da divisão. — De Maria Edgeworth, que é nada menos do que a mais destacada professora feminina da nossa história? Esta edição, em especial, é inestimável; faz referência a um casamento inter-racial entre um criado africano e uma agricultora inglesa e, mais tarde, deixou de ser editado. Impressionante.

Adeline recolocou o livro no lugar e foi sentar-se na cadeira que o Dr. Gray lhe oferecera antes, após o que olhou para cada um deles antes de dizer:

— Bem, perguntaram-lhe?

O Dr. Gray sorriu da sua astúcia.

— Sim, claro. Ela será uma aquisição de grande valor para o clube.

— E ela aceitou? — Adeline retribuiu o sorriso, acenando com a cabeça à ainda atónita criada de casa.

Evie olhou para a sua venerada antiga professora e para o seu médico de infância, em quem confiava cegamente, e perguntou-se se aquilo seria a grande oportunidade por que esperava e para que se preparava há tanto tempo. Fazer parte de algo que, normalmente, estaria tão fora do seu alcance. Ter alguma contribuição a dar. Saber algo que os outros não sabiam.

— Sim — respondeu, alegremente.

CAPÍTULO 16

Londres, Inglaterra
Meia-noite, 3 de janeiro de 1946

Mimi sentou-se junto às portadas abertas para a suíte no Ritz, onde ela e Jack estavam hospedados de férias desde a passagem de ano. Não conseguia dormir e, em vez disso, estava a examinar mais uma vez a pequena caixa que continha as duas cruzes de topázio. Como era típico seu, no outono anterior, Jack tinha, de imediato, dado como certas as suas palavras quando ela expressara interesse em adquirir aquelas joias da Sotheby's. Depois do leilão, ela tivera de lhe explicar que não queria, necessariamente, usar os colares — queria, antes, protegê-los. Achava que ninguém o poderia fazer melhor do que uma admiradora privilegiada como ela. Jack Leonard sentira-se, mais uma vez, perplexo pelo tipo de adoração que Mimi Harrison parecia distribuir a toda a gente, menos a ele.

O trabalho em *Sensibilidade e Bom Senso* continuava a bom ritmo e, por cada linha suplementar que convencia o argumentista a dar à personagem de Mimi, Elinor, Jack introduzia, disfarçadamente, mais umas para Willoughby. Jack não era um produtor muito experiente, mas tinha jeito para detetar a personagem mais interessante num argumento. Na alquimia formada pela mistura de todas as qualidades singulares e singularmente questionáveis de Jack Leonard, a sua compreensão do pulso do momento

parecia a Mimi quase inquietante. Às vezes, parecia-lhe que ele tinha retrocedido no tempo cerca de dois anos, de tal forma a sua percepção das coisas era correta.

Se ela própria pudesse ter retrocedido dois anos no tempo, nunca teria acreditado que acabaria noiva de Jack Leonard e usando o anel de Jane Austen. Ou que se mudaria para Hampshire. Ou — se se atrevesse a admiti-lo — que estaria apaixonada. A disposição de Jack para, praticamente, mover montanhas em tudo o que lhe dissesse respeito era extremamente sedutora e persuasiva. Era como se ela conseguisse ver as rodas dentadas a girar na mente dele, os seus motivos ulteriores, mas o caminho para lá chegar fosse demasiado divertido, e o destino demasiado extraordinário. Ter-se-ia detestado por se apaixonar por ele, não fosse ela uma mulher adulta que não corria o risco de magoar ninguém, exceto — com toda a probabilidade — a si própria.

Era também extremamente difícil não confundir os atos mais extravagantes e teimosos de Jack com um acesso de generosidade, se não com um coração puro e altruísta. Ela sabia que o coração dele era, ao mesmo tempo, descomplicado (sendo as recompensas físicas do desejo da maior importância em todas as ocasiões) e altamente compartimentado em pequenas câmaras separadas. Naquele momento, ela podia ter a suíte principal e estar em vantagem, com todos os privilégios que daí advinham — mas também sabia, dada a procissão de conquistas no passado de Jack, que podia, com a mesma facilidade, ser relegada para o pequeno sótão nas águas-furtadas, como Fanny Price em *O Parque de Mansfield*.

Tudo isto porque, desde aquela primeira noite em que tinham dormido juntos a seguir ao leilão da Sotheby's, ela fizera o seu melhor para tentar impedi-lo de tomar uma

grande parte de si. Segundo intuía, Jack não queria apenas uma mulher que se lhe oferecesse completamente de graça: queria direitos de posse, liberdade de ação e o direito de ser o primeiro a recusar. Para um homem que abordava tudo a toda a velocidade, as provas de amor, de adaptação e de corte requeriam, a seus olhos, completo abandono e rendição.

Tinha de admitir, ao olhar para a figura adormecida dele na cama *king-size* por trás dela que, ao menos fisicamente, Jack retribuía tudo o que exigia. Talvez a atração física que existira desde o princípio tivesse sido, afinal, a chave de tudo — talvez fosse esse o erro das outras pessoas. Lembrava-se de a mãe lhe dizer, um dia, que temos de nos sentir extremamente atraídos pela pessoa com quem casamos porque, um dia, isso será a única coisa a manter o casal junto, assim como a única forma viável de fazer as pazes.

Na altura, Mimi, a caminho de estudar história e teatro na Smith, pensara que a mãe só dizia disparates. Mas a vida com Jack Leonard, nos últimos seis meses, mostrara-lhe que havia uma razão para tanta cultura popular se referir ao sexo, e ao facto de o fazermos ou não com as pessoas por quem nos sentimos mais seduzidas. Nos seus momentos mais negros, lembrando-se de como um professor se referira uma vez a uma carreira de atriz como prostituição glorificada, Mimi temia que muito do seu êxito cinematográfico resultasse da sua capacidade de despertar esses sentimentos em completos desconhecidos. Este fora, provavelmente, um dos grandes motivos que a haviam levado a procurar, à medida que adquiria cada vez mais influência em Hollywood, obter papéis cada vez mais complexos e menos espampanantes.

Sabia agora que Jane Austen também sabia isto, ao dar

tanta atenção aos maus rapazes na sua ficção. Porque, se Fanny Price podia quase capitular e deixar Henry Crawford «abrir uma pequena entrada» no seu coração, não havia esperança para o resto de nós. O Sr. Darcy era o exemplo perfeito de um homem habituado a deter eminentemente o controlo e, segundos depois de conhecer Elizabeth Bennet, dá por si de tal forma à mercê da sua paixão por ela que começa a fazer precisamente as coisas que condena e veda aos outros. Aterrorizado pela sua vulnerabilidade humana, Darcy faz, então, tudo o que pode para afastar Lizzie, exceto acusá-la de algum crime aleatório e fazê-la prender. Austen parecia conhecer o poder da atração física (vejamos Mary Crawford e o íntegro Edmund Bertram, ou Wickham e Lydia, ou até os Bennet vinte anos antes do enredo). Mimi suspirou perante a ideia de que o grande segredo por detrás da ficção de Jane Austen pudesse ser algo tão prosaico e animalesco como isso.

Jack começou a mexer-se na cama, e Mimi viu que, meio a dormir, bateu com a mão o espaço vazio a seu lado, onde ela estivera antes. O seu braço começou então a balançar-se até que, finalmente, ele abriu os olhos e viu-a sentada na varanda.

— Estás a tentar fugir? — perguntou ele, sorrindo e esfregando os olhos e o maxilar enquanto se sentava na cama.

Ela retribuiu o sorriso, depois aproximou-se, e ele começou a puxar-lhe o cinto do roupão de seda cor-de-rosa.

— Não te entusiasmes, menino. Tens uma chamada daqui a pouco; são 16 horas pela hora de L.A., lembra-te?

Ele bocejou e sentou-se, e ela deu-lhe umas palmadinhas afetuosas no cabelo castanho alourado que era vários tons mais claro do que a sua barba por fazer. Ele tinha uma cor californiana tão saudável, para um homem de negócios da

Costa Leste; perto dos solicitadores da City com quem se reunira em Londres toda a semana, praticamente brilhava.

— Está bem, mas depois disso voltamos para a cama; temos nos levantar logo de manhã cedo.

— Onde me levas agora? — ela foi buscar o telefone, juntamente com a sua base, à secretária ali perto e levou-o com ela para a cama, deitando-se depois junto ao seu corpo quente e esguio.

— É surpresa.

— É longe? Estarei de olhos vendados?

— Queres estar? — provocou-a ele.

— Eu nunca quero o que tu pensas que eu quero, que, normalmente, é o que *tu* queres — provocou-o ela também.

— Por isso, não vai resultar.

— Isso é o que elas dizem sempre, até que resulta.

Começando a puxar-lhe novamente o roupão, ele estava a beijar-lhe o pescoço quando o telefone tocou.

— Não vás a lado nenhum, fica aqui deitada comigo — ele pegou no auscultador e tapou o microfone com a mão. — Vou vender com prejuízo, e depois podemos recomeçar onde parámos.

— Oh, Jack, não sejas tão nobre por *minha* causa — enrolou-se contra ele e fechou os olhos, perguntando-se onde a levaria ele a seguir.

Como ainda só tinha ali estado uma vez, e vinda, de comboio, da direção contrária, a princípio não reconheceu a paisagem circundante. Aproximaram-se da aldeia de carro, seguindo para sul vindos dos arredores de Londres e depois virando diretamente para oeste, a partir de Kent, parando pelo caminho no Castelo de Hever, onde Ana Bolena passara uma infância de sonho cheia do esplendor e das intrigas típicos dos Tudor. Mimi achava o acréscimo e

os jardins feitos pelos Astor lindos, mas a história da jovem que seduzira o rei Henrique VIII sempre a fizera gelar. Recusara até o papel dela há alguns anos, quando ainda era suficientemente jovem para se fingir ingênua. Agora, na casa dos trinta e livre do seu contrato com o maior estúdio cinematográfico do mundo, parecia-lhe que só lhe restava um número limitado de bons anos em termos de papéis. Esta era uma das razões por que a ideia de uma escapadela de verão em Hampshire lhe parecera tão apelativa. Talvez até voltasse ao palco, uma ideia que Jack achava ridícula.

— Não o faria pelo dinheiro — explicou ela, enquanto o *Aston Martin* de 1939 que tinham alugado se prendia nas sebes que o vergastavam.

— Isso não existe — troçou ele, atrás do volante. — Não existe isso de não o fazer pelo dinheiro. Só significa que não tem grande valor para ninguém.

— Teria algum valor para mim. Ambos sabemos que, ultimamente, não tenho tido muitos papéis. Tenho medo de que o Monte esteja a sabotar-me, com os poucos e péssimos argumentos que me têm mandado.

— Ele não se atreveria... sabe que podemos usar muita coisa contra ele.

Mimi abanou a cabeça.

— Não me parece que isso o preocupe nem um bocadinho.

Jack estendeu a mão esquerda e deu-lhe umas palmadinhas na coxa.

— Bem, *Sensibilidade e Bom Senso* vai mudar isso tudo, não te preocupes.

— Sim, mas ainda estamos só na pré-produção. Tudo pode acontecer. Deus me livre que me comecem a aparecer cabelos brancos daqui até lá. Pelo menos, no palco, posso envelhecer com elegância. E, além disso, não sei até que

ponto é saudável deixar *todos* os sonhos da juventude para trás.

Ele olhou-a rapidamente.

— O que mais deixaste para trás? Com certeza não os teus escrúpulos... não consigo fazer-te fazer nada que não queiras.

— Isso não se deve necessariamente a escrúpulos, Jack — provocou-o ela. — A menos que o teu objetivo seja corromper-me. É isso?

— Nem pensar. Na verdade — ele virou bruscamente o volante forrado a couro para a esquerda quando passaram um cruzamento com três sinais brancos e longos em forma de seta —, acho que *tu* é que me corrompestes *a mim*. Olha o quanto me afastei do meu caminho por tua causa. Produzir filmes da época da Regência, comprar colares demasiado caros em leilão que nunca vais usar, mudar-me para as suaves colinas da bela e velha Inglaterra.

Ela riu-se alto.

— Tens razão nisso. Mas, conhecendo-te, deves ter *alguma coisa* a ganhar com isso.

Ele olhou-a mais uma vez. Pela primeira vez na sua vida, Jack Leonard estava com uma mulher bonita e o que mais queria seduzir era o seu caráter. Queria que Mimi Harrison o amasse apesar de todas as vozes da razão na cabeça dela, tal como uma personagem da sua amada Jane Austen. Mimi mencionava muitas vezes um Henry Crawford dos livros de Jane Austen mas, de todos os livros nas suas estantes, *O Parque de Mansfield* era o mais grosso, e nem sequer Mimi conseguia descrever o enredo. Um grupo de jovens com algum grau de parentesco encenando uma peça para poderem tornar-se mais íntimos de todas as pessoas com que não o deviam fazer, era o melhor que ela conseguia traduzi-lo. Mesmo para Jack, isso não bastaria para o fazer

ler mesmo um livro. O que era uma pena, porque as páginas de *O Parque de Mansfield* continham o guião de como fazer uma boa mulher apaixonar-se por um patife.

— O que tenho eu a ganhar com isso? — repetiu ele. — Ganho o amor de uma boa mulher... de uma mulher muito boa.

Ela abafou um bocejo fingido.

— Que aborrecido. Isso nunca será suficiente para ti — de repente, pôs a mão direita sobre o peito dele e quase exclamou: — Espera, o que dizia aquele sinal?

— O Yardley falou-me neste lugar, disse que estiveste aqui há anos e anos e que sempre tinhas sonhado voltar — Jack parou o carro à beira da estrada, onde esta se cruzava com outra, e desligou o motor.

— Oh, meu Deus, Jack, não acredito — saiu do carro, alisando a saia de *tweed* por baixo do casaco de inverno, e levou as mãos às faces. — Olha para isto... é mesmo perfeito. A sério.

Jack também saiu do carro. Se podia haver uma aldeia adormecida, essa aldeia seria Chawton. Nem sequer havia passeios. Apenas um *pub*, uma casa de chá e um pequeno posto dos correios pelo qual tinham passado no caminho.

— Acho que estou a ficar nervoso — ele inclinou-se para tirar as chaves do carro da ignição. — Oh, espera, que ideia a minha, a de fechar o carro! Nem mesmo o maior criminoso se incomodaria em vir assaltar este lugar.

— Não, estás muito enganado — contrapôs Mimi, efusivamente; agarrou na mão dele e puxou-o para ao outro lado da estrada, até estarem em frente de uma casa bastante robusta, de dois andares, em forma de L, com uma janela emparedada, paredes de tijolo vermelho e um pequeno pórtico branco sobre a porta da frente.

Ele olhou-a, divertido, enquanto ela olhava para os dois

lados antes de se aproximar mais do edifício.

— Não te preocupes, Mimi, minha querida... duvido que haja fotógrafos noticiosos num lugar como este.

— Não, não é isso... só não quero ser intrusiva. Ambos sabemos como isso é. Mas, vês, esta janela... li algures que era nesta sala que Austen escrevia.

Mimi virou-se para ele, e a expressão no seu rosto era o mais inestimável que alguma coisa podia ser no mundo de Jack Leonard.

— Havia uma porta para a sala de jantar que rangia, e ela não deixava que a arranjassem — divagava Mimi —, por isso ela escrevia de manhã, enquanto a mãe e Cassandra ajudavam na lida da casa; elas deixavam-na escrever, claro, porque sabiam. Porque, sendo ela o génio que era, não podiam deixar de saber. E a porta que rangia avisava-a quando alguém entrava, e ela tapava os papéis com o mata-borrão, debaixo do qual ficavam o Capitão Wentworth, e a Anne, e «a menina perfura a minha alma» e «meio agonia, meio esperança» e, oh, meu Deus, como isto é fantástico!

— Pensei que o Henry quisesse perfurar os buracos — foi tudo o que Jack conseguiu responder, e Mimi ainda teve a presença de espírito de lhe dar uma palmada brincalhona, enquanto ele começava a voltar à estrada.

— É perfeito demais que *isso* seja tudo o que te lembras das quinhentas páginas de *O Parque de Mansfield*.

Ele não se deu ao trabalho de a corrigir, dizendo que ainda não lera o livro; não via de que serviria.

— É uma imagem tão «vívida» — provocou-a ele, em vez disso, puxando-a para longe da casa. — Olha, isto é ótimo, e tudo isso, mas, na verdade, eu trouxe-te aqui para conheceres uma pessoa.

Mimi recuou para o olhar.

— Em Chawton? Para quê?

— Foi uma coisa arranjada pelo Yardley. Há aqui aquela mulher, lembra-te, aquela que não sai de casa? Tem uma propriedade extremamente grande e uma ligação qualquer à Austen, e a esta casa, e, finalmente, convenci-a a reunir-se connosco.

Mimi ficou ali parada, a olhar.

— A casa, Mimi, esta casa. Comprei-a para ti. Bem, fiz uma oferta por ela. E nunca me recusaram uma oferta destas — piscou-lhe o olho com um ar conhecedor.

Mimi virou-lhe as costas e sentiu vontade de vomitar.

— Não percebo — acabou por dizer, encostando-se ao muro de tijolos vermelhos que cercava o jardim do chalé, numa esquina, perto da junção das duas ruas principais.

— Já te disse, fiz uma oferta pela casa. Bem, pelo menos para a arrendar por cem anos; parece que é assim que as coisas são feitas aqui. Seja como for, o Yardley tem estado a tratar do negócio por mim. Tem levado algum tempo. Parece que a velhota é bastante teimosa, isolada ou não.

— Continuo sem perceber — repetiu ela. — Porquê?

— Porque te amo, tonta. Porque sei o quanto isso significaria para ti... bem, pelo menos foi o que o Yardley me disse, mas acredita que não era preciso muita imaginação para chegar lá. Porque não seria isto a realização de um sonho para uma admiradora de Austen como tu?

— Mas eu não posso *viver* aqui! — gritou ela, começando a fugir, e ele teve de a puxar para fora da estrada novamente quando, finalmente, se aproximavam sinais de vida, na pessoa de um homem de aspeto distinto envergando um casaco cinzento-escuro e um chapéu e transportando uma mala de médico.

— Chiu, Mimi, por favor, é uma coisa *boa*! — gritou Jack, mas ela já fugira. Agora, tudo o que podia fazer era acenar

apressadamente com a cabeça ao homem, que parara para observar a figura feminina que saía de cena, com uma expressão confusa no rosto. Jack conhecia bem aquela expressão.

— Não pode ser... — murmurava o Dr. Gray para si mesmo. Virou-se para Jack, que se limitou a encolher os ombros com indiferença. — Desculpe, é que a sua mulher... parece-se um pouco com...

— Só estamos a dar uma olhadela turística — disse rapidamente Jack, interrompendo-o.

— Ela parecia muito incomodada.

— Não se preocupe com isso, é só um enjoo por causa do carro. Estas estradas estreitas e cheias de curvas, sabe? Bem, como é que vocês dizem? Até logo?

Jack apressou-se a seguir Mimi, que estava agora ajoelhada na relva de um jardim do outro lado da estrada, perto do campo de críquete da aldeia.

— Acho que vou mesmo vomitar — disse ela, quando ele se aproximou. Ele baixou a mão para a puxar para cima, e ela deu-lhe outra palmada, desta vez a sério. — Jack, não, para.

Agora, ele estava a ficar um pouco zangado.

— Pelo amor de Deus, Mimi, isto era para te fazer feliz. Não podes ficar feliz, raios, nem que seja uma vez, por mim?

Ela levantou rapidamente os olhos para ele.

— O que significa isso?

— Bem, meu Deus, não te calas acerca do Darcy e de Pemberley e de como a Elizabeth se apaixonou por ele depois de ver a casa dele...

— Isso era ironia, meu grandessíssimo idiota!

— E de como tudo é romântico, e escaldante, e aqui estou eu, a tentar fazer-te feliz...

— Ou escaldante.

— Não — disse ele, firmemente. — Só feliz, acredites ou não.

— Comprando-me uma espécie de santuário. O que raio hei de eu fazer com um santuário? Não posso viver lá, esta não pode ser a nossa casa de verão, isso seria de loucos — estreitou os olhos. — Oh, meu Deus, não estás louco, pois não?

— Não, mas começo a pensar que tu estás. Ou que estou eu, por te amar — ele virou-se e afastou-se energicamente.

Ela ficou ali ajoelhada durante mais uns segundos, e depois levantou-se.

À sua frente, estavam dois carvalhos gigantes que bordejavam a extremidade leste do jardim, e a curva dos seus ramos formava uma espécie de arco teatral natural. Através dessa abertura, ela via a luz do sol cor de maçã dourada, como algo saído de um poema de Yeats, a jorrar por entre os ramos nus das árvores e a irradiar sobre as colinas suaves nas proximidades.

Aquilo parecia-lhe o paraíso. Jack Leonard estava a tentar comprar-lhe um pequeno pedaço de paraíso.

Acabou por voltar para o carro e encontrou-o aí, de pé, encostado contra o veículo, de mapa na mão. Ela aproximou-se e encostou-lhe a cabeça no peito, aconchegando-se a ele com força, e, ao princípio, ele não reagiu. Mas, por fim, sentiu-o beijar-lhe o cimo da cabeça e abaná-la um pouco pelos ombros, e levantou os olhos para ele, rindo.

Ele teria adorado ficar ali, encostado ao carro, sentindo-a pressionar-se contra ele assim, mas sabia que tinham de chegar à sua reunião com Frances Knight. Enquanto caminhavam pela estrada na direção da Casa Grande, todas as recordações começaram a regressar a Mimi.

— Sabes, eu perdi-me, e houve um agricultor, um jovem muito simpático, que me mostrou as sepulturas da mãe e da irmã de Jane, que eu não fazia ideia de que estavam aqui. Na verdade, lembras-te de que, quando nos conhecemos, eu acabara de fazer *Home & Glory*?

Jack lembrava-se. Ele quisera aquele argumento — o filme fora um dos que haviam estado nos dez maiores sucessos de bilheteira de 1944.

— Quando o fiz, pensei nesse rapaz, que perdera os dois irmãos na Grande Guerra. Não parecia estar sequer perto de ultrapassar essas perdas. Estava em trauma de pós-guerra, de certa forma. Pensei que talvez o filme pudesse ajudar as pessoas a ver quantas famílias estavam a fazer sacrifícios. Ajudá-las a compreender.

— Uma animadora solitária das Forças Armadas Americanas.

— Jack, a sério, não podendo ser recrutada, era o melhor que eu podia fazer.

— Não, eu sei... só ainda estou um bocadinho ofendido por causa de há bocado.

Pararam no início do caminho de gravilha, e a cerca de cem metros estava a Casa Grande, quase imponente, no cimo do seu pequeno declive.

Ela agarrou-lhe o maxilar e puxou-o para lhe dar um beijo suave e aberto.

— *Desculpa*, Jack... não é que eu não esteja agradecida por isto. Mas é tão imenso, percebes? Para assimilar.

— O dinheiro pode comprar-te seja o que for — ele encolheu os ombros, como se o assunto fosse de pouca importância.

— Normalmente, não subscrevo essa teoria, mas, depois disto, talvez mude de ideias.

Ele pegou-lhe no braço e começaram a percorrer o longo

caminho de acesso juntos.

CAPÍTULO 17

Chawton, Hampshire
Às 15 horas dessa mesma tarde

Frances Knight estava sentada numa sala pequena, conhecida como a sala de leitura, que se destacava sobre a entrada principal da Casa Grande como parte do imponente alpendre de três andares. Era mais um local perfeito de onde detetar os visitantes, tanto os esperados como os inesperados, e, na família, era conhecido como um dos locais preferidos de Jane Austen naquela casa, por essa mesma razão. Mesmo durante a guerra, viam-se ocasionalmente turistas aventurando-se a subir o caminho, sem se atreverem a abrir o portão baixo de madeira que ficava a meros três metros dos degraus da frente, mas ficando aí de pé, fazendo *zoom* com as suas câmaras para tirarem uma fotografia da casa em que Jane Austen quase vivera, não o tendo feito realmente.

Após três meses de persistência, e uma relação telefónica em desenvolvimento tanto com Josephine como com Evie, Yardley Sinclair tinha, finalmente, conseguido que a Menina Knight, pelo menos, considerasse uma oferta sobre o chalé do caseiro. Ela ainda não o contara ao pai, pois ele estava, agora, agonizante, e ela achava que talvez fosse melhor esperar. Esta era, sem qualquer dúvida, a ideia mais calculista e manipuladora que Frances Knight alguma vez se permitira ter, e uma pequena sensação de rebeldia erguera-se dentro dela quando tivera um vislumbre do que

poderia ser o futuro, quando o pai tivesse partido.

Com o tempo, Yardley explicara-lhe, com toda a paciência de um arqueólogo a desbastar uma ruína egípcia, que o americano rico estava disposto a pagar bastante acima do valor de mercado, vários milhares de libras acima, pelo pequeno chalé. Que o seu plano era restaurá-lo imediatamente, transformando-o novamente numa residência para uma só família, de preferência usando o traçado original dos tempos de Jane Austen.

Frances percebia que o Sr. Sinclair era um enorme admirador da sua antepassada e, durante as suas séries de telefonemas, dava-lhe sempre algum trabalho declinar as suas visitas, que ele muitas vezes sugeria. Para tornar o negócio mais atraente, ele estava sempre a mencionar que o americano e a sua noiva tinham adquirido uma parte das peças que constituíam o recheio da propriedade Godmersham, e que o facto de possuírem aquele chalé poderia, portanto, ajudar essas peças a permanecerem em Inglaterra, na sua terra ancestral.

Frances sabia que nem a propriedade Knight nem o rendimento do arrendamento do chalé proporcionavam fundos suficientes para que o chalé fosse mantido como merecia. E, considerando a sua sensação de fracasso por ser a última da linha familiar Knight, uma venda parecia uma possibilidade de se redimir, se feita à pessoa certa.

Yardley garantia-lhe que aquele comprador era, na verdade, a pessoa certa — mais especificamente, que a senhora sua noiva era uma admiradora de Austen tão séria e bem-sucedida que poderia assegurar os cuidados e as despesas com que beneficiaria o lugar.

Agora, Frances estava sentada, observando, alternadamente, o caminho de acesso e o relógio por cima da lareira, na sala maior do segundo andar que ficava por

trás de si. O Sr. Jack Leonard e a noiva deveriam chegar às 15 horas e, às 15 em ponto, viu, com efeito, um homem e uma mulher a saírem da velha Gosport Road e a aproximarem-se da Casa Grande pelo caminho de gravilha. A dada altura, pararam, quando a mulher fez um gesto na direção do cemitério e da igreja próximos, protegidos por uma mata de faias, e depois o homem abriu o portão que dava para a casa. Eram um casal bem vestido que parecia andar na casa dos trinta anos; o homem trazia um mapa na mão e a mulher torcia nervosamente alguma coisa à volta da garganta. O homem olhou de frente para a casa ao aproximar-se, mas os olhos da mulher não paravam e, mesmo à distância, ela tinha um aspeto pálido e abalado.

Frances desceu as escadas suspensas de carvalho, com a sua imponente balaustrada jacobina, para estar na Sala Grande quando eles chegassem. O chá da tarde estava servido no aparador junto à fila de grandes janelas com pinázios, exibindo dois tipos de bolos: café e noz, e pão-de-ló vitoriano recheado com compotas feitas com os morangos do jardim murado e com mel do apiário da propriedade.

Colocando uma bandeja de chá sobre a otomana na sua frente, Frances sentou-se no sofá de chita desbotada e olhou em volta da sala. Não se sentava ali muitas vezes, pois achava aquela sala a maior e mais fria da casa. Estava, também, cheia de recordações de quando era jovem, das festas, reuniões de família e boas-vindas a novos vizinhos. Agora, estava, essencialmente, reservada para a festa da Véspera de Natal, quando os aldeões se juntavam a ela, depois da missa, para se aquecerem junto à enorme lareira. Perguntou-se se aquele Natal teria, também, sido o último em que isso acontecera.

Josephine atendeu a porta e conduziu os dois

desconhecidos à sala, enquanto Frances se levantava para os cumprimentar.

— Sr. Leonard, bem-vindo — sorriu, ao dar um passo em frente. — E esta deve ser a sua encantadora noiva. O Sr. Sinclair disse-me muito bem de si — disse Frances à bela mulher ao lado dele.

Mimi e Jack estavam, ambos, à espera do inevitável instante do reconhecimento — do olhar descarado, geralmente seguido por um arquejo, ou mesmo um gritinho —, mas Frances limitou-se a ficar ali a sorrir, como se Mimi fosse apenas a futura mulher de Jack Leonard.

— Mimi — disse ela, estendendo a mão.

— Mimi? Que nome tão invulgar.

— É um diminutivo de Mary Anne.

Jack olhou para Mimi com interesse.

— Não sabia disso.

Frances sorriu.

— É melhor manterem-se alguns segredos quando se entra no casamento.

— «É melhor saber-se o mínimo possível sobre os defeitos da pessoa com quem se vai passar a vida», citou Mimi, fazendo um sorriso cativante e muito aberto.

— Então é isso que estás a fazer — riu-se Jack.

Frances fez-lhes sinal para se sentarem no sofá de chita a condizer com o seu, colocado na sua frente. De imediato, serviu a cada um deles uma chávena de chá, tiradas da bandeja à sua frente.

— Segundo compreendi em conversa com o Sr. Sinclair, é admiradora de Jane Austen — disse ela a Mimi, tentando, entretanto, não olhar para Jack. A sua eficiência e energia enervavam-na. Temia que, se fosse deixada a sós com ele demasiado tempo, pudesse concordar em vender o antigo tapete indiano que tinham debaixo dos pés, ou até uma

madeixa do seu cabelo.

Mimi assentiu vigorosamente com a cabeça.

— Nem consigo dizer-lhe o quanto... só tinha estado cá uma vez, sabe? E sozinha, muito antes da guerra, e antes de me mudar para a Califórnia; e vi o chalé, e a igreja, e as sepulturas. Nessa altura, teria dado tudo para estar aqui, nesta mesma sala — fez uma pausa. — Espero... não tive muito tempo para processar nada disto, o Jack acabou de me contar acerca do chalé... mas espero que não se importe de se reunir connosco. Sei que esta deve ser uma decisão extremamente difícil. Eu própria nunca conseguiria tomá-la.

Jack deitou-lhe um olhar recriminador. Mimi não tinha absolutamente nenhuma cabeça para os negócios.

— Obrigada, realmente é — Frances remexeu-se nervosamente no sofá. Agora, também estava a ter dificuldade em encarar Mimi de frente. A rapariga era linda quase de uma forma sobrenatural, com uma linha de maxilar forte e em forma de coração, uma leve covinha na face e olhos de um tom de violeta absolutamente estonteante.

— Não vamos ficar nostálgicos, hum? — interveio Jack. Sabia que, nos negócios, isso era inútil e, na vida, acreditava no mesmo. Se Frances começasse a falar demasiado em renunciar a uma parte do legado da família, já se via a ter de animar duas mulheres emocionadas, e já lhe bastara disso por um dia.

— Como sabe, temos planos entusiasmantes — continuou ele. — O chalé seria restaurado e embelezado de forma a que a sua família se orgulhasse dele. Não se olharia a despesas.

Mal estas palavras lhe saíram da boca, olhou à sua volta com um pouco mais de atenção e viu que tudo na Casa

Grande, antigo ou não, parecia repousar sob camadas de recordações grossas como pó. Sobre a cornija da lareira, havia fotografias extremamente antigas de parentes com roupas eduardianas, e quadros antigos a óleo de outros antepassados da família Knight; e nem um sinal dos confortos modernos, exceto as luzes elétricas e um único radiador ao longo da parede interna. Também Frances parecia muito mais velha do que era — com os seus olhos de conhecedor, Jack tê-la-ia colocado nos cinquenta e muitos, devido à pele parecida com pergaminho no pescoço e aos pés-de-galinha vincados; mas tinha-lhe sido dito que ela tinha apenas cerca de mais uma década do que ele.

— Na minha opinião — continuou ele —, é uma situação em que todos ganham. Toda a gente obtém algo de que precisa. O Yardley disse-me que a senhora era uma mulher bastante sensata, e eu gosto de fazer negócios com pessoas sensatas.

— E porque precisa do chalé, Sr. Leonard?

— Para a minha adorável noiva. Ela é a maior admiradora de Austen do mundo... não, a sério, mostra-lhe o anel, querida.

Mimi abanou a cabeça, embaraçada, mas Jack pegou-lhe na mão esquerda e mostrou-a a Frances, para que esta pudesse ver o anel de ouro e turquesa no dedo de Mimi.

— Oh, céus, isso parece-me... parece-me... familiar — disse a mulher mais velha, hesitantemente, ao aperceber-se, lentamente, de que aquele era o famoso anel do seu antepassado, recentemente incluído no catálogo da Sotheby's, e que agora estava no dedo de uma desconhecida americana cujo insensível noivo parecia só ver símbolos de dólar em cada objeto para onde olhava.

— E é-o certamente — respondeu Jack. — Mimi é uma admiradora tão grande que até vamos fazer um filme

baseado num dos livros de Jane.

Mimi estivera a observar Frances de perto enquanto Jack tentava convencê-la. Havia algo um pouco estranho naquela mulher, como se estivesse apenas a suportar a vida e aquela pequena conversa, sem estar completamente presente. Parecia pertencer a outro tempo, com a sua blusa branca de gola alta, saia comprida e pesada e cabelos louros já um pouco grisalhos puxados bem para cima e fixados na parte de trás da cabeça. Mas, quando Jack mencionou os filmes, a expressão da mulher pareceu, finalmente, descontrair-se um pouco.

— Um filme? O senhor é realizador?

— Produtor — corrigiu ele.

— Oh.

Jack aclarou a garganta.

— Bem, na verdade, sou mais do que isso, se me é permitido dizê-lo. Sabe, ouvi falar de *Sensibilidade e Bom Senso* e arranjei um escritor, talvez já tenha ouvido falar dele, J. D. Bateman... seja como for, fiz com que ele escrevesse um guião com base no livro. Que história — só faltou a Jack assobiar por entre os dentes.

Frances olhou para Mimi, que estava a sorrir quase como que a desculpar-se pelo noivo.

— Também está envolvida no filme?

Mimi assentiu com a cabeça e deu um gole no seu chá.

— Envolvida? — exclamou Jack. — Bem, ela é a estrela! É a Elinor!

Frances olhou para a mulher ainda com mais interesse.

— É atriz?

Mimi assentiu novamente com a cabeça.

— Pode dizer-se que sim.

— Atriz! — exclamou Jack, novamente. — É uma estrela de cinema... é a Mimi Harrison! De *Home & Glory*?

Frances abanou a cabeça educadamente.

— Lamento imenso. Não vou muito ao cinema. Tenho a certeza de que tem muito sucesso — acrescentou, virando-se para Mimi, com um olhar de desculpas.

Jack começava a parecer um pouco corado de irritação sob o colarinho duro e engomado da sua camisa branca de Savile Row. Embora não gostasse de ser reconhecido onde quer que ele e Mimi fossem, Jack queria ser reconhecido quando isso podia jogar em seu favor. Mas também começava a ter a impressão de que a venda do chalé poderia ter uma motivação puramente financeira por parte da Menina Knight, e perguntava-se qual o nível das dificuldades da sua interlocutora — e quanto poderia beneficiar, ao menos, disso.

— Então — declarou Jack, decidindo tirar partido da brusquidão —, o que me diz, Menina Knight? Vamos fazer isto acontecer?

Frances olhou para Jack, com os seus dentes afiados e branqueados e olhos franzidos e cor de avelã, inclinado para a frente no assento como que prestes a saltar sobre a presa.

— Por favor — disse Mimi, estendendo o braço para pousar a mão direita, suavemente, no antebraço da mulher mais velha —, por favor, não se sinta pressionada. Estamos apenas muito entusiasmados. Não é preciso tomar uma decisão de imediato.

Jack sentiu aquela velha e irritante enxaqueca a começar. Nada se conseguiria fazer, se dependesse daquelas duas.

— Quanto tempo vão passar aqui, em Chawton? — perguntou Frances, com hesitação.

Mimi deitou uma olhadela rápida a Jack antes de responder:

— Bem, vamos ficar em Londres enquanto procuramos

uma casa de verão, por isso não estaremos longe, e poderemos sempre voltar aqui. Na verdade, eu adoraria.

— Então voltem — Frances sorriu a Mimi. — E logo veremos.

As palavras *logo veremos* eram, para Jack Leonard, o equivalente, em negócios, a passar uísque com o dedo pela clavícula de uma mulher, e ele levantou-se, confiante, para apertar a mão de Frances com um pouco de vigor a mais.

Mimi também se levantou.

— Jack, importas-te que eu fique aqui um segundo a sós com a Menina Knight? Para conversa de mulheres — acrescentou, piscando o olho.

Ele olhou de uma mulher para a outra.

— Está bem, querida. Mas não estragues o negócio. Oh, e Menina Knight, quanto ao estrelato cinematográfico da minha noiva, vamos manter a identidade dela entre nós por agora, hum? Tenho a certeza de que a última coisa que os Knight querem é um monte de fotografos das notícias a aparecer por aqui e a esconder-se nos arbustos.

Depois de ele sair, Mimi sentou-se novamente.

— Só lhe quero dizer que, seja o que for que se venha a passar, isto foi uma honra. Ser acolhida nesta casa por si, e passar este bocadinho consigo. Sei que o Jack pode ser um pouco, ah, exagerado, nos seus melhores dias.

— Nem pense nisso. Ele faz-me lembrar um pouco do meu pai, mas com muito mais energia e paixão.

— Ouvi dizer que o seu pai está doente. Lamento imenso. Frances assentiu com a cabeça.

— Agora, pode ser a qualquer momento.

— Oh, lamento mesmo imenso.

— Não faz mal. Ele teve uma vida longa e saudável. Tem quase oitenta e seis anos, sabe, numa família também conhecida pela sua longevidade.

— Mas, ainda assim, a última coisa de que precisa agora é de dois americanos a pressioná-la para tomar uma decisão acerca de uma coisa tão incrivelmente pessoal.

— Se há coisa que tenho é tempo para pensar e, na verdade, não tenho ninguém que possa consultar acerca disto. Sou a última que resta, sabe, dos descendentes diretos. O meu pai é o trineto do irmão de Jane Austen, Edward Knight, e sinto tanto o privilégio como a responsabilidade que daí advêm.

Mimi abanou a cabeça, atónita, enquanto fazia algumas contas rápidas, sabendo que o irmão mais velho de Jane, o Almirante Frances Austen, vivera até finais da década de 60 do século XIX.

— Então, o seu pai deve ter conhecido o irmão de Jane Austen, na sua juventude. É espantoso!

Frances assentiu com a cabeça, e a sua expressão descontraiu-se finalmente.

— A família celebrava o Natal aqui nesta casa, na sala de jantar, todos sentados à longa mesa com esta mesma porcelana de Wedgwood, e aqui nesta sala, junto a esta lareira, cantavam canções de Natal, bebiam vinho quente e assavam castanhas.

— Tal como qualquer outra família.

— Exatamente. É uma família, como vê. A minha família. E, no entanto, para as outras pessoas, é alguma da melhor escrita que o mundo já conheceu.

— E a senhora? Também adora os livros dela?

— Não vai gostar de ouvir isto — Frances sorriu —, mas as minhas preferidas são as Brontë.

Mimi riu-se.

— Isso é tão perfeito.

— Mas não diga a ninguém.

— Não, não se preocupe, a ninguém. Especialmente, não

ao Jack. Ele ainda podia tentar fazê-la baixar o preço por causa disso.

Frances percebeu que Mimi compreendia muito bem o noivo, e isso deixou-a um pouco menos preocupada com a mulher do que estivera a princípio. Porque, se Jack lhe fazia lembrar o pai, podia bem imaginar que os anos que se seguiriam trariam bastantes preocupações a Mimi Harrison.

Mimi voltou a levantar-se e Frances fez o mesmo.

— Volte mesmo. Com ou sem o Jack.

Mimi sorriu, grata, à mulher.

— Tenho tantas perguntas a fazer-lhe, que espero que não se arrependa do seu simpático convite.

— Tenho a certeza de que não me arrependerei — Frances retribuiu o sorriso.

Ao observar pela janela Mimi e Jack a descerem o caminho de acesso juntos, Frances sentiu-se como se tivesse passado numa espécie de teste cósmico à sua resistência ao encanto daqueles dois.

Unidos, Mimi e Jack tinham a potência de uma bomba altamente explosiva que tivesse sido largada num ataque furtivo àquela pequena e inconsequente aldeia — uns verdadeiros Mary e Henry Crawford de cabeça perdida. Frances perguntou-se a quem deveria revelar a sua visita, e se o deveria fazer a alguém. Perguntou-se se as pessoas que ela conhecia — Evie ou Charlotte, o Dr. Gray, até Andrew Forrester — reconheceriam o nome de Mimi se Frances o mencionasse.

O sol de janeiro punha-se rapidamente, e ela ouvia Josephine a andar pelo piso inferior da casa, ligando as luzes elétricas e acendendo as lareiras nos outros quartos.

De súbito, Evie entrou de rompante, com o espanador na mão, e parou abruptamente ao ver a senhora da casa de pé,

junto à grande janela da sala.

— Desculpe, menina, pensávamos que tinha voltado para o seu quarto.

— Não precisas de pedir desculpa, Evie; foi uma visita mais longa do que eu previra. Por favor, retoma o que estavas a fazer — Frances era sempre excessivamente cortês com os seus empregados: a possibilidade de ter de os substituir aterrorizava-a, pois eles eram as únicas presenças constantes na sua vida, para além da velha casa e das suas recordações.

Evie fez uma pequena vénia, mas não fez qualquer menção de, realmente, retomar as suas tarefas. Desde o Natal que Evie andava desesperada por contar à mulher mais velha acerca do clube que tinham formado e das esperanças que neste depositavam. O Dr. Gray pedira-lhe que não dissesse nada até que pudessem fazer uma oferta em condições à Menina Frances pelo chalé, mas a visita daquele dia, organizada pela Sotheby's, preocupava Evie, e o seu instinto disse-lhe que estava na altura de falar.

— Evie — começou Frances, sentando-se no seu lugar no sofá —, tenho estado para te perguntar, já acabaste aquele livro que te recomendei?

— Oh, sim, era maravilhoso, tal como disse.

— Há pessoas que o acham demasiado estranho e terrivelmente deprimente, com alguns excessos no que toca ao sobrenatural. Mas eu acho que *Villette* é a verdadeira obra-prima de Charlotte Brontë.

— Não me pareceu demasiado sobrenatural. Fiquei completamente arrebatada.

— Por favor, não se esqueçam, tu e a Charlotte, que têm total acesso a esta biblioteca, sempre. Ninguém lê estes livros. Lembrem-se disso.

— Obrigada, menina — Evie ficou ali de pé, com o

espanador na mão. — Menina?

— Sim, Evie?

A jovem foi pôr-se de pé em frente do sofá da sua empregadora, até que Frances lhe fez sinal para se sentar. Foi então que a juventude de Evie se revelou, pois todo o seu entusiasmo e os planos para o clube jorraram-lhe da boca numa única frase, longa e metralhada.

Frances ouviu-a calmamente, esperando por uma pausa no discurso de Evie para dizer alguma coisa.

— Evie, por acaso tens alguma noção de quem eram as pessoas que acabaram de me visitar? Porque o teu sentido de oportunidade é impecável. Eles também querem comprar o chalé. Parece que a mulher é uma enorme admiradora de Jane Austen, tal como tu, segundo julgo. Não, não te assustes: ainda não dei o meu acordo a nada. Para ser franca, não me cabe a mim decidir, e, neste momento, o meu pai parece demasiado perdido para tomar ele próprio uma decisão. Por isso, nada vai ser decidido tão depressa, se isso te serve de consolo.

Evie deu um audível suspiro de alívio.

— Mas vai juntar-se a nós, Menina Frances? O clube não é nada sem si.

Frances sentiu-se tocada pelo entusiasmo da rapariga.

— Evie, eu sabia que tinhas gostado de *Orgulho e Preconceito*, mas tenho de dizer que é uma grande responsabilidade assumires um compromisso destes. Não preferirias andar por aí com pessoas da tua idade? Conheço bastante bem, da escola, tanto o Benjamin Gray como o Andrew Forrester; acho que o apogeu social deles já lá vai há muito tempo e, provavelmente, é bom que tenham um novo passatempo deste tipo para não se meterem em sarilhos — Frances sorriu gentilmente. — Estou a brincar, claro. São ambos homens muito bons e honrados. E a pobre

Sr.^a Grover é adorável. Mas o Adam Berwick... nunca teria adivinhado. E pensar que foi tudo ideia dele.

— Isso é um sim, menina?

Frances assentiu com a cabeça, perante a insistência da sua criada de casa. Devia ter sido precisa alguma coragem para fazer um pedido tão delicado como a disposição de parte da propriedade do seu empregador moribundo.

— Mas não vamos dizer nada sobre o clube ao Sr. Knight para já, está bem, Evie? Como estou certa de que sabes, ele não é o maior admirador de Austen do mundo. Por agora, vamos manter o nosso pequeno segredo.

Evie fez uma pequena vénia e apressou-se a sair dali, embora Frances suspeitasse que ela não fora dedicar-se às suas tarefas. Olhou para o relógio por cima da lareira. Passava um pouco das 16 horas. Embora se sentisse bastante cansada devido a toda a agitação daquela tarde, ainda devia ir visitar o pai antes do jantar.

Nessa manhã, a visita não correria bem, e tinham-lhe pedido para sair do quarto quando Andrew Forrester chegara para discutir assuntos da propriedade. Esperava que, depois de uma longa sesta, o pai estivesse um pouco mais bem-humorado. Mas contar-lhe acerca dos visitantes americanos provavelmente só iria causar perturbação. Ou, pelo menos, foi isso que Frances disse a si própria enquanto subia lentamente as escadas para ir vê-lo.

CAPÍTULO 18

Chawton, Hampshire
10 de janeiro de 1946

Adeline Grover caminhava pela rua principal da aldeia na direção da Casa Grande, fechando o seu casaco de lã cinzento-escuro com mais força contra o vento cortante de inverno, e ficou surpreendida por ver pequenas manchas de campânulas brancas despontando aleatoriamente à beira da estrada, um mês inteiro antes da sua época. Ainda estava a olhar para as flores quando ouviu chamar o seu nome.

Levantou os olhos e viu Liberty Pascal, acenando-lhe a alguns metros de distância.

— Adeline, há quanto tempo... como estás? — perguntou a mulher, com uns modos levemente exagerados de que Adeline se lembrava bem dos tempos que tinham passado juntas na universidade, como estagiárias, respetivamente, para professora e enfermeira.

— Liberty, o que raio fazes aqui, logo aqui?

Adeline interrompeu o seu caminho e desviaram-se, juntas, para a beira da estrada. Reparou que Liberty estava com excelente aspeto, pois o seu belo cabelo ruivo era realçado pelo tom de batom que escolhera, o qual, por seu turno, condizia com o tom saudavelmente corado das suas faces.

— Acabei de aceitar um novo emprego aqui!

— A sério? Com quem? — Adeline não ouvira falar de

novos médicos que tivessem aberto consultório na aldeia, nem mesmo na vizinha Alton.

— Com o Dr. Benjamin Gray.

— A sério? — repetiu Adeline. — Não sabia.

— És doente dele, não és? Oh, lamento imenso, Adeline... pelo bebé. Que horror. Deves estar fora de ti.

Adeline depressa começava a perceber mais do que um inconveniente daquela recente contratação pelo Dr. Gray.

— Sim, já sou doente dele há muito tempo. Embora, recentemente, tenha andado a pensar em mudar — isto não era bem verdade, mas, por vezes, a boca de Adeline era mais rápida do que os seus pensamentos, e ela aprendera a confiar nos instintos que ditavam essas inconfiáveis.

— Oh, que pena. Sei que o Dr. Gray diz muito bem de ti.

A ideia do Dr. Gray e de Liberty Pascal a falarem de Adeline nas suas costas, fosse acerca da sua saúde ou de qualquer outro assunto, fê-la sentir-se súbita e distintamente desconfortável.

— Já percebi que vou gostar de estar aqui — continuava a tagarelar Liberty, energicamente. — Não fazia ideia de que era tão pitoresco. Tu nunca mo disseste, sua secretista. Embora tivesses optado por voltar para cá para ensinar, o que devia querer dizer alguma coisa.

— Como está o Dr. Gray? — perguntou Adeline, tão despreocupadamente quanto possível. — Não o vejo desde a Missa do Galo da aldeia, na igreja da paróquia.

— Oh, sei qual é. Adorável. Passamos por lá para irmos ver o Sr. Knight. Na verdade, acabei de vir de lá, de lhe dar o seu banho. É um velho triste, bastante perto do fim. Começa a perder faculdades mentais, embora, claro, não se aperceba. O Benjamin... quero dizer, o Dr. Gray... parece ser o único que consegue dar conta dele. A filha parece-me bastante inútil, se queres a minha opinião.

Adeline congratulou-se intimamente por se lembrar da tagarelice de Liberty e da sua notável falta de discrição e disse para si mesma que aquela era uma razão tão boa como qualquer outra para tentar encontrar outro médico. Achava interessante que, tal como acontecera com Harriet Peckham, o Dr. Gray persistisse em contratar mulheres tão desbocadas e impressionantes.

— Ouve, Liberty, por acaso até foi bom encontrarmo-nos. Fazes-me o favor de comunicares ao Dr. Gray os meus planos de mudança de médico? Como te disse, já ando para lho dizer há algum tempo.

— Claro que sim, Adeline. Faço qualquer coisa para te ajudar neste momento. Fica bem, ok, querida? — Liberty estendeu os braços e deu um grande abraço a Adeline, após o que se afastou na direção oposta.

Adeline continuou a caminho de casa. Encontrar a Liberty Pascal, logo ela, não melhorara em nada a sua disposição, e gostaria de voltar à solidão e privacidade da sua pequena casa. Não devia ver o Dr. Gray durante mais umas semanas, até ao dia em que estava marcada a segunda reunião do Clube Jane Austen. Ficava contente por isso — Liberty não demoraria a contar-lhe a intenção de Adeline, e isso poderia intrigá-lo, mas esperava que esse assunto estivesse encerrado e esquecido na próxima vez em que se encontrassem.

Algumas horas depois, Adeline estava agachada no seu jardim da frente, escavando a terra para plantar, tardiamente, alguns bolbos de tília e limpando o mato morto do outono para tornar visíveis os seus próprios canteiros de campânulas brancas, quando ouviu o portão da frente, de carvalho, abrir-se nas suas dobradiças rangentes e partidas. Pôs-se de pé e endireitou-se enquanto

o Dr. Gray se aproximava.

Ele trazia uma invulgar expressão de preocupação no rosto — geralmente, era bom a esconder os sentimentos, de tal forma que, muitas vezes, ela passava grande parte do tempo que estavam juntos só a tentar decifrá-lo.

— Está tudo bem consigo? — perguntou ele, abruptamente.

Ela apoiou as duas mãos no velho manípulo de madeira da sua pá e olhou-o de frente, surpreendida.

— Sim, razoavelmente. E consigo?

Ele começou a andar de um lado para o outro no caminho do jardim, que se dividia, mesmo em frente dela, numa longa oval, antes de retomar a sua forma original de caminho de tijolos vermelhos que conduzia à porta vermelha da frente. Ela estava de pé dentro do pedaço de terra de forma oval, que era rodeado por uma sebe baixa de buxo que Samuel plantara para ela como presente de casamento, há menos de um ano.

O Dr. Gray continuou a deambular, distraidamente, do outro lado da sebe, tirando ramos mortos de alguns dos arbustos de espinheiro-alvar e depois atirando-os, irrefletidamente, para o chão.

— Já sei que contratou a Liberty Pascal — acabou por dizer Adeline. — É uma antiga colega minha, da universidade. Uma verdadeira força da natureza... deve pô-lo na linha num instante.

— O que raio quer isso dizer? — perguntou ele, com uma sacudidela de cabeça.

— Nada em especial. É apenas difícil resistir-lhe. Tem linhagem francesa, e isso tudo.

O Dr. Gray tirou a luva direita e esfregou o maxilar com a mão nua.

— Adeline, porque me está a despedir como seu médico?

— Não estou a despedi-lo — ela enterrou a pá mais profundamente na terra, até que esta ficasse de pé sozinha.

— A sério? Então o que lhe chamaria?

— Isso importa?

— Isto tem a ver com o medicamento?

Adeline olhou-o, completamente chocada. Estivera, sinceramente, com dificuldades em perceber porque estava ele tão contrariado, e agora todas as implicações das palavras dele tinham nela um enorme impacto.

— O medicamento... que me deu... esse medicamento? — as palavras saíram-lhe lentamente, como se estivesse a tentar processar a óbvia raiva dele contra ela.

— É porque já não lho dou mais?

— Dr. Gray! — os olhos acenderam-se-lhe com uma tal fúria que ele se arrependeu imediatamente do que dissera.

— Está, realmente, a acusar-me de ser algum tipo de viciada? Ou de mudar de médico para obter mais fármacos? Logo o senhor?

O Dr. Gray retirou a outra luva e enfiou o par bem fundo nos bolsos do casaco, com visível frustração. Procurando um lugar onde se sentar, viu uma urna de barro virada ao contrário por baixo de uma macieira brava, e foi sentar-se bruscamente em cima dela.

— Então? — Adeline persistia na sua irritação.

O Dr. Gray ficou sentado, a olhar para o chão à sua volta, para as folhas mortas e flores secas das hortênsias e flores de alho do último verão. Percebeu que a manutenção do jardim por Adeline devia ter parado subitamente devido aos terríveis acontecimentos do outono recente. Pensou no portão da frente partido, e em todo o trabalho de jardim que precisava de ser feito por ali, e em como só uma viúva podia ver-se sozinha com uma casa e uma propriedade daquelas para gerir sozinha.

— Precisa de alguém que a ajude por aqui — respondeu-lhe, em vez de dar seguimento ao tema, e tentando recuperar algum comando verbal da situação que estava a fugir ao seu fraco controlo, como parecia acontecer tantas vezes quando estava perto dela.

— Está a mudar de assunto.

— Olhe, peço muita desculpa se tirei uma conclusão errada há pouco... mas senti que me competia, como seu médico, certificar-me de que nada se passava. Pelo menos, nada desse tipo.

— Dr. Gray, esperava que me conhecesse suficientemente bem para saber que eu nunca me descontrolaria dessa maneira.

Ele levantou os olhos para ela.

— Infelizmente, pode acontecer aos melhores. Não tenho dúvidas disso. Olhe, peço desculpa, mas tinha de perguntar. Tinha de saber que, pelo menos, tinha feito a pergunta, por muito que isso a incomodasse.

— Como é corajoso.

Ele viu que o humor seco dela estava a regressar, o que o ajudou a fazer a única pergunta que receara ainda mais fazer, desde que ela perdera o bebé.

— Adeline, é por qualquer outra coisa que eu tenha feito?

— De todo. Eu só... é um novo ano, sabe? E vamos voltar a trabalhar juntos, com o clube, e, provavelmente, é boa ideia manter as coisas separadas.

O Dr. Gray não tinha a certeza de acreditar em nada daquilo.

— Mas, como bem sabe, eu sou o médico do Adam, e também da Menina Knight. Afinal, sou um profissional... — mas aquelas palavras pareceram-lhe, até a ele, estranhamente dissimuladas, e deixou que a voz se lhe sumisse.

— Eu sei disso. Olhe, a sério, não é por nada em especial. Só me parece que... está na altura de mudar — Adeline procurava uma forma de terminar aquela conversa. Nunca antes vira o Dr. Gray zangado com ela ou desconfiado dela, nem por sombras. Não estava a gostar nada daquilo, nem de como ele estava a fazê-la sentir-se zangada também.

— Então com quem irá consultar-se?

Ela ainda não tinha pensado bem naquilo — ele apanhara-a completamente desprevenida.

— Hum, o Dr. Westlake... Howard Westlake... o cirurgião que me operou, no hospital de Alton.

Aquela resposta só pareceu perturbar ainda mais o Dr. Gary.

— Então confia mais nele, é isso?

— De forma alguma. Só me parece que poderá ser mais fácil começar de novo com alguém que não seja da aldeia. Que não esteja tão, hum, intimamente relacionado com o meu caso.

A imagem da camisa de noite de renda branca dela manchada de sangue ocorreu de repente ao Dr. Gray. Pela primeira vez, ele compreendeu que talvez tivessem partilhado demasiado — que talvez não conseguissem voltar ao que eram antes.

— Sim, claro, muito bem, então — acabou por ceder. — Como achar melhor.

Levantou-se para se voltar para o portão da frente, e depois virou-se para ela uma última vez.

— Acha que posso mandar cá o Adam, para lhe arranjar este portão? Eu não tenho jeito nenhum para essas coisas, como toda a gente sabe.

Ela encolheu os ombros.

— Como achar melhor.

Ele reparou na escolha das palavras, repetindo as que

acabara de dizer-lhe — como que para lhe mostrar que podia ser tão dissimulada quanto ele.

— Então vemo-nos daqui a poucas semanas, na próxima reunião do clube, se não for antes?

Ela voltou a encolher os ombros. Ainda estava um pouco zangada com ele. Perguntou-se até que ponto ele a pensaria perdida, necessitando de ser salva. Nunca lhe ocorreria que ele poderia estar a projetar as suas próprias dificuldades no estado marcado pela dor em que ela se encontrava. Nunca lhe ocorreria que, de entre os dois, ele fosse o que mais precisava de salvação.

CAPÍTULO 19

Chawton, Hampshire
15 de janeiro de 1946

Frances estava sentada no sofá de chita desbotada, na Sala Grande, em frente de Andrew Forrester. Josephine, Evie e Charlotte estavam de pé, por trás do sofá, a pedido de Frances. Ela esperava que, no seu testamento, o pai tivesse deixado legados ao pessoal da casa, como agradecimento pelo seu serviço, especialmente naqueles vários últimos e difíceis anos.

O Dr. Gray também estava na sala, de pé, encostado à janela, logo à direita da Menina Knight. Andrew pedira-lhe confidencialmente que comparecesse à leitura do testamento como médico pessoal do Sr. Knight.

Andrew aclarou a garganta. Não conseguia olhar Frances diretamente nos olhos — já há anos que raramente conseguia fazê-lo. Nos olhos dela, via sempre, não só uma desilusão esmagadora, mas também autorrecriinação. A sensação de que, pela sua própria passividade e fraqueza, permitira que a vida que tinha diante de si acontecesse. De que, apesar de tudo, talvez não tivesse sido inevitável.

Andrew começou a ler.

— Eu, James Edward Knight, estando em perfeitas capacidades mentais e de memória, pelo presente, no dia 15 de novembro do ano da graça de 1945 — a cabeça de Frances, que estava inclinada para o colo, levantou-se subitamente —, declaro que esta é a minha última vontade

e o meu testamento, e revogo todos os testamentos anteriores feitos por mim. Declaro o Exmo. Senhor Andrew Forrester, solicitador na cidade de Alton, Condado de Hampshire, executor dos meus bens, e deixo a totalidade desses bens, com as exceções enumeradas abaixo, ao meu parente masculino vivo mais próximo no continente britânico.

Andrew ouviu uma das criadas mais jovens de pé por trás de Frances arquejar, e depois ser rapidamente silenciada por alguém, provavelmente a cozinheira mais velha, Josephine.

Frances continuou simplesmente ali sentada, em silêncio. Andrew sentia os olhos dela ainda sobre ele enquanto lia, mas obrigou-se a não retribuir o olhar. Não era altura de começar com isso.

— As exceções acima mencionadas incluem, em primeiro lugar, o chalé do caseiro em Winchester Road, em Chawton, e a parcela de terreno adjacente em forma triangular, de 2,3 acres, delimitada pelo muro de tijolo vermelho e, na parte traseira, pela sebe de choupo-branco, tal como descrito no levantamento topográfico em anexo.

— Admira-me que ele não se tenha arrastado até lá para medir o terreno em metros pessoalmente — murmurou Josephine, em tom zangado.

— Essa propriedade será a residência da minha única filha sobrevivente, Frances Elizabeth Knight, até ao dia da sua morte ou da disposição do chalé pelo valor de mercado, devendo valer, destes dois factos, o que ocorrer primeiro, sendo que, nessa ocasião, o direito à residência reverterá de novo para a propriedade. Deixo também à minha filha uma pensão de sobrevivência de duas mil libras anuais, durante o tempo em que esse valor puder ser gerado pela propriedade sem exceder cinco por cento do seu

rendimento bruto anual. Estabeleci na tabela em anexo as taxas exigidas de redução desta pensão, de acordo com qualquer declínio anual no rendimento bruto da propriedade.

Andrew sempre achara aquelas últimas duas cláusulas as mais desnecessariamente punitivas e cruéis, num documento já de si particularmente mesquinho. Duas mil libras era apenas o suficiente para que Frances usufruísse de alguns dos melhores confortos da vida, mas nem um tostão a mais. E esse valor não estava garantido enquanto a propriedade continuasse a desvalorizar-se como vinha a acontecer, a uma velocidade alarmantemente crescente. E ainda havia a calcular quanto mais os bens seriam penalizados pelo imposto sucessório que seria, agora, devido.

Andrew viu, pelo canto do olho, a jovem criada de casa Evie fazer uma espécie de sinal ao Dr. Gray, e depois ir encostar-se à cornija da enorme lareira de pedra, de cabeça baixa.

— Finalmente, como agradecimento pelo seu apoio e pelos cuidados que me prestaram nos meus anos finais, deixo os seguintes legados: um estipêndio anual de 50 libras à Menina Josephine Barrow e estipêndios anuais de 20 libras à Menina Evie Stone e à Menina Charlotte Dewar.

Andrew aclarou a garganta uma última vez e disse, enquanto voltava a dobrar o papel com os seus dedos de nós esbranquiçados:

— Este documento foi assinado, selado e entregue na presença das seguintes testemunhas e a meu pedido: o Exmo. Senhor Andrew Forrester, de Alton, Hampshire e a Menina Harriet Peckham de Chawton, Hampshire.

Houve um silêncio terrível e desconfortável na sala. Todos sabiam que a Menina Frances devia ser a primeira a

falar, se alguém o fizesse, mas todos sabiam também que ela não diria uma palavra.

Finalmente, o Dr. Gray foi colocar-se de pé junto a Andrew, que continuava sentado no sofá.

— Menina Frances, o Sr. Forrester pediu-me para estar aqui hoje por várias razões. Deve ter perguntas acerca do estado mental do seu pai no momento da assinatura deste documento, há apenas dois meses.

Frances abanou a cabeça, em silêncio. Passados alguns segundos, levantou os olhos para o Dr. Gray e sorriu amargamente.

— Até ao fim, o meu pai sabia exatamente o que estava a fazer.

Todas as outras pessoas presentes na sala foram apanhadas de surpresa. Era a declaração mais assertiva e completa que lhe ouviam desde há anos.

— Ele pode tê-lo feito, mas existem fundamentos, só para que saiba. Se quiser iniciar...

Frances pôs-se de pé e levantou ligeiramente a mão direita, como que para o interromper.

— Não, não quero iniciar nada. É o que é. Os cuidados que recebeu do pessoal foram reconhecidos. Isso era o mais importante para mim.

Depois de toda a angústia dos últimos dois dias, aquilo era demais para a velha Josephine aguentar. Ouviram-na, por trás deles, fungar para o lenço e depois empurrar as duas criadas de casa para fora da sala, a seu lado.

— Frances... Menina Knight... espere — acabou Andrew por dizer, e também se levantou. — Como executor, a minha experiência diz-me que pode levar algum tempo a identificar o herdeiro legítimo. Durante esse tempo, ser-lhe-á permitido residir na Casa Grande e, quem sabe, talvez até para além disso. Se os tribunais não conseguirem

identificar o herdeiro masculino devido num período razoável de tempo, pode fazer um requerimento para herdar, com o fundamento de ser a parente mais próxima imediata do Sr. Knight.

Frances abanou a cabeça, com desalento.

— Não consigo mesmo pensar em nada disso agora. Prepare apenas um aviso do senhorio para os inquilinos que estão no chalé do caseiro: ficarei com o primeiro apartamento que ficar disponível, com o mínimo de incómodo para qualquer deles.

O Dr. Gray deu um passo em frente.

— Eu sei que a Louisa Hartley está a planear mudar-se para Bath em breve, para ficar mais perto do filho, assim que a sua recente operação cirúrgica tiver sarado.

— Muito bem — disse Frances, inexpressivamente. — Se o Sr. Forrester puder, por favor, tratar das diligências legais. E obrigada, meus senhores, aos dois, por me darem estas notícias. Não deve ter sido fácil.

Saiu da sala. O Dr. Gray foi fechar a porta por trás dela, e depois ele e Andrew deixaram-se cair novamente no sofá.

— Meu Deus — suspirou o Dr. Gray.

Andrew abriu a sua pasta de advogado e enfiou o testamento lá dentro, após o que fechou as correias com irritação.

— Ela foi sempre patologicamente estoica — acrescentou o Dr. Gray. — Mesmo em criança... lembra-te?

— Espero que *estoica* seja a palavra certa. Estremeço só de pensar o que mais lhe podemos chamar, neste momento.

O Dr. Gray compreendeu algo de súbito.

— Então era por isto que estavas tão preocupado por te juntares ao clube... nunca teria adivinhado. Se te serve de consolação, nem por um momento revelaste saber nada disto. Os teus conselhos jurídicos foram, como sempre,

irrepreensíveis. Ainda assim, parece tão irónico que o velhote amarrasse o chalé desta maneira, dados os nossos recentes planos para ele. Ainda nem tivemos tempo de pôr o anúncio no *The Times*.

Andrew levantou-se e foi até ao aparador, virando as costas ao Dr. Gray.

— Não sei bem até que ponto isto foi uma coincidência.

— Como assim?

— Ben, porque acabaste por despedir a Menina Peckham?

Agora foi a vez de o Dr. Gray se contorcer um pouco.

— Ela era, simplesmente, demasiado intrusiva. Eu sentia-me sob vigilância de um campo inimigo. Estava sempre a fazer observações sugestivas acerca das senhoras.

Andrew voltou-se novamente para ele e sorriu pesarosamente. O estatuto do Dr. Gray como viúvo solitário era um dado adquirido na vida da aldeia de Chawton — Andrew suspeitava que várias mulheres dali cobiçavam o seu velho amigo.

— Eu percebo isso, Ben... mas temo que ela tenha feito muito pior. Receio que tenha dado alguma dica ao velhote acerca dos teus planos iniciais, feitos com o Adam, para o chalé. Todos sabemos do desinteresse, e até irritação, que o Sr. Knight tinha por todo o legado de Austen. Ter autocarros de turistas a entrar na cidade para verem um museu em honra da escritora teria sido a última coisa que ele quiereria. E agora arranjou as coisas na perfeição, pois Frances perde o único sítio que tem para viver se o chalé alguma vez for vendido para fora da família.

— Não há dúvida de que, desta vez, ela foi encostada a um canto pelo velho. Credo, preciso de uma bebida — grunhiu o Dr. Gray.

Andrew começou a servir dois uísques do tabuleiro de

bebidas que estava sempre disposto no aparador.

— O certo é que ela viveu toda a vida numa caixa. Literal e figurativamente. Quando foi a última vez que sequer saiu de casa? Segundo percebi, não foi fácil a Evie fazê-la sair na Véspera de Natal.

— Não estás a ser um pouco duro, Andrew?

— Acho que ninguém está a ser suficientemente duro, para dizer a verdade. Talvez tenha sido esse o problema, durante todos estes anos. Lembras-te do irmão dela, o Cecil, de como era temerário? Toda aquela história do acidente de caça... deixa que te diga isto, o pai gostou da crueldade. Admirou-a. Espezinhou todos os outros. E ela deixou-o. Com certeza que percebeu quais eram as verdadeiras intenções dele; e, em vez de se opor, curvou-se aos seus desejos e deixou-o controlá-la completamente. Não tentou uma única vez impor-se... e, no entanto, qualquer pessoa veria que era isso que ele queria. Ele detestava vê-la assim, tão dócil e resignada, e por isso puniu-a ainda mais.

— Andrew, francamente, nem toda a gente conseguia fazer face ao velho.

Andrew franziu levemente o sobrolho, e depois voltou ao seu lugar e passou um dos copos de uísque ao Dr. Gray.

— Ainda acho que estás a ser demasiado duro com ela — continuou o Dr. Gray. — Estás a ver o assunto como um homem. Este tipo de coisas é muito diferente para as mulheres. Quando estávamos na escola com a Frances, as mulheres nem sequer podiam ser bancárias ou contabilistas... e perguntamo-nos porque é que o velho Sr. Knight não confia o seu dinheiro à filha. Até à guerra, quais eram as opções delas: serem criadas, professoras, enfermeiras, atrizes? Quero dizer, Cambridge, onde andaste, ainda nem sequer licencia mulheres, pois não? Se

deixarmos tudo isto para trás, Deus sabe onde acabaremos.

— Teres sido casado com uma mulher forte como a Jennie foi uma bênção para ti, Ben — suspirou Andrew, com inveja. — Isso nota-se bem em alturas destas.

— Tive uma mulher muito inteligente. Aprendi muito.

— Mas ainda tens muito que aprender... ambos temos — Andrew deu um grande gole no seu uísque. — Porque são os homens tão orgulhosos, tão obstinados? De que temos, exatamente, medo?

O Dr. Gray riu-se.

— Oh, não vamos por aí. Já tem sido um ano bastante difícil. Primeiro, a Adeline Grover despede-me como seu médico, e depois...

— Espera, o quê?

O Dr. Gray encolheu os ombros.

— Acontece, acho eu.

— Ela deu-te algum motivo?

— Nenhum em especial.

— Bem, isso é uma estreia para ti. Há alguém nesta cidade que *não* recorra a ti como médico? Isso deve doer um pouco, considerando o teu ego.

— Obrigado, Andy, isso era mesmo o que eu precisava de ouvir agora. Provavelmente, é melhor assim... os poderes de observação dela, às vezes, são muito perspicazes. Nada lhe escapa.

— E é melhor assim *porquê*?

— O que queres dizer?

Andy engoliu o resto do seu uísque.

— Não quero, necessariamente, dizer nada.

— A resposta de um verdadeiro advogado. E eu também não estou necessariamente a dizer nada acerca da Menina Frances.

Olharam um para o outro, recordando muitos momentos

da sua juventude, quando tinham lutado por Frances e por algumas outras raparigas.

— Há qualquer coisa em crescer numa aldeia — acabou por dizer Andrew —, em sermos rapazes e raparigas juntos, existe intimidade... como havemos de saber se encontrámos a pessoa certa? Quero dizer, quais são as probabilidades de ela estar no nosso quintal das traseiras? Eu estava a treinar o Samuel Grover, lembras-te?

— Oh, é verdade. Esqueço-me sempre disso.

— Ele foi chamado, quando, em 1942? Quarenta e três? Lembro-me muito claramente do dia em que ele e a Adeline ficaram noivos. Ele estava tão excitado... parece que já andava a pedi-la em casamento há anos. Ela parecia um pouco mais calma.

— Porque me estás a contar isto tudo? — o Dr. Gray levantou-se, despreocupadamente, para pegar no copo de Andrew, e depois voltou a servir os dois antes de se sentar outra vez.

— Porque acho que a Adeline Grover te despediu por uma razão. Não seria a primeira doente feminina a fazê-lo.

O Dr. Gray abanou a cabeça.

— Não, estás enganado. Não é nada disso. Olha para mim, sou demasiado velho.

Andrew riu-se.

— Obrigado, por nós os dois.

— O que raio te faz dizer isso dela, de qualquer maneira?

— Oh, nada que *ela* tenha feito. És tu.

O Dr. Gray sentiu-se como se tivesse recebido um murro no estômago. Nunca ninguém adivinhara qualquer dos seus segredos, ou pelo menos assim acreditara sempre. A ideia de que tivesse sido transparente para alguém, mesmo para um velho amigo da escola como Andrew, aterrorizava-o.

— Não te preocupes, Ben. É só porque já te vi assim

apaixonado antes.

O Dr. Gray olhou para Andrew, com a negação na ponta da língua, mas, estranhamente, queria ouvir mais.

— E, seja como for — acrescentou Andrew —, acho que ela não sabe, verdadeiramente. Ainda não.

— Não há nada *para* saber, porque nunca aconteceria nada.

— Uma coisa não invalida necessariamente a outra. E, além disso, porque tens tanta certeza disso? Não é inconcebível... quero dizer, o Adam Berwick só é dois anos mais novo do que nós, e já me disseram que ele anda muitas vezes a rondá-la.

Agora, a cabeça do Dr. Gray começava a doer.

— Como raio acabámos a falar disto? Sim, ela é uma jovem muito atraente... uma jovem *viúva* muito atraente. E sinto-me estranhamente responsável por ela. Acho que deve ser por causa do bebé e de todo o horror que aquilo foi, e de ter testemunhado tudo e lhes ter falhado tão completamente.

— Tu não falhaste, Ben — censurou-o Andrew, gentilmente. — Não podes salvar toda a gente, por muito que te esforces. Ainda és o melhor médico que há por aqui, e sabe-lo.

— Parece que o Howard Westlake é melhor ainda... ou, pelo menos, é o que a Adeline parece pensar, visto que ele é agora o seu novo médico.

— Ah, ainda por cima ainda há a velha competitividade profissional. Oh, bem, se tens a certeza de que é só isso.

— Não tenho menos certeza do que tu acerca da Frances.

— Bem, Ben — disse Andrew, tristemente —, então, tenho pena de nós os dois.

CAPÍTULO 20

Chawton, Hampshire
17 de janeiro de 1946

Não tinha escapado a Frances Knight a ironia de que, agora que já não tinha o direito de dispor de quaisquer bens, iria finalmente saber o seu verdadeiro e impressionante valor. Poucos dias depois da leitura do testamento, Evie tinha — num acesso de raiva contra o Sr. Knight por tão miseravelmente ter depauperado a situação da sua única filha — finalmente confessado a Frances o que andara, exatamente, a fazer na biblioteca nos últimos dois anos.

Estavam a passear juntas na mata de tílias e tinham parado junto da velha cabana de pastores que, há muito tempo, fora usada para dar apoio a caçadas na propriedade. Frances sentou-se nos últimos degraus da cabana pintada de vermelho, que balançava sobre quatro grandes rodas como uma caravana cigana, e levantou os olhos para o rosto belo e brilhante de Evie. Frances sempre admirara o ânimo da rapariga, tão diferente do seu. Enquanto as palavras saíam em catadupa da boca de Evie, Frances apreciou mais uma vez a óbvia energia e disciplina que ela emprestava a todas as suas atividades.

— E eu a pensar que só gostavas de limpar o pó à biblioteca. Muitas vezes.

— Menina Knight, como pode manter-se tão calma numa altura destas? — Evie fez um gesto com os braços,

abarcando o que as rodeava. — Como pode encarar a perspectiva de sair daqui?

Frances sorriu tristemente.

— Mas, na verdade, não é bem um lar, não achas, Evie? Não como o que tu e os teus irmãos têm. Não como o da maioria das pessoas.

— Mesmo assim, é tão injusto... tornar a sua situação muito mais difícil do que precisaria de ser, tendo ele os meios para o impedir.

— Eu sei que dá essa impressão... talvez seja mesmo assim. Mas cada um de nós tem as suas razões para fazer as coisas; e ninguém deve nada a ninguém. Eu também tive de fazer as minhas próprias escolhas, mesmo que nem sempre assim pareça.

Evie não tinha bem a certeza de que ainda estivessem a falar da herança, mas achou melhor não insistir. Conhecia a Menina Frances suficientemente bem para saber que, se ela quisesse dizer alguma coisa, di-la-ia; e que, se não quisesse, não haveria esforços capazes de lha arrancar. Nesse ponto, as duas eram mais parecidas do que se apercebiavam.

— Seja como for, tenho uma pequena surpresa para ti... embora preferisse que fosse em circunstâncias mais felizes. Lembras-te dos meus visitantes americanos logo a seguir ao Ano Novo, os que queriam comprar o chalé? Bem, a mulher é encantadora e deve vir fazer-me outra visita hoje, desta vez sozinha. Não tive coragem de recusar, vindo ela de tão longe. Mas receio bem ter agora de lhe dizer, também a ela, que todas as propriedades estão sob custódia e que perdi o direito de dispor delas.

Evie ouvia-a distraidamente porque, através das árvores, via uma mulher a andar cautelosamente sobre saltos extremamente altos, subindo o caminho de gravilha em

frente da casa.

— É tão estranho — murmurou Evie, entredentes. — Ela parece mesmo... não, espere, não pode ser...

Frances sorriu e levantou-se dos degraus da cabana de pastores.

— Evie, gostarias de a conhecer?

Evie ainda estava a espreitar por entre as árvores. A mulher parecia alta e esbelta sobre os saltos, mas Evie apenas conseguia ver a famosa imagem de uma dona de casa descalça numa cozinha, tentando fechar a porta a um soldado nazi, com uma expressão de terror no rosto — e a princesa polinésia numa praia tropical, tratando de um marinheiro britânico naufragado até ele se restabelecer — e a preferida de Evie, a condessa russa do século XIX de pé na plataforma do comboio, com o fumo do motor a passar-lhe pelo rosto em vagas e, depois, o som das rodas do comboio a guincharem numa paragem terrível.

Agora, a mulher estava a acenar-lhes do portão da frente, enquanto elas se aproximavam, vindas do bosque contíguo. Com a outra mão, remexia em algo que trazia ao pescoço.

— Olá, Menina Frances! — chamou ela.

— Peço desculpa — ainda murmurava Evie —, mas aquela mulher parece-se terrivelmente com...

Frances deu umas palmadinhas no ombro da jovem rapariga quando alcançaram a recém-chegada.

— Evie, gostaria de te apresentar uma nova amiga minha, a Menina Harrison. Ou Mimi, como poderás conhecê-la. Mimi, é tão bom vê-la outra vez. Esta é a Menina Evie Stone, que me ajuda na lida da casa e também é uma grande admiradora de Jane Austen.

Mimi estendeu a mão à jovem, reconhecendo bem o seu estado de choque.

— Olá, Evie, é um prazer conhecê-la. E, se gosta de Jane

Austen sequer metade do que eu gosto, teremos muito de que falar.

Pela primeira e única vez na sua vida, Evie Stone ficou sem palavras.

— Oh, Frances, isso é horrível. Nem sei o que dizer.

As três mulheres estavam sentadas no andar de cima, na sala apainelada a madeira de carvalho que um dia fora conhecida como a Sala de Retiro das Mulheres e onde se ia dar pela bela escada jacobina, no canto sudeste da casa. Frances convidara Evie para ficar a tomar chá com elas, e a jovem recebeu um olhar severo de aviso de Josephine, quando esta pousou a bandeja de prata na pequena mesa redonda entre a patroa e a famosa convidada.

Frances esperou, discretamente, até Josephine sair da sala, e depois serviu o chá a Mimi com leite e açúcar, como ela gostava («Sou uma criança!», dissera Mimi, rindo, da primeira vez que o pedira). Frances passou-lhe a delicada chávena com pires antes de responder:

— Sinto muito por si e pelo Sr. Leonard. Sei o quanto queria o chalé.

Mimi abanou a cabeça.

— Não pense mais nisso... de qualquer maneira, nunca me senti confortável com a ideia. É que o Jack tem aquele maldito feitio... oh, perdoe a minha linguagem... mas é tão persistente. É quase impossível dizer-lhe não.

Frances acenou com a cabeça, em concordância.

— Compreendo isso perfeitamente. Eu era capaz de lhe ter oferecido uma madeixa do meu cabelo, se ele a tivesse pedido.

Evie estava sentada entre as duas mulheres, olhando de uma para outra enquanto cada uma falava à vez, seguindo o diálogo com a cabeça, em silêncio, como num jogo de

tênis.

— O que vai fazer agora? — perguntou Mimi, antes de bebericar o seu chá.

— Uma das inquilinas concordou em sair da casa no fim de março, porque já estava a planear partir em breve. O nosso advogado, Andrew Forrester, está a tratar de tudo por mim. Espero sair daqui na primavera.

Mimi coçou a parte lateral da testa, e a boca de Evie abriu-se de espanto, pois aquele era exatamente o mesmo gesto que a vira fazer várias vezes em *Home & Glory*, o filme preferido de Evie, acima de todos os outros.

— Mas porquê a pressa? O meu pai era advogado de imobiliário antes de se tornar juiz, e sei alguma coisa, pelo menos, das leis americanas. Poderá acabar por ser declarada a única herdeira se não aparecer mais ninguém a tempo; porque não esperar até ter de sair? O Sr. Forrester, como executor, não a deixará ficar?

— O Sr. Forrester deixaria a Menina Frances fazer o que ela quisesse — disse Evie.

As duas mulheres viraram-se em uníssono para olhar para ela.

— Parece que a Menina Stone recuperou a voz — disse Frances, numa tentativa de desviar rapidamente as atenções.

— Então, Evie — Mimi sorriu para a rapariga, de uma forma tão amigável quanto possível, para a ajudar a acalmar um pouco mais os nervos. — Jane Austen. Como começou para si?

Evie tinha estado a brincar com um pedaço de bolo de limão acetinado no seu prato de porcelana, e voltou a pousar o prato antes de se preparar para, finalmente, falar com uma das maiores estrelas de cinema do mundo.

— Tive uma professora, Adeline Lewis... a Menina

Frances conhece-a. Ela sabe tudo sobre Jane Austen, consegue citar passagens inteiras de memória e emprestou-me um exemplar de *Orgulho e Preconceito* quando eu ainda estava na escola, e não foi preciso mais nada. Fiquei apanhada.

— Mas já não está na escola? Posso perguntar que idade tem?

— Dezasseis anos.

— Então, quando saiu da escola?

— Aos catorze.

— Tão nova! Tem saudades?

— Muitíssimas — respondeu Evie rapidamente, e depois virou-se para a Menina Knight. — Mas não podia ter arranjado melhor patroa. E a Menina Frances dá-nos acesso total à biblioteca cá de casa, a todos os criados, e não há melhor coleção de livros deste lado de Londres.

— O meu pai também tinha uma biblioteca impressionante, embora esteja certa de que não chegaria perto da dos Knight. Foi ele que me apresentou a Austen. Lia-ma à noite. Um dia, encontrei-o no seu escritório, sentado à lareira, a rir-se às gargalhadas (eu era muito pequena, tinha cerca de oito ou nove anos) e perguntei-lhe o que era tão engraçado, e ele leu-me a cena em que Elizabeth responde à altura a Lady Catherine de Bourgh, que está a avisá-la contra ficar noiva do sobrinho, o Sr. Darcy.

— «Essas são, na verdade, pesadas desventuras. Mas a mulher do Sr. Darcy deve ter tão extraordinárias razões para ser feliz que não poderá ter do que se queixar» — citou Evie.

— «Rapariga obstinada e voluntariosa!» — citou também Mimi, com uma gargalhada. — Exatamente! E eu subi-lhe para o colo e ele continuou a ler-me. E, pouco depois,

decidiu começar a ler o livro novamente, dessa vez em voz alta, para mim, e fez isso durante muitas noites, anos a fio, com todos os livros. Exceto *O Parque de Mansfield*. Ele não percebia a Fanny Price. Achava-a demasiado passiva, com todos aqueles conspiradores à sua volta.

— Então ele deve estar muito entusiasmado com os seus planos para fazer um filme baseado em *Sensibilidade e Bom Senso* — disse Frances.

— Não sei — Mimi acrescentou mais um cubo de açúcar à sua chávena de chá, e depois acrescentou, simplesmente: — Ele matou-se. Quando eu tinha doze anos.

Evie e Frances olharam uma para a outra.

— Mimi — começou Frances —, lamento imenso. Que horror, para todos vós.

— Foi horrível. Ainda é. A pior parte é não saber se eu poderia ter feito alguma coisa para o ajudar... para o deter. Não saber é o que mais magoa. Faço um esforço tão grande para só me lembrar da nossa relação, de como éramos quando estávamos juntos, e para não pensar na sua dor secreta, porque não posso fazer nada acerca dela, e é isso que me atormenta — Mimi olhou para Frances com cautela. — Não deixe que nada disto venha assombrá-la, Frances... os últimos dias do seu pai, e o novo testamento. Não tem nada a ver consigo. Era a vida dele... foram as escolhas *dele*.

— Ela sabe isso — disse Evie. — Oh, peço desculpa, Menina Knight, não queria falar por si.

— Não faz mal, Evie, eu sei que ainda agora estávamos a falar precisamente disto, lá no bosque — Frances levantou-se e alisou a sua longa saia de veludo preto, dizendo depois a Evie: — Vamos mostrar a biblioteca de baixo à Menina Harrison antes de ela se ir embora?

Dirigiram-se para o andar de baixo, passaram pela Sala

Grande e entraram na sala contígua, forrada de livros.

— O que irá acontecer a tudo isto? — Mimi deu a volta à sala, tocando suavemente nas lombadas de vários livros encadernados em couro. — É notável, realmente. O Yardley tem andado a sondar o mercado por mim, e aposto que há aqui verdadeiros tesouros — virou-se novamente para Evie. — O Yardley Sinclair trabalha na Sotheby's, em Londres; também é um grande admirador de Jane Austen, e mantém-me a par das coisas. Na verdade, foi ele que nos apresentou à Menina Knight.

— Também é um homem bastante persistente — disse Frances.

— Sim, pareço estar cercada por esse tipo de homens, tanto aqui como em Hollywood.

Evie arregalou os olhos, ao pensar em todas as pessoas famosas que Mimi devia conhecer.

— O Yardley está com uma vontade terrível de vir visitá-la — dizia Mimi a Frances.

Frances tocou, distraidamente, na contracapa de um dos livros mais próximos dela.

— Tenho conseguido adiar isso. Consigo sempre. Mas julgo que precisaremos de uma avaliação em breve, especialmente dadas as circunstâncias.

— O Yardley é de confiança, garanto-lhe. Ele manteria a confidencialidade de qualquer avaliação até a menina decidir o que quereria fazer. Considera-se mais um guardião de Jane Austen. Sei que ele quer muito manter o máximo possível do seu legado físico aqui em Inglaterra, por isso tem a bondade de partilhar comigo o que partilha.

— Menina Knight — quase sussurrou Evie, tentando não parecer descortês —, não haveria problema... quero dizer, a menina não veria problema... em eu contar à Menina Harrison acerca do clube que constituímos?

— Claro que não, Evie, por favor conta-lhe. Tenho a certeza de que a Menina Harrison adoraria ouvir essa história.

Evie explicou a Mimi a recente formação do Clube Jane Austen, do qual a própria Frances e ela mesma eram os membros mais recentes, a somar a Adam Berwick, ao Dr. Gray, a Adeline Grover e a Andrew Forrester — faltando apenas duas pessoas para se atingir o quórum desejado de oito.

Mimi ouviu-a com entusiasmo crescente, e depois exclamou:

— Tenho de fazer parte disto. Estou a falar a sério. Por favor?

As outras duas mulheres olharam rapidamente uma para a outra, surpreendidas, e Evie parecia estar a fazer vários cálculos de cabeça.

— Tem a certeza? — foi Evie a primeira a perguntar. — Quero dizer, somos um punhado de pessoas que nunca saem desta aldeia... iria destacar-se muito, o que poderá não lhe agradar.

— Não, quero mesmo fazer isto. E sei que o Yardley também vai querer entrar. Assim já ficam oito, não é?

— Mas a menina não reside aqui — acrescentou Frances.

— Mas tenciono vir a residir, pelo menos durante grande parte do ano. Pode perguntar, por mim, ao Sr. Forrester se isso poderá causar algum tipo de problema?

— Claro que sim, se assim o deseja. Mas dê-nos tempo para prepararmos toda a gente. Temos alguns cavalheiros bastante românticos no grupo...

— Três! — interveio Evie outra vez, levantando três dedos da mão direita.

— Sim, que divertido — Frances sorriu. — A Evie tem razão, são os três terrivelmente românticos.

— Bem, o Yardley adorará isso — tentou interromper Mimi, mas o seu comentário escapou às outras duas mulheres.

— São também cinéfilos inveterados, tanto quanto sei — continuava Frances. — A princípio, pode ser um pouco demais para eles.

Mimi achou encantador que aquelas duas mulheres fossem tão protetoras do grupo. Achou que tinha alguma importância, tanto para o clube como para a aldeia de Chawton no seu conjunto, que todos se conhecessem tão bem. Terminara quase uma década em Hollywood sem ter essa percepção. De facto, quanto mais tempo lá passava, menos compreendia as pessoas que a rodeavam. O facto de poder existir um lugar onde as pessoas não estivessem constantemente a competir umas com as outras pelo seu próprio sustento, mas, em vez disso, se entreajudassem a sobreviver à guerra, às feridas, à pobreza e à dor, parecia-lhe o mais parecido que poderia ter encontrado com algo saído de um romance de Jane Austen.

CAPÍTULO 21

Chawton, Hampshire
2 de fevereiro de 1946

Adeline ficou um pouco incomodada por ver Liberty Pascal atender a porta quando chegou à casa do Dr. Gray para o segundo encontro do Clube Jane Austen.

— Addy — disse Liberty, embora todos os conhecidos de Adeline soubessem o quanto ela detestava aquele diminutivo. — Chegaste cedo.

Adeline reparou no porta-chaves que pendia do cinto de Liberty e perguntou-se até que ponto a jovem já se teria imiscuído na vida tanto profissional como pessoal do Dr. Gray.

— Ele é muito exigente nestas coisas — explicou Liberty, captando o olhar questionador de Adeline. — Só eu é que tenho acesso ao armário dos medicamentos durante as horas de expediente. Ele não quer que exista nem mais uma cópia da chave.

— É uma grande responsabilidade — Adeline perguntou-se porque seria o Dr. Gray tão rigoroso com as chaves que nem sequer quisesse uma cópia para si mesmo. — Deves estar sempre aqui.

Liberty assentiu com a cabeça.

— Ocupei um quarto na estalagem perto da escola. O teu antigo território, segundo percebo. O Dr. Gray disse-me que, nos tempos em que lá davas aulas, eras uma

professora fantástica.

— Disse? Isso é um pouco surpreendente, já que ele e os outros membros do Conselho Diretivo estavam sempre a tentar despedir-me.

— Oh, Adeline! — riu-se Liberty. — Foste sempre tão dramática!

Aquilo pareceu tão irónico a Adeline vindo da outra rapariga que só conseguiu afastar-se em silêncio, ao ouvir outra pancada na porta da frente. Começou a percorrer o corredor e apercebeu-se de que nunca se tinha embrenhado tanto naquela casa. A meio do corredor, uma escada íngreme levava ao andar de cima. Adeline suspendeu a respiração ao ver a parte saliente do último degrau, que se destacava do corrimão e matara Jennie Gray.

No final do corredor, havia um degrau que descia para a cozinha das traseiras, e essa divisão oblonga era muito diferente dos aposentos médicos austeros na parte da frente da casa. Bem iluminada e alegre, a cozinha tinha armários pintados de branco, uma fila de janelas que se estendiam por toda a largura da parede traseira acima do lava-loiças e uma ilha de madeira de ácer no meio do chão de azulejos. Havia toques femininos por todo o lado: das cortinas delicadas com um padrão creme e cor-de-rosa que cobriam as metades inferiores das janelas à coleção de louça de cozinha nas prateleiras abertas, guarnecidas por debruns de renda vitoriana.

Ela estava a tirar um pequeno jarro às riscas azuis e brancas de uma das prateleiras quando ouviu uma tosse por trás de si.

Virando-se depressa demais, atrapalhou-se com o jarro e por pouco não conseguia segurá-lo e voltar a pô-lo no lugar.

— Peço desculpa, assustou-me.

O Dr. Gray entrou na cozinha. Ela reparou que ele não trazia o seu habitual fato e gravata, mas apenas uma camisa azul aberta por baixo de um colete de *tweed* castanho que condizia com os seus olhos. Parecia um marido normal, ocupando-se na cozinha.

— A reunião é na sala de estar — disse ele.

— Eu sei. A Liberty está ali a fazer de anfitriã, não se preocupe.

Ele fez um sinal com a cabeça na direção da chaleira que aquecia no fogão instalado dentro de uma velha lareira à antiga.

— Já que anda por aqui a bisbilhotar, porque não me ajuda com o chá?

Ela assentiu com a cabeça e afastou-se do caminho dele, enquanto ele tirava uma leiteira e um açucareiro a condizer da prateleira de baixo, junto a ela.

— As colheres e os guardanapos estão naquelas gavetas, ali.

Ele fez mais um pequeno sinal com a cabeça para trás de si, de costas viradas para ela, e ela foi contá-los.

— Somos sete, não é? Ou a Liberty também desenvolveu um súbito gosto por Jane Austen?

— Não tenho a certeza se a Liberty lê de todo — ele ainda estava de costas para ela. — Seja como for, acho que somos oito. A Menina Frances traz dois convidados da cidade.

Adeline contou os talheres e os guardanapos e levou-os para a bandeja que colocara sobre a ilha. Ao pousá-los, ele fez o mesmo com uma pilha de pires e as mãos dos dois tocaram-se levemente, o que a fez saltar para trás.

Ele não disse nada, apenas olhou para baixo por um segundo, para o conjunto de utensílios para o chá no meio da bandeja, como que distraído, e depois virou-se novamente para ir buscar o bule e os saquinhos de chá a

uma caixa de lata ali perto.

Sobre o fogão, a água na chaleira estava a começar a ferver e, quando ele passou por ela para a ir buscar, algo no estômago dela se apertou. Parecia-lhe que já tinham feito aqueles gestos rotineiros na cozinha uma centena de vezes juntos e, pela primeira vez, apercebeu-se de como estavam conscientes do corpo um do outro. Nunca roçavam um pelo outro, mas também nunca estavam a mais de 30 centímetros de distância.

O som do apito da chaleira interrompeu-lhe os pensamentos, e ele aproximou-se para deitar a água no bule.

— Cuidado — disse ele, ao passar novamente por ela.

Ela deu um passo atrás e depois compreendeu, para seu espanto, que não queria fazê-lo.

— Sente-se bem? — ele deitou a água no grande bule *Brown Betty*. — Por uma vez, está notavelmente calada.

— Não consigo fazer duas coisas ao mesmo tempo — tentou ela dizer despreocupadamente, enquanto dispunha oito chávenas de chá em filas separadas.

— Duvido muito.

— Então — disse ela, tentando mudar de assunto —, a Menina Frances contou-lhe que a Mimi Harrison vem? Eu mal consegui acreditar quando ouvi. Eu e o Samuel estávamos sempre a ver filmes dela juntos.

— Parece que a Menina Frances pensava que nós, homens, precisaríamos de tempo para nos habituarmos à ideia. Entretanto, quem anda pela cidade aos gritos de entusiasmo é a Liberty Pascal.

— Oh, é por isso que ela está aqui? — Adeline sorriu. — Se bem me lembro, os filmes são muito mais o género dela. Embora ela *saiba* ler.

O Dr. Gray voltou a pôr a chaleira no fogão.

— Talvez eu esteja a ser um pouco injusto.

— Só um bocadinho. Mas está tudo a correr... bem, entre vocês os dois?

Ele limpou as mãos a um pequeno pano de cozinha florido que pendia da porta do forno.

— Bastante bem. Preciso de alguém aqui para me ajudar, com a casa e com o consultório, e a Liberty está sempre ansiosa por fazer tudo o que lhe peço.

— Tenho a certeza disso — Adeline depressa se arrependeu das suas palavras, ao vê-lo levantar uma sobrancelha. — Não, ouça, é ótimo. Ela manterá as coisas sob controlo, tal como disse. E, ao contrário da Menina Peckham, a Liberty não conhece ninguém na cidade com quem fazer mexericos. Pelo menos, ainda não.

O Dr. Gray encostou os antebraços aos dois lados da bandeja do chá e depois levantou os olhos para Adeline, nunca deixando de se surpreender ao ver como ela era alta.

— Adeline, no Natal, quando fui a sua casa...

— Com o meu presente.

— Sim, isso também. Mas a sua mãe... disse que a Harriet telefonara primeiro.

Adeline remexeu os pés desconfortavelmente. Começava a perceber para onde se poderia estar a dirigir a conversa, e era algo que conseguira, até então, manter afastado da mente.

— Sim, ela telefonou à minha mãe para lhe dizer que o senhor ia a caminho... ou poderia ir, acho eu.

— Eu nunca lhe disse nada disso. Nunca lhe disse onde ia. Acabara de receber o seu cartão das mãos dela, o cartão de Natal que me mandou, mas não pedia resposta. E não lhe disse uma palavra.

— Estou a ver — Adeline encostou-se ao lava-loiça. — Isso é... ou foi... uma das razões para a despedir?

— Foi uma delas. A sua mãe... — fez uma pausa.

Ela sentiu o estômago apertar-se-lhe de novo.

— A sua mãe parece pensar... — começou ele novamente, e depois parou.

— A minha mãe respeita-o muito, Dr. Gray. O senhor salvou-me a vida.

— Não, não salvei. Perdi o seu bebé. Estraguei-lhe a vida.

— Oh, meu Deus, não, claro que não — ela aproximou-se dele e ele desviou o olhar dela, enquanto os ombros começavam a tremer-lhe. — Oh, meu Deus, é isso que tem pensado? É isso que o tem preocupado durante todo este tempo, acerca de mim?

Adeline hesitou, e depois pousou uma mão no ombro dele, mas ele continuou a olhar para baixo, com os braços ainda a tremerem.

— Dr. Gray, nem por um momento eu pensei alguma coisa para além de que me salvou a vida. O Dr. Westlake disse-me o mesmo. Ele disse que, se o senhor não tivesse chamado a ambulância quando o fez, antes de se dirigir lá a casa, teria sido tarde demais. Eu ter-me-ia esvaído em sangue.

— Mas já sangrara um pouco na noite anterior e tivera dores nas costas, e eu devia ter percebido logo tudo, e assim poderia tê-los salvo aos dois, a si e ao bebé, de tudo isto — ele endireitou-se e recuou para longe da mesa. — Nunca saberemos em que acreditar.

— Mas *eu* sei. Não é só isso o que interessa?

Ele inspirou fundo e pegou na bandeja do chá.

— Talvez acredite apenas naquilo que quer.

— E porque faria eu isso?

— Porque eu sou o seu médico... sou o médico de toda a gente por aqui... e é natural que...

— Já não é o meu médico, lembra-se?

— Como poderia esquecer-me? Foi a primeira vez que fui

despedido.

— Então, o seu problema é de *ego*...

— Olhe — disse ele, firmemente —, seja como for, estive durante anos ao meu cuidado profissional, e faria todo o sentido que me desse o benefício da dúvida.

Ela sentia-se novamente confusa, e até um pouco maldisposta do estômago.

— Não estou a dar-lhe o benefício de nada. Acredito no que acredito, não por *ter sido* meu médico, mas apesar disso.

Agora era a vez dele de se sentir confuso, e estava prestes a dizer alguma coisa quando Liberty apareceu à porta da cozinha.

— Já cá estão todos, Dr. Gray. Até a velha Menina Knight saiu de casa... acredita?

— Obrigado, Liberty. Já pode ir para casa. Afinal, é sábado.

Mas Liberty não parecia com vontade de ir a lado nenhum. Em vez disso, continuou parada à porta, com a anca direita apoiada na ombreira, olhando de um rosto levemente corado para o outro. Alguma coisa se passava entre aqueles dois, tinha a certeza. Ela própria achava o Dr. Benjamin Gray atraente, como um homem mais velho e distinto; além disso, personificava o viúvo solitário na perfeição. Lembrava-se, da universidade, de que Adeline Lewis tinha tido uma paixoneta por um dos professores e, embora estivesse praticamente noiva de um rapaz ali da aldeia, toda a gente tinha a certeza de que algo acontecera. Adeline tinha sempre uma certa aura de confiança que os homens pareciam achar ao mesmo tempo intimidante e atraente. Liberty tentara até imitá-la um pouco, embora nunca lho tivesse dito.

Adeline Lewis já tinha confiança que chegasse.

Mimi Harrison e Yardley Sinclair tinham apanhado juntos o comboio do meio-dia para Alton, vindo da Victoria Station. Ela passara a viagem a contar-lhe tudo sobre Frances Knight e a estranha criadinha Evie Stone, e a consequente frustração dos planos de todos, para já. Mimi não sabia muito acerca dos outros quatro membros, apenas que eram três homens locais com inclinações «românticas» e uma jovem viúva de guerra.

— Nunca deixo de achar interessante que os admiradores de Jane Austen sejam sempre românticos a um certo nível... quando podia jurar que ela escreveu aqueles livros com uma pena de ganso mergulhada em veneno — dizia Yardley, por cima de um copo de papel com café preto, comprado no café da estação dos comboios.

Mimi riu-se.

— Roubou essa frase. Acabei de a ver no filme *Laura*, de Preminger.

— No negócio dos leilões rouba-se, não sabia?

— *O senhor* rouba. E depois mantém-nos reféns pelo preço mais alto. É um belo sistema, o que tem montado.

— Por falar em manter reféns... como vai esse noivado?

Mimi fez uma careta a Yardley, que ela sabia não gostar de Jack, embora não por ciúmes. Yardley preferia homens, como lhe deixara bem claro no segundo encontro que haviam tido para almoçar no Rules, quando ele namoriscara subtilmente com o empregado, de uma forma que ela nunca presenciara fora de L.A.

— O Jack é, e sei que isto é difícil de acreditar, mas é, realmente, um homem muito carinhoso e generoso.

— Para si.

— Estou errada em dar importância a isso, acima de tudo?

— Mimi, a menina estudou história na universidade, não

foi? Não aprendeu nada?

Ela fez outra careta a Yardley, mas, desta vez, com menos confiança.

— Mas sabe que ele nunca vai mudar, não sabe? — insistiu Yardley, com um suspiro. — Pelo menos diga-me isso, ou perderei toda a esperança em si.

— Yardley, isto está a tornar-se injusto. Acabamos sempre por analisar as minhas relações, e as suas permanecem intocadas.

— Mas eu não tenho relações. Sabe disso.

— Mas não por escolha sua.

Ele olhou-a, sentada em frente dele na cabina de primeira classe, com os olhos brilhantes realçados pelo luxuoso veludo roxo que cobria o assento de costas altas em frente do dele. Nunca tinham falado de nada daquilo — mas ele esperava, e achava, poder confiar nela.

— É um bocado difícil, quando os nossos esforços nos podem fazer acabar na prisão.

— Acontece o mesmo nos Estados Unidos. Conheço vários atores que vivem juntos, oficialmente como colegas de quarto, ou mesmo como inquilinos que dividem a renda. Conheço um que chegou a adotar o amante como filho no papel, para, um dia, lhe poder deixar o seu seguro de vida e os seus bens.

— Esse é um argumento bastante circular contra todas essas leis logo à partida, não acha? Quando as pessoas têm de adotar, e podem adotar, subterfúgios desse tipo?

— O meu pai era juiz... sabia disso? Ele dizia sempre que devemos deixar às pessoas a responsabilidade de tomar as melhores decisões para os seus quartos de dormir e deixar tudo o resto para as leis.

As palavras dela foram um tal alívio para Yardley que ele ficou invulgarmente calado durante vários segundos, até

perguntar:

— A propósito, o testamento do Sr. Knight... como está Frances a reagir-lhe? Já a viu algumas vezes desde então.

— Ela é uma mulher notável. Tem uma calma quase arrepiante... não sei, sobrenatural? Uma aceitação total.

— Ou melhor, resignação.

— Não, dantes eu pensava que era isso. Mas acho que ela tem um objetivo mais elevado em mente. Acho que o sistema moral dela é muito diferente do nosso.

— Não é por isso que está sempre a tentar defender a boa Fanny Price?

— Talvez. Não sei. Só sei que, a determinado nível, ela acredita que tudo acontece por uma razão, e deixa-se levar pela corrente, como uma rolha a flutuar no oceano, sem tentar encontrar a corrente, apenas deixando-se estar.

— Uau. Buda.

— Oh, olhe, chegámos! — Mimi levantou-se de um salto e pegou no chapéu e na mala. — Yardley, prepare-se... vai adorar este lugar.

Por uma vez, Mimi trazia botas de montar castanhas e rasas, e Yardley, que não era particularmente alto, conseguia agora ver-lhe o cimo da cabeça enquanto caminhavam juntos. Ela abdicara dos seus habituais saltos altíssimos para que os dois pudessem ir a pé de Alton até Chawton, com Mimi a crocitar, entusiasmada: «Tal como Jane Austen teria feito!», enquanto começavam a subir a íngreme rua principal que atravessava a cidade. Mas ela também quisera apresentar-se de uma forma fisicamente menos conspícua na sua primeira reunião com o clube, na medida do possível.

Quando passaram os limites da aldeia, no perímetro triangular da cidade de Alton, viram à sua frente os vastos

campos agrícolas bordejados, ao longo da estrada, por sebes de azevinho e espinheiro negro. Viam-se algumas ovelhas espalhadas pela verdura e, à distância, havia vários cavalos de Shropshire a puxar os frutos ressequidos do ano anterior que ainda pendiam das árvores de um pomar. Do outro lado da estrada, havia uma longa fila de habitações singulares, sendo algumas delas pequenos chalés com telhados de colmo e casas com terraços mesmo à beira da estrada, e outras casas mais substanciais — as propriedades antigas, presbitérios e quintas do passado — muito mais recuadas e precedidas por imponentes e longos caminhos de acesso privados.

— Bem, a menina não estava a brincar — dizia Yardley enquanto caminhavam juntos, de braço dado. — Alguns destes chalés são tão pequenos e autónomos que parece que pode sair de lá um punhado de pigmeus a qualquer momento.

— Acho que *típico* é a palavra que procura — Mimi riu-se. — Eu adoro.

— Agora já consigo imaginar a sua cara, quando o Jack lhe disse que lhe tinha comprado o tal chalé. Deve ter sentido que tinha morrido e ido para o céu.

Ela sorriu, recordando.

— Foi *exatamente* o que senti. Bem, se olhar em frente no final desta estrada, poderá ver os campos a recomeçarem. A aldeia está situada mesmo no meio do que parece uma enorme quinta.

— Sabe, nunca lhe disse isto, mas, quando era rapaz, sonhava vir a ser agricultor.

Mimi parou para olhar para Yardley.

— O senhor é cheio de surpresas.

— Não, a sério, às vezes ainda sonho. Mas um cavalheiro agrícola. É um trabalho demasiado pesado e dependente

das condições atmosféricas para ser uma vocação a tempo inteiro.

Mais à frente, viram um homem louro, bastante robusto, de boné na cabeça, a sair de um dos pequenos chalés do lado direito da estrada. Alguma coisa nele pareceu familiar a Mimi.

— Oh, meu Deus! — exclamou ela. — Eu conheço aquele tipo! Conheci-o aqui, há anos, quando tinha acabado de sair da universidade.

— Ah, sim, a sua primeira peregrinação — Yardley viu o homem subir lentamente a estrada em frente deles, de cabeça ligeiramente baixa, levando dois ou três livros na curva do braço direito.

— Tem um aspeto muito rural... muito D. H. Lawrence. Tem olho para estas coisas, tenho de admitir.

Ela deu uma pancada brincalhona no tronco de Yardley com as costas da mão.

— Foi tão triste... ele tinha perdido os dois irmãos na Grande Guerra. Esse foi um dos motivos por que, anos depois, fez *Home & Glory*.

— Ah, sim, já me esquecia — disse Yardley, chistosamente. — É uma estrela de cinema...

Mimi ignorou a piada.

— Ele ajudou-me a encontrar as sepulturas, lembra-se, de Cassandra e da mãe delas? Mas ele próprio nunca tinha lido uma palavra de Jane Austen. É triste... ele parece triste, não sei, solitário. A forma como anda. Na altura, também parecia solitário.

— Onde vamos, a propósito?

— À primeira casa na esquina de Wolf's Lane, a que tem as roseiras à frente e a porta verde. A casa de um Dr. Gray.

Olharam em frente enquanto o homem de boné andava mais uns metros e depois se virava para atravessar a rua no

cruzamento da Wolf's Lane com a Winchester Road. Passou os livros para o braço esquerdo, e depois bateu na porta verde da casa coberta de rosas com a mão direita.

— Bem, quem diria? — disse Yardley. — Um dos românticos.

Olharam um para o outro e sorriram.

CAPÍTULO 22

Chawton, Hampshire
2 de fevereiro de 1946
Segunda reunião do Clube Jane Austen

O primeiro ponto na ordem de trabalhos era dar as boas-vindas a Frances Knight, Evie Stone, Mimi Harrison e Yardley Sinclair ao Clube Jane Austen e aprovar Frances Knight e Yardley Sinclair como o quarto e quinto administradores do Fundo Memorial Jane Austen. Já fora decidido que Mimi não assumiria o papel e as responsabilidades da administração do fundo, dada a sua residência permanente nos Estados Unidos. E, tal como sucedia com Adam, Evie Stone também seria poupada aos possíveis fardos legais, financeiros e administrativos do envolvimento no fundo.

Tendo em conta a sua outra responsabilidade como executor do testamento do Sr. Knight, Andrew apressou-se a assinalar o potencial interesse da Menina Knight no chalé e a consequente possibilidade do surgimento de conflitos. Sendo assim, a Menina Knight concordou em abster-se de qualquer votação sobre o uso de dinheiro do fundo para comprar o chalé ou qualquer outra propriedade da qual ela ainda pudesse vir a ser herdeira.

— Então — disse o Dr. Gray, dirigindo-se à sala a partir do seu lugar, perto da janela da frente —, temos cinco administradores do fundo nomeados e uma declaração de missão na ata que reflete o nosso objetivo de adquirir o

chalé como futuro museu em honra de Jane Austen. Como presidente, sugiro que, além da nossa decisão de dezembro de publicar um aviso nos jornais para angariar subscrições públicas, passemos agora, sem demora, a avaliar a possibilidade de quaisquer empréstimos bancários necessários.

— Temos de agir assim tão depressa? — perguntou Evie.

— Receio bem que sim — respondeu Andrew. — Embora ainda não tenhamos motivo para nos preocuparmos, um potencial herdeiro poderá, a qualquer momento, reclamar a propriedade durante os próximos doze meses. Se conseguir obter uma ordem do tribunal a seu favor, poderá, então, dispor da propriedade ou de qualquer parte dela, da forma que entender. É do nosso interesse estarmos preparados para fazer uma oferta rápida no caso de isso acontecer, na esperança de suplantar quaisquer outras ofertas concorrenciais.

— Claro que, se os bens acabarem por ser atribuídos como deveriam — Andrew deitou um olhar significativo na direção de Frances —, a Menina Knight poderá então fazer o que quiser com o chalé, desde que o venda ao valor do mercado ou abaixo deste. Um administrador do fundo não pode lucrar, nem parecer lucrar, indevidamente com a venda de um bem seu ao fundo. Mesmo ao valor de mercado, precisaremos de uma ordem do tribunal que aprove uma tal venda feita por um administrador do fundo, embora não veja grande problema nisso, dados os objetivos caritativos de tudo isto.

— De quanto dinheiro precisaremos, exatamente? — perguntou Mimi, do seu lugar no sofá, à frente dele.

O Dr. Gray deitou uma olhadela rápida a Andrew e pigarreou.

— Cinco mil libras, mais coisa, menos coisa.

— Então eu gostaria de ajudar, se mo permitirem — Mimi olhou em volta da sala para os rostos que a olhavam, assombrados pela estrela de cinema que tinham entre eles. — Gostaria de avançar com cinco mil libras para fazer este projeto arrancar.

Adeline observava, divertida, da sua cadeira junto ao Dr. Gray, como tanto ele como Andrew começaram a abanar cavalheirescamente as cabeças ao ouvirem aquela oferta.

— Menina Harrison, isso é, realmente, muito generoso da sua parte — disse o Dr. Gray. — Mas, simplesmente, não podemos aceitar essa soma de si; receio bem termos de insistir nisso.

— Então posso, ao menos, oferecer alguma coisa de valor como garantia, para o caso de pedirem dinheiro emprestado?

Adeline continuou a observar o Dr. Gray, que quase corou sob a persistência de Mimi.

— Na verdade, trouxe hoje uma coisa que posso emprestar ao clube — ela tirou uma caixa de veludo muito pequena da sua mala de mão, que estava no chão a seu lado, e abriu-a.

Lá dentro, estavam as duas cruzes de topázio.

— Foram recentemente adquiridas por mim num leilão, ironicamente pela quantia exata de cinco mil libras.

Andrew levantou-se e aproximou-se, reconhecendo bem os dois colares do catálogo da Sotheby's.

— Posso? — segurou na caixa à altura da janela da frente, até que a luz da tarde de inverno incidisse no âmbar com os seus raios de sol em declínio.

— Pertenciam a Jane e à irmã; foram presentes do irmão delas, que era marinheiro — dizia Mimi a todos. — São as únicas peças de joalharia que se sabe terem pertencido a Austen, além de uma pulseira e deste anel. Que, na

verdade, é o meu anel de noivado.

Um pouco embaraçada, tirou o anel e segurou-o à sua frente, vendo depois Adam, o agricultor que conhecera há anos, avançar timidamente. Ele pegou no anel e mostrou-o a Adeline, que se lhe juntara e estava a seu lado.

— Todos estes objetos vão aumentar de valor — disse Yardley, falando pela primeira vez do seu lugar junto a Mimi, no sofá. — Quando mais dinheiro conseguirmos juntar, e depressa, melhor.

— Então vamos começar a esboçar o anúncio? — sugeriu Andrew à sala.

Enquanto o resto da reunião seguia o seu curso, Evie Stone permaneceu no canto mais afastado da sala, sentada num pequeno banco de piano que devia ter pertencido à falecida esposa do Dr. Gray. Evie dava largas à sua imaginação sempre ativa enquanto observava os cinco administradores do fundo na sua frente. Durante meses, vira o advogado da família Knight *evitar* olhar para a Menina Knight sempre que podia, e vira-a fazer o mesmo, e Josephine — por muito pouco romântica e sigilosa que fosse — deixara, um dia, escapar qualquer coisa acerca de o Sr. Knight ter estragado a única hipótese de Frances no amor com um rapaz da aldeia bastante inteligente. Por outro lado, Mimi e Yardley pareciam ser íntimos, mas de uma forma familiar, como irmão e irmã.

Contudo, anos a ler Jane Austen tinham alertado Evie para personagens que, por qualquer razão, não conseguem ver o que está mesmo à frente do seu nariz e, naquele momento, estava, acima de tudo, intrigada com Adeline Grover e o Dr. Benjamin Gray.

O Dr. Gray estava sentado à direita de Adeline e, enquanto ela tomava notas, ele inclinava-se de vez em quando para lhe apontar uma palavra ou duas que lhe

havam escapado ou que ela percebera mal, e Adeline parecia vacilar entre deixar a mão dele redirecionar-lhe a caneta ou afastá-la. A dado momento, Evie levantara-se para servir mais chá e, quando oferecera a chávena e o pires ao Dr. Gray, ele tirara imediatamente o bloco de notas a Adeline e encostara-se para trás, para que a chávena pudesse ser-lhe passada antes a ela. Depois, tentara assumir ele mesmo a tarefa de tirar notas, mas Adeline recusara a chávena de chá e recuperara firmemente o bloco de notas. O Dr. Gray era conhecido na cidade pelo seu cavalheirismo, mas a sua solicitude para com Adeline naquele momento era mais digna de nota por causa da sua total rejeição por ela.

Evie estava convencida de que havia algum tipo de batalha em curso entre aqueles dois. Na recente reunião da Véspera de Natal, Adeline estivera em pleno luto, pálida e reservada, e invulgar mas compreensivelmente amarga. Também nessa ocasião o Dr. Gray fora particularmente solícito para com ela, de uma forma que Evie reconheceria como ultrapassando a compaixão pela situação de Adeline — e ultrapassando, também, a compreensão de Evie.

E havia ainda outro momento gravado na sua memória irrepreensível — de há mais de dois anos —, quando o Dr. Gray, um dia, aparecera na escola, quase acanhado, para falar à Menina Lewis acerca do seu programa letivo. Tinham falado do pai de Evie, e da lista de leitura que a Menina Lewis lhe dera para a sua longa convalescença, e o Dr. Gray sorrira provocadoramente à professora e dissera: «Um dia destes, gostava de ver essa lista, se for possível.» O Dr. Gray parecia ter tido sempre mais do que um interesse passageiro em Adeline, nas suas preocupações e na sua dor, como se ela fosse uma espécie de mistério que ele estivesse a tentar resolver.

Evie Stone, que na altura tinha catorze anos, captara a sensação de que o que estava a ser dito naquela pequena sala de aula não era, de todo, o que se queria dizer. Nem sequer tinha a certeza de que os dois adultos em frente dela soubessem o que queriam dizer. Apenas parecia haver uma tonelada de energia contida naquela sala, entre Adeline e o Dr. Gray, como se, de alguma forma, eles estivessem a ser controlados por forças exteriores, ou talvez até pelas suas próprias forças. Afinal, se Evie bem se lembrava, a Menina Lewis tinha acabado de ficar noiva do seu namorado de infância, e o Dr. Gray era bastante mais velho e já dava origem a muitos mexericos na aldeia. Se estivessem a namoriscar, seria de uma forma tão subtil e indistinta que até por eles fosse indetetável. Agora, Evie perguntava-se se seria assim que as pessoas acabavam sozinhas e à deriva, como a Menina Frances e o Sr. Forrester. Evie estava determinada a nunca na vida ficar assim, pois, nessa direção, via uma tragédia silenciosa mas evitável, se as pessoas tivessem a coragem de ir atrás do que verdadeiramente queriam.

Em momentos daqueles, Evie ficava grata por ter apenas dezasseis anos e estar apenas concentrada nas suas ambições secretas. Um dia, haveria tempo suficiente para o romance, mas, por agora, apenas viria atrapalhar, por muito que Tom, nos estábulos, andasse em volta dela, ou que Adam Berwick, muito mais velho, agisse de forma tão embaraçada e tímida.

Mas Evie era, na verdade, muito jovem, e talvez não tão inteligente como gostava de pensar.

Adam Berwick estava sentado no canto da sala oposto ao de Evie. Mas não estava a observá-la discreta nem amorosamente. Também ele passara a sua juventude numa

névoa de dor e com um objetivo único, alimentado pelo seu próprio mundo de livros. Os seus sonhos e ambições de estudos mais elevados tinham-lhe sido arrancados pelas pesadas consequências da Primeira Guerra Mundial na sua família. Fora trabalhar todos os dias apenas para sobreviver, reservando-se algumas horas, todas as noites, para desaparecer em mundos ficcionais construídos por outros. Esperava encontrar algumas respostas nesses livros, respostas para porque não se importava com umas coisas e se importava demasiado com outras. Sempre se sentira diferente de todos os outros à sua volta, diferente de uma forma tão essencial para o seu ser que praticamente bloqueava tudo o resto, de tão enorme. Era como se tivesse todo um outro mundo dentro de si, tão grande que não conseguia vê-lo sem, de alguma forma, se ignorar totalmente a si próprio. Mas não havia ninguém que o ajudasse a fazer isso e, por muito que tentasse, não conseguia fazê-lo sozinho. Não com o seu temperamento inato, a falta de apoio familiar ou as lições específicas que fora obrigado a aprender, até então, na vida.

Quando começou a ler Jane Austen, Adam identificou-se imediatamente com o Sr. Darcy de *Orgulho e Preconceito*. Preocupava-se com Darcy, com como podia ele desejar tão obviamente a heroína, Elizabeth Bennet, e, no entanto, dar tantos passos em falso socialmente — passos em falso com os quais o próprio Adam se identificava, embora não fosse um homem educado, com propriedades, dinheiro e alto estatuto social.

Darcy simplesmente não conseguia impedir-se de o fazer, isso era claro para Adam — mesmo que não fosse claro para Darcy. A personagem passava mais de cem páginas a racionalizar todos os tipos de comportamentos e reações, sem nada a que se agarrar, projetando em Bingley a

inconveniência de casar com alguém da família Bennet e estragando o romance nascente do seu melhor amigo com a irmã da heroína — e, entretanto, não conseguindo compreender as suas próprias razões para agir assim. Para Adam, Darcy gostaria de ser um marionetista, puxando os cordelinhos que faziam mover os outros — os cordelinhos dos que eram menos capazes do que ele nalgum aspeto, dos que dependiam do seu intelecto, das suas opiniões e da sua riqueza. Pelo menos na primeira metade do livro, Darcy parecia estar a usar Bingley como uma estranha forma de substituto dele mesmo — tentando encenar, através do rompimento de Bingley e Jane, a extinção dos seus próprios sentimentos por Elizabeth.

Quanto mais lia, mais Adam ia percebendo, lentamente, que também fizera do seu eu social um estranho e triste substituto do seu verdadeiro eu. Era como se tivesse decidido muito cedo não processar certas atrações não verbalizadas, mas, em vez disso, retrair-se, e a sua pessoa social vivesse uma espécie de vida enquanto o seu eu mais íntimo permanecia escondido, até dele mesmo. Agora, estava quase com quarenta e seis anos e a sua mãe não estava bem. Não tardaria, também, a partir, e ele ficaria a viver sozinho naquela casa vazia até também ele partir.

Olhando em volta da sala, compreendeu finalmente que tivera a ideia do Clube Jane Austen, em parte, por causa da sua solidão. Não tinha laços familiares próximos que o prendessem a algum tipo de legado, ninguém que fosse sentir a falta dele quando morresse. Estava enganado acerca disso, claro, como é frequente as pessoas solitárias estarem; toda a gente na aldeia se habituara a depender dele para pequenas tarefas nas suas propriedades, assim como ao ruído surdo, agradável e familiar da sua carroça anunciando a mudança das estações. Ao seu inclinar de

boné à porta da biblioteca. Aos seus braços transportando um novo cachorrinho. Às pequenas rocas de madeira feitas à mão deixadas na soleira da porta sempre que nascia um bebê.

Ele sentia-se realizado, ali sentado na sala de estar do Dr. Gray, por o clube estar, finalmente, a tomar forma. Mas também se sentia distante de todos, exceto de Evie, cujas circunstâncias familiares e sede por conhecimento pareciam igualar as suas.

E continuava estupefacto com a visão de Mimi Harrison, que, quando lhe fora apresentada nos degraus de acesso à casa do Dr. Gray, lembrara imediatamente a Adam a primeira vez que se haviam conhecido, há mais de uma dúzia de anos. Considerava uma estranha partida do destino a forma como aquele encontro no cemitério da paróquia os levara, aos dois, ali.

Estava também aliviado por ver que Adeline Grover tinha, finalmente, recuperado um pouco da sua cor — talvez até demais. Estava ocupada a tomar notas da reunião. Agora, o Dr. Gray estava sentado em frente dela (tendo mudado de lugar a dada altura, numa confusão de papéis, canetas, chávenas de chá e cadeiras), com Andrew Forrester de um lado dele e a Menina Frances do outro. Em crianças, os três andavam dois anos à frente de Adam na pequena escola da aldeia, tendo o Sr. Knight sido demasiado avarento para providenciar a educação da sua filha única em casa. Nessa altura, Andrew e o Dr. Gray tinham sido rivais amigáveis e, a dado momento, houve rumores de que haviam formado um pequeno triângulo amoroso com a Menina Frances, mas o Dr. Gray nunca tivera qualquer hipótese contra Andrew Forrester, tanto quanto fora dado a Adam observar. Em jovem, a Menina Frances era muito bela, com os seus olhos cinzento-pálidos de gato e longas tranças douradas que

usava meio presas e meio soltas à altura do pescoço, mas, com o tempo, tudo nela começara a desvanecer-se lentamente, até que, agora, os olhos eram pálidos ao ponto de parecerem fantasmagóricos e o cabelo, a ficar grisalho, era mantido num puxo apertado no alto da cabeça.

Restava Yardley Sinclair, sentado junto a Adeline, bastante absorto nas notas que ela tinha à sua frente.

E — assim, sem mais nem menos — tal como acontece sempre —, Adam Berwick apaixonou-se.

Adam foi levar Adeline a casa, caminhando na escuridão até ao seu portão de entrada. Ela estava a pensar convidá-lo para o jantar, mas ele parecia distraído e diferente do habitual. Adeline perguntou-se se o lançamento do clube teria sido um pouco demais para ele, dada a sua timidez natural. Não se lembrava de o ter ouvido dizer uma única palavra na reunião. O que era uma pena porque, nas visitas ocasionais que ele lhe fazia durante a sua recente doença e perda, tinham descoberto a sua adoração comum por Jane Austen, e ela achava-o um leitor bastante intuitivo dos seus livros.

Naquela caminhada para casa, tinham vindo a discutir a personagem preferida de Adam, Elizabeth Bennet.

— Nunca me pareceu credível — dizia Adeline — que alguém tão inteligente como a Lizzie se apaixonasse por um patife como o Wickham.

— A culpa foi toda do Darcy — respondeu Adam —, ao menosprezá-la no primeiro baile. Irritou-a, e fê-la *querer* arranjar motivos para não gostar dele.

— «Ela é tolerável; mas não suficientemente bonita para me tentar.» Céus — Adeline riu-se. — Seria preciso muito para me fazer voltar atrás, depois de ouvir essas palavras, não tenha dúvida. Mas tem toda a razão: por uma vez, ela

fica vulnerável a um falso como o Wickham porque o Darcy a magoou, e isso impede-a de ver as coisas claramente.

Algo em tudo aquilo começava a parecer-se com a realidade para a própria Adeline, mas ela depressa afastou esse pensamento da cabeça, ao pousar as mãos enluvadas sobre o portão, sentindo-o ceder um pouco nas dobradiças, por causa do peso.

— O Dr. Gray pediu-me hoje que lhe arranjasse isso — observou Adam. — Voltarei cá amanhã de manhã.

— O Dr. Gray preocupa-se demasiado.

— Acha? — perguntou Adam, ironicamente. — Parece-me estar sempre bem. É bom tipo.

— Tem a certeza de que não quer entrar, para jantar?

Adam abanou a cabeça e começou novamente a descer a rua, acenando rapidamente para trás de si, em sinal de despedida. Ela reparou que ele ia na direção oposta à da pequena casa com terraço que partilhava com a mãe. Perguntou-se onde mais poderia ele ir àquela hora da noite.

Subiu o caminho do jardim ao luar, inclinando-se com frequência para apanhar uma folha ou um ramo caídos, já que a sua compulsão pela jardinagem regressara mesmo a tempo da primavera. Quando os seus dedos tocaram na chave da porta da frente no bolso do casaco, pensou ter ouvido um barulho atrás de si e virou-se.

Ali estava Benjamin Gray, de pé ao luar, a poucos passos da sua porta, de mãos nos bolsos do casaco e cabeça descoberta.

— Meu Deus, assustou-me outra vez. Tem de parar de fazer isso.

Adeline virou-se para abrir a porta, e depois ocorreu-lhe algo.

— Seguiu-me até aqui?

Ele subiu para o alpendre, até estar junto a ela.

— De que vinha a falar com o Adam?

— Desculpe?

— Na vossa caminhada até aqui... de que vinham a falar?

— Não vou comentar isso consigo — disse ela, com irritação, e propôs-se de novo abrir a porta, mas ele virou-a firmemente de forma a ficar de frente para ele.

— Muito bem — suspirou ela, impacientemente. — Vínhamos a falar de Jane Austen... do que pensou que poderia ser?

— Está apaixonada por ele?

— O senhor é louco, sabia? — exclamou ela. — Praticamente faz com que eu seja despedida, acusa-me de ser viciada em drogas, fez tudo o que pôde para me afastar durante todos estes anos...

— O que quer dizer com isso de eu a ter afastado durante todos estes anos?

— Meu Deus — murmurou ela —, até contratou a minha arqui-inimiga da universidade, uma *espia* de classe mundial...

— Adeline, o que raio quer dizer com isso de eu a ter afastado durante todos estes anos?

Ela baixou a cabeça sob o olhar dele, olhando para as suas próprias botas.

— Não compreendo — ele suspirou, levantando os olhos para a lua cheia e depois baixando-os também para o chão, com a mão direita na testa.

— *O senhor* não compreende? Bem, então eu devo compreender bem demais.

— Adeline, por favor, ouça-me — ele tentou pegar-lhe na mão, mas ela não o deixou.

— Ouvir o quê? Ouvir como se sente só, quando tanto o meu marido como o meu bebé morreram e foram enterrados há menos de um ano? Que sentido de

oportunidade impecável! — a voz dela erguia-se, zangada, a cada palavra.

— Adeline, por favor, deixe-me entrar, para podermos conversar sobre isto.

— Não, pare, o senhor é ridículo... *isto* é ridículo... não tem este direito, está a ouvir? — rodou a chave na fechadura, mas as mãos tremiam-lhe tanto que teve de tentar algumas vezes até conseguir abri-la, resmungando durante todo o tempo: — Pensa que pode, finalmente, acordar e agarrar a primeira mulher... a primeira jovem mulher, devo acrescentar... que está livre? Só porque está à procura de alguém... de alguma *coisa*... que o faça passar melhor a noite? Como se atreve! Como se atreve a presumir que teria sucesso comigo, logo comigo?

Abriu a porta e segurou-a, fora do alcance dele.

— Adeline, eu não presumi... não presumo... nada. Com certeza, nesta altura, já sabe isso a meu respeito.

— Por favor, vá-se embora — implorou ela, com as lágrimas a começarem a escorrer-lhe pela face. — Não vê o quanto me está a magoar?

Bateu-lhe com a porta na cara, deixando-o ali, de pé, sozinho na escuridão, ouvindo-a soluçar no interior. Não poderia ter tido piores resultados, nem fazendo de propósito. Teria sorte se Adeline alguma vez voltasse a falar-lhe, quando fora ali, naquela noite, com a intenção diametralmente oposta, impelido por um ciúme devorador de Adam Berwick e dos pequenos presentes que este dava às senhoras.

Esperou alguns minutos até ouvir o choro dela finalmente atenuar-se, e depois desceu decididamente o caminho do jardim sem olhar para trás, para a pequena casa por trás de si, que ainda não tinha nenhuma luz acesa. Caminhava, assim, na escuridão quase total, quebrada apenas pelo luar.

Sentia-se o mais sozinho possível nesse momento, sem ninguém que o guiasse além daquele globo terrestre impessoal lá em cima no céu, que brilhava para todos e para ninguém em especial. Não havia mais ninguém a tomar conta dele, ninguém que se importasse com o seu bem-estar. Isso tinha-lhe sido extorquido há anos, e depois o universo, na sua infinita injustiça, fizera um acordo unilateral com ele: sujeita-te a mais dor ou não obtenhas nada em troca.

Por isso, ali estava ele agora, sem nada em troca. Embora tivesse conseguido também magoar-se novamente em todo aquele processo, o que, a seu ver, requeria algum empenho.

Quando entrou na sua casa sombria, a primeira coisa que viu ao luar foi o chaveiro do armário dos remédios pendurado logo à entrada do escritório. Podia sentir-se melhor, tão facilmente, e nunca ninguém saberia. Mas, de alguma forma, Adeline saberia — ou, pelo menos, ele ficaria um passo mais perto de ser aquele desastre ridículo que ela acabara de o acusar de ser, e não sabia se suportaria descer ainda mais na consideração dela, nem na sua própria.

Sentir-se assim tão mal consigo próprio costumava ter o efeito contrário, fazendo-o afundar-se na dor e no vício. Mas, depois daquela noite, de certa forma, já não tinha nada a perder e tinha tudo a ganhar. Não ia aproximar-se nem um pouco mais daquilo que queria se cedesse agora. Porque, se se rendesse mais uma vez, estaria a continuar no caminho que traçara para si próprio há vários anos, e esse caminho levava a um jardim e chocara de frente com uma porta fechada, e isso continuaria a acontecer, de diferentes formas, com diferentes pessoas, se ele tivesse sequer a sorte de ter mais uma oportunidade.

Não estava a viver na sua vida, porque a sua vida *era* dor.

Em vez disso, estava a viver fora da sua verdadeira vida, e usava as drogas para o ajudarem a fazê-lo. Há várias semanas que não se aproximava do armário, desde o juramento que fizera a si próprio no cemitério da pequena igreja, na Véspera de Natal — contratar Liberty Pascal (essa «espia de classe mundial», como Adeline lhe chamara, e, agora, não conseguia evitar sorrir dessas palavras, apesar da sua angústia) fora uma grande ajuda nesse aspeto, porque nada escapava à jovem. Tentara tornar-se um homem melhor, e agora o motivo para isso parecia estar a escapar-lhe, mas, afinal, era essa a armadilha. Se conseguisse resistir à tentação num momento daqueles, quando já não tinha nada que lhe desse esperança, conseguiria sempre resistir-lhe. Era um grande teste cósmico, e Deus sabia em quantos desses testes ele já reprovava no passado. Mas, embora Adeline pudesse já não ser um motivo para ele o superar, ela controlara as suas próprias tentações nas suas horas mais negras, e ele aprenderia com ela todas as lições que pudesse. Ela ainda era a pessoa mais inteligente que ele conhecia, e o facto de o ter rejeitado naquele momento era prova disso, por muito que lhe custasse admiti-lo.

Afinal, não havia dúvida de que ele ainda tinha um grande caminho a percorrer até se tornar o tipo de homem que a merecesse.

CAPÍTULO 23

Chawton, Hampshire
Meia-noite, 2 de fevereiro de 1946

No final da reunião, a Menina Frances ofereceu alojamento por essa noite a Mimi e Yardley. Mimi ficou encantada com a ideia de dormir numa casa que um dia estivera cheia de Austens adormecidos — incluindo, talvez, a própria Jane, enquanto tomava conta de um sobrinho ou sobrinha com febre, apesar de viver a pouca distância dali.

Os três atravessaram a aldeia com Evie, deixando Andrew Forrester a encaminhar-se na direção oposta, a caminho de Alton, e Adam a acompanhar Adeline a casa. O sol começava já a descer às 16h30 de um fresco dia de inverno, e a sombra da lua cheia esperava pacientemente, lá em cima, para fazer a sua aparição noturna. Yardley bombardeava Frances com perguntas acerca de Chawton e da sua história, e ela respondia-lhe prontamente a tudo, embora mencionasse várias vezes Andrew Forrester como o melhor historiador sobre a aldeia que Yardley poderia encontrar.

Após um jantar tardio na sala de jantar e bebidas junto à lareira, Evie subiu para o seu pequeno quarto no sótão, na ala sul, e a Menina Frances para a sua suíte no canto oposto ao de Evie. Abaixo dela, no segundo piso, encontrava-se o quarto do seu falecido pai, cuja porta permanecera selada desde a sua morte e funeral, duas

semanas antes. Frances perguntava-se quando teria finalmente coragem, se é que alguma vez a teria, de voltar a entrar no quarto e analisar os papéis dele, como Andrew lhe pedira tão educadamente.

Os quartos de hóspedes ficavam na ala norte, no segundo piso, ao lado um do outro num patamar separado onde se chegava por aquilo a que Frances chamava a escada da Galeria de Tapeçaria. Dera-lhe este nome porque os degraus estavam cobertos por várias tapeçarias com motivos de armas da Flandres, que fizeram Yardley ficar mais silenciosamente entusiasmado do que Mimi alguma vez o vira. Ele estava convencido que as réplicas daquelas tapeçarias estavam em exibição no Metropolitan Museum of Art, em Nova Iorque, e já estava a planear uma chamada de longa distância para um dos curadores seniores desse museu para discutir possíveis valores.

Tendo-se despedido de Yardley no comprido corredor da galeria, Mimi entrou na espantosa suíte Tudor que lhe tinha sido atribuída. Depois de examinar as diferentes peças de mobiliário, algumas georgianas, outras eduardianas e outras praticamente medievais, tomou um banho quente na banheira colocada numa plataforma elevada de madeira no canto mais afastado do quarto, encharcando e lavando o seu cabelo espesso, para que este secasse enquanto ela dormia. Apesar da baixa temperatura da casa em geral, a sua lareira estava acesa, graças a Josephine, havia aquecedores elétricos nos rodapés por baixo das janelas e tinha sido colocada uma botija de água quente enrolada num pano de lã aos pés da cama. Também lhe tinha sido deixada uma velha camisa de noite de algodão branco e, com os seus óculos escuros, pó compacto e um único batom vermelho na carteira, sentiu-se pronta a enfrentar o mundo exterior de manhã, fosse ou não

reconhecida.

Subindo para a cama, enterrou de imediato o rosto nas almofadas de penas de ganso e tentou não pensar em Jack. Sentia mais a falta dele à noite, quando o corpo dele parecia envolver o seu, deitados juntos, mantendo-a quente, cobrindo-lhe os ombros nus de beijos e, olhando agora em volta do imponente e velho quarto, com a sua cama de dossel e tapeçarias nas paredes, perguntou-se o que teria ele achado de tudo aquilo. Telefonara-lhe várias vezes nas últimas semanas, depois de ele ter voltado a L.A. após uma paragem de poucos dias na Escócia, em negócios. O mês que haviam passado juntos em Inglaterra fora uma espécie de lua de mel, embora o casamento estivesse marcado para abril. Quando ela lhe enviara um telegrama a dizer que a propriedade Knight estava agora à mercê de qualquer herdeiro masculino vivo, e a contar do clube formado em honra de Jane Austen, ele fizera uma observação sarcástica acerca de nunca mais conseguir que ela voltasse para os Estados Unidos. E, em noites como aquela, enquanto olhava a lua cheia através da fila de janelas com caixilho e vidros de cristal de chumbo colocados na diagonal, perguntando-se quem mais teria, um dia, olhado o céu noturno a partir daquele mesmo quarto, ela compreendia a preocupação dele. Mimi sempre gostara de avançar continuamente, mas, agora que Hollywood estava a perder o interesse nela, ou, mais especificamente, no seu rosto, sentia aquela atração por Inglaterra, e pelo passado, e pelas vidas relatadas nos livros que passara a vida a devorar.

Saiu da cama e foi até ao telefone preto de plástico sobre o toucador, um instrumento moderno totalmente desenquadrado do resto do quarto. Fez uma chamada à cobrança para Beverly Hills e arrastou o telefone o mais

possível até perto das janelas.

— Olá, que horas são? — a voz de Jack parecia um pouco atordoadada.

— Meia-noite... o que faz com que, para ti, seja o quê? Quatro da tarde? É hora dos *cocktails*.

— Na verdade, estou quase a sair para o estúdio para me encontrar com o Monte.

Ela riu-se.

— Diz-lhe olá por mim.

— Mimi, estou a falar a sério.

— Ah, sim?

— Sim, vamos ser sócios numa nova distribuidora, para tentar compensar o risco do teu *Scheherazade* com o teu novo *Sensibilidade e Bom Senso*. O Monte diz que o estúdio vai entrar com cinquenta por cento em troca de tu cobrires os possíveis prejuízos deles com o último filme que fizeste para eles.

— O *Scheherazade* não vai dar prejuízo — garantiu ela, embora estivesse cada vez mais preocupada. Aprendera à sua custa que, quando havia dinheiro em risco, poucas pessoas em Hollywood se importavam com mais alguma coisa.

— Claro que não, querida, tu e eu sabemos disso; por isso é que é um negócio tão bom para nós.

— Para ti. Um bom negócio para *ti*.

— Fala-me da reunião do clube literário. Que belo grupinho de gentinha que aí tens. Quem chorou mais? — picou-a. — Oh, quem havia de ser... o Yardley. É sempre o Yardley, aquele maricas.

— Foi ótimo — cortou Mimi, ignorando-o. — Começo a pensar que talvez consigamos mesmo realizar isto. Sabes, já restam poucos lugares em Inglaterra onde ainda se possa tentar fazer isto; geralmente, as casas já foram

demolidas e desapareceram há muito tempo, ou estão, de outra forma, indisponíveis. E se pudermos dar nova vida à casa de Jane Austen, logo a dela...

— Portanto, eu e o Monte estivemos a falar.

Ela ouviu-o aclarar a garganta do outro lado da linha. Se não o conhecesse tão bem, teria pensado que ele estava nervoso.

— Portanto, OK, parece que o orçamento para o *Sensibilidade* vai andar perto de um milhão... mas as boas notícias são que, agora, temos metade disso vindo do teu antigo estúdio.

— Como acabaste de me dizer — a garganta de Mimi começou a ficar seca e, prendendo o auscultador por baixo do ouvido esquerdo, foi servir-se de um copo de água fresca do jarro deixado para ela na mesa de cabeceira.

— Sim, bem, olha... nunca seria fácil dizer-te isto. Mas o estúdio tem algumas condições.

— Claro. Que valham cinquenta por cento, suponho.

— Olha, Mimi, este continua a ser o nosso bebé, mas o estúdio quer ir noutra direção com a Elinor.

— Queres dizer mais nova.

— Não necessariamente.

— O que raio queres dizer com *isso*?

— É só... a energia, sabes? Precisamos de um bom complemento para a Angela Cummings como Marianne, e eles acham que a química se perde um pouco com a diferença de idades.

— Raios partam, Jack, a Greer Garson tinha mais um ano do que eu quando fez de Lizzie com o Olivier... meu Deus, até era mais velha do que o *Larry*...

— Mas a Garson tinha a força da MGM por trás dela, e eles queriam-na naquele papel.

— Oh meu *Deus*, Jack... foste tu que me disseste que me

libertasse dos agentes e do estúdio!

— Querida, querida, acalma-te, está bem? Vais assustar a Frances Knight no seu leito frígido.

Mimi inspirou fundo.

— Não acredito que estejas a ceder ao Monte em tudo isto... tanto quanto sei, tecnicamente nem sequer precisas do dinheiro dele.

Por uma vez, ele ficou calado.

— Jack...

— Olha, comprei uma participação numa empresa na Escócia. Nada arriscado, mas usei algum do meu dinheiro líquido, e agora preciso de poupar um pouco.

— Não acredito em ti.

— Ouve, Mimi, tudo se resume a poder negocial, tu sabes disso. E quanto mais riscos eu minimizar aqui, mais riscos poderei correr noutro lado. Não vou permitir-me arriscar muito. Neste momento, já deves saber isso sobre mim.

Algo no tom dele a preocupou mais do que o facto de ele ter abdicado do papel de Elinor a pedido de Monte. Sentiu que era este Jack Leonard que ela se deveria ter dedicado a conhecer no último ano. Só se podia culpar a si própria, porque não havia dúvida de que ele estivera sempre ali. Afinal, às vezes seria melhor conhecer-se os defeitos do companheiro.

— Não posso falar disto agora — disse ela para o auscultador, enquanto recolocava a base do telefone sobre o toucador. — Tenho de ir.

Desligou e bateu na parede com a esguia mão direita cerrada num pequeno punho. Quase esperava que Yardley, no quarto ao lado, batesse também na parede em resposta, mas não houve qualquer som. Com certeza toda a gente naquela casa estaria, naquela altura, a dormir profundamente. Fora um dia longo.

Foi até à fila de janelas que davam para o largo caminho de acesso e para o bosque adjacente e os pastos mais além. O mundo exterior, tão escuro e misterioso, tremeluzia num halo de luar. Estava furiosa com o outro mundo, aquele de onde vinha e que era muito mais tristemente previsível, onde Monte podia assediá-la e depois acabar na cama com Jack na mesma, sem que ninguém dissesse uma palavra, nada que lhes fizesse perder dinheiro e — acima de tudo — poder. Porque o poder era tudo — não se conseguia fazer nada sem ele. Quanto mais tempo passava longe de Hollywood, e quanto menos poder negocial tinha, mais se perguntava se não seria melhor para ela acabar com aquilo de uma vez do que suportar um declínio lento mas inevitável.

Mimi recordou a si própria que Jane Austen também conhecia bem o dinheiro e o poder, no ambiente particular que a rodeava naquela noite. Austen via o que a falta de dinheiro significava para as mulheres da sua vida, e esse medo devorador era o que mais sobressaía em todos os seus livros, escondido por trás das artimanhas muito mais interessantes dos enredos casamenteiros. Austen sabia que não havia caridade ou magnanimidade dos parentes masculinos que pudesse conceder às mulheres a verdadeira independência. Contudo, através do seu génio — um génio que não havia dinheiro ou poder que pudessem comprar, porque estava dentro da sua cabeça e pertencia-lhe totalmente —, conseguira, no final, obter um pequeno grau de autonomia. O suficiente para trabalhar, viver e morrer nos seus próprios termos. Era, realmente, um feito bastante considerável, o legado daqueles seis livros, revistos, alimentados e escritos apenas pelas suas duas mãos, sem qualquer homem com, inevitavelmente, mais poder ou dinheiro a atrapalhar.

Mimi compreendeu que isto não era totalmente verdadeiro — que talvez a vida de Austen pudesse ter seguido um rumo diferente, que os cânones poderiam ter sido ainda mais alargados, se alguns dos homens da sua família e do mundo editorial tivessem tomado decisões diferentes no seu interesse. Mas Mimi, ali de pé ao luar, um peão entre dois homens endinheirados sem um único pensamento original entre os dois, só sabia como era muito mais satisfatório e seguro ser-se o criador de algo que não desaparece com a idade, ficando, em vez disso, cada vez melhor. Aceitava que aquele era o seu pacto com o diabo, ir para Hollywood e renunciar ao palco, onde os pés-de-galinha e os cabelos grisalhos não eram visíveis para além das duas primeiras filas da plateia. Tornara-se rica e famosa num piscar de olhos, estimulada pela sua beleza e pelas fantasias que esta gerava. E suspeitava que ia perder tudo com a mesma rapidez.

Estava quase a virar as costas à janela e a voltar para a cama quando lhe pareceu ver alguém, à distância, emergindo do bosque. A pequena cabana de pastores estava sobre as suas rodas no centro da mata de tílias, banhada pelo luar, e, ao abrir ligeiramente uma das janelas, pensou ter ouvido algo, um ferrolho a fechar-se, os passos de botas sobre degraus de madeira que rangiam. Provavelmente, era apenas a sua imaginação, que era quase tão fértil como a de Evie. Mas, ao deitar-se novamente e adormecer pouco depois da meia-noite, os pensamentos meio sonhados de Mimi alternavam estranhamente entre os oito membros do clube, criando diversas combinações: Evie e Adam, Adam e Adeline, o Dr. Gray e Frances, Frances e Andrew...

Evie estava sentada, sozinha, na biblioteca. Era tarde, e o

resto da Casa Grande já fora deitar-se há muito, mas ela achava que ainda conseguia funcionar bem com quatro horas de sono, por isso continuava com a sua obra pela madrugada dentro.

O catálogo estava, agora, completo. Num frenesim, ela revira os últimos volumes nas últimas semanas e, passados dois anos, tinha registado tudo o que era digno de nota sobre cada um dos livros naquelas prateleiras. Mais exatamente, 2375 livros. Escrevera datas de publicação e números de edição, e depois descrevera minuciosamente os rótulos das encadernações e lombadas, a presença de quaisquer selos identificativos, dedicatórias ou etiquetas, a condição das capas moles, a presença e o número de quaisquer ilustrações, gravações ou notas à margem e a douradura das páginas.

No último outono, começara a ir à biblioteca de Alton nos seus dias de folga, pesquisando quaisquer informações que pudessem ser pertinentes para o catálogo quase terminado. Depois, tinha cruzado as suas descobertas com panfletos de leilões recentes e recortes de jornais que encontrara na mais vasta biblioteca de Winchester numa de três viagens de dia inteiro que aí fizera, tentando obter informações acerca de recentes vendas em leilão e da condição e do valor atribuído a textos semelhantes.

Estava entusiasmada por ter acabado naquela noite porque, a dormir mesmo por cima dela, encontrava-se Yardley Sinclair. Quando estivera presente na leitura do testamento de James Knight e compreendera que um parente distante masculino poderia surgir a qualquer momento e reclamar como seu o conteúdo da biblioteca, Evie jurara terminar a catalogação o mais depressa possível para poder, finalmente, partilhar com a Menina Knight uma estimativa precisa do seu valor total. Quando

Evie soubera que um dos avaliadores de bens da Sotheby's iria juntar-se ao clube, o próprio Sr. Sinclair com quem falara várias vezes ao telefone durante a demorada corte profissional que este fizera à Menina Knight, Evie percebera que tinha, agora, mais uma razão premente para terminar a sua missão.

Porque Evie fizera as contas — e, se tivesse, pelo menos, metade da inteligência que julgava ter, poderiam estar ali dezenas de milhares de libras esterlinas em livros, só naquela divisão.

Evie pusera de parte, em duas prateleiras contíguas, os volumes a seu ver mais importantes, que eram também os mais difíceis de avaliar. Incluíam uma primeira edição da publicação póstuma, em 1817, de *Persuasão* e da *Abadia de Northanger*, com prefácio do irmão de Jane, James. Havia também exemplares com dedicatória das edições mais antigas dos livros que Austen escrevera e ainda vira publicados em vida, alguns deles ainda em capas frágeis de cartão simples, o que os tornava ainda mais raros do que as edições encadernadas por encomenda mais difundidas no mercado nesse tempo. Havia a edição misteriosa de 1816, feita em Filadélfia, de *Emma*, que, de alguma maneira, atravessara o oceano; primeiras edições de *Pamela*, de Samuel Richardson, de *Camilla*, de Fanny Burney e de *Corinne*, de Madame de Staël; e uma edição antiga em francês da *Divina Comédia*, de Dante. Uma edição do Terceiro Fólio das obras completas de Shakespeare não podia sequer ser devidamente avaliada, por tão raramente ter estado à venda, segundo a investigação feita por Evie numa tarde de domingo, no British Museum. E o mais espantoso de tudo era que havia a carta de Jane para Cassandra que Evie encontrara no mês de setembro anterior, enfiada e escondida dentro de um velho manual de

alemão. Uma carta que o mundo não sabia que existia. Uma carta que respondia a algumas questões com que os estudiosos se debatiam há décadas — e levantava muitas mais.

Sentada no seu pequeno banco, com o catálogo terminado aberto sobre o colo, Evie sentiu o êxtase da descoberta. A paixão da aprendizagem. O orgulho de ter alcançado algo que nunca fora feito por mais ninguém. Ainda nem tinha dezassete anos, e os rapazes da aldeia poderiam andar à sua volta durante mais uns anos, mas ela não conseguia imaginar um sentimento mais completo, mais satisfatório, do que o que estava a ter naquele momento. Pensou nos famosos exploradores do Ártico atravessando planícies brancas de gelo, no Capitão Cook velejando até ao Pacífico, nos homens que tinham iniciado e combatido em guerras ao longo dos séculos, e em toda essa energia masculina extravasando-se, procurando a conquista, procurando a posse. E, de certa forma, ela virara-se para dentro, restringida pelos limites de uma velha casa negligenciada, que já nem sequer era um verdadeiro lar. Vira o que estava debaixo dos olhos de toda a gente, e não desistira nem se deixara dissuadir pelas dificuldades da vida quotidiana. Criara espaço para a descoberta no meio de uma vida muito limitada, a vida que o mundo parecia teimar em atribuir-lhe. Vira a Menina Frances flutuar por esse mundo como um fantasma, e Adam Berwick sentado, sozinho, sobre a sua velha carroça de feno, e o Dr. Gray atravessar a cidade com aquela estranha expressão longínqua nos olhos, como se estivesse a ver para além da realidade, para além da dor, um mundo mais amável e mais gentil. Mas um mundo que não existia. Porque o mundo que realmente existia requeria dor, e que se vivesse com ela, e nunca libertaria ninguém, mesmo

quando tudo o resto se desmoronasse.

Contudo, embora imersa nesse mesmo mundo, Evie Stone esculpira algo novo, esclarecedor e revolucionário, sozinha e à sua maneira. Ninguém poderia, alguma vez, tirar-lhe isso.

— Evie, o que raio está a fazer aqui a esta hora?

Ela levantou os olhos e viu Yardley Sinclair parado na soleira da porta que levava à Sala Grande contígua. Ele olhava para o pequeno caderno de apontamentos que ela tinha aberto no colo, no qual tinha estado a escrever furiosamente. Olhou para trás de si e depois, fechando a porta firme mas silenciosamente, deu um passo na direção dela.

— Eu podia perguntar-lhe a mesma coisa — respondeu ela, deixando-o calado e impressionado pela sua ousadia.

— A Menina Frances deixou-me vir aqui dar uma espreitadela há pouco, mas não tive tempo de ver mais. E, depois, não conseguia dormir, por isso pensei vir cá abaixo buscar qualquer coisa para ler.

Deu mais um passo na direção dela e Evie fechou rapidamente o caderno de apontamentos que tinha diante de si.

— Evie, a Menina Frances sabe que está aqui?

Ela assentiu com a cabeça, mas deixou-se ficar sentada no seu banquinho, ao canto.

— E sabe o que está a fazer?

Ela assentiu novamente, mas desta vez mais devagar.

— Mas só há pouco tempo. Desde a leitura do testamento.

Yardley percebeu que a jovem não se ia mover do seu lugar, por isso pegou numa cadeira e puxou-a para a frente dela.

— Importa-se? — perguntou ele, desta vez mais gentilmente do que tinha estado a dirigir-se a ela.

Evie abanou a cabeça, e ele sentou-se à sua frente e estendeu a mão.

— Posso dar uma olhadela?

De repente, vários cenários surgiram na mente de Evie, e ela era demasiado jovem e inexperiente no mundo dos negócios para saber o que poderia estar em risco se revelasse tudo naquele momento, antes de ter sequer tido a oportunidade de o partilhar com a Menina Frances. Também a perturbava que Yardley parecesse ter vindo examinar o local fora de horas, na sua primeira visita. Talvez sofresse apenas de insónias, mas ela observara-o tão de perto como qualquer outra pessoa na reunião dessa tarde, e ele tinha um olhar bastante inquisidor. Naquele momento, a tarefa que Evie atribuíra a si mesma era proteger a Menina Frances e obter, para ela, o máximo valor possível a partir dos seus bens — só esperava não estar prestes a fazer nada que viesse impossibilitar isso.

Evie sabia também que Mimi confiava plenamente em Yardley, e Evie admirava Mimi como estrela de cinema e como perita em Austen. Por isso, com alguma hesitação, entregou o caderno de apontamentos e ficou a ver, bastante satisfeita, Yardley a folhear as páginas, cada vez mais atónito.

— Meu Deus, Evie — ele olhou-a, de lágrimas nos olhos.

Ela assentiu com a cabeça, alegremente.

Então, ele começou a rir, enxugando os olhos com um lenço com monograma que tirara do bolso, e ela deu por si a rir também.

— Meu Deus — ele levantou-se e começou a passar os dedos pelas lombadas de todos os livros na prateleira por trás dele. — Está tudo aqui, não está? Provavelmente, tudo o que ela leu... tudo o que lia enquanto escrevia aqueles livros inacreditáveis? E todas estas primeiras edições.

É inconcebível. É como um milagre — deu meia-volta para encarar Evie. — E ninguém deu mesmo atenção a isto antes?

Finalmente, ela levantou-se também, e ele verificou mais uma vez como ela era pequenina.

— Segundo a Menina Frances, o pai dela, o falecido Sr. Knight, e, antes dele, o pai dele, não tinham muito tempo para Austen. Não percebiam porque se falava tanto nela.

Agora, Yardley estava a retirar aleatoriamente diferentes livros das estantes, folheando-os e compreendendo até que ponto eram minuciosas e precisas as descrições que Evie lhes dedicara no seu caderninho.

— Sabe, Evie, a menina é demasiado jovem para avaliar isto, mas a verdade é que os livros de Austen se esgotaram depois da sua morte. Quando o pai de Frances nasceu, em... qual foi o ano que ela referiu hoje, 1860?, os livros ainda nem se tinham aproximado do auge que atingiram na era vitoriana. Só na viragem do século é que começou realmente a formar-se um consenso na crítica. Acho mesmo que o primeiro estudo sobre Austen foi o de Bradley, em Oxford, em 1911.

— Oh, eu sei disso.

Ele riu-se outra vez.

— Sim, que disparate o meu, claro que sabe.

Ela guardara o melhor para o fim. Foi até uma prateleira perto dele, tirou de lá o texto sobre línguas germânicas que fazia parte de um imponente conjunto de vários volumes e abriu-o na frente dele. Lá dentro, como um marcador, estava um papel amarelado dobrado, coberto de uma caligrafia familiar e fortemente inclinada.

Yardley inspirou fundo.

— Está a brincar?

— É exemplar único. Eu tinha a esperança de encontrar

outros. Mas é importante. Explica muita coisa.

— Posso abri-lo?

Ela assentiu com a cabeça.

— Não é frágil... acho que esta carta esteve aqui durante mais de cem anos, intocada. E não foi terminada, e nunca foi enviada. Ela deve ter sido interrompida e ter-se esquecido de onde a tinha posto. Ou — e aqui Evie ficou bastante emocionada — ela estava a ficar muito doente, acho eu, pelo menos o suficiente para a preocupar. E talvez se tenha esquecido dela, ou tenham surgido coisas mais importantes, e ela se tenha deixado de importar com aquilo que tinha a dizer.

Yardley tirou cuidadosamente a carta de dentro do livro e sentou-se para a ler. Quando acabou, precisou de um segundo para se recompor. Era a maior descoberta da sua carreira, e uma das mais importantes, até ao momento, no estudo de Austen.

— Apercebeu-se da data? Seis de agosto de 1816? O dia em que ela acabou de escrever *Persuasão* — e começou a rir-se outra vez. — Claro que se apercebeu.

Evie assentiu com a cabeça e foi sentar-se novamente em frente dele.

— Cassandra não estava longe, parece que tinha feito apenas uma pequena viagem para visitar alguns parentes, e, ainda assim, Austen não quis esperar nem mais um segundo para dizer o que tinha a dizer à irmã mais velha. Imagine o que terá sido acabar aqueles capítulos finais e incríveis de *Persuasão* e depois começar imediatamente a escrever esta carta. Isso diz alguma coisa, diz algumas coisas bastante espantosas acerca dela...

— E também outras que não o são — interrompeu Yardley. — E, porém, como ela parece agora viva, real... *humana*.

Leu novamente toda a carta, que parava abruptamente a meio das costas da única página que a compunha.

— Então, afinal, Cassandra interveio no romance nascente com o desconhecido do litoral.

— Eu não tenho irmãs, tenho quatro irmãos horríveis, mas a ligação entre Cassandra e Jane parece muito intensa. Como se formassem uma pequena família só delas. Como Jane e Elizabeth Bennet, juntas no olho do furacão, sendo tudo uma para a outra e deixando pouco espaço para qualquer outra pessoa. Isso seria fácil para Cassandra, julgo eu, tendo perdido o noivo tão jovem, o que fazia dela, essencialmente, uma espécie de viúva respeitável. Mas em que posição ficava Jane?

— Sabe — refletiu Yardley em voz alta —, eu sempre achei estranho que a família de um tipo qualquer de uma cidade no litoral, um tipo que Austen teria, presumivelmente, conhecido apenas durante um mês de férias, lhe tivesse escrito para a informar da morte dele. Deve ter havido troca de cartas entre os dois. Ou a família sabia que havia um relacionamento de qualquer tipo, mesmo que ainda em fase inicial — Yardley recostou-se e colocou a carta aberta, cuidadosamente, no colo. — Então ela culpou Cassandra pelo fim do romance. Durante todos aqueles anos.

— Os anos que faltam. Todas as cartas do mesmo período desaparecidas, destruídas por Cassandra. Sempre soubemos isso. Mas nunca soubemos porquê.

— Até agora.

— Até agora — concordou Evie, sentada no seu banquinho, acenando alegremente com a cabeça ao ver o entusiasmo de Yardley com a sua descoberta.

— Então — ele devolveu a carta às mãos expetantes de Evie e levantou-se, demasiado excitado para ficar sentado.

— Então o *Persuasão* foi mesmo uma revisitação da sua própria vida. A sua forma de lidar com uma grande desilusão. De lidar com o que restava da sua raiva contra a irmã.

— Ao escrever isto, acho que ela tentou pôr uma pedra sobre essa raiva de uma vez por todas. Acho que ela sabia que já não estaria muito tempo neste mundo, e queria ter paz no coração, paz completa e total, e escrever isto marcou o perdão final à irmã. E ela precisava de sentir isso, precisava de se libertar disso.

— Sabe, é tão estranho, mas sempre me perguntei se alguém como Jane Austen poderia ter existido nas páginas dos seus próprios livros. Se pensarmos nisso, se Cassandra não tivesse interferido quando Jane tinha... o quê, vinte e três anos? Vinte e quatro? Quem sabe o que poderia ter acontecido. Poderíamos nunca ter vindo a ter aqueles três últimos livros geniais se, no final, Austen tivesse conseguido o seu homem.

— Eu acho que Austen sabia muito bem disso — respondeu Evie. — Especialmente quando pensamos em quantas mulheres, nesse tempo, morriam ao dar à luz, pelo menos duas das suas próprias cunhadas, e também no seu medo de tudo isso. As cartas que sobreviveram revelam-no.

— Evie, eu sei que não nos conhecemos muito bem...

— Oh, não, eu acho que conhecemos — ela sorriu-lhe. — Acho que somos muito parecidos.

Ele riu-se de novo.

— Sim, pobrezinha, somos mesmo. Então o catálogo está completo, feito e terminado?

— Sim, a partir de hoje. Acabei-o esta noite.

Ele abanou a cabeça.

— Espantoso. A sério. Ouça, confiar-me-ia isto, o caderno de apontamentos?

— Sim — respondeu ela, devagar. — Mas não posso deixá-lo levar a carta. Embora tenha feito uma cópia.

— Claro que fez. Não, tem toda a razão, não pode arriscar-se a perder ou a danificar qualquer parte do conteúdo desta biblioteca. A propósito, os seus cálculos estão certos. Temos aqui cem mil libras pelo menos, senão várias centenas. Seria uma das grandes vendas de conteúdo de bibliotecas da história, para quem quer que o venha a herdar. Temos de fazer tudo o que pudermos para mantermos isto intacto por agora, *tudo isto*. Pela Menina Frances, pelo clube, sim, mas, mais importante ainda, pela nossa compreensão *dela*.

— Concordo plenamente — disse Evie. — Esperava que tivesse a mesma opinião.

— Ambos adoramos Jane Austen — respondeu ele, com um piscar de olhos. — Porque não havíamos de concordar?

CAPÍTULO 24

*Alton, Hampshire
Fevereiro de 1946*

Colin Knatchbull-Hugessen era um homem tonto e indiscreto de 42 anos. Era solteiro e vivia sozinho numa pequena casa geminada na periferia de Birmingham. Um dia, em fevereiro, estava a verificar os tempos das corridas de cavalos no jornal da manhã quando os seus olhos recaíram sobre o seguinte anúncio no *The Times*:

Aviso de constituição, em 22 de dezembro de 1945, de um clube dedicado à preservação, à promoção e ao estudo da vida e obra da Menina Jane Austen. O Clube Jane Austen trabalha em conjunto com o Fundo Memorial Jane Austen, uma organização sem fins lucrativos fundada para fomentar a educação ao abrigo da Lei das Organizações Sem Fins Lucrativos, com o objetivo de adquirir a antiga casa da Menina Austen em Chawton para aí estabelecer um futuro museu. As subscrições e doações de fundos de membros do público interessados, para ajudar a alcançar este objetivo, são bem-vindas e podem ser remetidas para o Fundo Memorial Jane Austen, ao cuidado do Sr. Andrew Forrester, High Road, Alton, Hampshire.

No preciso momento em que estava a passar os olhos por aquele anúncio, Colin recebeu uma chamada telefónica do solicitador da sua falecida mãe, informando-o de que James Edward Knight falecera.

O solicitador soubera dessa morte através de diligências consideráveis. Desde a sua contratação pela mãe de Colin, décadas antes, ordenara ao seu empregado que verificasse os registos de testamentos em Londres a cada três meses, procurando os apelidos Knight, Knatchbull e Hugessen. Também mandava o seu empregado com intervalos de alguns meses a Winchester, para verificar também o registo local de Hampshire, sabendo que a sua falecida cliente era descendente direta de Fanny Austen Knight Knatchbull, a mais velha dos onze filhos de Edward e Elizabeth Knight. O advogado temia que fosse homologado um testamento e Colin perdesse a oportunidade de reivindicar a herança de uma família tão vasta e com tantas terras, dentro da janela de doze meses concedida por lei.

Colin estava menos preocupado com a sua árvore genealógica do que o advogado. As notícias da morte de James Knight não o impressionaram. Não tinha qualquer verdadeira relação com a família, e pouco lhe interessavam a genealogia ou a história em geral. Gostava de ir ao *pub* local beber uma cerveja — ou duas — todas as tardes, de apostar nas corridas de cavalos, de ir a jogos de futebol e, de vez em quando, de dormir com a empregada desse mesmo *pub* em troca de vários pequenos presentes de diversas naturezas.

Ao telefone, o advogado explicou cuidadosamente a Colin a potencial herança inesperada que ele poderia receber pela morte daquele parente distante, ligado à mundialmente famosa escritora Jane Austen. Para Colin, Austen era uma qualquer escritora de romances, embora tivesse gostado da adaptação de *Orgulho e Preconceito* com Laurence Olivier e Greer Garson, há alguns anos. Também sabia que as suas tentativas mais fracassadas de levar para a cama senhoras de uma determinada idade

pareciam ser proporcionais ao quanto estas gostavam daquela escritora — o que, provavelmente, contribuiria para uma certa inimizade que sentia por essa autora, por motivos pessoais.

O advogado aconselhou Colin a aparecer pessoalmente no registo testamentário de Hampshire para apresentar uma reivindicação nos termos do Direito das Sucessões, o mais rapidamente possível. Entretanto, o advogado escreveria ao executor registado dos bens, um Sr. Andrew Forrester, explicando o direito de Colin Knatchbull-Hugessen, como parente masculino mais próximo sobrevivente de James Knight, a todos os bens do falecido, com exceção do direito de residência no chalé de Chawton detido por Frances Elizabeth Knight e da sua pensão de sobrevivência, e ainda dos legados deixados aos criados como estipêndio.

Foi essa carta que Andrew Forrester leu a Frances Knight duas semanas antes da reunião seguinte do Clube Jane Austen.

Ele pedira-lhe que fosse ao seu escritório, em Alton. Suspeitava que ela não ia àquela cidade há vários anos, embora fosse ali a sede das maiores lojas, bancos e comércio da região. Mas, desde a morte do pai, Andrew notara uma subtil mudança em Frances — fosse por esta ter comparecido à segunda reunião do clube em casa do Dr. Gray, ou por ter convidado Mimi Harrison e o seu amigo da Sotheby's para, a seguir, passarem a noite na Casa Grande. Perguntava-se se Frances faria a caminhada de 40 minutos até ao seu escritório, já que continuava surpreendentemente saudável apesar de todo o tempo que passava em casa, ou se levaria o *Rolls-Royce* do falecido pai a dar uma volta. Sabia que tinha sido dada permissão a Tom para conduzir o velho carro ocasionalmente, tendo ele explicado a James Knight que o carro, tal como os cavalos,

precisava de exercício.

Quando Frances chegou ao escritório de Andrew a pé, ele reparou que o puxo firme que segurava o seu cabelo antigamente dourado estava um pouco mais solto, as suas faces estavam rosadas do vento de inverno e os olhos cinzento-pálidos brilhavam do exercício. De repente, ela fazia lembrar tanto a jovem que ele um dia amara que deu por si a olhá-la como que para uma velha fotografia emoldurada. Fazendo-lhe sinal para se sentar à sua frente, voltou para o seu lugar por trás da grande secretária e fez a sua típica tosse introdutória.

— Esta manhã, recebi uma carta que tenho a obrigação de partilhar consigo, como executor dos bens — Frances endireitou-se ainda mais na cadeira. — É do solicitador de um tal Sr. Colin Knatchbull-Hugessen, que afirma ser primo em terceiro grau, de segunda geração, do seu falecido pai. E receio que tenha uma pretensão muito legítima à totalidade dos bens do seu falecido pai.

Frances ouviu com atenção enquanto Andrew lia a carta, mantendo os olhos baixos, sobre o papel, durante todo o tempo. Quando ele acabou, finalmente olhou-a.

— Bem, então é isso — disse ela, calmamente. — Não há dúvida de que a pretensão dele tem fundamento, e eu não sou pessoa para contestar a realidade, como bem sabe.

Era a primeira vez que ela aludia, embora subtilmente, à sua submissão à vontade do pai quanto à proposta de casamento e noivado secretos que Andrew lhe dirigira em 1917, quando ela ainda não era maior de idade e ele estava prestes a ser chamado para a marinha.

— Menina Knight — Andrew empurrou a folha de papel, sobre a mesa, na direção dela —, eu ainda acredito que se pode alegar a falta de capacidades mentais do seu pai no momento da assinatura do segundo testamento.

Frances abanou a cabeça.

— Andrew, tudo isto está bem para mim, a sério. O testamento dá-me um teto sobre a cabeça para o resto da vida, e dinheiro suficiente para as poucas coisas de que preciso.

— Não está em causa o que precisa. Trata-se de o seu pai honrar toda a sua vida de sacrifício para com a família. No final, doe todo o dinheiro, se quiser. Tudo indica que o distribuirá com mais equidade do que este Colin Knatchbull.

— Não vejo como poderá isso ser possível. E não me parece útil concentrar-me agora no impossível. Tenho o suficiente para levar uma boa vida, o que é mais do que muitos outros podem dizer.

Frances raramente pedia alguma coisa e era igualmente raro queixar-se. Andrew percebeu que ela precisava de ser ouvida naquele assunto — que devia saber o que era melhor para ela naquele momento, por muitos erros que ele achasse que ela tinha cometido no passado. Talvez ele estivesse mesmo a insistir no assunto para se redimir dos seus próprios erros no respeitante à história que partilhavam. Porque, quando ela lhe escrevera aquela última carta, estando ele já no mar, a romper o noivado, ele jurara nunca mais lhe falar, se tivesse a sorte de sobreviver à guerra. Em vez disso, regressara como um herói naval, retomara os seus estudos de Direito em Cambridge e construía o escritório mais bem-sucedido naquele condado. Então, um dia, em 1932, James Knight entrara pela porta do escritório de Andrew para o contratar para investigar a morte do seu filho Cecil naquilo a que a polícia chamava um acidente de caça. Mesmo nessa altura, à medida que o patriarca em declínio confiava cada vez mais os seus assuntos jurídicos e financeiros a Andrew Henry

Forrester, este mantivera-se o mais fiel possível ao seu juramento secreto de nunca mais dirigir a palavra a Frances Elizabeth Knight.

Andrew ficara surpreendido por, enquanto estava na guerra, Benjamin Gray não ter tentado conquistar Frances para si próprio. Mas, em 1918, Benjamin tinha-se apaixonado perdidamente por uma bela e jovem cientista do King's College London, já perto do final do curso de medicina que impedira que ele próprio tivesse sido recrutado. Andrew compreendia bem Ben, sabia que ele era brilhante e carinhoso, mas que tinha defeitos como qualquer homem, com uma propensão para um complexo de salvador. A propensão de Andrew, tal como a de Frances, era, em vez disso, para mártir, e durante anos os dois tinham resistido a qualquer interação, sem, no entanto, construírem uma vida com outra pessoa. Contudo, recentemente, com a saúde do pai dela cada vez mais fraca, Frances e Andrew tinham começado a viver uma espécie de versão substituta da vida de casados, partindo pão juntos de vez em quando, passeando pelos terrenos da Casa Grande para discutir vários melhoramentos que deveriam ser financiados pela propriedade e realizando todos os caprichos do Sr. Knight.

Por isso, Andrew ouviu Frances com atenção quando ela lhe disse que não queria contestar o testamento. Um pequeno e reservado canto do seu coração perguntou-se se aquela decisão faria, ironicamente, parte integrante da maior independência dela, agora que o Sr. Knight se fora. Perante Benjamin, Andrew acusara Frances de se deixar encurralar pelo pai, mas a mulher que ali tinha na sua frente não parecia presa. Em vez disso, emanava uma calma, como se, finalmente, soubesse com o que, e com quem, podia contar. Porque as coisas nunca são como

desejaríamos que fossem — e a chave é saber em quem se pode confiar para estar lá, nos bons e nos maus momentos. Como filha única do Sr. Knight, fora-lhe exigido que lhe prestasse a deferência que lhe devia, enquanto, no fundo, suspeitava do que ele realmente sentia por ela. Pelo menos, já não tinha de fingir. Havia nisso uma libertação, embora, emocionalmente, cruel de suportar.

— Bem, então, se tem a certeza, vou responder ao advogado e concordar com esta visita que o Sr. Knatchbull-Hugessen gostaria de fazer à propriedade. A reivindicação da herança será feita em breve, tenho a certeza. E ele pode expulsá-la desta casa assim que o tribunal o tiver aprovado como o único beneficiário. Ele tem um advogado bastante diligente e astuto, por isso suspeito que essa aprovação será obtida em tempo recorde.

— Não faz mal. Eu e a Evie já começámos a fazer as malas. Ela está decidida a salvar alguns volumes da biblioteca para mim, ficando o resto para o Clube Austen. Acha que isso poderá levantar problemas?

— Não necessariamente, mas devia fazer uma avaliação assim que possível. Depois, os administradores do fundo podem votar fazer uma oferta ao Sr. Knatchbull-Hugessen pelo conteúdo da biblioteca e, esperemos, também pelo chalé do caseiro. Mas deixe-me de fora de qualquer avaliação, sim? Conforme combinado, irei abster-me em qualquer reunião ou votação do clube para aquisição, e a oferta poderá então ser feita pelo fundo diretamente ao herdeiro nomeado.

— Daqui a quanto tempo virá ele visitar-nos?

— Julgo que a qualquer momento — Andrew olhou-a com uma sobranceira erguida, expectante.

— Talvez — ela devolveu-lhe o olhar, igualmente expectante —, talvez possamos convocar uma reunião de

emergência do clube? Para os informar da pretensão do Sr. Knatchbull, e para votar a realização de uma oferta pelos livros e pelo chalé, só para o caso de ele tencionar dispor de alguma coisa rapidamente?

Andrew acenou com a cabeça, em concordância.

— Mas é melhor fazer a avaliação primeiro; o Yardley poderá ajudar, embora receie que a sua reputação profissional possa ser prejudicada se não for tudo feito rigorosamente segundo os devidos trâmites.

— Então, tenho boas notícias — Frances tinha um sorriso surpreendente espelhado no rosto. — A Evie já fez uma e já a deu ao Yardley para ela a apreciar.

— Está a brincar.

Ela abanou a cabeça, alegremente.

— De modo nenhum. Na verdade, é bastante impressionante. Ela tem andado a fazê-la há dois...

Andrew levantou a mão para a silenciar e ela mordeu o lábio, aquiescendo. Depois, ele levantou-se, remexeu nos papéis que tinha em cima da mesa e, por uma vez, olhou de frente para Frances Knight.

— Mas, só para que saiba, e só aqui entre nós, espero, como executor dos bens e como amigo, que a jovem Evie Stone e o seu olhar de rapina se aproveitem ao máximo de mim.

CAPÍTULO 25

Chawton, Hampshire
19 de fevereiro de 1946
Reunião de Emergência do Clube Jane Austen

A reunião foi rapidamente agendada, às 19 horas do dia seguinte, na sala de visitas da casa do Dr. Gray. Compareceram cinco membros do Clube Jane Austen: o Dr. Gray, Adeline, Adam, Mimi e Evie.

Andrew e Frances abstiveram-se de comparecer tanto à discussão como à votação. Yardley não conseguiu vir de Londres com Mimi a tempo, o que, a princípio, parecia oportuno, já que Andrew temia que a reputação de Yardley e o seu emprego na Sotheby's pudessem ser postos em risco por qualquer envolvimento numa avaliação amadora com repercussões financeiras tão significativas para as partes envolvidas.

Assim, para votarem como administradores do Fundo Memorial Jane Austen, restavam apenas Adeline e o Dr. Gray. Seriam necessários três votos — a maioria dos cinco administradores — para existir a maioria exigida pela lei em encontros que seguissem os procedimentos parlamentares. Depois de várias conversações telefônicas entre Andrew Forrester e Yardley, Mimi foi designada procuradora de Yardley na votação. O raciocínio dos dois cavalheiros dividia-se em três partes: a Sotheby's não tinha qualquer interesse legal ou financeiro, ou interesse antecipado, nos bens da família Knight no momento da

votação; Yardley não tiraria partido pessoal ou profissional do seu voto, e estava disposto a assinar uma declaração ajuramentada nesse sentido; e — por fim — como diretor, era permitido a Yardley utilizar a sua perícia em avaliação cultural e literária em benefício dos objetivos caritativos do fundo.

Depois de a reunião ter sido iniciada e a iminente atribuição dos bens da família Knight ao Sr. Knatchbull-Hugessen, da Grande Birmingham, ter sido anunciada, o Dr. Gray propôs pôr à votação a apresentação de uma oferta ao herdeiro dos bens pelo conteúdo da biblioteca de Chawton House e o direito de arrendamento do chalé do caseiro.

A votação foi rapidamente executada.

— A seguir, temos de votar um preço de compra apropriado para a biblioteca, que, presentemente, não tem qualquer valor atribuído. Evie — anunciou o Dr. Gray.

A jovem levantou-se do seu lugar habitual no banquinho junto ao piano. Tinha nas mãos o caderno de apontamentos que continha o catálogo dos 2375 livros da biblioteca, além de uma carta avulsa. O caderno foi passado de mão em mão a cada um dos quatro membros presentes.

— Então, quer dizer, tanto quanto percebo, que algumas destas edições específicas nunca foram postas à venda ao público? — começou o Dr. Gray, enquanto folheava o caderno, assombrado.

Evie assentiu com a cabeça.

— O Sr. Sinclair já viu isto? — perguntou Adeline.

— Sim, quando ficou a dormir na Casa Grande, na noite da nossa primeira reunião. Apareceu bastante tarde na biblioteca e apanhou-me a trabalhar. Eu mostrei-lhe alguns dos volumes, e ele levou o caderno para o estudar.

— E? — perguntou o Dr. Gray, ansiosamente.

Foi a vez de Mimi falar.

— Eu estive a analisá-lo com ele hoje, em Londres, antes de apanhar o comboio, e trouxe-o de volta comigo. É bom que estejam todos sentados; ele acha, com base nos registos públicos a que tem acesso, que estamos a falar de um valor de cem mil libras para cima.

— Quanto para cima? — perguntou Adam.

Mimi olhou para Adam, que estava, agora, de pé, com Adeline, por trás do Dr. Gray, ambos a examinarem o caderno por cima do ombro deste.

— Bem, só o Terceiro Fólio de Shakespeare poderá valer cem mil libras, ou mais. Há também dúzias de primeiras edições de textos importantes do século XVIII, tanto de ficção como de não ficção. Tanto o *The First Book of Urizen*, de William Blake, como a primeira edição de *Don Quixote* estão também na ordem das dezenas de milhares de libras.

— Isto é absolutamente espantoso — exclamou o Dr. Gray.

— Evie, meu Deus, sabes o que tens aqui?

O rosto de Evie ostentava uma expressão de orgulho no conhecimento e de realização.

— Sim, claro... foi por isso que o fiz.

O último item no caderno não correspondia a um livro, mas à carta de Jane Austen a Cassandra Austen, datada de 6 de agosto de 1816.

— Foi o mês em que ela acabou de escrever o *Persuasão*!

— exclamou Adeline.

— Porque... — o Dr. Gray levantou os olhos para Evie e Mimi. — Meu Deus. Não pode ser.

Evie e Mimi sorriram uma para a outra.

— Ter-vos-íamos dito mais cedo, mas a Menina Frances teve de manter isto tudo rigorosamente confidencial, por motivos óbvios — explicou Evie. — Eu e ela éramos as

únicas pessoas no mundo que sabiam, até Yardley o descobrir, e depois Mimi, esta tarde.

O Dr. Gray começou a ler a cópia que Evie diligentemente fizera da carta, estando o original ainda escondido, em segurança, dentro da capa de um dos 2375 livros da biblioteca inferior. Enquanto ele lia, Evie informou-os de que tinha verificado a caligrafia acentuadamente inclinada de Jane Austen no manuscrito de *Persuasão* que se encontrava em exibição no British Museum durante uma das suas idas lá ao domingo, para se certificar de que a sua «transcrição» era fiel e completa.

O Dr. Gray deixou-se cair para trás na cadeira e, sem uma palavra, estendeu a cópia a Adeline, para esta a ler a seguir. Ela levou-a até à luz junto ao piano e leu-a de pé, ao lado de Adam.

Todos os ocupantes da sala ficaram mudos.

Finalmente, Adeline perguntou:

— Temos alguma ideia do valor?

— Na verdade, não — respondeu Mimi. — o Yardley procurou em todo o lado, mas houve muito poucas a terem ido alguma vez a leilão. A Sotheby's vendeu uma carta em 1930, mas apenas por mil libras.

— Mas não é o valor que está em causa — afirmou o Dr. Gray.

— É o que ela revela — acrescentou Adam, e todos na sala se viraram para o olhar.

— Sim — declarou Evie, orgulhosamente. — Isso não tem preço.

— Mas ainda está no seu devido lugar, não está? — questionou o Dr. Gray. — Não podemos dar-nos ao luxo de sermos acusados de esconder ou roubar seja o que for.

— Não se preocupe. Eu só mudava os livros de sítio quando lhes limpava o pó — respondeu Evie. — Se o Sr.

Knatchbull-não-sei-quê quiser fazer o inventário do que lá está, não haverá qualquer problema.

— Bem, então, o que pensamos disto? — perguntou o Dr. Gray à sala.

— Quarenta mil libras — disse Mimi, sem hesitar. — Sigo as vendas relacionadas com Jane Austen através da Sotheby's e da Christie's há já vários anos e, com a guerra, as coisas mantiveram-se bastante estáveis até há pouco tempo. Se fizermos uma média de vinte libras por livro, será um preço perfeitamente razoável para quem queira vender depressa.

— Mas onde iremos buscar tanto dinheiro? — perguntou Adeline.

Mimi olhou em volta da sala.

— A mim — levantou-se. — Eu sei que todos vocês têm hesitado em aceitar dinheiro de mim, mas, segundo percebi do que Andrew me disse, os fundos públicos estão a aparecer às pinguinhas em consequência do anúncio que publicámos no *The Times*. Olhem, não faz mal, é um filme ou dois... sem querer ser arrogante, claro. Seja como for, tenho mais do que o suficiente. E Deus sabe que o meu noivo também o tem. Então, quando os livros sem relação com Jane Austen tiverem sido vendidos no momento e local devidos, o fundo terá dezenas de milhares de libras para comprar o chalé e todos os artefactos de Austen que quiser, assim como para gerar juros suficientes do capital para iniciativas futuras.

Adeline e o Dr. Gray olharam um para o outro, e depois novamente para Mimi.

— Mas permitir-nos-á que lhe paguemos, logo que o fundo obtenha os lucros da venda?

— Se insistirem — Mimi sorriu. — Tenho a maior fé tanto no Yardley como na Evie, e sei que a venda da biblioteca

enriquecerá o fundo em muitas vezes essa quantia.

— Bem, então — anunciou o Dr. Gray —, vamos pôr a proposta à votação.

Quando a reunião terminou, era já demasiado tarde para Mimi chegar a Alton e apanhar o comboio para Londres, de volta ao seu hotel. Adeline ofereceu-lhe um dos seus dois quartos vagos, para lhe poupar a caminhada de um quilómetro e meio até à Casa Grande, e Mimi aceitou, pois estava tão exausta dos acontecimentos excitantes daquela noite que estava disposta a abdicar de mais uma noite de sono num local impregnado de história de Austen.

Ao aproximarem-se do jardim da frente de Adeline, ao luar, Mimi olhou para trás, para a típica estrada de aldeia atrás delas.

— O Dr. Gray parecia hoje mais bem-disposto do que na última reunião.

— Acho que descobertas históricas avassaladoras podem ter esse efeito num homem — respondeu Adeline.

— Vocês os dois também pareciam estar a dar-se melhor. Na última reunião, parecia que ia arrancar-lhe um bocado. Se não me leva a mal a pergunta, sempre me interroguei sobre o que se passava nesse dia.

— Apenas um mal-entendido, acho eu — Adeline segurou o portão aberto para deixar Mimi passar, ainda um pouco intimidada pela famosa atriz, embora involuntariamente. Adeline estava cada vez mais impressionada pela educação e os grandes conhecimentos de Austen revelados pela glamorosa atriz, assim como pelos seus modos francos e simples. Não lhe parecia que fosse fingimento, pois Mimi parecia totalmente desprovida de competitividade e concentrada nas tarefas que tinha diante de si. Adeline também era assim; e tinha a certeza de que era isso que

fazia dela um alvo tão fácil para mulheres como Liberty Pascal, que estendiam os seus tentáculos até bem longe, em investidas constantes sobre um largo leque de vítimas.

— A sério... um mal-entendido? O Dr. Gray não me parece o tipo de homem que percebe mal as coisas.

— Acho que ele pensou que havia alguma coisa entre mim e o Adam. O que, obviamente, é completamente ridículo.

— Obviamente.

As duas mulheres olharam uma para a outra por um segundo, de sobrancelhas sugestivamente erguidas, cada uma à espera que a outra falasse.

— É costume os médicos interessarem-se tanto pela vida romântica das suas doentes?

— Ele tornou-se um pouco superprotetor em relação a mim desde o bebé, acho eu. Desde o que aconteceu. Receio... sei... que se culpa por isso.

Mimi pôs o braço em volta da cintura da outra mulher, enquanto se dirigiam para a porta da frente.

— Oh, Adeline, tive tanta pena de saber da sua perda. Devia ter-lhe dito alguma coisa mais cedo.

— Por favor, não se preocupe. E o Dr. Gray também não se devia preocupar. Especialmente agora que, tecnicamente, já não é meu médico.

Agora Mimi levantou uma sobrancelha, com interesse.

— Ah, não? Quando aconteceu isso?

— Há cerca de... um mês? Talvez mais?

Adeline destrancou a porta de entrada e Mimi seguiu-a para o interior.

— Então, como eu já disse, há muito espaço no andar de cima, agora que a minha mãe achou que devia voltar para casa e deixar-me sozinha outra vez. Na verdade, quando, se Deus quiser, comprarmos os livros todos daquela

biblioteca, poderemos guardá-los aqui... terei, certamente, espaço para eles. O seu quarto é o segundo à direita — Adeline deitou uma olhadela ao relógio de pé ao fundo do corredor. — Ainda não são dez horas... gostaria de beber alguma coisa antes de subir?

— Adoraria. Importa-se que eu vá bisbilhotando enquanto prepara as bebidas?

Adeline sorriu e dirigiu-se à cozinha, enquanto Mimi entrava na sala de estar da frente, à direita. Encontrou um candeeiro de mesa e ligou-o, reparando imediatamente no improvisado assento de janela que agora quase se afundava sob o peso dos livros. Adormecido sobre um monte de almofadas estava um adorável gatinho de pelo castanho e arruivado. Fez lembrar a Mimi o gato malhado que via a vaguear pelos jardins do chalé do caseiro sempre que espreitava por cima do seu velho muro de tijolos.

Examinando cuidadosamente as pilhas, pegou num livro de aspeto particularmente usado e depois encontrou outro candeeiro junto ao sofá. Acendeu a luz e, sentando-se, descalçou os sapatos de salto alto para, descontraidamente, pôr os pés em cima da almofada.

Quando Adeline voltou, trazia consigo dois pequenos copos de xerez.

— Obrigada, é muito simpática. Tomo sempre um copo à noite com o Jack, quando ele está na cidade. O meu noivo — quase assim que proferiu aquelas palavras, Mimi viu a fotografia do casamento sobre a cornija da lareira, parecendo ainda novinha em folha, na sua moldura de prata brilhante. Não conseguia sequer imaginar o peso das perdas que Adeline sofrera, só no último ano.

— Como se sente, Adeline? Quero dizer, a sério? — perguntou, em voz baixa.

Adeline sentou-se no sofá em frente de Mimi.

— Não tenho a certeza. Não sei bem se há sequer uma palavra para como me sinto. Acho que é isso o que mais preocupa o Dr. Gray — enquanto falava, Adeline parecia cada vez mais triste e confusa. — Até agora, em quaisquer circunstâncias, eu e o Dr. Gray sempre nos respeitámos, pelo menos, embora sejamos diferentes em muitas coisas. Ter um homem e uma mulher a trabalhar juntos em campos opostos pode ser penoso.

Mimi riu-se.

— Sim, eu sei... estou prestes a comprometer-me para a vida com uma pessoa que daria um papel num filme à *Lassie* em vez de me dar a mim, se com isso ganhasse mais dinheiro.

Adeline também se riu.

— Parece ser encantador.

— Oh, e é. É aquela mistura fascinante de vulnerabilidade de rapazinho com energia destemida. É mesmo um desafio constante. E eu costumo dar nas vistas, como se percebe pela carreira que escolhi. Mas, voltando a si e ao Dr. Gray... mencionou a palavra *respeito*...

Adeline baixou os olhos para o líquido de cor âmbar no seu copo de xerez e fê-lo girar.

— Acho que ele está desiludido comigo. Com a forma como tenho lidado com tudo isto.

— Oh, Adeline, a sério, não acredito nisso. Não acredito que ele fosse julgar... logo um viúvo.

— Mas o problema é mesmo esse. Ele também sofreu e, mesmo assim, continua em frente e ouve os problemas mais pequenos de toda a gente, e fá-lo com tanta sabedoria e calma, quase com calma demais, na minha opinião.

— Nem todos os problemas são mais pequenos. E nunca sabemos o que fazem as outras pessoas para lidarem com eles... ficaria surpreendida. Há lidar com os problemas e há

conseguir simplesmente chegar ao fim da noite — viu Adeline levantar rapidamente os olhos ao ouvir esta última observação, como se tivesse tido uma revelação, mas Mimi já sabia que não devia pressionar, no tocante a Adeline e Benjamin Gray. — E, de qualquer modo, tanto quanto me é dado observar, o Dr. Gray tem o maior respeito por si. Talvez, até, um pouco demais. Bem, talvez excetuando as suas capacidades de tirar notas.

Adeline riu-se outra vez.

— Ele é muito mais minucioso. Tanto ele como o Andrew. Graças a Deus por eles, ou as nossas reuniões transformar-se-iam em comparações de horas sobre quem é o maior patife: Henry Crawford ou Willoughby.

— Com Adam aos comandos. Sabe, é engraçado, nunca pensei muito nisso, mas não tenho a certeza de que o respeito seja o que atrai o Jack em mim. Ou o que me atrai nele, já agora.

— Na amizade, o respeito é crucial. E, claro, no casamento também. Mas talvez partilhem outras qualidades ou atrações que sejam, simplesmente, muito mais intensas. Não há dúvida de que são ambos muito bem-sucedidos no trabalho, e é natural que respeitem isso.

— Sim, suponho que assim seja — concordou Mimi, assentindo com a cabeça, pensativamente. — Quero dizer, o Darcy e a Elizabeth respeitam-se sem qualquer dúvida, embora sejam tão diferentes. E a Anne Elliot e o Capitão Wentworth, claro. Por outro lado, com o Knightley e a Emma, já não tenho tanta certeza. Mas, mesmo assim, partilham um afeto profundo e atração mútua.

Adeline bebericou o seu xerez, contemplativa.

— Talvez o Knightley respeitasse mais a Emma se não a compreendesse tão claramente... talvez o que os une seja mesmo essa vontade de a amar sem disfarces. Dessa forma,

ele pode ajudá-la, ajudá-la a aproximar-se da verdade e a fazer o que está certo, sempre que a autocomplacência dela começa a intrometer-se.

— Uau, não gosta mesmo da Emma, pois não? Tenho de admitir que é a minha preferida.

— Oh, eu sei. O Adam disse-me.

— Disse? — Mimi riu-se. — E como sabe ele isso?

— A Mimi disse-lhe. Há anos. Da primeira vez em que cá esteve. Ele queria muito gostar dela também. Mas eu e o Adam gostamos é da Lizzie. Por outro lado, o Dr. Gray é um grande fã da Emma, como a Mimi... gosta de como ela se apodera do que quer, sem se desculpar, e mantém relações fortes sem qualquer cedência. Acha-a muito carismática, pela forma como os outros se vergam à sua vontade.

Mimi observava Adeline com atenção.

— Minha querida, essa descrição parece-se um pouco consigo.

— Oh, não, nem pensar. Eu posso ser direta, mas não tenho problemas em ceder quando é necessário.

Tal como Evie, Mimi andara a analisar Adeline e o Dr. Gray com os seus poderes de observação profissionalmente aperfeiçoados, e cedências pareciam ser a última coisa de que aqueles dois fossem capazes.

— Eu estava sempre a fazer cedências ao Samuel — dizia Adeline. — Não estivemos casados muito tempo, mas crescemos juntos, e ele quis casar tantas vezes, e eu não estava preparada... ainda não sei bem porquê... parecia tudo demasiado confortável, sabe? Mas, depois, ele foi recrutado, e, de repente, certas coisas deixaram de parecer assim tão importantes.

— Perdoe-me por dizer isto, Adeline, mas concordar em casar com alguém nunca devia ser sentido como uma cedência.

Adeline assentiu com a cabeça.

— Eu sei. Acho que fui demasiado influenciada por todo o nosso passado juntos para alguma vez sentir que estava, realmente, a fazer uma escolha. Talvez *cedência* seja a palavra errada. Talvez tenha sido apenas...

— Resignação? Oh, acredite, minha querida, todas nós já passámos por isso.

— Só sei que realmente o amava. Amava mesmo, profundamente. E agora não tenho ninguém. E toda a gente quer que eu simplesmente siga em frente. Já passou um ano, dizem, está na hora de sair de casa. Dar passeios. Longos passeios. Ir ao cinema. Sair outra vez para o mundo e viver.

Mimi abanou a cabeça tristemente, face à jovem viúva.

— Adeline, o meu pai matou-se quando eu era muito nova, e ainda sinto o impacto disso, mesmo aqui sentada. Faz parte de mim, esse ato terrível e irrevogável. E, por causa dele, nunca mais me sentirei inteira. O problema não está em si: está na perda.

Adeline levantou os olhos para Mimi, com lágrimas a escorrer-lhe pelas faces. Era a primeira vez que se permitia chorar desde aquela horrível noite, lá fora, no jardim, com o Dr. Gray.

— E sim, infelizmente, mais ninguém poderá nunca compreender a sua perda. Pertence-lhe. Só a afeta a *si*. E sabe uma coisa? Não precisam de compreender — Mimi fez uma pausa. — Mas a Adeline precisa. Precisa de ter a exata noção de como isto a mudou, para que possa, realmente, seguir em frente e viver, mas como esta pessoa mudada, que, agora, pode querer coisas diferentes. Que, agora, pode querer pessoas diferentes à sua volta. E sim, Deus nos livre, pessoas diferentes para amar de novo. Ainda é tão nova... foram-lhe dadas todas essas décadas ainda por vir

por uma razão. E não foi para as desperdiçar.

Agora, Adeline estava mesmo a chorar. Aquilo era o que ela mais temia ouvir.

E era exatamente o que precisava de ouvir.

CAPÍTULO 26

Chawton, Hampshire
21 de fevereiro de 1946

Colin Knatchbull-Hugessen passeava-se pela sala de visitas do piso principal da Casa Grande, pegando aleatoriamente em vários objetos, primeiro da cornija de madeira da lareira com as gravações de marcas para afastar bruxas, e depois do aparador junto à parede com painéis de carvalho.

— Esse prato é do conjunto de porcelana da família — informou Frances, do seu lugar, na beira do sofá de chita. — Escolhido por Edward Austen com a própria Jane a seu lado. Vê o pequeno brasão da família no rebordo?

Colin pôs a travessa oval de Wedgwood novamente no lugar.

— Nunca gostei muito dos livros dela. Tem cá muitos criados?

— Receio que só um punhado deles. A propriedade não pode sustentar financeiramente muito mais do que isso. Mas são empregados de há muito tempo, exceto as duas criadas de casa, e manterão as coisas a funcionar para si.

Ele voltou o olhar para ela com algum interesse.

— Criadas de casa, hein?

Frances sentiu-se desconfortável sob o olhar dele.

— E a Josephine, que conheceu à porta. Depois há o Tom Edgewaite, que trata dos estábulos e dos jardins, mantendo-os nas boas condições em que se encontram. E

também empregamos um agricultor local, Adam Berwick, para tratar dos campos e das pastagens.

Colin estava agora a entrar na biblioteca adjacente, e Frances levantou-se para o seguir.

— Uau — assobiou ele. — Há aqui muitos livros. Já os leu todos?

— Na verdade, não. Tenho os meus preferidos; a Evie juntou-os, ali, nas duas prateleiras de baixo. O resto está na família há séculos.

— Isto podia dar uma boa sala de televisão — ele deu meia-volta no centro da sala. — Tem televisão?

— Não, só o rádio na sala de estar e o que está na cozinha.

— A televisão é a coqueluche do momento. Ouvi dizer que a BBC vai, finalmente, reabrir em breve, agora que a guerra acabou. Mas também se diz que um aparelho de televisão custa centenas de libras. Mais vale vender uma parte destes livros — pegou, ao acaso, num dos livros com aspeto mais antigo. — Deve haver aqui o suficiente para pagar duas televisões.

Frances teve de morder o lábio para se impedir de comentar. Não era do seu feitio ser, ainda que remotamente, dissimulada. Mas tinha na cabeça as vozes de muitas outras pessoas — o Dr. Gray, Evie, até Yardley Sinclair — e eles tinham-lhe dito com todo o rigor que ela não devia nada àquele «pacóvio», como Evie lhe chamava. Que tinha toda a liberdade de sair daquela casa sem qualquer obrigação de ajudar Colin Knatchbull-Hugessen a tirar ainda mais proveito dela do que já ia tirar.

Enfadado com a biblioteca, Colin dirigiu-se para a sala de jantar que ficava a seguir, com Frances a segui-lo relutantemente.

A sala de jantar fora sempre uma das suas salas

preferidas, com a sua mesa comprida e majestosa, os assentos de janela profundos e o grande piano ao canto. Colin sentou-se imediatamente ao piano.

— Na verdade, sou um bom músico, sabe? Ouça isto.

Sorriu e começou a martelar «Chopsticks» nas teclas.

Frances não sabia se conseguiria aguentar muito mais. Era difícil de acreditar que partilhasse sequer uma gota de sangue com aquele homem. Em situações normais, um tal pensamento tê-la-ia feito sentir-se um pouco snobe, mas Colin era tão detestável que era fácil não se importar nada com isso.

Mostrou-lhe o resto do piso principal, e depois dirigiu-se para a escada norte. Colin reparou nos caixotes ao fundo do patamar e, num raro momento de humanidade, perguntou:

— Deve ser difícil, renunciar a isto tudo. Sente-se bem?

— Oh, sim. É importante que a propriedade seja conservada intacta e transmitida dentro da família, até onde for possível. De certa forma, somos apenas conservadores deste lugar. Agora é, simplesmente, a sua vez.

— Bem, isso é o que eu chamo uma boa atitude. Sim, realmente. Uma boa atitude.

Fez sinal a Frances para ir à frente, e ela conduziu-o ao andar de cima. Quando chegaram ao escritório do segundo andar, que também continha várias prateleiras de livros (os mais valiosos dos quais Evie tinha, discretamente, passado para o piso de baixo enquanto lhes limpava o pó), ele deu outro sonoro assobio.

— Que diabo, lá vamos nós outra vez — virou-se no meio da sala, e Frances preparou-se para dizer o que tinha sido instruída para dizer pelos outros membros do clube, apenas dois dias antes.

— Suponho que será preciso algum tempo e dinheiro para avaliar tudo o que a casa contém — comentou, o mais casualmente possível.

Colin olhou-a com preocupação.

— Bem, não quero perder um segundo... nem um xelim... mais com *isso* do que o estritamente necessário.

Frances acenou solenemente com a cabeça.

— Afinal, tempo é dinheiro.

— Precisamente — concordou ele, começando a pensar que aquela velhota talvez não estivesse tão desfasada da realidade como parecia.

— Sabe, estou em condições de lhe fazer uma oferta pelos livros.

— Como assim?

— Temos cá um pequeno clube, apenas... oh... sete ou oito pessoas, na sua maioria aldeões locais, e angariámos dinheiro para comprar coisas relacionadas com Jane Austen.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— A sério? Que engraçado.

— Sim — disse Frances, com um sorriso quase embaraçado —, é só o nosso passatempo preferido, compreende? A vida numa aldeia não proporciona exatamente as atividades mais excitantes.

Colin ouvia-a com atenção, parecendo esquecer-se mais do mundo das corridas de cavalos, dos jogos de futebol e das empregadas fáceis a cada palavra dela.

— De qualquer forma, o nosso clube teria todo o gosto em retirar-lhe alguns destes livros das mãos. Aquelas prateleiras ali, por exemplo. E as duas de baixo no piso inferior, que eu gostava de poder guardar para mim. E mais alguns livros da biblioteca lá de baixo — Frances continuou a falar o máximo de tempo que pôde, enquanto Colin

refletia na vida em que estava a meter-se.

— Mas, claro, se quiser trazer cá alguém, para avaliar tudo isto... — ela viu um olhar vítreo assomar ao rosto dele, habitualmente demasiado animado. — Afinal, entre as duas salas, existem quase três mil livros...

— Três mil...

— Sim, mais centena, menos centena. Levaria meses a catalogar e avaliar todos eles, talvez até um ano. Especialmente se for tido o cuidado de analisar cada livro cuidadosamente, página a página.

Mas Colin Knatchbull-Hugessen não tinha um ano. Nunca tinha. Vivia entre jogos, corridas e horários de funcionamento de casas de apostas. Queria o seu dinheiro, e queria-o já.

— Quanto? — interrompeu ele.

— O clube estaria preparado para oferecer quarenta mil libras pelo conteúdo da biblioteca.

Frances pensou nos rostos de todos na terceira reunião do clube, realizada à pressa duas noites antes, e no momento em que Mimi se levantara e oferecera o dinheiro de imediato.

Colin recuperou a compostura e começou a bater com o indicador direito no queixo.

— Para si, seria uma forma de gerar dinheiro vivo a partir da propriedade, enquanto decide o que fazer com ela — disse Frances, com um olhar contemporizador. — Compreende, neste momento, infelizmente, quaisquer lucros gerados pela propriedade são imediatamente engolidos pelos seus custos de manutenção.

Colin parou de bater no queixo.

— Como disse?

Frances recordava agora o que Andrew lhe dissera acerca do estado atual dos livros contabilísticos da

propriedade.

— Bem, segundo o executor me informou, e estou certa de que o informará também, a propriedade está, na verdade, a dar um pouco de prejuízo.

— Prejuízo? Como assim?

— Bem, sabe, de cada vez que a propriedade foi herdada, os impostos sucessórios consumiram uma parte tão grande do seu valor que o novo herdeiro teve de vender coisas para a manter a funcionar. Um terreno ou dois aqui, um pequeno celeiro ou chalé ali... e resultou, até certo ponto. Mas, na verdade, tudo o que nos resta agora é esta Casa Grande e o pequeno chalé livre de encargos mais acima, e o respetivo conteúdo.

— O pequeno chalé onde irá viver.

Ela assentiu com a cabeça.

— E assim, segundo o executor, com os impostos sucessórios atualmente cobrados pela propriedade e os custos de administração crescentes, estamos com algumas dificuldades. Ele sugere que talvez pudesse converter também esta casa em apartamentos e arrendá-los. Isso geraria um pouco mais de dinheiro para manutenção, embora não o suficiente. Claro que pode sempre vender o chalé de imediato para gerar fundos mais rapidamente.

Mas Colin não tinha cabeça para negócios. Só de ouvir Frances falar acerca das preocupações financeiras que tinha pela frente, já estava com dores de cabeça. Era muito mais fácil atirar com dinheiro para cima de um balcão e deixar a sorte decidir. Ganhar algum, perder algum. Sem esforço. Esse era mais o seu estilo.

— Vou ter de pensar em tudo isto — disse ele, sem qualquer intenção de o fazer. Sem o conhecimento de Frances Knight, ele já tinha um potencial comprador em mente para a propriedade. Uma empresa de

desenvolvimento de campos de golfe e de hotéis da Escócia abordara recentemente o seu advogado, depois de ter ouvido falar da herança a um dos seus diretores, que tinha uma ligação afastada a Chawton. Sempre à procura de grandes propriedades prestes a serem desmanteladas e vendidas devido a qualquer tipo de carência financeira, a empresa de desenvolvimento estava agora de olho na propriedade de Chawton Park para um potencial hotel e campos de golfe, e no pequeno chalé do caseiro como sede do clube e sala de jantar para as mulheres dos membros e os seus convidados.

Livrar-se de alguns livros velhos e bafientos era uma coisa — mas o mais importante, na opinião de Colin, era manter a propriedade tão intacta quanto possível e vendê-la, no seu todo, a um comprador qualificado e altamente motivado. Claro que, se assim o fizesse, Frances Knight perderia a sua casa para toda a vida — mas certamente alguma alma caridosa da aldeia se apiedaria dela. Afinal, disse ele para si mesmo, não era isso a vida numa aldeia?

— Claro que sim — Frances sorriu o mais graciosamente que pôde. — Leve o tempo que precisar.

CAPÍTULO 27

Chawton, Hampshire
Nessa mesma tarde

Enquanto Colin Knatchbull-Hugessen contava os tostões na Casa Grande, o Dr. Benjamin Gray fazia a visita domiciliária que mais temera, alguma vez, fazer. Desceu a Winchester Road na direção de Alton e depois virou para uma pequena estrada. Parando em frente da primeira casa, no final de uma fila de chalés com terraço semiautónomas, olhou rapidamente à sua volta e depois bateu firme e fortemente à porta.

A porta abriu-se passado um minuto e apareceu a velha Sr.^a Berwick, agora com 70 e muitos anos.

— Houve algum acidente? — foram as primeiras palavras que lhe saíram da boca, algo que o Dr. Gray estava habituado a ouvir sempre que aparecia sem avisar em casa dos aldeões mais idosos.

— Não, está tudo bem... o Adam está em casa?

— Está a fazer uma entrega na Quinta Wyards — ela empurrou os pequenos óculos de ler mais para baixo no nariz para o espreitar de perto. — Ele estará de volta para o chá, se quiser tentar outra vez.

— Na verdade, Sr.^a Berwick, é consigo que venho falar. Posso entrar?

Ela fechou o xaile com força sobre os ombros e recuou para o deixar entrar. A casa só tinha quatro divisões: a sala em que se encontravam, a cozinha das traseiras e os dois

quartos no andar de cima. O Dr. Gray lembrava-se da antiga quinta de vários acres pertencente aos Berwick, a poucos quilómetros da cidade, agora ocupada pela família Stone, vivendo com dificuldades, e de todas as provações que as duas famílias tinham enfrentado ao longo dos anos. Pela primeira vez, apercebeu-se de como tudo aquilo era irónico — que Evie Stone e Adam Berwick tivessem crescido nessa mesma velha quinta, tendo talvez até dormido no mesmo quarto, para acabarem agora fazendo parte do Clube Austen, apesar das grandes diferenças de temperamento, ambição e idade que os separavam. Perguntou-se o que teria achado daquilo um homem menos lógico e mais místico.

A mãe de Adam apontou para um assento junto à lareira à antiga, que se estendia por toda a largura da divisão. O Dr. Gray sentou-se e viu várias pilhas de livros no chão, perto de si.

— O Adam tem andado muito distraído desde que vocês começaram com todo esse disparate da Jane Austen.

O Dr. Gray fez-lhe um sorriso indulgente. Aprendera ao longo dos anos a nunca contradizer desnecessariamente uma mulher como Edith Berwick — estava a poupar as energias para a batalha, muito diferente, que se avizinhava.

— Gostava de saber se tem alguma ideia do motivo que me trouxe aqui.

Ela estreitou os olhos, mas não disse nada. Ele percebeu que ela não lhe ia facilitar a vida nem um milímetro.

— Edith... Sr.^a Berwick... acho que está na altura. De contar ao Adam. As coisas mudaram para vós muito drástica e subitamente na última semana. Ouviu falar, claro, no testamento do Sr. Knight?

Viu-a engolir em seco nervosamente enquanto continuava a fitá-lo.

— Sim, claro. O que tem isso a ver comigo e com o Adam?

— O Adam é o herdeiro mais próximo — disse o Dr. Gray, o mais depressa e energicamente que pôde.

— Não é nada.

— Edith, por favor... não pode privá-lo de tudo aquilo, sem o conhecimento dele — o Dr. Gray olhou em volta da pequena sala escura. — Ele seria novamente dono dos velhos campos dos Berwick, e da casa e dos estábulos, e poderia manter as coisas ou alterá-las como achasse melhor... mas, conhecendo o Adam, ele manteria aquela velha casa em funcionamento, fazendo dela o centro da aldeia, como nos velhos tempos. Deus sabe o que lhe acontecerá nas mãos de outra pessoa.

— Então, há outra pessoa?

Aquilo queria dizer que ela sabia mais do que mostrava.

— Sim, um Sr. Knatchbull-Hugessen, da Grande Birmingham. Está lá na casa neste preciso momento, e a Menina Frances está a mostrar-lha. A Menina Frances, que ambos sabemos não merecer, na verdade, nada do que aconteceu. Não que o velho tenha surpreendido alguém com o seu espírito vingativo.

O Dr. Gray perguntou-se se a sua causa seria beneficiada ou prejudicada pela sua crítica do antigo patrão dela, o Sr. Knight.

A Sr.^a Berwick abanou a cabeça, convictamente.

— Não lhe vou contar. Não pode obrigar-me. Fez um juramento.

O Dr. Gray suspirou audivelmente.

— Sim, fiz. É por isso que este tem sido o nosso segredo há bem mais de 20 anos. Foi em janeiro de 1919, não foi? Nunca me esquecerei. Nunca. Eu tinha voltado para cá para ajudar o velho Dr. Simpson, que estava a lidar sozinho com o surto.

— Não lhe vou contar — repetiu ela, como se não tivesse ouvido uma palavra do que ele dissera.

— Com quem está mais preocupada, consigo mesma ou com o Adam? Porque, como médico dele, acho que ele está em perfeitas condições de ouvir a notícia, se isso significar herdar tudo aquilo. Não sei bem se teria dito o mesmo há alguns anos. Mas, agora, ele está entre amigos, bons amigos, e nós vamos tomar conta dele, tal como a senhora fez, sozinha, durante todos estes anos.

— Ele amava o pai mais do que tudo. Não conseguirá suportar isso. Eu sei.

O Dr. Gray observava-a atentamente. Sabia da sua propensão para os proveitos egoístas, do seu interesse e prazer avassaladores no fracasso alheio. Do seu cinismo. Do seu ódio a si própria, que se manifestava de todas essas formas. Não gostava dela — nunca gostara. Ela não tinha maneira de saber disso — o sorriso firme e amável que ele lhe fazia na rua, a inclinação respeitosa do chapéu, os acenos de cabeça pacientes enquanto ela destilava o seu veneno contra os outros aldeões, sempre o haviam mantido nas suas boas graças, como ele sabia que precisava de estar. Era assim que ela exercia o pequeno controlo que tinha sobre a vida na aldeia, através de táticas de terror auxiliadas por uma língua afiada e impiedosa. Ninguém queria dar-se mal com Edith Berwick, e ele só podia imaginar qual teria sido o custo disto, ao longo dos anos, para a saúde do pobre Adam.

Esta era uma das razões por que, desde que soubera do novo testamento, ele hesitara em dizer alguma coisa. Mas os seus escrúpulos já vinham de há muitos anos, durante a epidemia de gripe espanhola que devastara Chawton e o mundo quando a Grande Guerra estava a terminar, e o Dr. Gray era apenas um estagiário. Depois de alguns dias de

febre, o Sr. Berwick começou a ter hemorragias inexplicáveis e foi levado à pressa para o Hospital de Alton. Aí, o Dr. Howard Westlake, recentemente regressado da guerra como médico e herói local, sugerira uma transfusão de sangue imediata usando técnicas que aprendera na Frente Ocidental. Adam fizera questão de doar sangue, tendo sido considerado o candidato mais provável a ter um sangue do mesmo tipo do do pai, mas, mesmo assim, não foi possível salvar o Sr. Berwick. Mais tarde, o Dr. Gray só disse a verdade à Sr.^a Berwick: que, com base na comparação dos seus tipos de sangue, Adam não podia ser filho do seu pai.

O Dr. Gray tivera de adivinhar a verdadeira história, pois a velha viúva Berwick ficara, na altura, traumatizada pelo desgosto. Depois, anos mais tarde, muito depois de ele se ter mudado para Chawton para substituir o Dr. Simpson no consultório, ela contara, um dia, tudo ao Dr. Gray, num raro momento de confiança e sinceridade. Ele não se lembrava bem porquê — só sabia que, desde então, em vez de agir como se ele tivesse algo que pudesse usar contra ela, a Sr.^a Berwick agira como se, agora, ela é que tivesse uma vantagem sobre ele, tal era o brilhantismo intrigante das suas táticas de poder. Como se estivesse, simplesmente, à espera de que ele traísse o juramento que lhe fizera e quebrasse.

Ele perguntava-se quanto tempo poderia ela resistir a fazer o mesmo em relação ao filho. Perguntava-se se a ideia da riqueza que esperava Adam triunfaria sobre as suas dúvidas, pois, por muito delapidada que estivesse a propriedade, ainda rendia milhares de libras por ano. O Dr. Gray estaria a mentir se não reconhecesse, ao menos perante si próprio, que gostaria muito de ver todos os bens serem entregues a um homem como Adam, com o seu

compromisso para com o legado de Austen e para com a aldeia de Chawton em geral, já que não podiam ir para Frances.

O Dr. Gray remexeu-se um pouco no assento. Esperara até àquele dia para dizer alguma coisa porque sempre esperara que Frances acabasse por ser a herdeira.

— Porque veio cá hoje? — perguntou a Sr.^a Berwick, como se lhe lesse o pensamento.

— Achei que estava na altura.

— Mas já sabe disto há semanas. O Adam disse-me que o senhor estava na leitura do testamento — deitou um olhar agressivo ao Dr. Gray. — Provavelmente, até sabe há mais tempo, com pessoas como a Harriet Peckham a trabalhar para si.

— Não posso falar de nada disso. Sendo também minha doente, estou certo de que compreende a minha necessidade de discrição. Mas as coisas mudaram recentemente e de forma tão dramática, como comecei por dizer... e sempre me pareceu melhor que tomasse esta decisão por si mesma. Seja como for, garanto-lhe que respeitarei o que decidir fazer. Mas o tempo está a esgotar-se, agora que o Sr. Knatchbull apareceu. E eu queria que não lhe restassem dúvidas sobre isso.

— O meu rapaz não vai querer nada disso.

— Acho que está enganada.

— Eu sei que estou certa. Toda a gente ficaria a saber, e seria uma vergonha para ele, tanto como para mim, e nem todas as terras e dinheiro do mundo o compensariam disso.

— Eu sei que é essa a sua opinião, de outra forma teria contado ao próprio Sr. Knight quando teve oportunidade para isso. Por alguma razão não lhe contou a ele nem ao Adam, mesmo tendo o Sr. Berwick morrido há tantos anos. Mas, por favor, pense em quais são as suas verdadeiras

razões.

Dizendo isto, ele levantou-se, mas ela permaneceu sentada, olhando em frente. Ele saiu do chalé sentindo-se um pouco aliviado. Fizera o que podia por Adam sem ter quebrado a confidencialidade devida aos doentes — para além disso, tinha as mãos atadas. Estava também aliviado por a velha mulher não ter insistido mais na relação entre ele falar agora e o interesse do clube no pequeno chalé ao fundo da estrada. O Dr. Gray tinha consciência do seu próprio interesse em tudo aquilo, e passara semanas a tentar geri-lo. Mas consolava-se com o facto de que, em todos os anos em que conhecera Adam Berwick, nunca o vira tão empenhado, ou vivo, ou feliz. O Dr. Gray sabia que o Clube Jane Austen era o grande responsável por isso, e que Adam fora o primeiro a desejar adquirir o chalé para o transformar em monumento à sua autora preferida. E que, em consequência, já não lhe cabia a ele, nem à Sr.^a Berwick, manter aquele segredo. Adam merecia saber a verdade, para fazer dela o que entendesse.

Na manhã seguinte, muito cedo, Liberty Pascal, usando um batom ainda mais brilhante do que o habitual, apareceu à porta do escritório do Dr. Gray. Adotava muitas vezes aquela forma estranha de se encostar à ombreira, como que ansiando por um convite para entrar e libertar-se de uma carga. Ele refletiu mais uma vez nas probabilidades de ele, sem o saber, ter contratado alguém tão ligado a Adeline, além da infelicidade de se tratar de alguém tão competitiva em relação a esta.

— Sim, Menina Pascal?

— O Adam Berwick está aqui para o ver. Não vi o nome dele no seu livro de marcações.

— Não faz mal. Por favor, mande-o entrar.

Era raro o Dr. Gray emocionar-se com o seu trabalho — orgulhava-se de que assim fosse. Mas, subitamente, foi assaltado pela ideia de Adam ter de visitar as poucas recordações firmes e agradáveis do seu passado distante, e ter de as conciliar com a realidade do que realmente se passara. Ninguém quer saber que as coisas não eram o que pareciam.

Poucos segundos depois, Liberty reapareceu com Adam a arrastar-se atrás dela. Ele tirou o boné quando entrou no gabinete, e o Dr. Gray reparou que Liberty lhe dirigiu um sorriso especialmente largo e fez uma ligeira vénia antes de deixar os dois homens a sós.

— Adam, entre, por favor — o Dr. Gray levantou-se e fechou a porta, sentando-se depois, novamente, por trás da secretária.

— Não quero falar muito nisto — começou o homem, desnortado.

— Claro, Adam, compreendo perfeitamente. Tem de tomar conta de si, e da sua mãe. Deve ter-lhe sido extremamente difícil contar-lhe. Nem posso imaginar.

Adam agarrava o boné com tanta força que estava a ficar com os nós dos dedos brancos. O coração do Dr. Gray condoía-se um pouco do pobre homem — nunca tinha descanso. Contudo, ali estava ele, tentando relacionar-se com pessoas como o Dr. Gray, Adeline e Evie, tentando construir algo fora do seu pequeno mundo. Para um homem como ele, isso requeria muita coragem e energia. Aquela terrível Primeira Guerra e o seu grau desumano de perdas tinham, há anos, privado Adam Berwick de algo essencial — a compreensão da esperança — a compreensão de como, por vezes, a esperança é tudo o que temos. Mas também de que, às vezes, a esperança pode bastar-nos.

— Não queria que soubesse só para o clube poder ficar

com o chalé. Preciso que saiba isso, Adam, como seu médico e seu amigo. É um homem forte... olhe para aquilo a que já sobreviveu. Sobreviverá também a isto, e porá tudo no seu lugar, seja o que for que decida fazer. Mas é o Adam que deve decidir tudo isso.

— O meu pai...

O Dr. Gray ouviu a dor na voz de Adam, que lhe morreu na garganta.

— Eu sei... mais uma vez, não temos de falar nisso. Mas, como médico, deixe-me dizer apenas isto: de todos os laços de sangue e nascimentos que vejo à minha volta, todos os dias, e de todos os bebés dados à luz, e das lágrimas dos pais, a única coisa que me fica na memória é o amor. O Adam foi amado... o Adam é amado. O seu pai amou-o, e guarda a recordação dele com carinho, e só isso é que importa. E pode proteger essa recordação como quiser.

Adam assoou-se a um lenço que tirou do bolso.

— Estou sempre a lembrar-me do chalé, e dos livros e das outras coisas, e se perdermos isso tudo? Já para não falar na Menina Frances e na única casa que lhe resta?

O Dr. Gray deu a volta à secretária e encostou-se a ela, de frente para Adam.

— Não tem de se preocupar com isso agora. Eu só queria... e a Sr.^a Berwick também... nós só queríamos que tivesse a informação. Mas ninguém tem nada a ver com o que decidir fazer com ela. E não entre já em pânico por causa da Menina Frances; afinal, o Sr. Knatchbull pode nunca vir a vender nada.

Porém, o Dr. Gray estava comovido pelo visível conflito a que Adam estava sujeito, o mesmo conflito que ele próprio tinha enfrentado. Se eram cuidadores de algo maior do que eles próprios, cada um deles tinha uma responsabilidade que ultrapassava o seu interesse pessoal e que era

incrivelmente difícil de negar.

— Quero que alguém me diga o que fazer.

O Dr. Gray fez o seu primeiro sorriso genuíno em vários dias.

— Acredite, Adam, todos nos sentimos assim, de vez em quando.

— O que faria o senhor?

— Sinceramente, não sei. É isso que torna todo este assunto tão difícil. É completa e totalmente *consigo*. Tal como o resto da vida. Nenhum de nós pode, alguma vez, dizer com certeza o que faria, sem ter passado pelo que a outra pessoa passou até aí.

Adam voltou a enfiar o lenço no bolso da frente do casaco.

— Quero fazer uma votação.

— Como? — perguntou o Dr. Gray, surpreendido.

— O clube. Quero contar-lhes... quero que *o senhor* lhes conte... e quero que todos votem. A Menina Frances disse-me ontem, quando parei na casa dela ao voltar de Wyards, que esse Sr. Knatchbull está muito focado no dinheiro que poderá fazer com a casa. Ela acha que talvez consigamos os livros... diz que isso não será muito difícil de obter... mas tudo o resto, e o chalé, quem sabe. Por isso, quero uma votação, oficial e como deve ser, e em breve. Confio em todos os membros do clube.

O Dr. Gray olhou-o com atenção.

— Adam, não conhecemos toda a gente assim tão bem. O Sr. Sinclair e a Sr.^a Harrison são, ainda, meros desconhecidos, por muito que eu goste deles e os respeite.

Adam abanou a cabeça com firmeza.

— Não, não faz mal. Eu confio neles. E confio em si — deitou ao Dr. Gray um olhar contundente e emocional. — O senhor sabia, durante todos estes anos, e nunca disse uma

palavra.

O Dr. Gray estendeu a mão direita para tocar no ombro de Adam, uma demonstração invulgar da compaixão interna que sentia por todos os seus doentes, mas que, estoicamente, escondia no desempenho dos seus deveres profissionais.

— Adam, era importante que assim fosse, claro... mas, em alguns aspetos, se pensar bem nisso, não tem qualquer importância. Não muda nada; não muda o que partilhou com o seu pai. O resto, mesmo o papel da sua mãe em tudo isto, é secundário, pelo menos na minha opinião. Há o centro da vida, e há tudo o que voa à sua volta, na periferia. E é o Adam, e só o Adam, que pode decidir o que quer manter no seu lugar. Não deixe que ninguém o influencie.

Adam assentiu com a cabeça.

— Mas continuo a querer a tal votação.

CAPÍTULO 28

Chawton, Hampshire

23 de fevereiro de 1946

Segunda Reunião de Emergência do Clube Jane Austen

A ordem de trabalhos para a reunião dessa noite era o bastante para fazer Andrew Forrester perder a cabeça.

— Então estamos aqui para fazer uma votação, uma votação sobre se Adam deve reivindicar a sua herança da propriedade Knight? Uma pretensão baseada na alegada paternidade do Sr. Knight, um facto que até Adam desconhecia até há um ou dois dias?

O Dr. Gray assentiu com a cabeça. Estavam todos novamente reunidos na sua sala da frente. Estavam todos ali, exceto Adam, o que era um alívio, dada a magnitude da decisão com que ele se debatia.

Mimi tinha-se encontrado com Yardley na estação nesse sábado à tarde, não tendo chegado a voltar a Londres depois da primeira reunião de emergência, quatro noites atrás. Ficara em casa de Adeline na primeira noite, e depois mudara-se para o quarto de visitas da Casa Grande. O ar do campo fazia-lhe bem — nunca tivera um aspeto tão encantador.

— Mas tu sabias disto? Há quanto tempo? — perguntou Andrew ao Dr. Gray.

— Não posso entrar por aí, Andy, como bem sabes — respondeu o Dr. Gray. — Mas tenho aqui autorização

escrita, tanto do Adam como da mãe, para revelar a natureza da pretensão aos atuais membros do clube. Isto é para os teus arquivos de solicitador, como executor dos bens, para ser guardado com a maior confidencialidade — o Dr. Gray passou os papéis a Andrew, e depois voltou a sentar-se.

— Pobre Adam — disse Adeline. — Perde quase toda a família, e agora isto. Como está ele?

O Dr. Gray pousou as duas mãos nos braços do seu cadeirão de orelhas, perto da lareira, e olhou para o chão.

— Não posso dizer muito, claro, porque ele também ainda é meu doente, mas pediu-nos a todos que votássemos hoje os seus próximos passos, porque ele está demasiado emocionalmente abalado, julgo eu, para tomar uma decisão sem a nossa ajuda. A nossa votação não é, de forma alguma, determinante ou vinculativa para ele. É apenas para o ajudar a decidir.

— Também não deve ter sido uma decisão fácil para si, dizer alguma coisa — observou Adeline.

O Dr. Gray levantou os olhos, surpreendido com o tom compreensivo da voz dela. Parecia terem passado vários meses desde que o tratara com tudo menos compaixão. Aquela frase podia não ter parecido de grande importância para os outros, mas, ao Dr. Gray, as palavras dela deram tanto conforto como esperança — a mesma sensação de esperança que ele, tal como Adam, perdera há muito.

Andrew leu as duas declarações ajuramentadas que tinha diante de si.

— Então é uma reivindicação potencialmente válida, não há dúvidas sobre isso?

O Dr. Gray assentiu com a cabeça.

— E além de ti, o Adam e a mãe são as únicas pessoas que sabem... o Sr. Knight nunca soube, certo?

— Sim, o que torna a redação do testamento («parente masculino vivo mais próximo») tão importante. Sem a palavra *legítimo*, corrija-me se estiver errado, qualquer pessoa com laços de sangue pode fazer a reivindicação.

— Sim, está certo, é o que diz a lei — respondeu Andrew.

— Bem, então vamos discutir em grupo e votar, obviamente juntando a minha abstenção e a da Menina Frances à do Sr. Berwick. Isto significa, segundo a lei das reuniões que seguem os procedimentos parlamentares, que a maioria dos oito membros do clube, ou seja, cinco, tem de votar afirmativamente para uma resolução ser aprovada. Isso deixa os cinco que ainda podem votar numa situação bastante difícil.

— Bem, eu, pelo menos, não vejo o que há a discutir — disse Adeline. Estava sentada no pequeno sofá de dois lugares, junto a Evie. Mimi e Yardley estavam no sofá à sua frente. Andrew tinha puxado mais um cadeirão de orelhas, colocando-o entre os sofás para ficar virado para a lareira, em frente da qual o Dr. Gray e Frances estavam sentados em lados opostos.

— Quero dizer, é claro que o Adam está confuso com as notícias, com muita razão, e deve estar muito perturbado — continuou Adeline. — E não vejo como revelar a história por trás disto a toda a cidade terá num homem tímido como o Adam qualquer efeito para além de o tornar ainda mais inseguro do que já é.

— Não tenho a certeza de que o Adam seja inseguro, parece-me mais calado — disse Yardley.

— Mas o senhor não o conhece como nós — retorquiu Adeline. — A vida de aldeia é, de certa forma, extremamente intensa: nada escapa a ninguém. Não há anonimato, não nos podemos esconder num dia pior, como se faz na cidade. Os vizinhos obrigam-nos a revelarmo-nos,

dada a sua intensa proximidade.

— Faz isso parecer muito tentador — disse o Dr. Gray, permitindo-se retomar o seu velho tom de provocação para com ela.

— Não é por os meus vizinhos saberem tudo o que faço, todas as casas que visito ou deixo de visitar, que continuo aqui.

— É certo que torna as decisões muito mais pesadas sabermos que, em qualquer caso, serão seguidas de um coro de aprovação ou desaprovação — disse Frances.

— Eu percebo isso — disse Mimi. — De certa forma, é como em Hollywood.

Todos se viraram para olhar para ela.

— Sim — Evie riu-se francamente —, é exatamente isso o que dizem de Chawton.

Mimi sorriu modestamente.

— Só quero dizer que temos sorte por podermos viver em lugares onde tantas pessoas se importam connosco... o que interessa é percebermos *porque* se importam. O que adoro aqui é que vocês se importam porque têm uma história juntos. Conheceram os pais e os avós uns dos outros, e os irmãos correram nos jardins uns dos outros, e, quando os tempos são difíceis, ajudam-se uns aos outros. Em Hollywood, acontece o contrário. Toda a gente vai para lá para começar de novo e inventa uma história... inventa até um novo nome. A propósito, o meu é Mary Anne, e não Mimi.

— Está a brincar! — exclamou Evie. — Está prestes a filmar *Sensibilidade e Bom Senso* como Elinor e o seu nome verdadeiro é Mary Anne?

— Sim. Irónico, não é? Embora, neste momento, até isso esteja em dúvida... de repente, lembraram-se de que querem uma atriz mais jovem para fazer de Elinor, para

condizer com a atriz mais jovem ainda que vai fazer de Marianne.

Adeline e Frances olharam uma para a outra.

— O Sr. Leonard permitirá que isso aconteça? — perguntou Frances.

— Suspeito que a ideia foi dele — respondeu Mimi maliciosamente, fazendo Adeline e Frances olharem rapidamente uma para a outra de novo. — De qualquer modo, numa cidade em que ninguém sabe o nosso verdadeiro nome, e muito menos de onde vimos, o que nos prende seja ao que for? O que nos mantém os pés no chão?

— Oh, nós fazemos imenso isso por aqui, garanto-lhe — respondeu Adeline. — Ninguém em Chawton quer que outra pessoa se erga para além da sua condição. E nem me faça falar do sistema educativo. Por alguma razão a Evie estudou sozinha na biblioteca durante todos estes anos. Não que não tenhas adorado cada minuto — acrescentou, sorrindo à rapariga.

O Dr. Gray e Andrew olharam um para o outro, conscientes de que estavam rapidamente a perder o controlo da sua limitada ordem de trabalhos.

— Portanto, Adeline — interveio Andrew —, acha que os riscos seriam demasiado altos para o Adam, tanto emocionalmente como em termos de reputação. Evie e Yardley, e vocês?

Evie hesitou. Yardley estava de frente para ela no sofá e, por alguns segundos, miraram-se com um ar entendido, ambos recordando aquela noite na biblioteca em que ela lha revelara os seus segredos. Eram, realmente, muito parecidos, e, nessa noite, tinham jurado manter a biblioteca e a coleção de artefactos relacionados com Austen que existiam em toda a casa tão intactos como possível.

— Posso falar primeiro? — perguntou Yardley. — Eu sei

que sou novo para todos vós, mas acho mesmo que o Adam conseguirá lidar com o que vier a acontecer. Que ele se sente maravilhosamente apoiado por todos vós, pelo clube e pelo que estamos a tentar fazer. E, falando profissionalmente, o risco de perdermos todos aqueles artigos, além da própria casa, é muito significativo. Uma vez perdidos, podemos nunca mais conseguir recuperar sequer um saleiro da família Austen. Ainda nem arranhámos a superfície do conteúdo do resto da casa, os quadros, a mobília e quem sabe o que mais. Ainda não tinha mencionado isto, mas a Menina Frances mostrou-me hoje uma escrivaninha de mogno no quarto do pai, que poderá muito bem ser a maior descoberta de todas. A Sotheby's vendeu uma por mais de cem mil libras em setembro passado, com base na hipótese de ser a que Jane Austen usava quando viajava. Penso que, em vez disso, será esta a verdadeira. Podemos estar perante dezenas de milhares de libras, só por aquela escrivaninha.

— Bem, isso é realmente irónico — disse Andrew —, já que foi nessa mesma escrivaninha que o velho alterou tão maldosamente o testamento.

Todos se viraram para olhar para Andrew, surpreendidos pelo seu tom ressentido.

— Evie — continuou ele, ignorando os olhares —, ainda não a ouvimos falar. É a guardiã do catálogo. O que acha? Concorde com o Yardley?

Evie não estava habituada a ser posta na ribalta daquela maneira. Deitou um olhar quase desamparado à Menina Frances, receosa de dizer alguma coisa que a magoasse, a ela ou a Adam, e depois, finalmente, falou.

— Não sou profissional de nada, mas acho que Yardley tem razão. Tendo em conta todas as pesquisas que fiz, vendo tudo o que foi desperdiçado ao longo dos séculos,

tentando encontrar o que foi perdido... por muito difícil que possa ser para Adam, isto pode significar a destruição de uma das coleções culturalmente mais importantes que existem. Não há forma de escapar a este facto.

— Bem, não seria a destruição completa — contrapôs o Dr. Gray. — Quero dizer, sim, ela viveu aqui dez anos e também escreveu aqui os últimos três livros... mas também viveu muito tempo em Steventon, e foi aí que passou mais tempo, quase tanto como em Bath. Sabemos onde eram algumas das suas outras casas, e as de Bath, em especial, ainda estão de pé. E, mesmo que o Adam não reivindique aquilo a que tem direito, talvez ainda consigamos comprar a biblioteca ao Colin, já que, pelo que percebi do que disse a Menina Frances, ele tem uma espantosa falta de interesse nos livros. Talvez possamos fazer o mesmo com alguns outros objetos, como a escrivaninha. Não se perderia a totalidade e, com o tempo, talvez pudéssemos encontrar outra localização apropriada.

— Está mesmo a falar a sério? — perguntou Adeline.

— Não o diria se não estivesse — respondeu o Dr. Gray, na defensiva.

Adeline encolheu os ombros.

— É que não parece seu... geralmente, é tão determinado em manter tudo como está.

O Dr. Gray remexeu-se desconfortavelmente na cadeira, sentindo Andrew olhá-lo com curiosidade.

— Posso dizer uma coisa? — perguntou Mimi. — Provavelmente, estou a ser demasiado emocional, mas a verdade é que sou atriz, por isso, que outra coisa seria de esperar? É que eu sei o que é ter arrependimentos, verdadeiros arrependimentos, acerca da vida. Não quero ter esses arrependimentos em relação ao Adam, de maneira nenhuma.

Fez uma pausa. Toda a gente na sala ficou invulgarmente calada. Não era por acaso que Mimi dominava um ecrã de seis metros de altura em cinemas de todo o mundo.

— E também sei o que é perder um pai, e sentirmo-nos impotentes perante isso, e ter sempre ficado na dúvida sobre se poderíamos, de alguma forma, tê-lo salvado. A dor e o arrependimento escavam um buraco em nós que nada poderá nunca preencher. E acreditem, eu tentei. E suspeito que alguns de vós também tenham tentado, com as vossas perdas, ao longo dos anos. E a realidade dura e esmagadora de tudo isto é que o buraco nunca pode ser preenchido. Que temos de viver com ele, com esta ausência que não é substituível por dinheiro, ou objetos, ou arte... ou até por outra pessoa, por muito que aprendamos a amar e a confiar outra vez.

Mimi fez uma pausa. Tinha a sala na mão e sabia-o. Por muito talentosa que fosse, nunca conhecera melhor o seu público.

— Por isso, parece-me que nos está a ser pedido que votemos em criar um buraco dentro do coração do Adam, e depois esperemos que, de alguma forma, ele consiga viver com isso. Bem, eu não posso fazer isso... não posso fazê-lo de propósito. Porque, se estivermos errados, é ele que terá de viver com isso todos os dias, a cada segundo da sua vida. E nada vale isso.

— Concordo — disse Adeline. — E, mais ainda, acho que Jane Austen também concordaria.

O Dr. Gray recostou-se na cadeira.

— Vamos votar, então? Esperem, Frances, ainda não a ouvimos. O que acha, já que é a principal interessada?

Frances estava sentada junto à lareira, com as mãos apertadas no colo.

— Acho que temos um irmão — chorou ela, com as

lágrimas a escorrerem-lhe pelas faces.

Era tudo o que os outros precisavam de saber.

CAPÍTULO 29

Chawton, Hampshire
Abril de 1946

O dia do casamento de Mimi com Jack Leonard aproximava-se rapidamente. Ele não gostara muito da recente oferta de uma parte significativa do dote dela, como lhe chamava a brincar, ao Clube Jane Austen para que esta pudesse comprar uma pilha de livros de uma mansão velha e decadente. Quarenta mil libras constituíam o seu cachê por vários filmes, e ela nem sequer tinha planos para fazer muitos mais.

Passara um ano desde que se tinham conhecido junto à piscina, e Jack começava agora a sentir-se um pouco irrequieto. Reconhecia bem aquela sensação — a marca do bronzeado no seu anelar tinha-lhe dado muito trabalho a obter. Esta era uma das razões por que tinha querido um noivado mais curto: não se via a manter-se suficientemente interessado para se privar de mulheres por muito tempo. Mas Mimi queria que o casamento fosse na igreja da paróquia de Chawton, e isso requeria o uso de alguma astúcia com o Reverendo Powell, depois de a venda do chalé para residência em tempo parcial ter fracassado.

Depois disso, não sendo pessoa para perder a face num negócio, Jack começou a ver a propriedade de Chawton Park e o pequeno chalé menos como um refúgio para a sua esposa e mais como uma oportunidade de investimento. Sendo um ávido jogador de golfe, adquirira recentemente

uma quantidade significativa de ações com direito a voto numa empresa escocesa de desenvolvimento de campos de golfe chamada Alpha Investments Limited, e fora ele o primeiro a sugerir ao conselho de administração a ideia de comprar toda a propriedade Knight para desenvolvimento futuro. Há já muitas semanas que era confidente das atualizações noturnas ocasionais de Mimi acerca do Clube Jane Austen, dos problemas financeiros da Menina Knight e da recente nomeação de um Sr. Knatchbull como herdeiro, após uma votação bastante bizarra do clube, sobre o qual, por uma vez, Mimi se recusara a contar-lhe pormenores.

— Mas, essencialmente, vocês, vocês os cinco, votaram em *não* contestar a reivindicação do Sr. Knatchbull usando informações que tinham ao vosso dispor?

— Sim, resumindo, foi isso — respondera ela, pelo telefone.

A pergunta seguinte dele — «Tens a certeza de que o clube compreende a sua própria declaração de missão?» — não correria muito bem.

Por isso, à luz destas informações confidenciais, dos pesados impostos sucessórios agora devidos e do clima económico plano do Reino Unido a seguir à guerra, Jack vira uma oportunidade de comprar a propriedade ao pobre Colin Knatchbull e, assim, aconselhara o conselho de administração a fazer uma oferta baixa o mais depressa possível.

Em relação ao conteúdo da biblioteca, que lhe fora descrito com pormenores exaustivos pela entusiasmada Mimi, Jack já não estava tão interessado. Qualquer que fosse o valor potencial dos livros, que ele estimava ser inferior ao calculado, duvidava que o atual interesse em Jane Austen se mantivesse por muito tempo. E o próprio clube parecia-lhe um grupo de inadaptados com pouca

experiência e nenhuma cabeça para os negócios: um médico de província, uma velha solteirona, uma professora, um agricultor solteiro, um leiloeiro visionário, um solicitador avesso a conflitos, uma criada de copa e uma estrela de Hollywood.

A avaliação da Casa Grande, dos campos que a cercavam e do chalé antes da guerra era de cem mil libras. Quando Mimi contou a Jack que a Menina Frances oferecera a Knatchbull quase metade dessa quantia só por uma pilha de livros, Jack quase caíra da sua espreguiçadeira. Os acionistas da Alpha Investments nunca pagariam nem uma parte disso, portanto Jack recostara-se e deixara Mimi oferecer o preço da compra ao clube. Isso entusiasmava-a — e ele gostava de manter todas as suas mulheres num estado de excitação.

Uma semana antes do casamento e da quinta reunião do Clube Jane Austen, o diligente advogado de Colin Knatchbull tratou dos papéis para a venda do conteúdo da biblioteca, sem exame prévio, ao Fundo Memorial Jane Austen, por quarenta mil libras. Logo no dia seguinte, Adam Berwick levava a sua carroça do feno até ao portão da Casa Grande e, numa espécie de cadeia humana, os oito membros do clube e os três empregados a longo prazo de Frances tinham retirado da casa todos os 2375 livros. A mudança ocupou a maior parte do dia, pois os livros tinham de ser mantidos estritamente na mesma ordem por que estavam nas prateleiras, para corresponderem ao catálogo de Evie Stone — isso facilitaria qualquer avaliação oficial subsequente. Depois, a carroça de Adam levava os livros através da cidade até à casa de Adeline Grover, pois ela tinha dois quartos livres no andar de cima onde guardar tudo.

Agora, tudo o que o clube podia fazer era esperar e

desejar que, a seu tempo, Knatchbull concordasse em vender também o velho chalé do caseiro, sendo este o local mais propício para o desejado Museu Jane Austen.

— Bem, olhem para isto — gritava a mãe de Adeline da janela da sala da frente, logo de manhã, no dia do casamento. — O Sr. Berwick apareceu no *Rolls* da família Knight. Porque será?

A Menina Lewis olhou para trás e sorriu sugestivamente à filha, que estava sentada na cadeira de baloiço junto à lareira, relendo um pequeno exemplar de bolso de *Orgulho e Preconceito*.

— Guarda o livro, minha querida, tens um visitante masculino, que chegou em grande estilo — a Sr.^a Lewis arrumou um pouco o assento da janela. — Todos estes livros, e agora todos aqueles mais velhos no andar de cima, a desfazerem-se pelas costuras. Não percebo mesmo o que vos deu.

— Mãe, podes atender a porta por mim? Estou quase a acabar este capítulo.

A Sr.^a Lewis abanou a cabeça.

— Que disparate, já leste essa história uma dúzia de vezes. Podes ir tu mesma receber o teu convidado. E, Adeline, por favor, sê simpática.

— Mãe! — exclamou Adeline com um suspiro, fechando relutantemente o livro. — Isso ofende-me. Sou sempre simpática para o Adam, que é um homem muito gentil. *Embora* — ergueu a voz para sublinhar bem as palavras — não esteja a dizer isto com qualquer sentido romântico.

— Porque é que toda a gente fala sempre assim acerca do Adam? É um homem encantador, muito amável, e bastante agradável à vista, à sua maneira.

— Bem, para começar, ele não está interessado em

alguém como eu.

— Que ridículo! Em quem mais havia ele de reparar, por aqui? Certamente não naquela pequena Evie Stone. É demasiado desconfiada e astuta. Apanhei-a a esquadrinhar a estante do patamar lá de cima da última vez que cá veio.

— Mãe, eu dei-lhe autorização. Ela está convencida de que alguns volumes antigos da biblioteca da família Knight podem ter-se dispersado ao longo dos anos pela aldeia e para lá dela, e está sempre atenta aos que possam ter o brasão da família.

A Sr.^a Lewis abanou a cabeça.

— As vossas motivações ultrapassam-me.

— E *mais* — continuou Adeline, exasperada —, o Adam é bastante mais velho do que eu.

— Que disparate! Não é nada. E, de qualquer maneira, os homens mais velhos são, muitas vezes, companheiros muito mais maduros e convenientes. Além disso, quantos anos pode ele ter a mais do que tu?

— É pouco mais novo do que o Dr. Gray, acho eu — Adeline observou atentamente a reação da mãe, recordando-se de como ela fora difícil para o médico da aldeia nas visitas dele do último inverno.

— A sério? Bem, os quarenta ainda podem ser uma idade produtiva, quando não se tem filhos a atrapalhar.

— Oh, mãe — Adeline sorriu-lhe —, espero que saiba o quanto me tem ajudado, apesar de estar atrapalhada, e isso tudo...

Ouviu-se uma pancada suave na porta da frente.

— Para depois ser substituída por uma pilha de livros bolorentos — respondeu a Sr.^a Lewis, cujo sentido de humor era afiado e direto como o da filha, enquanto Adeline ia abrir a porta.

Adam e Adeline tomaram uma chávena de chá com a Sr.^a

Lewis durante alguns minutos, e depois dirigiram-se ao andar de cima, como tinham feito na maior parte dos dias dessa semana. Sentavam-se no quarto vago, geralmente com Adeline de pernas cruzadas no chão e Adam sentado numa caixa virada ao contrário, e cada um tinha um conjunto de fotografias que Yardley tirara ao pequeno catálogo de Evie. Examinavam as caixas de madeira cheias de livros quase num êxtase silencioso, certificando-se de que o número aposto na caixa correspondia tanto ao seu conteúdo como à secção correspondente do catálogo. Assinalavam quaisquer discrepâncias com uma caneta vermelha nas fotografias, satisfeitos por, até então, só terem encontrado um punhado de erros em tantas centenas de livros. Era um grande alívio, dada a pressa com que a mudança de toda a biblioteca fora feita na semana anterior.

Ainda estavam embrenhados na sua tarefa uma hora depois, quando Frances Knight os surpreendeu, aparecendo subitamente à porta. Adam começou a levantar-se, mas Frances fez-lhe um gesto para que permanecesse sentado.

— O casamento está quase a começar... não deviam estar a arranjar-se? Embora — Frances sorriu a Adam, que envergava um fato fora de moda mas que lhe assentava bem — tenha de dizer, Sr. Berwick... quero dizer, Adam... que já estás com muito bom aspeto, esta manhã.

Adam quase corou — em todos os anos em que trabalhara para e admirara a Menina Frances, ela nunca se lhe dirigira de forma tão informal e provocante. Ficou contente por as recentes novidades acerca da sua paternidade só terem aumentado a simpatia dela para com ele. Quando as ouvira pela primeira vez, ele também não compreendera de imediato o único ponto positivo no que a mãe lhe escondera: que tinha novamente uma irmã, e que a sua

nova irmã era uma pessoa maravilhosa como Frances. Ao arriscar um pouco, Adam começava a perceber que a vida nunca desiste totalmente de nós, se nós não desistirmos dela.

— Podemos dizer o mesmo de si, Frances, com o copo-d'água a ser servido na Casa Grande daqui a poucas horas — respondeu Adeline.

Frances abanou as duas mãos, como que resignada.

— A Josephine tem tudo impecável e sob controle. E receio bem ter uma coisa bastante urgente para vos dizer, que não pode esperar.

Adeline e Adam olharam para Frances, preocupados, especialmente porque ela não era uma pessoa exagerada.

— Ainda bem que estão os dois sentados — Frances tirou uma carta do bolso direito da sua saia volumosa. — O Andrew Forrester trouxe-me esta carta logo de manhã. Recebeu-a na qualidade de meu solicitador oficial. A carta informa-me de que, no seguimento da recente ordem do tribunal declarando Colin Knatchbull o herdeiro dos bens do meu pai, toda a propriedade foi vendida de imediato a uma empresa de desenvolvimento de campos de golfe chamada Alpha Investments. A carta serve também de aviso escrito de que a Alpha revoga desde já o meu alojamento isento de renda no chalé de Chawton. Há pior ainda... o noivo da Mimi, Jack Leonard, faz parte da administração, por isso deve haver um dedo dele nisto tudo. Eu e o Andrew viemos aqui juntos para vos contar; ele deve estar a chegar, apenas quis parar no chalé no caminho para avisar os outros inquilinos o mais depressa possível.

Adeline levantou-se com cuidado, entre os livros que estivera a examinar. Evie impusera a todos uma rigorosa assunção de responsabilidade, e todos eles viviam com

medo de, acidentalmente, subverterem a ordem dos livros dentro das dúzias de caixas.

— Deixe-me ver isso — Adeline estendeu a mão para a carta que Frances agarrava com força. — Não compreendo... onde querem que viva? — Adeline voltou a sentar-se numa das caixas e olhou para Frances, sorumbaticamente.

— O que disse o Sr. Forrester? — perguntou Adam.

— Disse que o testamento do meu pai deixou muito claro que o meu alojamento isento de renda não vinculava legalmente quaisquer donos futuros depois do Colin. O Andrew esperava que, com o tempo, eu ganhasse alguns direitos, mas, infelizmente, o facto de eu ainda não viver lá impede que o costume seja tido em conta.

Adam e Adeline olharam para a Menina Frances, ainda confusos pelos complexos aspetos legais da sua presente situação.

— Basicamente — suspirou ela —, se eu tivesse vivido lá tempo suficiente, poderíamos alegar que eu tinha direito a ficar — fez o que lhes pareceu a primeira expressão de franco desagrado com toda aquela situação. — Tinha-me perguntado porque tinham o Sr. Knatchbull e o seu advogado sido tão compreensivos quanto a eu ficar na Casa Grande até depois do casamento.

Adam baixou os olhos para o livro que tinha no colo, incapaz de encarar Frances, e disse:

— A culpa é toda minha. Eu só tinha de dizer uma palavra.

Frances estendeu a mão e tocou-lhe no ombro.

— Nem sequer penses nisso, Adam, por favor. Eu sei que não sou a única... afinal, foi por isso que fizemos a votação.

— Mesmo assim, isto é terrível para si, Frances — dizia Adeline.

A Menina Frances tirou a carta das mãos de Adeline e dobrou-a, voltando a enfiá-la no bolso da saia.

— As coisas vão resolver-se de alguma maneira... é o que sempre acontece. Mas tenho pena por todos os membros do clube. Acho que a Evie, em especial, vai ficar destroçada. Ela trabalhou tanto. E, ainda por cima, descobrimos isto tudo logo no dia do casamento da Mimi.

Adam olhou para o relógio.

— O Sr. Sinclair estará na estação às dez e meia — levantou-se da caixa virada ao contrário e sacudiu o pó dos livros de cima dos joelhos.

Frances olhou para Adeline e explicou:

— Hoje empresto o *Rolls* ao Adam, para ele ir buscar o Yardley em grande estilo.

Adam baixou-se para ajudar Adeline a levantar-se da sua caixa. Ela pôs-se de pé, olhando sombriamente para Frances, antes de perguntar, com relutância:

— Então o que fazemos agora? Esperamos até depois do casamento para dizermos alguma coisa acerca do chalé? Eu estava muito nervosa no meu grande dia e o meu noivo era um doce.

A Menina Frances suspirou.

— A Mimi costuma ser tão esperta. Acho que está numa fase interessante da carreira dela, e viu o Jack Leonard como uma espécie de estranho plano de fuga.

— Bem, consigo identificar-me com isso — respondeu Adeline. — Mesmo assim, seria preciso coragem para contar isto a alguém poucos minutos antes do seu casamento. Além disso, para além da nossa ligação a Jane Austen, nenhum de nós se conhece assim tão bem.

— Talvez — respondeu Frances. — Mas nunca é má altura... ou tarde demais... para mostrarmos a alguém que nos preocupamos com ela.

Ouviram uma tosse vinda da porta e, ao virarem-se, os três viram Andrew Forrester ali parado.

— Desculpem interromper, mas é melhor irmos todos para a igreja.

Frances deitou um olhar ao quarto, cheio dos livros com que crescera.

— Deve ser difícil — acrescentou Andrew — ver tudo isto aqui.

— Não, nada disso. De facto, pelo contrário. São muito mais apreciados onde estão agora. O importante é que estão a ser amados, e preservados, e registados.

Adam viu Andrew deitar um olhar curioso a Frances, mas decidiu que era melhor manter toda a gente em movimento. Virou-se para Adeline para perguntar:

— Quer que a venha buscar na volta da estação, para a levar à igreja?

— Não — disse ela, com um suspiro incomodado. — Comprometi-me a ir a pé com o Dr. Gray e a Liberty, Deus me ajude. Ela vai falar até nos enlouquecer.

— O Dr. Gray parece gostar disso — disse Frances, quando os três se juntaram a Andrew no patamar do piso superior e depois desceram a escada juntos. — Da alegria dela, quero eu dizer.

Adeline virou-se quando chegou ao fundo da escada para a olhar.

— O que está a dizer?

Frances fez um sorriso inocente.

— O Benjamin Gray está sozinho há tempo demais. Acho que a Liberty poderia ser um bom par para ele.

— A Liberty Pascal! — exclamou Adeline, tão alto que Adam, Andrew e Frances a olharam, surpresos.

— A Liberty é muito bonita — acrescentou Adam, com uma piscadela de olho.

— Não comece — Adeline deu-lhe uma palmada brincalhona. — Nunca diz nada, e depois sai-se com *isso*?

Adam segurou a porta de entrada para deixar Frances e Andrew passar, e depois virou-se de novo para Adeline, que estava de pé, de braços cruzados, no átrio.

— Aprecie o passeio — provocou-a, fechando a porta com força atrás de si.

O Dr. Gray e Liberty dirigiam-se juntos para a igreja, com uma pequena paragem, em caminho, na casa de Adeline Grover. Nessa manhã, o Dr. Gray tomara um banho especialmente cuidado, despenteando o cabelo e permitindo-se usar alguma da água-de-colónia que a sua falecida mulher lhe comprara na Jermyn Street, no que acabara por ser o seu último Natal juntos. Depois de aplicar algumas gotas com pancadinhas ao longo do maxilar após fazer a barba, olhara para o frasco, e a recordação daquela manhã de Natal parecera-lhe, estranhamente, combinar com a sua vida atual. Sem a querer afastar, como as suas recordações haviam tantas vezes feito no passado; sem querer esvaziar o momento, mas, de alguma forma, complementando-o. Relembrando-lhe quem ele era, e o que queria, e o que ainda merecia ter. Aceitou que Jennie quiereria que ele continuasse a viver, e que fazê-lo não diminuiria o seu amor por ela, que ele sabia ser forte e infinito. Quanto a isso, não tinha arrependimentos. E Jenny amara-o de forma igualmente infinita. Ela quiereria que ele fosse novamente feliz e se sentisse novamente satisfeito.

Mas sabia também que ela *não* quiereria que ele ficasse com Liberty Pascal.

Liberty falava incessantemente, dando-lhe o braço enquanto caminhavam. Como de costume, tagarelava

acerca de Adeline Lewis Grover e dos seus pretendentes. A sua preocupação com a vida amorosa de Adeline parecia ao Dr. Gray estranha e infeliz — desde aquela noite no jardim, em que ele perdera a cabeça, andava a evitar Adeline, mas Liberty estava sempre ali para lhe recordar o que andava Adeline a fazer.

— Oh, adoro casamentos — dizia Liberty. — Digo sempre que não há nada como um casamento para estimular os romances, não acha, Dr. Gray?

— Não faço ideia. Não vou a muitos, por aqui. É uma aldeia bastante pequena.

— Oh, mas deve ter estado no da Adeline... quando foi? Fez um ano em fevereiro? Que triste foi tudo isso. E ainda não passou assim tanto tempo. Esteve?

— Estive o quê? — perguntou o Dr. Gray, distraidamente.

— Então, estive no casamento da Adeline e do Samuel?

— Estive — ele assentiu com a cabeça.

Ela deitou-lhe um olhar duro. Era como tentar extrair sangue de uma pedra.

— Bem, tenho a certeza de que deve ter sido um dia muito romântico. Namorados de infância, e isso tudo. Embora a Adeline seja mais complicada do que parece. Quero dizer, na universidade, todas nos interrogávamos sobre o rapaz que a esperava na aldeia. Pelas descrições dela, é claro que ele parecia um anjo, mas... não sei... tudo parecia um pouco desequilibrado. Do lado *dele*, quero eu dizer.

O Dr. Gray olhava à sua volta, para a multiplicidade de narcisos que ainda enchiam os jardins da frente das casas com terraço que delineavam a rua.

— Havia um professor, sabe? — o tom de Liberty conseguia parecer, ao mesmo tempo, sussurrado e sonoro.

— Hum?

— Oh, bem, talvez fosse apenas medo de ir em frente. Mas todas nós nos perguntávamos se o Samuel seria mais uma espécie de obrigação, por ir para a guerra... eles não ficaram noivos logo a seguir a ele ser chamado?

O Dr. Gray mal a ouvia, recordando apenas a imagem de Adeline em pé, no altar, com o seu vestido creme, o cabelo caído em ondas em volta dos ombros e uma pequena coroa de rosas creme realçando o cor-de-rosa perfeito das suas faces.

— Na verdade, não foi só o professor — prosseguia Liberty. — A Adeline sempre pareceu ter um fraco por homens mais velhos, e atirava-se a viúvos solitários e outros que tais, segundo me confessou uma vez, na universidade. Disse que...

Liberty parou de falar. O Dr. Gray estacara, fitando-a. As palavras de Adeline, naquela noite no jardim — «fez tudo o que pôde para me afastar durante todos estes anos» — ainda lhe ressoavam na cabeça, como um toque de clarim há muito abafado.

— O que acabou de dizer?

Liberty mordeu o lábio. Geralmente, estava dois passos à frente do Dr. Gray, mas naquele dia, por uma vez, ele estava a apanhá-la, e demasiado depressa.

— Bem olhe para mim, a falar pelos cotovelos, e já chegámos. Deixe-me ir lá dentro buscar a Adeline, e fique aqui a descansar, hum?

Liberty subiu a correr o caminho do jardim até à casa de Adeline, enquanto o Dr. Gray experimentava as dobradiças do portão da frente, fazendo-o oscilar facilmente para trás e para a frente. Afinal, Adam Berwick sempre ali fora.

Nesse preciso momento, ouviu uma buzina e olhou para trás, vendo o próprio Adam ao volante do *Rolls-Royce* da família Knight, com Yardley Sinclair sentado no banco

da frente, a seu lado.

— Dr. Gray! — exclamou Yardley, inclinando-se sobre Adam para chegar mais perto da janela do lado do condutor.

O Dr. Gray foi até à rua para cumprimentar os dois homens enquanto o carro abrandava, inclinando o chapéu com um sorriso.

— Fizeram boa viagem? — gritou, por cima do barulho do motor que soluçava até parar.

— Aqui o Adam é um condutor excelente — gritou Yardley, em resposta.

Aproximando-se do carro, o Dr. Gray ouviu um barulho estranho vindo do banco de trás. Espreitando lá para dentro, viu um cachorrinho Border Collie sentado e arquejante.

— E quem é este?

— É o *Dixon* — Yardley olhou para o seu condutor com um sorriso. — Um presente do Adam, para animar este velhote.

Contudo, Adam estava positivamente radiante naquele dia, o que era gratificante para o Dr. Gray como seu médico e amigo, dado todo o *stress* que o pobre homem tinha enfrentado ultimamente. Era maravilhoso vê-lo, finalmente, confortável na própria pele. Mas o Dr. Gray também se perguntou se a chegada da primavera estaria a transformar os pensamentos de Adam em mais do que mera imaginação, e quem naquela pequena aldeia poderia ser o objeto deles.

— Estou ansioso pelo fim de semana — dizia Yardley. — Passei a semana cheio de vontade de pôr as mãos naqueles livros.

O Dr. Gray inclinou a cabeça para trás, para as janelas do andar de cima da casa de Adeline, mesmo atrás deles.

— Estão todos ali. Dois quartos vagos cheios até ao teto com caixas e caixas de livros.

— Vamos convocar uma reunião do clube na segunda-feira de manhã, antes de eu voltar à cidade, não é? — Yardley sorriu a Adam. — Espero que isso me dê tempo suficiente para avançar na avaliação física. Os fins de semana de casamento podem ter muitas distrações.

— Bem, eu não estou ocupado — disse o Dr. Gray, enquanto Adeline e Liberty surgiam, juntas, no caminho do jardim.

— Yardley deu um assobio sonoro.

— Vá lá, Benjamin, com certeza terá uma coisa... ou duas... com que se entreter por entre as celebrações.

Adam buzinou outra vez e Yardley riu-se, enquanto se afastavam rapidamente. O Dr. Gray tirou o chapéu para esfregar as têmporas — estava a ficar com uma forte enxaqueca por causa da quantidade de insinuações acerca dele. Não fazia ideia de como iria suportar o casamento.

Meia hora antes do seu casamento, que teria lugar ao meio-dia, Mimi estava sentada na ala dos hóspedes da Casa Grande, onde Frances a alojara, e a Jack, na noite anterior, em quartos separados. Estava a maquilhar-se com cuidado, com saudades dos dias em que se limitava a recostar-se numa cadeira e relaxar enquanto uma maquilhadora do estúdio fazia o trabalho por ela, e apercebendo-se de que não tinha saudades de muito mais. Adorava estar em Chawton — adorava as conversas noturnas com Evie e Frances, junto à lareira, na Casa Grande, adorava os passeios de carroça com Adam Berwick e as longas caminhadas pelos campos vizinhos, na direção de Upper e Lower Farringdon, adorava estar sentada no pequeno *pub* com Yardley quando ele ali vinha, rindo com os outros

aldeões das observações cáusticas do amigo.

Jack não parecia gostar assim tanto daquele local. Havia muitas coisas a que não conseguia habituar-se: as torneiras separadas na casa de banho para a água quente e fria («Só quero *morna!*»), lamentava-se, enquanto escaldava as mãos), o racionamento (Jack precisava de uma certa dose diária de açúcar e cafeína para se manter ativo), os chuviscos que passavam por chuva, o mal-estar pessimista mascarado de humor seco. Jack nunca se conseguira reconciliar com esse último aspeto do carácter inglês. Ele era uma bomba de energia e autoconfiança, sempre pronto a avançar, e precisava de um mundo que respondesse ao que ele tinha para vender. Porque ele tinha sempre alguma coisa para vender.

Mimi sabia que estar vários meses por ano em Inglaterra seria difícil para Jack e estava contente por Chawton ser suficientemente perto de Londres para aí lhe proporcionar uma dose ocasional de luxo. Ainda não tinham encontrado uma pequena casa para arrendar, pois a oferta e a procura eram bastante equivalentes numa aldeia de apenas 400 pessoas («Neste momento», avisara-a Frances, «estamos literalmente *à espera* de que alguém morra»). Mas Mimi ainda não perdera a esperança e estava disposta a ser paciente até que houvesse um imóvel disponível. Entretanto, Jack começara a ansiar pelo Sul de França — ouvira dizer que, daí a poucos meses, mais de vinte países apresentariam filmes no Casino de Cannes, na inauguração de um festival mundial de cinema que rivalizaria com o de Veneza. Jack estava convencido de que aquele era o momento certo para comprar propriedades em Cannes, antes de esta ser internacionalmente conhecida, e, pelo menos, os seus instintos comerciais nunca tinham falhado.

Mimi ouviu uma pancada na porta do quarto, e Frances

meteu a cabeça pela abertura.

— Acabámos de chegar dos Grover. A Adeline e o Adam estavam mergulhados em livros até aos joelhos.

— Mal posso esperar por ir lá, depois da lua de mel. Reservo desde já para mim quaisquer Burney.

— Pode ficar com eles — Frances sorriu, aproximou-se e sentou-se na beira da cama. — Sabe, um dia quase me casei.

Mimi deu meia-volta na cadeira em frente do toucador.

— Não, não sabia. Nunca se referiu a isso.

— Bem, isso é porque foi uma espécie de noivado secreto. Só dissemos aos nossos pais. E só durou até esse momento.

— Eu conheço-o? — Mimi riu-se, achando a pergunta absurda.

— Na verdade, sim... era o Andrew Forrester.

Mimi pousou o seu pincel de rímel *Max Factor*.

— Está a brincar. Não, espere, não está a brincar, pois não? Oh, meu Deus, tudo faz tanto sentido agora.

Frances olhou-a com curiosidade.

— O quê?

— A solicitude dele para consigo. A preocupação. Ele é tão avesso a riscos em tudo o que tenha a ver com o clube, sempre tão receoso de que possamos infringir algum dever de diretor ou fiduciário e acabemos todos na cadeia, mas, apesar disso, esteve sempre a encorajá-la a lutar contra o Colin Knatchbull por causa do testamento.

— Acho que não tem nada a ver uma coisa com a outra.

— Frances, por favor, ele vive de acordo com a letra da lei. Mas tenho a certeza de que teria queimado aquele segundo testamento, se pudesse fazê-lo sem consequências. O que raio se passou?

— Foi há tanto tempo, que mal me lembro sequer. Ficámos noivos, e o meu pai não deu o seu consentimento,

e convenceu-me a romper o noivado.

— Isso é um pouco irónico, não lhe parece?

— Depois, ele voltou da Grande Guerra, continuou os seus estudos jurídicos e tornou-se muito bem-sucedido na cidade. A sua capacidade para identificar os riscos com antecedência tornou-se lendária no Condado de Hampshire.

— Isto já passou para além da ironia, Frances.

— Eu sei, acredite — suspirou ela, com resignação.

— Então, afinal, poderia ter tido um herdeiro, se não fosse o seu pai, e depois o seu pai tirou-lhe a sua única casa porque nunca lhe deu um herdeiro. É a trama de um filme com a Bette Davis.

Frances começou a tirar a carta que tinha escondida no bolso direito da saia.

— Mesmo assim, um mau casamento é pior do que casamento nenhum.

— Sim, suponho que sim, embora a Charlotte Lucas pudesse ter alguma coisa a dizer sobre isso... — Mimi estava a beliscar as faces com cor e depois a aplicar *blush* como as maquilhadoras lhe tinham ensinado, para evitar aplicar demasiado para a luz do dia.

— Mimi, alguma vez ouviu falar de uma empresa chamada Alpha Investments Limited?

— Não, porquê?

— O Andrew esteve a ver os registos anuais deles por causa de um assunto qualquer de trabalho. O Jack está no conselho de administração.

Mimi estava agora a aplicar o batom cor-de-rosa que comprara na Chanel, em Paris, num recente fim de semana.

— Oh, sim, eu sei que ele tem reuniões na Escócia, de vez em quando, por causa de negócios que tem lá. Golfe, acho eu. Não sei. Nunca o ouço quando ele começa a falar de golfe.

Frances estendeu a carta a Mimi.

— O Andrew recebeu isto hoje do presidente do conselho de administração da Alpha. Parece que eles... bem, tome, o melhor é deixá-la ler.

Mimi pousou o batom, pressionou os lábios um contra o outro e depois secou-os um pouco com um lenço de papel tirado da caixa de *Kleenex* de prata sólida que se encontrava sobre o toucador.

— Frances, francamente, no dia do meu casamento — Mimi pegou na carta e levantou-se enquanto a lia, deixando-se depois cair na beira da cama, ao lado dela.

— Então, espere aí, perdeu tudo? Mesmo o chalé?

Frances assentiu com a cabeça.

— Mas onde irá viver? E onde iremos pôr todos aqueles livros? Então e o museu... e para *quê*? Por um clube de golfe? — praticamente cuspiu as últimas palavras, enquanto amarrotava, com raiva, o papel nas mãos. — Meu Deus, ele usou-me... usou-nos... usou todas as informações que eu lhe tenho confiado...

— Tive muitas dúvidas em contar-lhe antes do casamento. Quero dizer, na verdade são apenas negócios, sabe, e, se pensarmos um pouco, o Colin poderia facilmente ter vendido a qualquer pessoa, e o Jack tem todo o direito...

Mas Mimi já se fora.

Frances olhou em volta do quarto com um suspiro, e depois deitou-se na cama, com os pés calçados ainda no chão. Alguma coisa restolhou nas pesadas dobras da sua saia até aos pés quando a estendeu por baixo de si. Sentou-se, surpreendida, e retirou do bolso esquerdo uma única folha de papel dobrada com o seu nome escrito no lado de fora, num gatafunho apressado. Já não via aquela caligrafia há tantos anos... mesmo décadas... que, a princípio, começou a ler a carta sem fazer ideia de quem seria o

autor.

Querida Frances,

Esta carta devia ter sido escrita há tanto tempo que um homem mais sensato consideraria, provavelmente, ser má ideia enviá-la. Mas eu não consigo esquecer o passado. Peço-lhe que me deixe dizer-lhe como lamento todos os anos em que não falámos, e o meu orgulho disparatado, e — acima de tudo — não ter realmente compreendido o seu espírito único e inimitável. Se havia coisa que lhe devia, era certamente essa.

A paciência no amor não é uma das minhas virtudes e, no entanto, ao apressar as coisas, acabei numa corrida sem destino, e com a amargura e a dor como únicas companheiras. Só posso desejar que tenha sido mais sábia e mais gentil para consigo mesma do que eu, na minha negligência, tristemente deixei de ser.

Escrevo-lhe esta carta na sala do chalé Chawton, onde acabou de me deixar, e entrego-lha no dia do casamento da Mimi, no espírito de amizade que espero ardentemente que partilhemos, agora e para sempre.

*Com grande admiração,
Andrew*

Frances dobrou a carta e voltou a guardá-la no bolso da saia. Estava muito confusa. A carta fazia referência ao passado, mas não pedia mais nada. Isto tornava-a apenas mais uma ocorrência perturbadora a juntar a uma lista desconcertante: a descoberta recente de que tinha um

irmão, a venda sub-reptícia da biblioteca, tirando-a das mãos de Colin, a carta desse dia que punha fim ao seu direito de usufruto do chalé Chawton, e o consequente desabafo a Mimi acerca do papel do seu noivo nesse assunto. De repente, pareceu a Frances que, quanto mais avançava, quanto mais tentava agarrar-se a alguma coisa, mais lamento se tornava tudo.

Era, pelo menos, um bom motivo para ficar em casa.

Mas Frances sabia que, daí a minutos, teria de levantar-se daquela cama, entrar na igreja sozinha, informar todos os convidados de que o casamento fora cancelado e depois enfrentar Andrew em especial, com toda a serenidade que conseguisse reunir.

Deitou-se novamente na cama com um último suspiro e deixou as recordações levarem-na ainda mais longe, à sua infância e a todas as pessoas famosas que tinham visitado a Casa Grande ao longo dos séculos e que, tal como Mimi Harrison, tinham dormido naquela mesma cama. Até o príncipe de Gales, quando ela tinha apenas quatro anos. Ele beliscara-lhe as pequenas faces ao jantar e pedira para se sentar a seu lado, e ela nunca o esquecera. Muitos dos homens que tinham visitado aquele lugar pareciam ter visto nela a falta de um pai, pelo menos de um pai carinhoso e afetuoso — que, com essa afeição, a compreendesse realmente — e tinham-na, muitas vezes, distinguido com atenções inocentes. E neste facto poderia ter visto todo o arco da sua vida, se lhe tivesse sido dada uma bola de cristal — a única coisa que desejava, naquele momento, apesar dos sons de gritos e de vasos atirados ao chão que vinham do quarto ao lado, que dera a Mimi.

CAPÍTULO 30

Chawton, Hampshire

20 de abril de 1946

O Casamento

O casamento fora cancelado.

Frances entrara na igreja da paróquia pouco antes do meio-dia, batera nas portas de madeira da entrada, abertas ao morno ar primaveril, e anunciara que Mimi Harrison acabara de receber más notícias do estrangeiro e não se casaria nesse dia. Os convidados tinham, relutantemente, dispersado, e a multidão que se concentrara do lado de fora da igreja, incluindo vários fotógrafos noticiosos londrinos, tinha deixado escapar um gemido coletivo, por todos os esforços despendidos.

Os oito membros do clube eram, agora, os únicos que restavam. Sentaram-se juntos, em grupo, no banco da frente da igreja, enquanto o Reverendo Powell se ocupava no santuário, longe do alcance das vozes.

Evie e o Dr. Gray estavam a rever a carta do presidente da Alpha Investments, não tendo tido conhecimento de todo aquele descalabro até ao aparecimento agoirento de Frances à porta da igreja. Mimi estava sentada com a cabeça no ombro de Yardley e os olhos manchados de rímel preto. Do outro lado da nave, Adeline segurava no ramo de Mimi, composto por peónias cor-de-rosa, rosas e ranúnculos. Adam estava sentado a seu lado; Frances e Andrew estavam de pé, um pouco afastados dos outros.

— Tenho de lhe agradecer, Frances — disse, finalmente, Mimi —, por ser tão honesta comigo. Muitas pessoas não teriam tido essa coragem.

— Bem, Andrew — disse o Dr. Gray —, suponho que nos vais dizer que, agora, já não há esperança, nem mesmo para a Menina Frances ter um teto.

— Eu não diria isso — ele lançou um olhar rápido e indecifrável a Frances, sentada a seu lado.

— Podemos fazer uma contraproposta para o chalé? — perguntou Yardley. — Talvez uma proposta que eles não possam recusar?

— Mesmo que a maioria dos administradores do fundo concordassem — respondeu Andrew —, poderíamos meter-nos em sarilhos, enquanto organização sem fins lucrativos, se fizéssemos uma oferta significativamente acima do valor de mercado. Podemos achar que o chalé vale qualquer preço e, provavelmente, um dia será realmente inestimável, mas, neste momento, vale cerca de três mil libras, e isso é uma ninharia, para uma empresa como a Alpha.

— Mas com certeza podemos tentar? — perguntou Evie.

— Perdoe-me, Mimi, mas o Jack está no conselho de administração, não está? — perguntou o Dr. Gray.

Mimi endireitou-se, tendo estado curvada no banco, e assentiu com a cabeça.

— Mas suspeito que os meus poderes de persuasão sobre ele serão, neste momento, diminutos.

— Mimi — Andrew deu um passo em frente —, acabou de dizer que o Jack deve ter usado a informação que tinha vindo a partilhar com ele para fazer o negócio com o Colin, certo?

Ela assentiu de novo com a cabeça.

— Perdoe-me também, minha querida, mas existe alguma coisa, qualquer coisa mesmo, que saiba acerca de Jack e

das suas transações, negociais ou outras, que possamos também usar? Parece-me justo, dadas as circunstâncias.

Toda a fila virou as cabeças para olhar para Andrew Forrester.

— Andrew Henry Forrester! — exclamou Frances. — Está a sugerir...

Ele ergueu a mão.

— Não estou a sugerir nada. Não estou a sugerir que o *Clube* Austen faça nada. Só a Mimi sabe, no seu coração, o que fazer — olhou em volta, para todos os rostos que o fitavam, e decidiu, pela primeira vez na vida, abandonar as reservas e arriscar tudo. — Frances, acho que nós também sabemos. Deixa-me pôr um teto sobre a tua cabeça e o meu coração nas tuas mãos. Nunca ninguém o mereceu mais.

E, ali mesmo, perante os outros sete membros do Clube Jane Austen, Frances Elizabeth Knight começou a soluçar incontrolavelmente.

— Frances, por favor, não chores — sussurrava-lhe Andrew suavemente, dando palmadinhas nos bolsos do casaco em busca de um lenço para lhe oferecer.

Ela continuava a chorar. Era, de longe, a maior demonstração de emoção que algum deles lhe tinha alguma vez visto.

— Eu não tenho, literalmente, nada, Andrew, tu sabes disso — conseguiu ela dizer, finalmente, por entre as lágrimas. — Sabes disso melhor do que ninguém.

— Frances, minha querida, isso não nos importou há quase trinta anos... porque havia de importar agora?

Ela limpou os olhos com as costas da mão e sorriu-lhe com doçura pela primeira vez nesse período de tempo.

— Tens a certeza?

— Frances, acabei de ver o teu mundo desmoronar-se sob os teus pés, e tu suportaste-o como nenhuma outra mulher

em Inglaterra o teria feito. Seria, realmente, uma honra para mim ser teu marido.

Yardley correu para trás do altar para trocar algumas palavras com o Reverendo Powell, que concordou imediatamente, como representante da Igreja de Inglaterra, em celebrar a cerimónia e dispensar a necessidade de uma licença.

Adeline levantou-se de um salto e, com um rápido aceno de cabeça de Mimi, enfiou o ramo nas mãos trémulas de Frances. Evie voltou a correr à Casa Grande para ir buscar Josephine e Charlotte, sabendo que elas nunca lhe perdoariam se perdessem um acontecimento há tanto tempo esperado.

Frances virou-se para Mimi.

— Não se importa que façamos isto?

— Oh, Frances, é a única coisa que pode consertar tudo isto.

Com essa bênção, Frances Elizabeth Knight deixou Andrew Henry Forrester pegar-lhe na mão e conduzi-la ao altar.

O Dr. Gray estava de pé, sozinho, na mata de tílias, ouvindo os sinos dar as 15 horas. O casamento já acabara há algumas horas, e o clube tinha apreciado o copo-d'água do casamento cancelado de Mimi no pátio, oferecido por Charlotte e Josephine. Imediatamente a seguir, Yardley fora com Adam à casa de Adeline para começar a examinar os livros, Mimi colapsara no quarto de hóspedes, Evie fora ajudar a Menina Frances a fazer rapidamente a mala para a lua de mel e Andrew correra de volta a Alton para acabar de tratar de alguns papéis antes de apanhar o comboio para Brighton, com a sua nova mulher.

O Dr. Gray olhou à sua volta, para os campos que o

rodeavam, o jardim murado no cimo do monte, a vedação que cercava a mata de tílias para manter as ovelhas afastadas. Lembrou-se de caminhar por ali, à chuva, com Adeline, no verão anterior, das muitas visitas que fizera ao velho Sr. Knight no seu quarto, da missa da Véspera de Natal e da leitura do testamento pouco tempo depois, um acontecimento que agora via como o ponto de viragem na vida de todos eles. Permitiu-se recordar tempos ainda mais remotos, o funeral da sua falecida mulher no cemitério da paróquia, o dia do seu próprio casamento, décadas antes, dentro da pequena igreja e as brincadeiras no bosque com Frances e Andrew, quando eram pequenos.

Todas essas recordações, grandes e pequenas, eram iguais num único, mas muito significativo, aspeto. Todas pertenciam ao passado, eram invisíveis, não havia qualquer rasto ou marca delas no presente. Só a vida atual tinha esse poder — só aquele segundo daquela hora —, só aquela pequena fração de tempo que já passara antes mesmo de se poder concluir um pensamento. Tudo tinha, ao mesmo tempo, essa natureza efémera e infinitamente confiável.

Se o Dr. Benjamin Gray pudesse transformar ainda que apenas alguns segundos do passado em algo permanente, seria a sensação da face de Jennie contra o seu pescoço. Tinha tantas saudades disso... saudades do toque carinhoso dela... saudades de ser amado.

Em vez disso, estava reduzido a ser um viúvo solitário a precisar de salvação. Sabia-se lá onde Liberty Pascal ia buscar algumas das coisas que dizia, mas, no tocante a Adeline Grover, Liberty parecia nunca falhar o alvo. Desde que caminhara com ela, o Dr. Gray ainda não conseguira parar de pensar nos seus comentários sugestivos.

Fazia, estranhamente, muito sentido. Ele sempre sentira que Adeline estava a tentar empurrá-lo de volta à vida de

alguma forma, quando os seus caminhos se tinham cruzado mais vezes, na época em que ela ensinava na escola da aldeia — como se estivesse a desafiá-lo a agir. Percebia agora que, a um nível inconsciente, ele lhe pedira que o fizesse. Na altura, presumira que a fricção entre eles só tinha a ver com a escola... o programa, os outros membros do conselho diretivo, a resistência coletiva ao seu tipo de ensino.

Mas, agora, via também — esperava — que não tivesse a ver com nada disso. Que tivesse a ver com ele.

E sabia que ela se tinha preocupado.

Virou as costas à mata de tílias e avançou pelo bosque, subindo depois uma pequena encosta e entrando no jardim murado, que era composto de duas «divisões» diferentes: um recinto na frente cheio de lilases simetricamente plantados e, por detrás desse, outro espaço ainda maior cheio de roseiras, canteiros de legumes e árvores de fruto, rodeado por todos os lados por altos muros de tijolo vermelho. Em cada um dos três muros exteriores, havia uma porta vermelho-escura, que não sabia onde levava. Percebeu que, em todos os anos em que visitara a propriedade, nunca abrira nenhuma daquelas portas.

Quando entrou no segundo espaço fechado do jardim, viu de imediato Adeline sentada num pequeno banco encostado ao muro mais afastado, com o pequeno exemplar de *Orgulho e Preconceito* que ele lhe dera no Natal aberto no colo.

— Oh, olá. O que faz aqui? — perguntou ele, espantado.

— O que faz *o senhor* aqui? Está a jogar às escondidas com a Liberty?

— Estou só a esconder-me — ele sorriu, aproximou-se e sentou-se ao lado dela, no banco. — Bem, tudo está bem quando acaba bem.

— Foi mesmo como algo tirado de Shakespeare, todos aqueles casamentos de uma vez.

— Ou de Austen.

Ela riu-se.

— É bom ver alguma coisa resultar, por uma vez, mesmo depois de tanto tempo.

— E ainda se diz que nunca se pode voltar atrás.

— Acredita nisso?

— Não, agora já não. Não depois disto — olhou-a pelo canto do olho. — Ninguém é mais rígido e inflexível do que o Andrew Forrester.

— Ninguém, quer dizer, exceto o senhor — contrapôs Adeline.

— Provavelmente, tem razão — concedeu ele, com um sorriso.

Ficaram ali, em silêncio, durante alguns minutos, ouvindo os estorninhos e os tentilhões a cantar no cimo das árvores do pomar.

— Já não nos sentávamos assim há algum tempo — disse, finalmente, Adeline.

— Desde o verão passado, acho eu.

Ela fechou o livrinho que tinha no colo.

— Acho que estávamos a falar de *Emma*.

— De como os homens velhos são obtusos.

— O Knightley não é assim tão velho.

— Tem idade suficiente para saber o que faz — disse o Dr. Gray. — Embora talvez a idade não tenha nada a ver com isso. Olhe para a Evie. Ela tem, o quê, dezasseis anos, e já conhece todos os cânones da literatura britânica do século XIX.

— E o senhor, o que gostava de conhecer?

— Gostava de conhecer-te a ti — disse ele em voz baixa e, quando ela lhe encostou a cabeça ao ombro, ele percebeu

que queria captar aquele momento para sempre. Queria, finalmente, tentar transformar aqueles segundos em algo permanente, por muito efémero, fútil e fugaz que também aquele momento não pudesse deixar de ser.

— Eu fui muito óbvia, não fui? Praticamente dei-te a lição para seguir.

Ele riu-se.

— E eu falhei miseravelmente no catecismo.

Ela levantou os olhos para ele, para o seu rosto triste e belo.

— Eu amava mesmo o Samuel.

— Eu sei disso, Adeline, não tenho dúvidas.

Ela começou a chorar, e ele pegou-lhe nas mãos.

— Ninguém vai compreender — disse ela, através das lágrimas.

— Isso é importante para ti?

— Não — ela limpou os olhos à ponta da manga. — Mas teria sido importante para o Samuel.

— Estarás a ser muito injusta para com ele se partires desse princípio. O Sr. Knight teve esse poder sobre a Frances, durante toda a vida dela, e vê como abusou dele. E, seja como for, e se estiveres enganada?

Ela afastou-se um pouco dele no banco.

— Nunca saberei. É isso que custa tanto.

— E eu nunca saberei se poderia ter salvo o teu bebé. Ou a Jennie. Ou, sinceramente, tantas outras vidas. Mas fiz o meu melhor, disso tenho a certeza. E quando não o consegui fazer, pelo menos só me puni a mim mesmo.

Ela ergueu o braço e tocou-lhe na face com a mão manchada de lágrimas.

— Mas já não estás a fazê-lo, pois não?

— Tu sabias?

Ela beijou-lhe a face, no ponto onde pousara a mão,

quase incapaz de o olhar nos olhos.

— Só há pouco tempo. A Mimi disse uma coisa muito inócua, mas que me fez pensar. E depois chegou a Liberty e as suas chaves do armário dos medicamentos. Pensei que estavas muito desiludido comigo, com a minha fraqueza... e depois percebi que estavas apenas a tentar salvar-me do que poderias estar a fazer a ti próprio.

— Já parei, garanto-te. O que mais me poderia fazer contratar uma espia de classe mundial como a Menina Pascal?

Adeline não conseguiu deixar de rir.

— Mas será sempre uma luta. Estará sempre à minha frente, Adeline, e não atrás de mim. É a natureza faustiana da coisa. Se a convidamos a entrar, nunca mais parte.

Ela sentou-se mais direita para o olhar.

— Então, o que fazemos agora?

Ele puxou-a para o seu colo e mergulhou o rosto no pescoço dela, permitindo-se sentir a suavidade da sua face, deixando-se cair no seu carinho essencial, ainda que efémero, ainda que fugaz.

— Alguma vez tentaste abrir uma daquelas portas traseiras? — perguntou ele finalmente, olhando para trás do banco.

Ela riu-se através das lágrimas.

— Não, agora que penso nisso.

— Então, por mim, vamos dar à Liberty Pascal o que ela tanto quer.

— Benjamin Gray... — murmurou Adeline, com felicidade, quando os lábios dele encontraram os dela.

EPÍLOGO

Chawton, Hampshire

23 de março de 1947

Primeira Reunião Anual do Clube Jane Austen

O clube era agora composto por 44 membros. Vinham de todos os setores da sociedade, tendo visto os discretos anúncios nos jornais locais de Hampshire e de Londres:

Aviso da primeira reunião anual do Clube Jane Austen, que se dedica à preservação, à promoção e ao estudo da vida e obra da Menina Jane Austen. Em conjunto com o Fundo Memorial Jane Austen, uma organização sem fins lucrativos fundada para fomentar a educação ao abrigo da Lei das Organizações Sem Fins Lucrativos, o clube passou o último ano a trabalhar para adquirir a antiga casa da Menina Austen em Chawton para aí estabelecer um futuro museu, e tem o prazer de anunciar a recente aquisição do chalé Chawton para esse fim. Os novos membros do clube serão bem-vindos à primeira reunião anual, que terá lugar às 19 horas de domingo, 23 de março de 1947, no chalé Chawton, na Winchester Road, Chawton.

Além das três dúzias de novos membros do clube, os oito participantes originais, incluindo os cinco administradores do Fundo Memorial Jane Austen, estariam também presentes.

Como primeiro ponto da ordem de trabalhos da reunião, os administradores do fundo anunciariam a sua decisão

unânime de restituir ao membro do clube Mimi Harrison a sua doação original de quarenta mil libras, que permitira a aquisição da biblioteca da Casa Grande de Chawton. No último outono, a venda dos livros rendera um recorde de quatrocentas mil libras, tendo sido realizada ao longo de cinquenta dias pela Sotheby's, e isto permitira ao fundo comprar o chalé do caseiro à Alpha Investments Limited pela razoável quantia de quatro libras. Os administradores do fundo tinham também votado unanimemente a doação de cinquenta mil libras da venda à Menina Frances Knight, enquanto antiga e legítima herdeira da propriedade Knight, assim como em reconhecimento dos seus esforços bem-sucedidos para salvaguardar a biblioteca e, conseqüentemente, o chalé Chawton.

Mimi Harrison estava, de momento, em cena no New Theatre como Olivia em *Twelfth Night*, por isso foi escolhido o domingo para a reunião anual, pois nesse dia não havia atuação à noite. Ela traria consigo o seu novo noivo, um professor de literatura americana em Harvard que, presentemente, se encontrava em licença sabática no Jesus College, em Cambridge. Em segredo, ela estava também a planear anunciar na reunião uma oferta ao clube: um anel de turquesa e ouro que, um dia, pertencera a Jane Austen e era considerado de valor inestimável, juntamente com duas cruzes de topázio.

O Dr. Benjamin Gray, presidente do Clube Jane Austen e do Fundo Memorial Jane Austen, abriria a reunião. A sua mulher, Adeline Lewis Grover Gray, deveria dar à luz o seu primeiro filho daí a um mês, e a data da reunião anual tinha também sido escolhida tendo em conta esse importante acontecimento.

O Sr. e a Sr.^a Andrew Henry Forrester tinham-se mudado recentemente de Chawton para Alton, onde o escritório de

advogados do Sr. Forrester se alargara, incluindo agora dois solicitadores juniores. Ele podia, agora, dar atenção a outras atividades, a mais importante das quais era o pequeno hostel local que a sua mulher pusera em funcionamento, com a sua parte da venda dos bens. O hostel destinava-se a crianças refugiadas judias que tivessem perdido a família no Holocausto e não tivessem um lar para onde regressar depois da guerra. Nesse mesmo mês, estavam a ser finalizados os documentos oficiais de adoção, pelo casal, de duas dessas crianças; com a concordância total do Sr. Forrester, o apelido das crianças seria Knight.

Evie Stone tinha acabado de terminar o segundo período na Universidade de Cambridge, e estava a trabalhar muito para o lançamento, em abril, do primeiro número do seu novo jornal académico, *Varsity*. O clube estava bem consciente de que havia o sério risco de Evie vir a abandonar o grupo, pois ela conseguira, com o apoio financeiro do Sr. e da Sr.^a Forrester, terminar finalmente o ensino secundário em 1946, sob a tutela intensiva da nova Sr.^a Dr. Gray. Evie fora admitida em Cambridge aos dezoito anos, em janeiro de 1947, aproveitando a abertura em geral, no pós-guerra, a estudantes femininas de pleno direito.

Jack Leonard, não compareceria à reunião. Estava, nesse momento, acusado pelo governo federal dos Estados Unidos por tráfico de armas durante a Segunda Guerra Mundial, tendo infringido várias outras leis nacionais e internacionais. Estava também, em consequência de uma denúncia anónima, sob investigação contínua pela Comissão de Títulos e Câmbios, por abuso de informação privilegiada.

Yardley Sinclair fora promovido a diretor dos serviços

museológicos da Sotheby's, como reconhecimento pela sua aquisição e venda da biblioteca da Casa Grande de Chawton, que rendera um lucro recorde. O aumento significativo no seu salário permitira ao aspirante a agricultor começar, finalmente, à procura do refúgio para fins de semana fora da cidade com que tanto sonhara.

Adam Berwick perdera o emprego quando a Casa Grande de Chawton fora transformada num campo de ténis, pouco depois da morte da sua mãe. Felizmente, ele devia ter, de alguma forma, herdado bastante dinheiro, porque depressa conseguiu — em arrendamento conjunto com o Sr. Sinclair — adquirir uma pequena e encantadora quinta na periferia de Chawton. Em fins de semana bonitos de primavera, ele e Yardley eram vistos sentados na velha carroça de feno, com o cão *Dixon* entre os dois, passeando pelos campos da aldeia sob manchas de sol dourado.

NOTA HISTÓRICA DA AUTORA

As pessoas e acontecimentos descritos neste livro são totalmente ficcionais e imaginários; os locais não. Querendo escrever acerca de um grupo de pessoas com vários graus de traumas, que se juntam devido ao seu amor comum por livros e por Jane Austen em especial, optei por não basear as personagens em nenhuma pessoa real para ter liberdade artística total, e consultei os registos de censos históricos de Chawton disponíveis *online* para evitar usar apelidos de aldeões reais. As únicas exceções são os nomes Knight, Knatchbull e Hugessen, mas, mais uma vez, os ramos, os padrões de herança e os descendentes dessas famílias, tal como apresentados neste livro, são completamente ficcionais, servindo os meus objetivos romanescos.

Ao reimaginar a conceção do Clube Jane Austen, usei, como ponto de partida, um incidente em particular que, de facto, ocorreu: a descoberta de um pedaço de lixo junto à estrada que inspirou Dorothy Darnell, de Alton, a fundar a verdadeira Sociedade Jane Austen em 1940 e a tentar adquirir o velho chalé do caseiro para aí estabelecer um museu. Infelizmente, os fundos eram escassos, devido à guerra, mas, em 1948, Thomas Edward Carpenter doou o chalé à nação em memória do seu filho morto em combate na Segunda Guerra Mundial, foi formado um fundo memorial e o Museu da Casa de Jane Austen ganhou vida. Os objetos que se podem ver nesse museu, incluindo as cruces de topázio e o anel de turquesa, não foram adquiridos por uma estrela de Hollywood dos anos 40 num

leilão da Sotheby's, mas, ainda assim, foram devolvidos a casa em circunstâncias fascinantes.

Finalmente, a Casa Chawton permaneceu sob o cuidado e a posse da verdadeira família Knight até ao início dos anos 90, quando foram obrigados a vendê-la, devido a impostos excessivos sobre o património e aos custos de reparação, primeiro a uma empresa de desenvolvimento de campos de golfe, que faliu pouco depois, e a seguir à filantropa Sandy Lerner, cofundadora da Cisco Systems, que restaurou a casa e a transformou na biblioteca e museu de nível mundial que é hoje.

Se tiver a sorte de, um dia, visitar a Casa Chawton, aí encontrará a Casa Grande, os terrenos e o jardim murado, e até a cabana de pastores aqui descrita. A única grande diferença é a localização da biblioteca da família Knight, de um canto mais afastado do piso térreo para perto da Sala Grande, permitindo assim o encontro de várias personagens fictícias, de forma a construir a minha história.

AGRADECIMENTOS

Este livro não teria sido possível sem a supervisão do meu agente, Mitchell Waters, que abraçou, desde o início, a minha história e as minhas personagens com o seu grande coração, e nunca mais os abandonou.

Como autora estreante, fui mimada pela simpatia, o trabalho árduo e a confiança no meu livro que a minha editora, St. Martin's Press, mostrou a cada passo. Estou especialmente em dívida para com Keith Kahla, Alice Pfeifer e Lisa Senz, que, numa manhã de dezembro às 10h10 da manhã, mudaram a minha vida; a Marissa Sangiacomo, Dori Weintraub e Brant Janeway, que tão eficientemente divulgaram os resultados; e a Michael Storrings e à equipa criativa por darem uma vida tão bela às minhas personagens e à minha história.

O meu livro beneficiou também enormemente do entusiasmo e perícia de todos na Curtis Brown, Ltd., especialmente Sarah Perillo e Steven Salpeter. Chocolates e chá nunca serão suficientes.

Estarei sempre grata aos meus primeiros leitores, Jessica Watkins, Petra Rinas e Marlene Lachcik, cujas reações a esta história me motivaram a procurar representação mais uma vez, depois de um intervalo de dez anos sem tentar ser publicada. E ao marido de Jessica e ao fantástico advogado de meios de comunicação Ian Cooper, por toda a sua orientação e conselhos durante todo o caminho até à publicação.

Talvez não haja profissão mais afetada pelos esforços dos seus professores do que a de escritor, e devo muito aos

anos de apoio e encorajamento que recebi como aluna dos professores seguintes: Nick Brune, Professor Emérito Douglas Chambers, Nigel Marshall, Peter Skilleter, Dr.^a Margaret Swayze, a falecida Norma Stewart e o Professor Emérito Cameron Tolton.

Sendo o produto de tempos muito difíceis, este romance poderia também não ter sido escrito sem o apoio, orientação e cuidado compassivo contínuos dados à minha família pelos seguintes médicos especialistas: Dr. Ayes Shah Chaudhry, Dr. Eugene Downar, Dr. Nathan Hambly, Dr. David Schwartz, Dr. Benjamin Raby e Dr. John Yates.

Laurel Ann Natress, uma perita de topo em Jane Austen e ela própria revisora, escritora e bloguista, foi uma defensora indispensável do meu livro desde a sua primeira leitura, e trabalhou altruística e entusiasticamente para garantir que ele chegaria a um público o mais vasto possível. Nunca poderei agradecer-lhe o suficiente. Estou também grata a Phyllis Richardson pela sua ajuda com a epígrafe deste livro, e aos seguintes autores e palestrantes, cujos conhecimentos sobre Jane Austen acenderam a chama original: Professor Lynn Festa, Susannah Fullerton, Professora Claire Harman, Caroline Knight, Professor Stephen Tardiff, Whit Stillman, Professora Juliette Wells e Deborah Yaffe.

As palavras nunca serão suficientes para descrever a maravilha que é a minha filha, Phoebe Josephine, que me salvou a mim e ao seu pai nas nossas horas mais negras, e cujo espírito, humor e coração de ouro me inspiram e motivam todos os dias.

A muitos níveis, este livro nunca teria acontecido sem o meu marido e primeiro leitor, Robert Nelson Leek. Não podia ter escolhido uma pessoa melhor, mais incentivadora ou mais carinhosa para partilhar os altos e baixos de uma

carreira de escritora, ou da vida.

Finalmente, dedico este livro a Jane Austen, por tudo o que ela fez por mim no passado, no presente e no futuro, pelos séculos de prazer que os seus livros trouxeram ao mundo e pelo exemplo que ela nos deu a todos, criando arte perante a incerteza, a doença e o desespero.

BIOGRAFIA

Natalie Jenner nasceu em Inglaterra e emigrou para o Canadá quando era criança. Estudou Literatura Inglesa e Direito na Universidade de Toronto e, para além de uma breve carreira como advogada empresarial, trabalhou durante vinte anos como recrutadora, *coach* de carreiras e consultora para as mais importantes empresas de advocacia do Canadá. É também fundadora da livraria independente Archetype Books, em Oakville, Ontário, onde vive com a família e dois cães de resgate. O seu primeiro livro, *O Clube Jane Austen*, é um *bestseller* internacional traduzido para mais de 15 línguas.

Mais informações em

WWW.SDE.PT

PUBLICIDADE

HERDEIRA INESPERADA

MADELINE HUNTER



A misteriosa herança de um duque traz fortuna — e paixão — a três jovens mulheres...

Minerva Hepplewhite aprendeu da pior forma a tomar conta de si. Depois de ser acusada da morte do marido, ela monta um discreto negócio de investigação que atrai atenções indesejadas... nomeadamente a de Chase Radnor, um homem que há anos podia ter destruído a vida de Minerva.

Chase não consegue decidir se Minerva é uma mulher injustiçada ou uma *femme fatale*. Mas tem uma certeza: ela é a pessoa ideal para o ajudar a descobrir por que razão o seu tio, um abastado duque, a nomeou como herdeira e morreu pouco tempo depois em circunstâncias suspeitas.

Quando a súbita atração dá lugar a uma sedução mútua, ambos terão de perceber se a parceria na investigação pode ser o primeiro passo para uma aliança muito mais profunda...

Mais informações em
WWW.SDE.PT